

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DOUTORADO EM PSICOLOGIA

**USO DE PORNOGRAFIA E SUA INFLUÊNCIA NA
SATISFAÇÃO COM OS RELACIONAMENTOS AMOROSOS**

CYNTHIA PEROVANO CAMARGO BAUMEL

VITÓRIA/ES

2019

CYNTHIA PEROVANO CAMARGO BAUMEL

**USO DE PORNOGRAFIA E SUA INFLUÊNCIA NA
SATISFAÇÃO COM OS RELACIONAMENTOS AMOROSOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Psicologia, sob orientação da Profa. Dra. Valeschka Martins Guerra.

VITÓRIA/ES

2019

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

P453u Perovano Camargo Baumel, Cynthia, 1982-
Uso de pornografia e sua influência na satisfação com os relacionamentos amorosos / Cynthia Perovano Camargo Baumel. - 2019.
229 f. : il.

Orientadora: Valeschka Martins Guerra.
Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Pornografia. 2. Qualidade no relacionamento. 3. Atitude (Psicologia). I. Martins Guerra, Valeschka. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9

CYNTHIA PEROVANO CAMARGO BAUMEL

**USO DE PORNOGRAFIA E SUA INFLUÊNCIA NA
SATISFAÇÃO COM OS RELACIONAMENTOS AMOROSOS**

Comissão Examinadora

Prof^a. Dr^a. Valeschka Martins Guerra (*Orientadora*)

Universidade Federal do Espírito Santo

Prof^a. Dr^a. Andrea dos Santos Nascimento (*Membro externo*)

Universidade Federal do Espírito Santo

Prof^a. Dr^a. Sandra Elisa de Assis Freire (*Membro externo*)

Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Alexsandro Luiz de Andrade (*Membro interno*)

Universidade Federal do Espírito Santo

Prof^a. Dr^a. Priscilla de Oliveira Martins da Silva (*Membro interno*)

Universidade Federal do Espírito Santo

Vitória/ES, 23 de abril de 2019.

Para os meus pais.

*“A child comes into this world bearing gifts.
The gifts you have given me have been beyond
my wildest imagination”.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente pelo dom da vida e pela possibilidade de experimentar essa existência.

Aos meus pais, Alfredo e Delza, que sempre me incentivaram a estudar e buscar os meus sonhos. Aos meus irmãos, Leonardo, Henrique e Felipe, que são apoio em todos os momentos. Sou agraciada com uma família amorosa e acolhedora, e isso torna superável qualquer obstáculo que se apresente.

Ao meu marido Sérgio, companheiro pra todas as horas, pelo amor, cuidado, carinho compreensão e paciência. Sem a sua ajuda e companhia esse caminho teria sido muito mais difícil. Sou grata todos os dias pelo nosso encontro!

Ao Clube do Truco, por estarem sempre presentes, mesmo à distância. E pelos eclipses, que tornam a vida mais leve e feliz!

Aos meus amores da dança, especialmente à Natália Piassi, pelo sopro de luz e vitalidade que contribuiu imensamente com meu equilíbrio e minha sanidade mental.

À Cida Lopes, por compartilhar sua experiência em sexologia e terapia de casal. E aos colegas sexólogos, em especial Yuri Ohlrichs, pela troca de figurinhas ao longo de todo o processo.

Ao Dream Team, pelo suporte. Não apenas cobriram minha ausência no trabalho, como também auxiliaram com atividades de transcrição e revisão, além de serem meu apoio e fonte de incentivo.

Às colegas da Ufes Lucia e Angela, pelo empurrão para seguir na carreira, e toda equipe do DAS, que deu estímulo nesta jornada. Em especial à minha chefe Daniela, que autorizou meu afastamento, e à Cida, que auxiliou com a leitura do instrumento.

Ao Portal Periódicos Capes, por todo o conteúdo disponibilizado. Ao Tiago Zortea, que me socorreu diversas vezes lá da Escócia enviando artigos que não conseguia acessar por aqui.

E à programadora Alexandra Elbakyan pela disponibilização de publicações científicas, tornando a literatura acadêmica livre e acessível.

A Carlos Yela Garcia, Mário João Freitas Sousa Basto, Rozzana Sánchez Aragón e Vicente Cassep-Borges, pela gentileza de responder aos meus e-mails, tirando dúvidas e compartilhando materiais.

Ao professor Jorge Artur, pela checagem da escala e por suas sugestões preciosas. À professora Sandra Elisa, por sua contribuição na banca de qualificação. Aos professores do PPGP, pelo conteúdo compartilhado, especialmente Agnaldo Garcia, Alex Andrade e Priscilla Martins, cujas contribuições tornaram essa tese possível.

Aos mais de 1500 participantes que disponibilizaram voluntariamente seu tempo para participar dos estudos. Aos colegas do programa, principalmente Gustavo, Andreia e Carol, pelo apoio. À Alini e aos bibliotecários da BC, pelo auxílio nos estudos iniciais.

À minha orientadora, Valeschka Guerra, por acolher de maneira tão amorosa este projeto. Por estar ao meu lado em cada passo do caminho, iluminando as estradas para que eu pudesse caminhar. Por respeitar os momentos de recolhimento que foram necessários, em virtude dos acontecimentos da vida. Por me ajudar a confrontar a frequente síndrome do impostor. Por ser essa pessoa tão iluminada e por ter me permitido fazer parte da sua vida, razão pela qual sou extremamente grata.

“There exist fundamental rights for the individual, including the right to sexual health and a capacity to enjoy and control sexual and reproductive behavior in accordance with a social personal ethic—freedom from fear, shame, guilt, false beliefs and other factors inhibiting sexual response and impairing sexual relationships—freedom from organic disorders, disease and deficiencies that interfere with sexual and reproductive function”.

(WHO)

"We are born into relationships, we live our lives in relationships with others, and when we die, the effects of our relationships survive in the lives of the living, reverberating throughout the tissue of their relationships".

(Ellen Berscheid)

“Man survives earthquakes, epidemics, the horrors of disease, and all the agonies of the soul, but for all time his most tormenting tragedy has been, is, and will be the tragedy of the bedroom”.

(Leo Tolstoy)

“Porn is just the Donald Duck: fun to read and there are recognizable things from real life, but the majority is pure fiction”.

(Yuri Ohlrichs)

“O homem não é o único animal que faz sexo, mas é o único que precisa de manual de instrução”.

(Luis Fernando Verissimo)

“Tarado é toda pessoa normal pega em flagrante”.

(Nelson Rodrigues)

RESUMO

A tese, desenvolvida em 5 estudos, utilizou diferentes abordagens metodológicas de investigação com o objetivo de verificar a influência do uso e das atitudes frente à pornografia na avaliação de satisfação com o relacionamento amoroso. O Estudo 1 apresenta uma revisão sistemática da literatura que buscou identificar as definições de pornografia utilizadas por pesquisadores e os efeitos percebidos da utilização desse material nos relacionamentos amorosos, com um banco de dados final de 45 artigos. Os resultados deste estudo indicaram que a definição mais aceita de pornografia para os pesquisadores é de que está é caracterizada como material sexualmente explícito. O Estudo 2 teve como objetivo identificar e compreender as atitudes que homens e mulheres têm em relação à pornografia, bem como verificar as vantagens e desvantagens percebidas da utilização desse tipo de material nos relacionamentos amorosos. Foram entrevistados 20 participantes, distribuídos de forma equitativa entre os sexos, com média de idade de 25,7 anos (DP = 2,06), nascidos no Brasil, com uso de um roteiro semiestruturado. Nos resultados, a diferença entre os sexos na aproximação e no uso de pornografia foi identificada como variável significativa. O Estudo 3 buscou validar dois instrumentos utilizados: o Índice de Satisfação Sexual e a Escala de Atitudes frente à Pornografia, construída especificamente para esta pesquisa, através de análises fatoriais exploratórias e confirmatórias. Os instrumentos analisados apresentaram indicadores favoráveis, sugerindo sua adequação para utilização nos estudos subsequentes da tese. Os Estudos 4 e 5 buscaram descrever o uso e as atitudes frente à pornografia e características do relacionamento amoroso dos participantes, bem como apresentar um modelo que auxiliasse na compreensão da satisfação com o relacionamento amoroso e a contribuição do uso e das atitudes frente à pornografia nesta avaliação, utilizando um questionário *online*. O Estudo 4 contou com 1382 participantes (77,4% mulheres), com média de idade de 30,06 anos (DP = 9,84). A

satisfação sexual, a intimidade e o compromisso foram as variáveis significativas que contribuíram com a percepção de satisfação com a relação para homens e mulheres. No que diz respeito à contribuição da pornografia, o uso e a atitude negativa frente à mesma contribuíram significativamente na avaliação de satisfação com o relacionamento amoroso. O Estudo 5 contou com 100 casais em relacionamento heteroafetivo. As variáveis do relacionamento surgiram como significativas na avaliação de satisfação com a relação. Analisado de maneira específica, o uso de pornografia pelos homens surge como variável significativa que contribuiu para a avaliação de satisfação com o relacionamento amoroso tanto de homens quanto de mulheres.

Palavras-chave: pornografia; relacionamento amoroso; atitude; satisfação; casal.

ABSTRACT

This thesis, developed as 5 separate studies, used different methodological research approaches in order to verify the influence of the use of, and of the attitudes towards pornography in the evaluation of satisfaction within love relationships. Study 1 presents a systematic literature review that sought to identify the definitions of pornography used by researchers and the perceived effects of using such material on love relationships, with a final database of 45 articles. Within the sample studied, sexually explicit material was identified as the most accepted definition of pornography. Study 2 sought to identify and understand the attitudes that men and women have regarding pornography, as well as to verify the perceived advantages and disadvantages of using this type of material in love relationships. Twenty participants, equally distributed regarding gender, with an average age of 25,7 years ($SD = 2,06$), born in Brazil, were interviewed using a semi-structured script. The results showed that the difference between genders in the approach and in the use of pornography was identified as a significant variable. Study 3 used exploratory and confirmatory factor analyses to validate two of the instruments used in the thesis: the Sexual Satisfaction Index and the Attitudes toward Pornography Scale, built specifically for this research. The instruments analysed showed favourable indicators, demonstrating the adequacy of the proposed models. Studies 4 and 5 sought to describe the use and attitudes towards pornography and characteristics of the participants' love relationship, as well as to present a model that would aid in understanding satisfaction with the love relationship and the contribution of the use and the attitudes towards pornography in this using an online questionnaire. Study 4 had 1382 participants (77,4% women) with an average age of 30,06 years ($SD = 9,84$). Sexual satisfaction, intimacy and commitment were the significant variables that contributed to the perception of satisfaction with the relationship, to men as well as to women. Regarding the contribution of pornography, the use of and the negative attitude towards

pornography contributed significantly to the negative assessment of the satisfaction with the relationship, although the percentage of explanation for these models is small. Study 5 used 200 participants from the previous study who answered the questionnaire as members of a couple. It sought to describe the use of pornography and characteristics of the love relationships of 100 couples in hetero-affective relationships, as well as to present a model that would help understanding the satisfaction with love relationships and the contribution of the use of and the attitudes towards pornography in this evaluation, considering the interdependence of partners in the love dyad. The relationship variables appeared as significant in the evaluation of satisfaction with the relationship. Specifically, the use of pornography by men has emerged as a significant variable that has contributed to the assessment of satisfaction with the love relationship of both men and women – however small the total explanation of the model has shown to be.

Keywords: pornography; love relationship; attitude; satisfaction; couple.

RESUMEN

La tesis, desarrollada en 5 estudios, utilizó diferentes enfoques metodológicos de investigación con el objetivo de verificar la influencia del uso y de las actitudes frente a la pornografía en la evaluación de satisfacción con la relación amorosa. El estudio 1 presenta una revisión sistemática de la literatura que buscó identificar las definiciones de pornografía utilizadas por investigadores y los efectos percibidos de la utilización de ese material en las relaciones amorosas con una base de datos final de 45 artículos. Los resultados de este estudio indicaron que la definición más aceptada de pornografía para los investigadores es que está caracterizada como material sexualmente explícito. El Estudio 2 tuvo como objetivo identificar y comprender las actitudes que los hombres y las mujeres tienen en relación a la pornografía, así como verificar las ventajas y desventajas percibidas de la utilización de ese tipo de material en las relaciones amorosas. Se entrevistó a 20 participantes, distribuidos de forma equitativa entre los sexos, con una media de edad de 25,7 (2,06) años, nacidos en Brasil, con uso de un guión semiestructurado. En los resultados, la diferencia entre los sexos en la aproximación y el uso de pornografía fue identificada como variable significativa. El Estudio 3 buscó validar dos instrumentos utilizados: el Índice de Satisfacción Sexual y la Escala de Actitudes frente a la Pornografía, construida específicamente para esta investigación, a través de análisis factoriales exploratorios y confirmatorios. Los instrumentos analizados presentaron indicadores favorables, sugiriendo su adecuación para su uso en los estudios subsiguientes de la tesis. Los estudios 4 y 5 buscaron describir el uso y las actitudes frente a la pornografía y características de la relación amorosa de los participantes, así como presentar un modelo que auxiliara en la comprensión de la satisfacción con la relación amorosa y la contribución del uso y de las actitudes frente a la pornografía en esta. evaluación, utilizando un cuestionario en línea. El estudio 4 contó con 1382 participantes (77,4% mujeres), con una media de edad de 30,06 (9,84)

años. La satisfacción sexual, la intimidad y el compromiso fueron las variables significativas que contribuyeron con la percepción de satisfacción con la relación para hombres y mujeres. En lo que se refiere a la contribución de la pornografía, el uso y la actitud negativa frente a la misma contribuyeron significativamente en la evaluación de satisfacción con la relación amorosa. El Estudio 5 contó con 100 parejas en relación heteroafectiva. Las variables de la relación surgieron como significativas en la evaluación de satisfacción con la relación. Analizado de manera específica, el uso de pornografía por los hombres surge como variable significativa que contribuyó a la evaluación de satisfacción con la relación amorosa tanto de hombres como de mujeres.

Palabras clave: pornografía; relación amorosa; actitud; satisfacción; pareja.

SUMÁRIO

Preliminares.....	13
Apresentação.....	16
CAPÍTULO 1 – SEXUALIDADE E PORNOGRAFIA.....	19
1.1 Breve histórico sobre a Sexualidade e a Pornografia.....	19
1.2 Sexualidade, Atitudes e Pornografia.....	22
CAPÍTULO 2 – RELACIONAMENTOS AMOROSOS.....	30
2.1 Teoria Triangular do Amor.....	30
2.2 Satisfação com o Relacionamento Amoroso e construtos correlatos.....	35
CAPÍTULO 3 – A PORNOGRAFIA E SEUS EFEITOS NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS.....	40
3.1 Efeitos e consequências do uso.....	40
3.2 Estudo 1 – Revisão sistemática de pornografia e relacionamentos.....	43
3.2.1 Método.....	43
3.2.2 Resultados e discussão parcial.....	47
3.2.3 Conclusões parciais	57
3.3 Estudo 2 – Atitudes frente à pornografia.....	59
3.3.1 Método.....	59
3.3.2 Resultados.....	62
3.3.3 Discussão parcial	72
3.3.4 Conclusões parciais	77
CAPÍTULO 4 – PREDIZENDO A SATISFAÇÃO NO RELACIONAMENTO AMOROSO: O IMPACTO DO USO DE PORNOGRAFIA.....	79
4.1 Construtos analisados.....	79
4.2 Estudo 3 – Evidências de validade de instrumentos.....	87
4.2.1 Análise Fatorial Exploratória.....	88
4.2.1.1 Método.....	89
4.2.1.2 Resultados e discussão parcial.....	93

4.2.2	Análise Fatorial Confirmatória.....	97
4.2.2.1	Método.....	98
4.2.2.2	Resultados e discussão parcial.....	101
4.2.3	Conclusões parciais.....	110
4.3	Estudo 4 – Uso de pornografia e seus correlatos.....	112
4.3.1	Método.....	112
4.3.2	Resultados.....	119
4.3.2.1	Uso de Pornografia.....	119
4.3.2.2	Atitudes frente à Pornografia.....	126
4.3.2.3	Relacionamento Amoroso.....	131
4.3.2.4	Relacionamento Amoroso e Pornografia.....	139
4.3.3	Discussão parcial.....	145
4.3.4	Conclusões parciais	149
4.4	Estudo 5 – Pornografia e relacionamentos: um estudo com díades.....	150
4.4.1	Método.....	151
4.4.2	Resultados.....	154
4.4.3	Discussão parcial.....	162
4.4.4	Conclusões parciais	166
CAPÍTULO 5 – DISCUSSÃO GERAL.....		168
5.1	Abordagem teórica e objetivos da tese.....	168
5.2	Resumo dos resultados.....	171
5.3	Implicações da presente pesquisa.....	175
5.4	Limitações e pesquisas futuras.....	177
5.5	Considerações finais.....	178
REFERÊNCIAS.....		179
 APÊNDICES		
A	– Termo de Consentimento Livre e Esclarecido 1.....	192
B	– Roteiro semiestruturado de entrevista.....	194
C	– Termo de Consentimento Livre e Esclarecido 2.....	197
D	– Roteiro para questionário online.....	199
E	– Escala de Atitudes Frente à Pornografia.....	208

ANEXOS

A – Parecer do Comitê de Ética.....	211
B – Escala de Autoestima de Rosenberg.....	217
C – Escala Mosher Abreviada de Culpa Sexual.....	218
D – Escala Triangular do Amor de Sternberg – Reduzida.....	219
E – Escala de Avaliação de Relacionamento.....	220
F – Índice de Satisfação Sexual.....	221

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. População, tamanho de amostra, definição de pornografia e categorias por artigo.....	49
Tabela 2. Descrição dos participantes das entrevistas.....	60
Tabela 3. Eixos temáticos, categorias, subcategorias da análise de conteúdo e número de participantes (homens).....	63
Tabela 4. Eixos temáticos, categorias, subcategorias da análise de conteúdo e número de participantes (mulheres).....	64
Tabela 5. Descrição dos participantes da Análise Fatorial Exploratória.....	90
Tabela 6. Descrição dos itens da AFE do ISS com suas respectivas cargas fatoriais e comunalidades.....	94
Tabela 7. Descrição dos itens da AFE da EAP com suas respectivas cargas fatoriais e comunalidades.....	95
Tabela 8. Descrição dos participantes da Análise Fatorial Confirmatória.....	99
Tabela 9. Comparação dos modelos do Índice de Satisfação Sexual.....	102
Tabela 10. Propriedades psicométricas dos modelos do ISS.....	106
Tabela 11. Comparação dos modelos da Escala de Atitudes frente à Pornografia.....	107
Tabela 12. Propriedades psicométricas dos fatores da EAP.....	110
Tabela 13. Itens mantidos nas escalas ISS e EAP, agrupados por fator.....	111
Tabela 14. Descrição dos participantes do Estudo 4.....	114
Tabela 15. Descrição dos usuários de pornografia pela faixa etária, escolaridade, renda, crença, relacionamento amoroso e sexo.....	120
Tabela 16. Descrição dos usuários de pornografia pela faixa etária de início do uso e frequência de utilização feita no último mês, segundo o sexo.....	123
Tabela 17. Descrição do uso de pornografia, segundo o sexo.....	124
Tabela 18. Comparação da Média e Desvio Padrão dos fatores da EAP por variáveis sociodemográficas.....	127
Tabela 19. Média atribuída pelos participantes às atitudes frente à pornografia, de acordo com a faixa etária e a crença religiosa ou espiritual professada.....	129
Tabela 20. Correlações entre importância da crença, culpa sexual e autoestima entre si e com a EAP, por fator.....	130
Tabela 21. Descrição dos participantes em um relacionamento amoroso.....	131

Tabela 22. Comparação da Média e Desvio Padrão das escalas EAR, ISS e ETA por variáveis sociodemográficas.....	132
Tabela 23. ANOVA das escalas EAR, ISS e ETA por escolaridade, renda familiar, idade dos filhos e crença.....	134
Tabela 24. Média atribuída pelos participantes nas escalas EAR, ISS e ETA, de acordo com a faixa etária e características do relacionamento amoroso.....	135
Tabela 25. Correlações entre os escores das escalas EAR, ISS e ETA, e com importância da crença, culpa sexual e autoestima.....	138
Tabela 26. Correlações das escalas EAR, ISS e ETA com os fatores da EAP.....	140
Tabela 27. Regressão múltipla hierárquica da escala EAR (método <i>Enter</i>), por sexo.....	141
Tabela 28. Regressão múltipla hierárquica da escala EAR (método <i>Enter</i>), por sexo.....	142
Tabela 29. Regressão múltipla da escala EAR (método <i>Enter</i>), por usar ou não pornografia...	144
Tabela 30. Descrição dos participantes do Estudo 5.....	152
Tabela 31. Descrição dos participantes pela utilização e frequência de uso de pornografia no último mês, segundo o sexo.....	155
Tabela 32. Comparação da Média e Desvio Padrão das escalas de EAG, Culpa Sexual, ETA, EAR, ISS e EAP, por sexo.....	156
Tabela 33. Correlações entre importância da crença, ECS, EAG, EAR, ISS, ETA e EAP de homens e mulheres na díade.....	158
Tabela 34. Regressão múltipla hierárquica da escala EAR (método <i>stepwise</i>) de ambos membros da díade, por sexo.....	160
Tabela 35. Regressão múltipla hierárquica da escala EAR (método <i>Enter</i>) de ambos membros da díade, por sexo.....	161

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Os tipos de amor, de acordo com diferentes combinações dos três componentes do amor.....	32
Figura 2. Resumo do procedimento de busca para a construção do banco de dados final.....	46
Figura 3. Estrutura unifatorial do Índice de Satisfação Sexual.....	104
Figura 4. Estrutura bifatorial do Índice de Satisfação Sexual.....	105
Figura 5. Estrutura fatorial da Escala de Atitude frente à Pornografia.....	109
Figura 6. Distribuição dos respondentes pelo território nacional, com o número de respostas por Estado.....	113

PRELIMINARES

Durante minha trajetória acadêmica e profissional estive envolvida em atividades de ensino, pesquisa, extensão e intervenção em diferentes aspectos humanos abordados pela Psicologia, como atendimento às vítimas de violência sexual, orientações sobre planejamento familiar, acompanhamento de processos de transgenitalização e orientação vocacional, entre outros. Há mais de dez anos tenho atuado de forma mais próxima da saúde coletiva, especialmente da saúde dos trabalhadores. Sou psicóloga da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), no Departamento de Atenção à Saúde (DAS). Nossa atuação é bastante diversificada e desafiadora: orientações e encaminhamentos a servidores e estudantes, acompanhamento das licenças para tratamento de saúde, acolhimento de novos servidores e preparação para aposentadoria, elaboração de laudos e pareceres para apoio à Junta Médica Pericial, suporte às ações da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEP), além da elaboração de atividades de promoção de saúde e prevenção de doenças. Essa multiplicidade de ações nos permite dialogar com toda a comunidade universitária e nos instiga a desenvolver estratégias que possam contribuir com a saúde e a qualidade de vida dessa população.

Nesse emaranhado de situações, algumas ganham destaque. Perguntas sobre o tamanho do pênis ou o formato da vulva, sobre sexo, orgasmo, masturbação e contracepção são recorrentes, especialmente entre os mais jovens. Lembro-me de um homem já graduado, casado, que procurou sua esposa e desejava ter com ela relação sexual por via anal. Buscou atendimento porque não compreendia as queixas e dificuldades levantadas por ela, já que tinha visto várias vezes em filmes como fazer e parecia muito fácil. Essa é uma de tantas situações que auxiliam na ilustração da importância desta pesquisa.

Nunca tivemos tanto acesso à informação quanto nas últimas décadas, com tamanha velocidade e diversidade de dados, de todo o mundo. O discurso sobre sexo e sua exposição na

mídia, de formas veladas e explícitas, é constante, permeando desde programas de auditório a propagandas de cerveja. A curiosidade despertada pelo tema é inequívoca e pode ser rapidamente saciada, como observado recentemente com a questão levantada pelo presidente Jair Bolsonaro no Twitter: “O que é *Golden Shower*”? No dia 06 de março, data desta publicação, o site *Pornhub* mapeou um aumento de 688% das pesquisas por este termo no Brasil. A internet, através de *sites* e redes sociais, deixou o acesso à pornografia muito facilitado, a apenas um clique de distância. Entretanto, parece que nosso conhecimento sobre nossos corpos e nossa capacidade de nos relacionarmos de forma íntima permanece num limbo, cercado de pudores, mitos e tabus.

Foi justamente nesse entrecruzamento de atividades que o desejo por essa pesquisa surgiu, ouvindo as queixas das pessoas em diversos aspectos de suas vidas, de sua sexualidade e o atravessamento da pornografia nessas questões. Seria a pornografia o grande vilão que prejudica o relacionamento dos casais? É ela que nos leva a cobrar uma performance sexual inalcançável e nos faz idealizar um desempenho sexual? Ou será que permite expressar fantasias e contribui com o desejo sexual? Seria seu consumo considerado traição? São aspectos contraditórios que merecem ser explorados. Afinal, quais seriam as vantagens e desvantagens percebidas pelos casais no consumo de material pornográfico? E de alguma maneira esse consumo tem interferido nos relacionamentos amorosos?

As primeiras buscas sobre esse tema, ainda tímidas, aconteceram na UFES, com a utilização de meu *login* pessoal. Lembro-me do meu constrangimento frente à possibilidade de algum colega do Núcleo de Tecnologia da Informação descobrir que eu busquei por “pornografia”. Apesar de estar pesquisando em *sites* acadêmicos, com o objetivo claro de desenvolver um projeto de tese, eu titubeei várias vezes diante do computador. As crenças e valores, limitações e possibilidades da pesquisadora, então, também foram um viés que atravessaram todo este processo.

Contar sobre minha pesquisa nas rodas de conversa gerava discussões muito interessantes. Na frente de todos, alguém sempre tinha um caso de “algum conhecido” para relatar. Frequentemente havia a busca por conversas privadas depois, para compartilharem suas próprias questões. Muitas dúvidas, muitos medos, e várias situações que nunca haviam sido ditas em voz alta foram divididas. Era como se minha fala sobre pornografia – de uma maneira leve, mas séria, sem piadas – os autorizasse a falar sobre ela também. “Tô louco pra saber o resultado da sua pesquisa” ou “procurei sobre o tema depois que conversamos” virou uma saudação comum. Nesse processo também conheci a Regra 34 da internet: “se algo existe e está na internet, então sempre haverá uma versão pornô”.

Foram quatro anos intensos. De aprendizado e exploração teórica e metodológica por mares “nunca dantes navegados” por mim. Foi um período de crescimento pessoal e acadêmico muito grande, do qual sou profundamente grata. Espero que o fruto desta jornada, construído a muitas mãos, possa contribuir não apenas com minha atuação, mas também com o desenvolvimento científico sobre esse tema e com as intervenções realizadas por profissionais de saúde, especialmente psicólogos e sexólogos. Afinal, a pornografia ainda é tabu não apenas para os pacientes, mas para os profissionais também.

APRESENTAÇÃO

A pornografia não é apenas fonte de tabus e curiosidades. É um conceito de difícil definição, com vantagens e desvantagens apontadas pela literatura científica. As consequências de seu uso têm sido investigadas nos mais diversos contextos. Neste sentido, pesquisar os impactos do uso da pornografia nos relacionamentos amorosos é uma temática que apresenta grande complexidade.

Para tanto, diferentes abordagens metodológicas de investigação foram utilizadas. O uso de diferentes estratégias possibilita análises complementares que, inter-relacionadas, fornecem subsídios para esclarecer o objetivo da tese, que é verificar a influência do uso e das atitudes frente à pornografia na avaliação de satisfação com o relacionamento amoroso.

Assim, esta tese está dividida em 5 capítulos. O Capítulo 1, intitulado Sexualidade e Pornografia, busca apresentar um histórico acerca do interesse social e científico pelo tema, além de questões acerca de sua definição e os estudos realizados sobre o tema. O Capítulo 2, Relacionamentos Amorosos, procura apresentar a abordagem teórica sobre o amor utilizada (Sternberg, 1986) e as pesquisas desenvolvidas na área.

O Capítulo 3, intitulado A Pornografia e seus Efeitos nos Relacionamentos Amorosos, tem como objetivo apresentar os efeitos e consequências do uso deste tipo de material apresentados pela literatura científica. De forma a contribuir para uma melhor compreensão do tema, suas definições e correlatos, dois estudos são apresentados: o Estudo 1 buscou identificar as definições de pornografia utilizadas por pesquisadores e os efeitos percebidos da utilização desse material nos relacionamentos amorosos através de uma revisão sistemática. Reuniu os resultados de múltiplos documentos publicados entre 2006 e 2015 nas plataformas eletrônicas Doaj, SciELO e Scopus, com um banco de dados final de 45 artigos, majoritariamente de língua inglesa. Dentro da amostra estudada, material sexualmente explícito foi identificada como a definição mais aceita de pornografia. Da análise do material, dois aspectos emergiram: àqueles

que se referiram aos aspectos negativos e àqueles que se referiram aos aspectos positivos percebidos do consumo de pornografia ao relacionamento. Essa dicotomia encontrada (benefícios x prejuízos) auxiliou na construção da proposta do estudo subsequente; o Estudo 2, qualitativo, buscou identificar e compreender as atitudes que homens e mulheres têm em relação à pornografia, bem como verificar as vantagens e desvantagens percebidas da utilização desse tipo de material no comportamento sexual e nos relacionamentos amorosos. Foram entrevistados dez homens e dez mulheres jovens nascidos no Brasil, com uso de um roteiro semiestruturado. Nesta pesquisa, a diferença entre os sexos na aproximação e no uso de pornografia foi identificada como variável significativa. A definição de pornografia, bem como os benefícios e prejuízos decorrentes da sua utilização no relacionamento foram semelhantes aos encontrados no Estudo 1, e contribuíram na construção do instrumento utilizado nos próximos estudos.

O Capítulo 4 buscou predizer a satisfação no relacionamento amoroso com base nas definições e variáveis levantadas como relevantes nos estudos anteriores, a partir da construção de um questionário quantitativo que integra diversas escalas previamente validadas com novos instrumentos. Para tanto, apresenta três estudos. O Estudo 3 apresentou evidências de validação de dois dos instrumentos utilizados para compor o questionário final: o Índice de Satisfação Sexual (ISS) e a Escala de Atitudes frente à Pornografia (EAP), desenvolvido especialmente para esta tese, através de análises fatoriais exploratórias e confirmatórias de cada uma delas. O Estudo 4 buscou descrever e compreender o uso e as atitudes frente à pornografia, bem como o relacionamento amoroso dos respondentes, correlacionando-os com variáveis sociodemográficas. Este estudo contou com 1382 participantes maiores de 18 anos moradores de todos os estados brasileiros. A satisfação sexual, a intimidade e o compromisso foram as variáveis significativas que contribuíram com a percepção de satisfação com a relação para homens e mulheres. Ao avaliar de maneira específica a contribuição do pornô, o uso e a atitude

negativa frente à pornografia contribuíram significativamente de maneira negativa na avaliação de satisfação com o relacionamento amoroso. Finalmente, o Estudo 5 contou com 200 participantes que responderam ao mesmo questionário do estudo anterior como membros de um casal. Buscou descrever o uso de pornografia e características do relacionamento amoroso de 100 casais em relacionamento heteroafetivo, bem como apresentar um modelo que auxiliasse na compreensão da satisfação com o relacionamento amoroso e a contribuição do uso e das atitudes frente à pornografia nesta avaliação, considerando a interdependência dos parceiros na díade amorosa. As variáveis do relacionamento surgiram como significativas na avaliação de satisfação com a relação, como no estudo anterior. Analisado de maneira específica, o uso de pornografia pelos homens surge como variável significativa que contribuiu para a avaliação de satisfação com o relacionamento amoroso tanto de homens quanto de mulheres.

O Capítulo 5 resume os achados da pesquisa desenvolvida ao longo da tese, integrando-os e discutindo-os com base na literatura da área, discute suas limitações e implicações para pesquisas futuras. Pretende-se, ao se pesquisar sobre as características cognitivas, afetivas e comportamentais relacionadas à experiência de tais aspectos da sexualidade dos indivíduos, contribuir com a ampliação do conhecimento científico sobre o assunto e com a melhoria das estratégias de intervenção utilizadas pelos profissionais de saúde e de educação e, assim, com a qualidade de vida das pessoas.

CAPÍTULO 1

SEXUALIDADE E PORNOGRAFIA

O sexo começou há mais de 2.000.000.000 de anos e tem sobrevivido todo esse tempo como uma bem-sucedida adaptação evolutiva da vida. É certamente um dos aspectos mais importantes da vida humana, mas nos cerca de 4 milhões de anos em que existem seres humanos, apenas nos últimos séculos as pessoas começaram a estudá-lo objetivamente. A sexualidade humana é o resultado de milhões de anos de evolução que, baseada em uma herança antiga seguida pelos mamíferos, tornou-se um fenômeno humano singular, com várias formas e expressões que variam histórica e culturalmente (Gregersen, 1983).

1.1 Breve histórico sobre a Sexualidade e a Pornografia

Os seres humanos estão há muito tempo interessados no sexo e suas representações pictóricas. Antes mesmo do surgimento da escrita haviam desenhos nas cavernas e esculturas primitivas de atos sexuais ou partes do corpo (Lo Duca, 1966). O avanço da tecnologia possibilitou mudanças nas maneiras de representação do sexo. Com a escrita surgiram textos que versavam sobre as temáticas do amor e relacionamentos afetivos correlatos, como sexo e costumes, com características diferentes em diferentes partes do mundo. A evolução do material impresso favoreceu o avanço das publicações com o objetivo de excitar sexualmente e o desenvolvimento do gênero romance (Hunt, 1999).

A técnica fotográfica desenvolvida pelo francês Daguerre e o surgimento do cinema no século XIX possibilitaram o registro do ato sexual e sua reprodução em movimento, promovendo ainda mais a indústria pornográfica com o auxílio das novas tecnologias (Lins, 2012). Foi também nesse período que cientistas como Richard von Krafft-Ebing, Sigmund Freud, Havelock Ellis e Alfred Kinsey iniciaram seus estudos, buscando compreender a

sexualidade humana de maneira mais objetiva, através de pesquisas (Gregersen, 1983; Masters & Johnson, 1988). No campo do conhecimento psicológico, Freud foi o pioneiro na introdução do amor para a psicologia (Schlösser & Camargo, 2014).

No que diz respeito ao amor, os modelos teóricos no campo científico surgiram a partir da década de 70, buscando explicar as variáveis deste fenômeno complexo (Schlösser & Camargo, 2014). Zick Rubin (1970) foi pioneiro na construção de teorias e de instrumentos psicométricos sobre o amor e o primeiro teórico a abordar o amor romântico no campo da psicologia social. Todos esses cientistas contribuíram imensamente na investigação da sexualidade humana e dos fatores psicológicos, sociais e culturais que interferem no comportamento sexual e nos relacionamentos amorosos, e reverberam até hoje no modo como essa temática é compreendida e investigada (Masters & Johnson, 1988).

Em meados do século XX, a criação da pílula anticoncepcional representou um marco na forma dos indivíduos se relacionarem sexualmente, desvinculando completamente sexo de procriação e possibilitando uma maior independência feminina na expressão dos seus desejos. Pregava-se o amor livre e a publicidade estava cada vez mais erotizada. Na contramão deste processo, o Brasil passava pelo período da ditadura militar. Associada a um aspecto moral, demarcado pela força da Igreja que era contra qualquer liberdade sexual, havia um aspecto político-ideológico, de que o Comunismo pretendia destruir as famílias, utilizando para isso, também, qualquer manifestação pornográfica. Havia uma cartilha contra o nu: mamilos deveriam ser apagados com retoque, nenhum pelo púbico exposto e nádegas, só de perfil (Gonçalo Junior, 2010).

O Ato Institucional nº5 (AI-5), promulgado em 13 de dezembro de 1968, determinava que todo veículo de comunicação precisava ter a pauta previamente aprovada e sujeita a inspeção. Assim, toda produção da imprensa, música, teatro ou cinema estavam submetidas à

censura (Brasil, 1968). O ofício nº 0121/69 do Gabinete do Presidente, Artigo 2º, é bastante claro em sua preocupação com o

sensível aumento na circulação de livros e outras publicações de caráter licencioso, pornográfico e erótico, cuja difusão é feita indiscriminadamente, não só em livrarias como também em bancas de jornais, feiras de livros etc. Tal tipo de leitura poderá despertar, variadas formas de erotismo, particularmente na mocidade e, principalmente, o seu conteúdo, constituem importantes fatores que vão sub-repticiamente abalando a pedra angular da sociedade democrática que é a família, contribuindo também para a corrupção da moral e dos costumes, verdadeira deformação do caráter, sendo lícito identificar nos fatos apontados, uma componente psicológica da Guerra Revolucionária em curso em nosso País e no Mundo (Brasil, 1969).

Com o fim da ditadura e a derrubada dos Atos Institucionais, houve uma liberalização do erotismo na mídia, com a presença da nudez e do sexo nos meios de entretenimento de massa. Na década de 80, a nudez nas novelas e as cenas de sexo explícito durante os bailes de carnaval televisionados levaram a uma reação dos conservadores e a um posicionamento oficial, inclusive do Ministério Público, conduzindo aos processos de regulamentação em curso até o momento (Gonçalo Junior, 2010). Apesar da imagem de liberalismo e sensualidade dos brasileiros difundida em todo o mundo, vive-se um misto de desinibição e permissividade, por um lado, e de restrições e pudor, por outro, tendo a tradição religiosa cristã forte influência nesta ambiguidade, contribuindo com o desenvolvimento da culpa sexual (Carmo, 2011).

A década de 90 tornou-se a era de expansão da Internet, considerada a maior criação tecnológica depois da televisão. A *World Wide Web* permitiu a conexão entre pessoas de todo o mundo em tempo real, de uma maneira nunca antes experimentada na sociedade. O conteúdo

pornográfico disponibilizado por esta plataforma, a princípio, era pago, o que limitava seu acesso. Lançado em 26 de agosto de 2006, *YouPorn* foi o primeiro site do tipo *tube* na Internet (Rothmann & Barros, 2012). Esse site disponibilizava conteúdo pornográfico gratuito, sem qualquer restrição ao acesso. O surgimento de sites deste tipo amplificou a disponibilidade do pornô, mudando o cenário pornográfico mundial. Hoje, 64,7% das pessoas com mais de 10 anos no Brasil utilizam internet e 94,6% do acesso é feito pelo celular (IBGE, 2018). Com o auxílio de novas tecnologias, o acesso ao pornô está a apenas um clique de distância. O fenômeno pornografia como conhecido hoje é recente e sem precedentes.

Apesar de todas as mudanças tecnológicas e ideológicas com relação ao sexo ocorridas ao longo do tempo, impulsionadas pelo uso difundido da contracepção e do questionamento da tradicional divisão de trabalho entre homens e mulheres, a sexualidade permanece como aspecto da vida ainda fortemente influenciado por mitos e tabus. O sexo para os seres humanos, em nenhum lugar, é um ato meramente físico. Ele tornou-se uma área básica para a moralidade e organização da sociedade, participando de sistemas simbólicos excessivamente complexos (Gregersen, 1983).

1.2 Sexualidade, Atitudes e Pornografia

A Organização Mundial de Saúde considera a sexualidade como um dos indicadores de qualidade de vida, e a define como

um aspecto central do ser humano ao longo da vida que engloba sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é vivida e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos (WHO, 2006, p.5).

A maneira como cada indivíduo a experiência é única, construída no contexto social, cultural, histórico e econômico no qual está imerso. Sentimentos, crenças, valores e expectativas determinam a forma como homens e mulheres amam e praticam sexo (Masters & Johnson, 1988; Lins, 2012). A forma como a sexualidade é construída irá impactar nas atitudes de uma pessoa com relação à própria sexualidade, da sexualidade de terceiros e das diferentes expressões dessa na sociedade, como, por exemplo, na avaliação de uma manifestação sexual como pornográfica e na percepção dos efeitos de seu uso nos relacionamentos amorosos.

Na Pesquisa Global de Comportamentos Sexuais, 91% dos brasileiros concordaram com a afirmativa de que sexo é benéfico para sua saúde e bem-estar geral (Wylie, 2009). O Estudo do Comportamento Sexual do brasileiro aponta que afeto e carinho foram os dois elementos considerados mais importantes em um relacionamento sexual, tanto para homens (63,3%) como para mulheres (71,3%). A atratividade física aparece como o segundo elemento mais importante para os homens (51,1%) e como quarto elemento mais importante para as mulheres (39,3%), enquanto respeito mútuo aparece como segunda condição mais importante para as mulheres (61,5%) e terceira para os homens (48,6%) (Abdo, Oliveira Junior, Moreira, & Fittipaldi, 2002). Em termos de atitudes frente à sexualidade, o Brasil é representado na literatura científica como um país moderado (Guerra, Gouveia, Sousa, Lima & Freires, 2012).

Em outra pesquisa realizada no Brasil, com a participação de 5.040 homens e mulheres de 16 a 65 anos de todas as regiões do país, apresentam alguns dados no âmbito nacional sobre opiniões e atitudes em relação à sexualidade (Paiva, Aranha, & Bastos, 2008). Entre os mais jovens foram dominantes as opiniões favoráveis ao início da vida sexual após o casamento (63,9% para as moças e 52,4% para os rapazes; $p < 0,01$). Essa diferença estatisticamente significativa na proporção de pessoas favoráveis à manutenção da virgindade feminina manteve-se nos diferentes aspectos analisados (idade, escolaridade, renda, religião, sexo, cor ou região de residência). A opinião de que “a fidelidade é o valor que constrói a felicidade na

vida a dois” obteve mais de 90% das respostas, indicando a importância dada a este aspecto nos relacionamentos pelos brasileiros. A alternativa mais escolhida sobre o significado da vida sexual foi “sexo é uma prova de amor pelo(a) parceiro(a)” (46,8% das mulheres e 39,0% dos homens; $p < 0,05$). O estado conjugal aparece como aspecto importante que influencia a atitude das pessoas: solteiros e separados selecionaram mais a opção “sexo é fonte de prazer e satisfação” do que como prova de amor ($p < 0,05$). Entre os católicos, protestantes e pentecostais a afirmativa “sexo é importante para ter filhos e manter a vida familiar” foi proporcionalmente mais selecionada ($p < 0,05$). O aumento da escolaridade e da renda familiar na amostra também está associado a uma maior percepção do sexo como fonte de prazer do que função reprodutiva ou prova de amor.

Estes dados ilustram que categorias sociais como sexo, estado civil e religião, por exemplo, são referências normativas para os sujeitos e interferem em suas respostas e constituem o seu sistema de crenças. Essas crenças acerca do sexo e da sexualidade como um todo são influenciadas pelo sexo biológico e sua categoria social, conhecida na literatura como gênero, que serve como referência normativa para os sujeitos e interfere em suas respostas. A visão que a pessoa tem de si e do mundo contribui para a formação de um sistema de crenças, que se desenvolve ao longo da vida, no contexto das interações sociais, modificando-se com o passar do tempo. Tal sistema influenciará os padrões comportamentais interpessoais e intergrupais, e contribui para a atribuição de uma valência positiva ou negativa ao grupo e ao indivíduo (Petty & Cacioppo, 2018).

As crenças são produtos psicológicos que se originam a partir de processos cognitivos, ou “pequenas teorias” criadas para dar significado aos objetos que nos cercam, organizando o ambiente de forma a torna-lo compreensível. Assim, o que mais importa psicologicamente a uma pessoa e influencia decisivamente o seu comportamento não é a realidade como tal, mas a maneira como ela supõe ou imagina que seja (Krüger, 1986). Um aspecto importante na

construção deste sistema é o sexo biológico, visto que “grande parte da experiência real das pessoas enquanto elas viverem em sociedades estruturadas por relações de gênero, de fato depende de qual é o seu sexo” (Okin, 2008, p. 309). Ser homem ou mulher em nossa sociedade significa estar sujeito a diferentes tipos de estímulos, constrangimentos, limitações e oportunidades. Dessa forma, homens e mulheres percebem o mundo de forma diferente (Winqvist, Mohr & Kenny, 1998) e, conseqüentemente, lidam com ele de maneira diferente.

Esse pensamento dualista sobre os papéis sexuais femininos e masculinos – emoção e razão, família e trabalho, privado e público – foi amplamente difundido pela ciência, mídia, educação e religião, e ainda hoje perpassa a forma como homens e mulheres vivem. É esperada do homem a função de provedor da família, vinculado ao mundo do trabalho, e da mulher, a função de zeladora do lar, responsável pelo bem-estar da família. Apesar de toda mudança nas dinâmicas familiares e de relações de trabalho, essa dicotomia é percebida nos tipos de trabalhos oferecidos; nas jornadas duplas e triplas de associação entre emprego, casa e filhos; na forma como as crianças são presenteadas e educadas; na vigilância das vestimentas e da vida social, entre outros (Oliveira & Amâncio, 2002; Narvaz & Koller, 2006). Em função do sexo são atribuídos papéis de gênero como um consenso acerca das qualidades e dos comportamentos apropriados aos indivíduos. Dessa forma, homens e mulheres participam de papéis sociais específicos e estão sujeitos a expectativas distintas e, conseqüentemente, adquirem diferentes competências, atitudes e crenças que, por sua vez, afetam o seu comportamento social (Eccles, Jacobs, & Harold, 1990; Nogueira, 2001; Oliveira & Amâncio, 2002; Santos, Carvalho, Amaral, Borges & Mayorga, 2016).

Essa diferença também irá se manifestar nos comportamentos e atitudes sexuais. Na metanálise realizada por Petersen e Hyde (2010) a respeito das diferenças de gênero nas pesquisas sobre sexualidade, homens relataram levemente uma maior experiência sexual e atitudes mais permissivas que as mulheres na maioria das variáveis; entretanto, a maior parte

das diferenças nas atitudes e comportamentos sexuais é pequena. As exceções são para comportamentos autoeróticos, como masturbação e uso de pornografia, e para sexo casual e atitudes a respeito de sexo casual, nos quais homens e mulheres diferem significativamente.

Assim, é importante considerar essa assimetria na investigação das atitudes dos participantes em relação à pornografia, visto que estas são o resultado de crenças positivas e negativas aprendidas ao longo da vida, reforçadas por experiências pessoais significativas e pelo contexto social, com seu sistema de crenças compartilhadas (Pessoa, Mendes, Athayde & Souza Filho, 2013). A atitude, um conceito clássico da Psicologia Social, é definida por Allport (1935) como uma avaliação global pró ou contra um objeto social. Este autor reuniu centenas de conceitos existentes e encontrou os seguintes elementos fundamentais para a definição de atitudes: 1) são organizações duradouras de cognições e crenças; 2) possuem uma carga positiva ou negativa; 3) são predisposições à ação; e 4) são direcionadas a um objeto social.

A atitude pode ser operacionalizada num modelo tridimensional, baseada em informações cognitivas, afetivas e comportamentais. As crenças e informações do indivíduo referem-se ao aspecto cognitivo por meio dos quais se expressam as atitudes, podendo ser de ordem consciente ou inconsciente. O componente afetivo representa as emoções conectadas ao objeto atitudinal, e o comportamental ao estado de prontidão que possibilita a estruturação de uma intenção para ação (Allport, 1935; Ajzen, 2001). As atitudes não podem ser medidas diretamente, mas podem ser mensuradas a partir da autodescrição individual do sujeito de seu posicionamento frente ao objeto.

No entanto, esta predisposição mobilizada pela atitude não garante sua expressão comportamental. Podem haver disposições pessoais ou fatores situacionais, como as normas de adequação do comportamento e a expectativa de outras pessoas, que sejam importantes e possam ser decisivos para a ação (Ajzen, 2001). Portanto, a atitude dos indivíduos frente à

pornografia são avaliações deste tipo de material, que servem como indicativos para o uso e percepção dos efeitos do uso no comportamento sexual e nos relacionamentos amorosos.

Na pesquisa de Træen, Spitznogle e Beverfjord (2004) foram identificadas diferenças significativas etárias e de gênero nas atitudes frente à pornografia, com homens e pessoas mais jovens expressando atitudes mais positivas do que mulheres e pessoas idosas. Foram identificadas três dimensões das atitudes em relação à pornografia: 1) pornografia como meio de aprimoramento sexual, como algo para adicionar sabor às vidas sexuais das pessoas; 2) pornografia como uma questão moral; e 3) poder falar sobre pornografia com os amigos como um “clima social”. Byers e Shaughnessy (2014) investigaram atitudes em relação às atividades sexuais online e também encontraram que as atitudes dos homens foram mais positivas do que as mulheres. Concluíram ainda que indivíduos menos religiosos e menos tradicionais sexualmente tendiam a ter atitudes mais positivas e que existe uma conexão geral entre a experiência e as atitudes, com pessoas que fazem uso desse material tendo atitudes mais positivas em relação a ele.

Atitudes frente à pornografia e as consequências do seu uso ainda são pouco estudadas no Brasil¹, apesar do alto consumo deste tipo de material no país. De acordo a companhia de informação tecnológica Similar Web, que faz estatísticas de tráfego em *websites*, entre os 50 sites mais populares de todo o mundo, 4 são de conteúdo pornográfico. O *Pornhub*, site que oferece conteúdo gratuito, aparece em 11º lugar, contabilizando 33,5 bilhões de visitas no último ano, ultrapassando eBay, MSN e Netflix em números de acesso (SimilarWeb, 2018). Segundo informações divulgadas pelo site, 71,6% deste acesso ocorre através de *smartphones* e o Brasil é o 12º colocado no mundo em números de visitantes por dia (*Pornhub Team*, 2018).

¹ No estudo 1 foi realizada uma revisão sistemática para investigar as definições de pornografia utilizadas por pesquisadores e os efeitos do consumo desse material nos relacionamentos. Apenas um entre os estudos selecionados focava a população brasileira.

Neste sentido, é possível observar que o consumo de pornografia em nossa sociedade é inegável, podendo ser facilmente encontrada através de revistas, fotografias, vídeos e tantos outros meios. O mercado de produtos pornográficos e similares segue em franca expansão (ABEME, 2014). Auxiliada pelas novas tecnologias, como internet, *chats*, redes sociais e *smartphones* e aliada à facilidade de acesso, ao anonimato do mundo virtual e à variedade de expressões sexuais retratadas *on-line*, o uso de pornografia através da *web* tornou-se muito popular (Groves, Gillespie, Royce, & Lever, 2011; Popovic, 2011). A disponibilidade desse conteúdo, especialmente através da internet, permite um acesso com maior facilidade e em grande diversidade. No entanto, ainda não há um consenso acerca de sua definição.

A palavra pornografia vem do grego *pornographos* e foi originalmente usada pela primeira vez para descrever a vida, costumes, hábitos e maneiras das prostitutas e seus clientes (Popovic, 2011). O dicionário Michaelis utiliza termos como devassidão, imoralidade e libertinagem para definir pornografia, como “qualquer coisa que vise explorar o sexo de maneira vulgar e obscena” (Michaelis, 2015). Palavras como pornô, material erótico, filme com conteúdo explícito, produção para maiores e conteúdo adulto, entre outras, também são utilizadas como sinônimos para pornografia. Assim, a própria definição do que seria ou não pornográfico é ainda controversa.

Diversas pesquisas não apresentam o conceito de pornografia com que estão trabalhando (Groves *et al.*, 2011; Pyle & Bridges, 2012; Hilton, 2013; Şenormanci, Konkan, Güçlü, & Şenormanci, 2014; Elder, Morrow & Brooks, 2015; Hald & Malamuth, 2015), ou apenas citam exemplos do que consideram material pornográfico (vídeos, fotos, entre outros) (Chi, Yu & Winter, 2012; Fahs & Gonzalez, 2014; Tylka, 2015), ou ainda que não há consenso na definição (Daneback, Træen & Månsson, 2009). Entre as que apresentam uma conceituação, encontramos diversas especificações, como material com conteúdo sexual: exclusivamente *hard-core* (Bonomi, Nemeth, Altenburger, Anderson, Snyder, & Dotto, 2014); explícito (Olmstead,

Negash, Pasley, & Fincham, 2013; Staley & Prause, 2013; Muusses, Kerkhof & Finkenauer, 2015); explícito, que apresenta cenas de submissão feminina (DeKeseredy, 2015); e explícito, para excitação (Popović, 2011; Sun, Miezan, Lee & Shim, 2015). Diante dessa diversidade de possibilidades, faz-se necessário identificar as definições de pornografia utilizadas por pesquisadores no meio acadêmico.

Pesquisar o que é pornografia, como é utilizada e as atitudes frente a este material pode auxiliar na compreensão dos efeitos percebidos desta utilização no comportamento sexual e no relacionamento amoroso. Somos constituídos pelos relacionamentos que estabelecemos, e por isso é tão importante investigar como se dão esses vínculos, o que os afeta positiva e negativamente. Para tanto, serão abordados no próximo capítulo os componentes do amor e os elementos que contribuem para a avaliação de satisfação com os relacionamentos amorosos.

CAPÍTULO 2

RELACIONAMENTOS AMOROSOS

Rubin (1970) define o amor como uma atitude que é mantida por uma pessoa em relação a outra pessoa, predispondo a pensamentos, sentimentos e comportamentos específicos voltados em direção à pessoa amada. O amor geralmente é considerado o mais profundo e mais significativo dos sentimentos, e presumivelmente é experimentado, pelo menos ocasionalmente, pela grande maioria das pessoas (Rubin, 1970). Andrade, Garcia e Cano (2009) afirmam que se relacionar romanticamente é parte natural do processo de vida da maioria das pessoas e elemento comum em diferentes culturas, sociedades e momentos históricos. Estes autores assinalam, ainda, que a satisfação no relacionamento amoroso é mensurada pela combinação de diferentes aspectos, como sexo, intimidade e comunicação, entre outros e contribui com o bem-estar psicológico das pessoas. Pessoas satisfeitas no relacionamento amoroso, em geral, vivenciam de maneira positiva os demais contextos da vida (Andrade *et al.*, 2009).

2.1 Teoria Triangular do Amor

Sternberg (1986) desenvolveu a Teoria Triangular do Amor, que decompõe esse sentimento em três elementos que metaforicamente são vértices de um triângulo. Cada amante tem o seu triângulo de amor resultante da combinação destes três componentes, e espera-se que os três vértices combinados expliquem todo o fenômeno do amor. Nessa perspectiva teórica o amor é composto por Intimidade, Paixão e Decisão/Compromisso.

O componente Intimidade se refere ao sentimento de proximidade e de conexão, ao elo que une dois amantes numa dedicação e afeição comuns. Podem ser identificados numa relação pelo desejo de promover o bem-estar do objeto de amor; por experienciar felicidade ao estar

com este objeto e por ter por ele alta consideração; por poder contar com o ser amado em momentos de necessidade; pela compreensão mútua; por dividir tanto a sua pessoa quanto suas posses com o objeto de amor; por receber dele e dar a ele apoio emocional; por comunicar-se intimamente com esse objeto; e por conceder-lhe um valor muito importante. A intimidade é considerada o componente estabilizador do amor, como um “calor” que se desenvolve lentamente com o investimento emocional na relação e resulta em conexões fortes (Sternberg, 1986, 1988, 1997).

O componente Paixão se refere aos impulsos que levam ao romance, como atração física, consumação sexual e outros aspectos similares. A relação sexual e as necessidades sexuais podem ser predominantes na sua expressão; no entanto, outras necessidades, como autoestima, nutrição, afiliação, dominância, submissão, socorro e autoatualização podem se fazer presentes. A paixão é considerada o vértice motivacional do amor, manifestada como um intenso desejo de união com o outro, podendo ser considerada como o componente “quente”, no qual estão os sentimentos mais intensos (Sternberg, 1986, 1988, 1997).

O componente Decisão/Compromisso refere-se, a curto prazo, à decisão de amar outra pessoa e, a longo prazo, à manutenção desse amor. É considerado o aspecto “frio”, pois envolve um processo cognitivo e premeditado do amor, a escolha deliberada de amar alguém e a decisão de manter esse amor. Esses dois aspectos não necessariamente andam juntos: a decisão de amar alguém pode não implicar num compromisso com essa relação; nem um compromisso com alguém necessariamente implique em decisão. Embora frequentemente decisão preceda compromisso, muitas pessoas estão comprometidas com o amor por outra pessoa sem necessariamente admitir que estão apaixonadas ou a amam, ou seja, sem terem consciência dessa decisão (Sternberg, 1986, 1988, 1997).



Figura 1

Os tipos de amor, de acordo com diferentes combinações dos três componentes do amor (Sternberg, 1988, p.122).

Cassepp-Borges (2010) sugere que a Teoria Triangular do Amor descreve elementos que formam as atitudes, com a intimidade e paixão descrevendo os componentes afetivos, decisão os cognitivos e compromisso os comportamentais. A combinação destes três vértices na Teoria Triangular do Amor possibilita oito tipos diferentes de amor, sete dos quais são apresentados na Figura 1. Esses vários tipos de amor nem sempre incluem os três componentes e nem demandam o mesmo grau de importância para cada um deles. Essas possíveis combinações são apresentadas a seguir (Sternberg, 1986, 1988, 1997).

1. *Desamor*: refere-se à ausência de todos os três componentes do amor. Caracteriza-se como a maioria dos nossos relacionamentos pessoais, que são simplesmente interações casuais sem a participação do sentimento de amor (não representado na Figura 1).

2. *Gostar*: quando se experimenta a intimidade apenas, na ausência da paixão e da decisão/compromisso. Não é um “gostar” trivial, como se utiliza para descrever sentimentos por conhecidos ou objetos. Refere-se aqui a um conjunto de sentimentos que se experimenta em relacionamentos verdadeiros, de proximidade, bondade, união, vínculo e calor humano, sem sentimentos de intensa paixão ou compromisso a longo prazo.
3. *Amor apaixonado*: é o típico "amor à primeira vista". Resulta da experiência de excitação apaixonada na ausência da intimidade e da decisão/compromisso do amor. Tende a ser caracterizado por um alto grau de excitação psicofisiológica, manifestada em sintomas somáticos, como aumento do batimento cardíaco ou mesmo palpitações do coração, aumento das secreções hormonais, ereção de genitais (pênis ou clitóris), e assim por diante. A paixão pode surgir quase instantaneamente, por um olhar, um toque de mão, uma palavra, e pode desaparecer da mesma forma que apareceu.
4. *Amor vazio*: quando a decisão/compromisso aparece sozinha, caracterizando aqueles relacionamentos onde a intimidade e atração física já deixaram de existir ou nunca existiram. Pode ser encontrado no estágio final de relacionamentos de longo prazo. Em sociedades nas quais os casamentos são arranjados, pode ser o estágio inicial desse relacionamento. Os componentes paixão e intimidade podem vir a surgir ou não.
5. *Amor romântico*: deriva de uma combinação da intimidade e da paixão no amor. Para além da excitação e atração física há uma ligação emocional. Entretanto, a ausência da decisão/compromisso pode levar os amantes a se questionarem sobre a durabilidade do relacionamento.

6. *Amor companheiro*: resulta da combinação dos componentes de intimidade e decisão/compromisso. É essencialmente uma amizade de longo prazo e comprometida, que frequentemente ocorre em relações duradouras nas quais a atração física (paixão) desapareceu ou nunca existiu. Pode descrever também a interação dos membros de uma família ou ser experimentado com um amigo querido.
7. *Amor ilusório*: quando os componentes de paixão e decisão/compromisso estão reunidos sem a intimidade. A paixão pode se desenvolver quase instantaneamente e o compromisso é feito com base nessa paixão. Esse amor é vulnerável à passagem do tempo, pois a intimidade – componente de estabilização do envolvimento íntimo – não está presente. Em consequência, os amantes se frustram quando a paixão desaparece, pois restará apenas o compromisso e a relação pode tornar-se superficial ou se encerrar.
8. *Amor consumado ou realizado*: é o resultado da combinação completa dos três componentes, presentes, fortes e equilibrados. Esse amor pode ser mais fácil ou mais difícil de se formar e manter, dependendo da relação e da situação em que é desenvolvido e mantido.

Para Sternberg (1988) cada um dos três componentes tem uma evolução própria ao longo do tempo da relação e podem sofrer modificações, alterando a área e as formas do triângulo. A intimidade tende a aumentar de forma constante no início da relação, depois cresce de maneira mais lenta e finalmente se estabiliza. A paixão tem um crescimento rápido, seguido de uma acomodação, na qual o parceiro já não é mais tão estimulante quanto costumava ser. A decisão/compromisso irá depender do desenvolvimento da relação. Geralmente se inicia em zero antes das pessoas se conhecerem ou se interessarem umas pelas outras. Esse componente costuma ter um início lento, depois acelerado. Se a relação continuar ao longo do tempo, o

compromisso irá estabilizar. Se a relação começar a decair o nível de compromisso irá reduzir, e se a relação acabar o nível de compromisso poderá retornar à zero.

Apenas na expressão comportamental do sentimento amoroso a intimidade, paixão e decisão/compromisso podem ser percebidas pelos parceiros amorosos. Esse sentimento pode falhar em sua expressão devido à dificuldade de tradução dos componentes do amor em ação, o que pode originar um triângulo pensado *versus* um triângulo atuado. É fundamental considerar que as ações têm muita repercussão na relação e podem afetar os níveis dos componentes do amor, pois sem a expressão até mesmo o maior dos amores pode morrer (Sternberg, 1986, 1988, 1997). O autor afirma, ainda, que a maioria dos casais possui algo das três dimensões presentes nos seus relacionamentos amorosos e que, quanto mais elevada for a intensidade dos afetos ligados aos três componentes, mais próximo o indivíduo estará de viver um amor satisfatório.

A geometria do amor depende de dois fatores: intensidade e equilíbrio. A intensidade se refere à quantidade de amor que se experimenta na relação e é representada pela área do triângulo. O equilíbrio é representado pela forma do triângulo, dependente da diferença entre os três componentes. Cada um dos membros da díade percebe o seu amor e o amor recebido pelo parceiro de maneiras diferentes, de modo que não haverá apenas um triângulo em qualquer relacionamento. A área de sobreposição entre os triângulos reais e ideais está associada com a satisfação na relação. Quanto maiores forem as diferenças entre eles, menor será a satisfação com o relacionamento. (Sternberg, 1986, 1988, 1997).

2.2 Satisfação com o Relacionamento Amoroso e construtos correlatos

Com o objetivo de fornecer suporte empírico à Teoria Triangular do Amor foi desenvolvida a Escala Triangular do Amor de Sternberg (ETAS), que mensura em cada subescala um dos componentes do amor: intimidade, paixão e decisão/compromisso (Sternberg,

1986). Sternberg (1997) indica que as três subescalas da ETAS mostram altas correlações com a satisfação no relacionamento amoroso.

Lemieux e Hale (2000) investigaram 213 casais casados utilizando a Escala Triangular do Amor. Os resultados encontrados apontaram que os três componentes foram correlacionados com satisfação no relacionamento e que cada componente era um preditor significativo de satisfação no relacionamento conjugal, corroborando os achados de Sternberg. Cassepp-Borges (2010) encontrou essa mesma correlação.

Masuda (2003) realizou duas metanálises sintetizando estudos empíricos que investigaram a correlação entre satisfação no relacionamento e dois aspectos – paixão e intimidade – em diferentes teorias do amor (incluindo a Teoria Triangular do Amor). Encontrou uma alta correlação positiva entre satisfação e a paixão. A correlação com a intimidade foi inconclusiva, devido às diferenças teóricas entre as várias teorias do amor utilizadas. A autora sugere cautela aos pesquisadores ao compararem aspectos de diferentes teorias do amor, por medirem construções psicológicas diferentes.

Para Andrade *et al.* (2009), entre as motivações que influenciam a escolha de pessoas que se envolvem romanticamente, buscando de alguma maneira a manutenção dessa união, está a satisfação de vivenciar esse relacionamento romântico. Isso acontece quando o indivíduo avalia que a qualidade do relacionamento atende as suas expectativas e desejos sobre a pessoa amada.

Satisfação é um dos construtos principais para compreender a qualidade de um relacionamento amoroso, sendo uma avaliação cognitiva positiva dessa relação. A satisfação conjugal pode ser definida como uma atitude frente à interação conjugal e às características do(a) cônjuge (Dela Coleta, 1989). Diversas variáveis compõem a avaliação acerca da satisfação. Scorsolini-Comin e Santos (2010) realizaram uma revisão integrativa das publicações sobre satisfação conjugal no Brasil e assinalam que diversos aspectos, como características

individuais dos cônjuges, experiências que trazem de suas famílias de origem e a maneira como constroem o relacionamento a dois contribuem na percepção de satisfação.

Miranda (1987) aponta que a percepção interpessoal e a autoestima são as variáveis mais relevantes para satisfação conjugal. Cassepp-Borges (2010) indica que compartilhar a religião com o(a) parceiro(a) parece favorecer o amor e a satisfação com o relacionamento. Os participantes que compartilhavam a religião da pessoa amada apresentaram maiores escores de satisfação no relacionamento e dos componentes intimidade e decisão/compromisso. O autor também relata que participantes com filhos tinham escores maiores no componente decisão/compromisso da ETAS.

A presença e idade dos filhos parece ser uma variável importante na satisfação. Casais sem filhos, em geral, apresentam maiores índices de satisfação do que casais com filhos (Lima & Alves, 2010; Hernandez, 2014). Lima e Alves (2010) sugerem que a dificuldade de adaptação de algumas pessoas de agregar o papel parental ao papel conjugal pode gerar insatisfação no relacionamento. Esse processo pode ter início durante a gestação e permanecer pelo período pós-parto ou enquanto houver uma criança em idade pré-escolar dependente de cuidados. As queixas dos casais recaem sobre a dificuldade para retomar a vida sexual pós-parto e a redução da frequência do intercursos sexual, pelo cansaço, além do tempo mais limitado para se dedicar ao relacionamento e pela mudança nas prioridades do casal (Rowland, Foxcroft, Hopman, & Patel, 2005; Pissolato, Alves, Prates, Wilhelm, & Ressel, 2016). A satisfação sexual reduz nos primeiros anos após o nascimento de um filho e aumenta novamente na medida em que o filho cresce, mas parte desse efeito é mediada pela qualidade do relacionamento (Schmiedeberg & Schröder, 2016).

O componente sexual do relacionamento amoroso também surge como fator importante da avaliação de satisfação no relacionamento. Lawrance e Byers (1995), com base em uma revisão de literatura sobre satisfação sexual e no relacionamento, propõem que a satisfação

sexual é melhor definida como uma resposta afetiva decorrente de uma avaliação subjetiva das dimensões positivas e negativas associadas ao relacionamento sexual. A satisfação sexual é um componente relevante da sexualidade humana e é um fator-chave para a saúde sexual dos indivíduos, para sua qualidade de vida e para o seu bem-estar geral (Sánchez-Fuentes, Santos-Iglesias & Sierra, 2014).

Schmiedeberg e Schröder (2016) descrevem o desenvolvimento positivo da satisfação sexual no primeiro ano da relação, seguido por um declínio gradual, ou seja, a satisfação sexual muda com a duração da relação. Esse declínio é parcialmente mediado pela frequência dos intercursos sexuais. As autoras apontam, ainda, que a intimidade e a qualidade do relacionamento têm um papel significativo na satisfação sexual.

Outros aspectos como autoestima, culpa sexual, tipo de relacionamento e frequência sexual foram correlacionados de maneira significativa com a satisfação no relacionamento (Higgins, Mullinax, Trussell, Davidson, & Moore, 2011). A autoestima representa um aspecto avaliativo do autoconceito e consiste num conjunto de pensamentos e sentimentos referentes a si mesmo (Hutz & Zanon, 2011). Alta autoestima prediz maior satisfação sexual (Higgins *et al.*, 2011).

Yela (2000) encontrou como fatores associados à satisfação sexual e no relacionamento comum aos homens e mulheres o compromisso, a intimidade e a frequência dos contatos sexuais com o parceiro. Higgins, Trussell, Moore e Davidson (2010) encontraram essa associação com baixos escores de religiosidade.

A culpa sexual influencia negativamente a satisfação sexual (Higgins *et al.*, 2010; Baumel, 2014). Indivíduos com atitudes sexuais mais liberais experimentam sua sexualidade sem culpa, que é associada a um aumento da satisfação (Higgins *et al.*, 2010), enquanto aqueles com altos índices de culpa teriam seu comportamento mais influenciado pelos padrões morais internalizados (Janda & Bazemore, 2011).

Andrade *et al.* (2009) investigaram um modelo de predição global da satisfação com o relacionamento, a partir do conjunto de variáveis: intimidade, paixão, compromisso, aspectos positivos da satisfação sexual e satisfação com a vida. Encontraram correlações entre os componentes do amor da teoria de Sternberg (1986) com a satisfação sexual, atuando na percepção de qualidade do relacionamento amoroso. A inclusão da variável satisfação com a vida amplia esse resultado, demonstrando a importância da satisfação com o relacionamento amoroso na qualidade de vida do indivíduo. Dentro do conjunto de variáveis, os aspectos paixão e intimidade da Teoria Triangular do Amor mostraram maior contribuição para satisfação global com o relacionamento do que outros aspectos, como o compromisso e a satisfação sexual.

Como exposto, são diversas as variáveis que compõe a avaliação de um relacionamento e a percepção de satisfação com o mesmo. Conhecer os componentes associados ao sucesso ou ao fracasso em uma relação pode permitir intervenções psicológicas, clínicas ou educacionais, com maior sustentação científica. Pesquisas que investigam os efeitos do uso de pornografia demonstram influências no comportamento sexual e na satisfação com o relacionamento dos indivíduos. Esses dados serão apresentados no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 3

A PORNOGRAFIA E SEUS EFEITOS NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS

Este capítulo tem como objetivo apresentar os efeitos e consequências do uso de pornografia, iniciando por uma exposição dos achados encontrados na literatura científica. De forma a contribuir para uma melhor compreensão do tema, suas definições e correlatos, dois estudos são apresentados: o Estudo 1, que buscou identificar as definições de pornografia utilizadas por pesquisadores e os efeitos percebidos da utilização desse material nos relacionamentos amorosos através de uma revisão sistemática; e o Estudo 2, que buscou identificar e compreender as atitudes que homens e mulheres têm em relação à pornografia, bem como verificar as vantagens e desvantagens percebidas da utilização desse tipo de material no comportamento sexual e nos relacionamentos amorosos.

3.1 Efeitos e consequências do uso

Relatórios clínicos, opinião pública e pesquisas com dados apresentam uma grande variação no que se referem aos efeitos presumidos de materiais considerados pornográficos. Pesquisas realizadas nos Estados Unidos e na Europa sobre essa temática apontam que duas abordagens contrárias surgem e parecem competir entre si – de que a pornografia teria efeitos positivos ou negativos (Popovic, 2011; Staley & Prause, 2013). Em vários estudos são verificadas as duas possibilidades.

Um dos efeitos negativos apontado pelo uso de pornografia é o comportamento problemático em relação às mulheres, incluindo um aumento da objetificação e maior aceitação do estupro (Bonomi *et al.*, 2014; Braithwaite, Aaron, Dowdle, Spjut, & Fincham, 2015). O uso de pornografia em excesso está associado a atitudes de apoio a violência contra a mulher

(DeKeseredy, 2015) e ao comportamento sexual agressivo em homens que tem baixos scores para agradabilidade (Hald & Malamuth, 2015).

Outra consequência é a redução da satisfação dos sujeitos com seu relacionamento (Muusses *et al.*, 2015; Weinstein, Zolek, Babkin, Cohen & Lejoyeux, 2015). A frequência do uso de pornografia pelos parceiros foi negativamente associada com a qualidade do relacionamento, pela menor disponibilidade do parceiro para interação e, especialmente, pelo uso em segredo (Popovic, 2011; Pyle & Bridges, 2012). O uso de pornografia tem uma relação positiva com aumento da ansiedade (Tylka & Van Diest, 2015) e com a redução da atratividade do parceiro (Staley & Prause, 2013). O uso excessivo pelo parceiro trouxe prejuízos para a autoestima da parceira, bem como para a qualidade do relacionamento e a satisfação sexual (Stewart & Szymanski, 2012). Outro aspecto negativo identificado foi a preocupação com o aumento dos comportamentos de risco (Crimmins & Seigfried-Spellar, 2014; Braithwaite *et al.*, 2015) e com o uso excessivo, levando à dependência (Olmstead *et al.*, 2013) e de outras consequências danosas decorrentes de um vício, como isolamento social, dificuldade no cumprimento das atividades diárias (Hilton, 2013) e a restrição dos meios de estímulo e excitação sexual à pornografia (Şenormanci *et al.*, 2014).

Nota-se ainda a idealização do *setting* pornográfico, que não é reproduzível numa relação sexual real. A comparação com os atores e suas performances, na qual todos têm belos corpos e estão sempre disponíveis para todo tipo de sexo, faz com que os sujeitos se sintam deslocados e inferiores (Bonomi *et al.*, 2014; Tylka & Van Diest, 2015), resultando em pressão nos indivíduos e naqueles com os quais se relaciona, contribuindo com cobranças na relação (DeKeseredy, 2015). Ao acreditar que é assim que devem ser e é isso que seus parceiros desejam, há reflexos em sua autoestima, trazendo insegurança e aumento dos comportamentos de esquiva aos relacionamentos reais (Groves *et al.*, 2011; Staley & Prause, 2013; Tylka, 2015), gerando prejuízos aos relacionamentos amorosos.

Na pesquisa de Grov *et al.* (2011), homens eram menos prováveis do que mulheres a expressar preocupações sobre o uso de pornografia e mais prováveis em terem atitudes favoráveis sobre consumo. Sobre o impacto nas relações íntimas, homens e mulheres não diferiram entre si quanto aos benefícios da pornografia em tornarem-se mais abertos a coisas novas e em acharem mais fácil falar sobre o que querem sexualmente. O uso de pornografia pode ser um meio para que os casais falem e experimentem suas fantasias sexuais (Fahs & Gonzalez, 2014), e para aumentar o diálogo entre o casal, melhorando a comunicação e promovendo maior proximidade e cumplicidade (Benjamin & Tlusten, 2010; Popovic, 2011; Elder *et al.*, 2015), revelando-se como um recurso potente para uma vida sexual mais prazerosa e bem informada (Guerra, 2001).

A diversidade de situações que podem ser retratadas com este material contribui para a criatividade do casal, convidando a “sair da rotina” (Chi *et al.*, 2012), como uma ferramenta útil para expansão do repertório sexual dos indivíduos (Mowlabocus, Harbottle & Witzel, 2013) e como fonte de aprendizado sobre práticas sexuais e descobertas sobre si mesmo e sobre o corpo do outro (Elder *et al.*, 2015), além de auxiliar no aumento da excitação e satisfação sexual em certas circunstâncias (Maddox, Rhoades & Markman, 2011; Muusses *et al.*, 2015). O material pornográfico pode ser visto como uma abertura para explorar a sexualidade (Weinberg, Williams, Kleiner, & Irizarry, 2010), aumentando a avaliação positiva dos próprios comportamentos sexuais (Staley & Prause, 2013) e para normalização e validação de desejos e fantasias sexuais, ao percebê-los representados na pornografia (Weinberg *et al.*, 2010; Elder *et al.*, 2015). Terapeutas sexuais utilizam pornografia com seus clientes como recurso terapêutico, com o propósito de ensiná-los sobre práticas e possibilidades sexuais, tomando o cuidado de não utilizar tal ferramenta caso seu cliente expresse oposição ou desconforto, comportamentos sexuais compulsivos ou ainda tenham histórico de trauma sexual (Ratcliffe, 2011).

Considerando a diversidade de definições utilizadas para pornografia e dos efeitos tanto negativos quanto positivos do seu uso no comportamento sexual e no relacionamento amoroso identificados, algumas vezes conflitantes, faz-se necessária a utilização de uma estratégia para agregar de maneira sistemática as evidências de pesquisa encontradas e, assim, direcionar o desenvolvimento dos próximos estudos. O Estudo 1, portanto, trata desta sistematização, através de uma revisão sistemática da literatura sobre pornografia e relacionamentos.

3.2 Estudo 1 – Revisão sistemática de pornografia e relacionamentos²

O presente estudo buscou identificar as definições de pornografia utilizadas por pesquisadores e os efeitos percebidos da utilização desse material nos relacionamentos amorosos através de uma revisão sistemática.

3.2.1 Método

A revisão sistemática é um método que permite maximizar o potencial de uma busca, reunindo de forma organizada os resultados de pesquisas e permitindo analisar criticamente as informações relevantes encontradas (Costa & Zoltowski, 2014). Foram seguidas as oito etapas básicas sugeridas por Costa e Zoltowski (2014) para a construção desta revisão sistemática. O percurso metodológico será apresentado a seguir, segundo estas etapas.

² Este estudo integra um artigo aceito para publicação em periódico brasileiro com classificação Qualis B1 (Revista Gerais).

1. Delimitação da questão a ser pesquisada.

Em consonância com o objetivo da pesquisa, a questão norteadora da revisão foi “que efeitos são percebidos nos relacionamentos amorosos do consumo de pornografia?”. Também se procurou identificar e descrever como a pornografia tem sido definida por pesquisadores.

2. Escolha das fontes de dados.

Uma primeira busca foi realizada no Portal de Periódicos da Capes, uma biblioteca virtual que reúne e disponibiliza diversas produções científicas nacionais e internacionais, e conta com diversas bases de dados eletrônicas em seu acervo. Como o Portal tem diversas bases indexadas, pode fornecer um panorama de como esse tema vem sendo investigado. Ao pesquisar no Portal, a base de dados que retornou um maior número de resultados foi a Scopus. Apesar desta base se tratar da maior fonte referencial de literatura técnica e científica revisada por pares, muitos de seus periódicos têm acesso restrito.

Duas outras bases foram selecionadas, Doaj (*Directory of Open Access Journals*) e SciELO (*Scientific Electronic Library Online*), por ambas disponibilizarem textos completos e de acesso gratuito. A busca foi refeita para proceder à seleção do material, utilizando-se as bases de dados específicas escolhidas: Scopus, Doaj e SciELO.

3. Eleição das palavras-chave para a busca.

Os descritores buscaram abranger as duas direções desse estudo – pornografia e relacionamento em três idiomas: português, inglês e espanhol. O termo pornografia foi utilizado sem adaptações, para que se pudesse recuperar as definições utilizadas. Para pesquisar relacionamento amoroso diversas combinações de palavras seriam possíveis, como relacionamento íntimo ou relacionamento romântico, por exemplo. Para simplificar a estratégia de busca foi utilizado apenas o termo relacionamento, juntamente com a palavra casal.

Referências à pornografia infantil, que não são foco desta revisão, foram excluídas. A estratégia de busca utilizada foi: pornografia / *pornography* / *pornografia* AND (relacionamento / *relationship* / *relacionamiento* OR casal / *couple* / *pareja*) AND NOT criança* / *child** / *niño**, pesquisada em cada idioma separadamente.

4. Busca e armazenamento dos resultados.

Foi realizada uma busca avançada nas bases selecionadas em janeiro de 2016 com tais termos e *booleanos*. Foram procurados artigos, publicados nos últimos dez anos (2006 – 2015), nos idiomas português, inglês ou espanhol e que contivessem os termos buscados em qualquer lugar do texto. Todos os documentos encontrados foram salvos. Essa busca foi feita separadamente por dois juízes independentes que, ao confrontarem os achados, encontraram os mesmos resultados.

5. Seleção de artigos pelo resumo, de acordo com critérios de inclusão e exclusão.

A partir da busca realizada, uma lista de referência dos artigos foi organizada (Scopus N = 164; Doaj N = 160; SciELO N = 109; Total = 433). Essa relação foi avaliada e 124 artigos foram excluídos, por estarem repetidos ou pelo ano de publicação extrapolar o intervalo considerado. Na análise dos resumos foram excluídos os que não disponibilizavam texto completo, investigavam população infanto-juvenil ou tratavam de pornografia infantil, restando 180 documentos potencialmente relevantes. Esses documentos foram analisados segundo os critérios de exclusão: idioma diferente dos elencados, produção diferente de artigo científico, e ausência dos descritores da busca. O termo “relacionamento” foi considerado apenas quando em um contexto de relação amorosa e/o sexual, excluindo as referências às relações entre coisas e ao estado civil. A base de dados final para a revisão foi de 45 artigos. O processo de busca pode ser resumido como mostra a Figura 2.

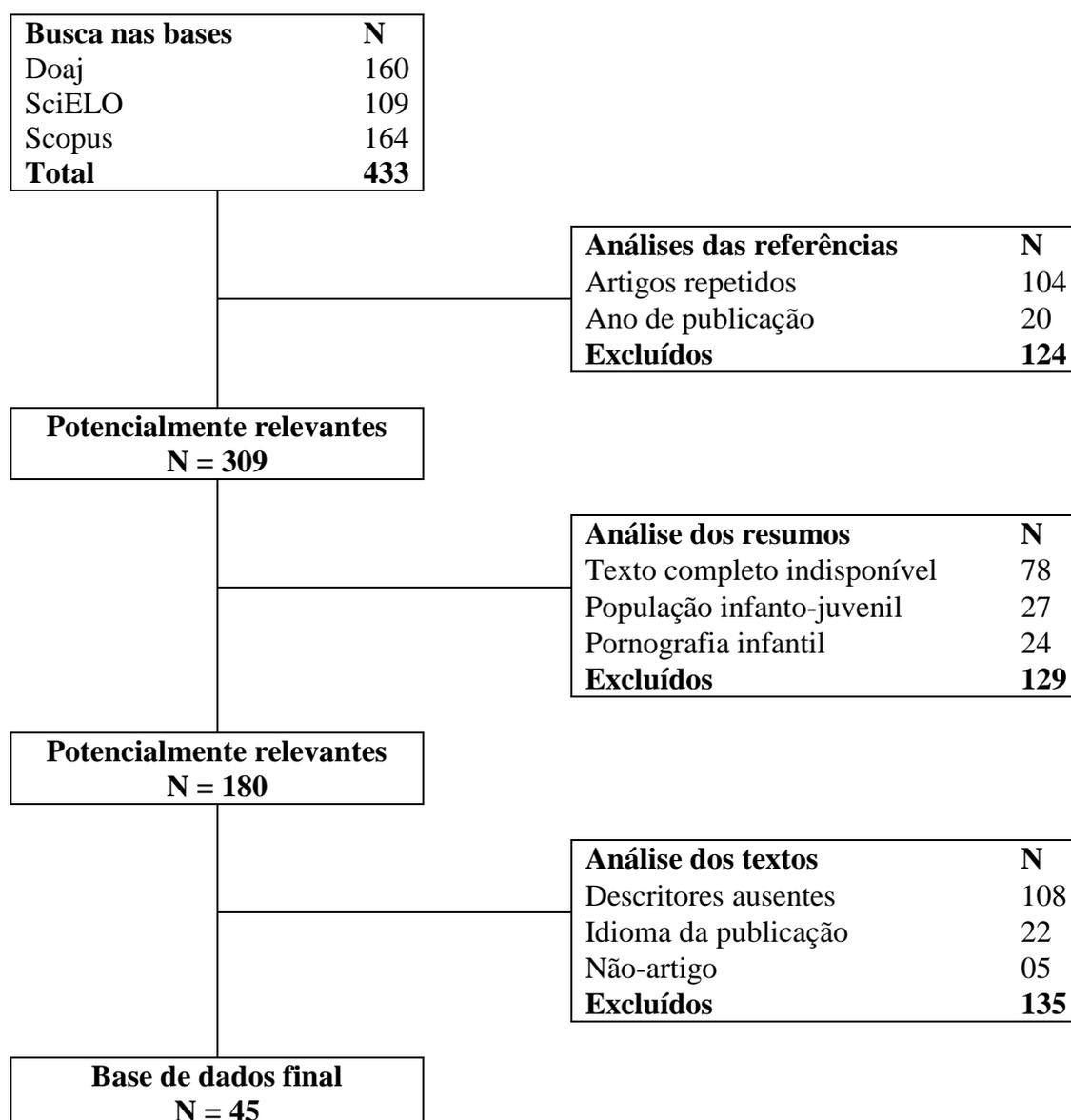


Figura 2

Resumo do procedimento de busca para a construção do banco de dados final

6. Extração dos dados dos artigos selecionados.

Os 45 artigos selecionados nessa revisão sistemática foram organizados em um *software* de planilha eletrônica, de forma a catalogar os dados de acordo com: ano de publicação, país de publicação, área de conhecimento, tipo de estudo, tamanho da amostra, métodos de coleta de dados, população, objetivos, definições de pornografia e relações negativas e positivas do consumo de pornografia com o relacionamento, entre outros.

As etapas 7 (*avaliação dos artigos*) e 8 (*síntese e interpretação dos dados*) serão apresentadas a seguir.

3.2.2 Resultados e discussão parcial

Na distribuição dos artigos por ano pode-se observar um baixo número de produções no período de 2006-2009 (1,5/ano) e um salto no número de publicações no ano 2010 (8 publicações), seguido por uma leve redução entre 2011-2014 (4,75/ano) e novo salto em 2015 (12 publicações). Essa ampliação do número de produções ao longo do período pode sugerir um aumento do interesse na temática por parte dos pesquisadores.

A maior parte das publicações estava em língua inglesa (42 artigos; 93%); seguida da língua portuguesa (2 artigos; 4%) e da língua espanhola (1 artigo; 2%). Notou-se, dentro da amostra estudada, a importância da língua inglesa na divulgação do conhecimento científico.

Foram encontrados artigos de várias partes do mundo, com destaque para os Estados Unidos, com 26 artigos (58% do total); em seguida, temos Brasil, Canadá, China, Israel e Reino Unido com 02 artigos cada (4%) e os demais países com 01 artigo cada (2%). Apesar do alto consumo de pornografia no Brasil, apenas um dos estudos encontrados focava a população brasileira (D'Abreu, 2013), de acordo com os critérios de inclusão e exclusão utilizados para a seleção dos artigos nessas bases de dados.

As publicações foram desenvolvidas por pesquisadores das mais variadas áreas de conhecimento. Para fins de sistematização, os artigos foram organizados segundo a classificação do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) das áreas do conhecimento, tomando por base o autor principal de cada artigo. Assim, temos Ciências Sociais Aplicadas (N = 10; 22%) congregando publicações em Comunicação Social, Direito, Economia e Serviço Social; Ciências da Saúde (N = 8; 18%), com Medicina e Saúde Coletiva; Ciências Humanas (N = 7;

16%), com Educação, Filosofia e Sociologia; e Ciências Exatas e da Terra (N = 1; 2%) com Estatística. Psicologia deveria ter sido incluída nas Ciências Humanas, mas optou-se por calcular essa área à parte, de modo a explicitar sua representatividade. Foram 19 artigos, 42% do total.

Em termos de áreas de estudo, a produção encontrada foi bastante diversificada, com artigos versando sobre aspectos jurídicos, psicológicos, culturais, sociais, morais e de saúde. A área de conhecimento que concentrou o maior número de trabalhos publicados foi a Psicologia. Tal concentração aponta uma preocupação deste campo do saber nos impactos da utilização de pornografia nos relacionamentos amorosos.

No que se refere ao tipo de estudo realizado, destacaram-se nessas publicações os relatos de pesquisas, com 37 artigos, que corresponde a 82% do total. Por outro lado, notou-se a escassez de investigações como a revisão de literatura (N = 7; 16%) e a meta-análise (N = 1; 2%). Tal constatação reitera a necessidade de levantamentos como o realizado no presente estudo.

Com relação à população estudada, os universitários foram a maioria (N = 15; 41%). Esta categoria é composta por artigos somente com mulheres, somente com homens e com ambos, estando em um relacionamento ou não. Talvez esta predominância seja em virtude das pesquisas serem divulgadas nas universidades e, muitas vezes, oferecerem créditos em disciplinas aos estudantes. A Tabela 1 identifica a população e o tamanho da amostra de cada artigo.

Tabela 1

População, tamanho de amostra, definição de pornografia e categorias por artigo

Artigo	População	Amostra	Definição de pornografia	Categorias	
				Negativo ao relacionamento	Positivo ao relacionamento
Benjamin & Tlusten (2010)	mulheres em um relacionamento	20	material sexualmente explícito, sem intimidade	Re-, Vi	Ds, Re+
Bonomi <i>et al.</i> (2014)	universitárias (SF)	655	material <i>hard-core</i>	Vi, Sc	-
Bouffard (2010)	universitários (SM)	325	material sexualmente explícito	Vi	-
Braithwaite <i>et al.</i> (2015)	universitários (SF/SM)	850 / 992	sem definição, com exemplos	Sa, Vi	Ds
Buzzell, Foss & Middleton (2006)	universitários (SF/SM)	134	desvio a ser controlado	-	Sx
Chi <i>et al.</i> (2012)	universitários (SF/SM)	1403	sem definição, com exemplos	-	Ds
Crimmins & Seigfried-Spellar (2014)	universitários (SF/SM)	88	sem definição	Sa	Sx
D'Abreu (2013)	universitários (SM)	329	material sexualmente explícito para excitação	Re-, Vi	-
Daneback, Træen & Månsson (2009)	casais heterossexuais (casados ou morando juntos)	398	não há consenso	Sa, Re-	Sx
DeKeseredy (2015)	RL	N/A	material sexualmente explícito, com submissão feminina	Vi, Sc	-
El Far (2007)	RL	N/A	material sexualmente explícito, fere bons costumes	Sa, Sc	-
Elder <i>et al.</i> (2015)	homossexuais	20	sem definição	Sa, Sc	Sx, Ds, Re+
Fahs & Gonzalez (2014)	mulheres	20	sem definição, com exemplos	Sc	Sx
Gorman, Monk-Turner & Fish (2010)	vídeos*	N/A	material sexualmente explícito, com submissão feminina	Vi	-

Artigo	População	Amostra	Definição de pornografia	Categorias	
				Negativo ao relacionamento	Positivo ao relacionamento
Grov <i>et al.</i> (2011)	adultos (SF/SM) em um relacionamento	8376	sem definição	Sa, Re-	Sx, Ds, Re+
Gwinn, Lambert, Fincham & Maner (2013)	universitários (SF/SM) em um relacionamento	74 / 291	sem definição, com exemplos	Re-	-
Hald, Malamuth & Yuen (2010)	MA	N/A	material sexualmente explícito para excitação	Vi	-
Hald & Malamuth (2015)	adultos (SF/SM)	200	sem definição	Vi	-
Hearn (2006)	RL	N/A	sem definição	Re-, Vi	-
Hilton (2013)	RL	N/A	sem definição	Sa, Vi	-
Laier, Pekal & Brand (2014)	mulheres	102	material hard-core	-	-
Levine (2010)	homens	30	sem definição	Re-	-
Limacher & Wright (2006)	casal heterossexual em terapia	1	sem definição	Re-	-
Maddox <i>et al.</i> (2011)	adultos (SF/SM) em um relacionamento, não casados	1291	material sexualmente explícito	Re-	Sx, Re+
Montero (2008)	RL	N/A	material sexualmente explícito	Sc	-
Mowlabocus <i>et al.</i> (2013)	homossexuais	125 / 50	material homossexual sexualmente explícito	Sc	Sx, Ds
Muusses <i>et al.</i> (2015)	casais heterossexuais casados	190 / 157 / 140	material sexualmente explícito	Re-	Re+
Olmstead <i>et al.</i> (2013)	universitários (SF/SM)	404	material sexualmente explícito	Sa, Re-	Sx, Re+
Poll (2012)	RL	N/A	material sexualmente explícito	Vi	-
Popović (2011)	mulheres	66	material sexualmente explícito para excitação	Sa, Re-	Sx, Re+
Pyle & Bridges (2012)	universitárias (SF)	168	sem definição	Sa, Re-	-
Şenormanci <i>et al.</i> (2014)	homens	2	sem definição	Sa	-

Artigo	População	Amostra	Definição de pornografia	Categorias	
				Negativo ao relacionamento	Positivo ao relacionamento
Silvera <i>et al.</i> (2015)	Homossexuais	1995	material sexualmente explícito para excitação	Sa	Ds
Staley & Prause (2013)	casais heterossexuais	44	material sexualmente explícito	Sa	Sx, Ds
Stewart & Szymanski (2012)	universitárias (SF)	308	material sexualmente explícito para excitação	Sa, Re-	-
Sun <i>et al.</i> (2015)	homens	685	material sexualmente explícito para excitação	Sa, Re-	Sx, Re+
Szymanski <i>et al.</i> (2015)	universitárias (SF)	359	material sexualmente explícito	Sa, Re-	-
Tylka (2015)	universitários (SM)	171	sem definição, com exemplos	Sa, Re-, Sc	-
Tylka & Van Diest (2015)	universitárias (SF)	359	sem definição, com exemplos	Sa, Vi, Sc	-
Weinberg <i>et al.</i> , (2010)	universitários (SF/SM)	172 / 73	material sexualmente explícito	-	Sx, Ds
Weinstein <i>et al.</i> (2015)	adultos (SF/SM)	267	sem definição	Sa, Re-, Sc	-
Wentland & Muise (2010)	fotógrafos	11	material sexualmente explícito para excitação	-	Sx, Ds
Wu <i>et al.</i> (2014)	homens migrantes	4069	sem definição, com exemplos	Sa	-
Wulandari (2015)	RL	N/A	sem definição	-	-
Yucel & Gassanov (2010)	casais heterossexuais casados	433	sem definição, com exemplos	Re-	-

Nota: * pesquisa realizada com vídeos disponibilizados em sites com conteúdo adulto. RL = revisão de literatura; MA = meta-análise; N/A = não se aplica (estudos que não tiveram participantes identificáveis); SF = sexo feminino; SM = sexo masculino. Amostras com números separados por / indicam pesquisas com múltiplas etapas, e o respectivo número de participantes por etapa. Categorias dos aspectos negativos: (Sa) prejuízos à saúde, (Re-) prejuízos ao relacionamento, (Vi) violência contra as mulheres e (Sc) aspectos socioculturais. Categorias dos aspectos positivos: (Sx) sexualidade, (Ds) desenvolvimento pessoal e (Re+) benefícios ao relacionamento.

Observou-se um maior número de pesquisas com pessoas em relacionamento (N = 9; 24%), nas quais o pré-requisito para os participantes era estar em um relacionamento amoroso (i.e., definidos nos artigos de diferentes formas, tais como: casamento, união civil, relacionamento romântico, íntimo ou relação de compromisso, entre outras). Este índice pode ter sido encontrado em virtude dos termos “relacionamento” e “casal” fazerem parte da estratégia de busca dos artigos. Poucas pesquisas focaram na população homossexual, e apenas masculina (N = 3; 8%). Uma pesquisa trabalhou exclusivamente com fotógrafos especializados em fotografias eróticas, buscando compreender a motivação dos clientes – homens, mulheres e casais – e o processo de produção dessas fotos (Wentland & Muise, 2010).

Quanto ao número de participantes, notou-se que pesquisas com mais de 100 respondentes representaram 70% (N = 26) dos artigos, indicando que as pesquisas foram, em sua maioria, com grandes amostras. Tal dado coaduna com o tipo de estudo realizado: 23 utilizaram coleta exclusivamente quantitativas (62%) e 6 utilizaram coleta mistas (16%).

Buscando identificar e descrever como a pornografia tem sido definida no meio científico, foi levantada em cada um dos artigos selecionados a definição de pornografia com a qual os autores trabalharam: 47% definiram como material sexualmente explícito (9 apenas como isso; 7 acresceram o objetivo de excitar o consumidor; 5, ainda, usaram outros diferenciais, como ‘ferindo os bons-costumes’, ‘sem intimidade’ ou ‘com submissão feminina’, por exemplo), 44% dos artigos não apresentaram uma definição de pornografia (12 não dão definição alguma; 8 não definem, mas dão exemplos: vídeo, revista, foto, site de Internet, etc.), 4% descreveram como material exclusivamente *hard-core* (com imagens de violência, como asfixia, engasgos, etc.), 2% como material desviante e 2% explicita que não há consenso na definição.

Como pode ser observado na Tabela 1, alguns autores partiram do pressuposto de que há um consenso no que se avalia como pornográfico, não explicitando nenhuma definição ou

se limitando a exemplos. Outros, ainda, restringiram a avaliação do que é pornográfico àqueles conteúdos extremos, violentos. Dentro da amostra estudada, material sexualmente explícito pareceu ser a definição mais aceita, independente das gradações e diferentes tipos/categorias de pornografia.

Mostrou-se interessante o surgimento das palavras erotismo e fotografia erótica, usadas nos artigos como algo distinto da pornografia por sua explicitude (Montero, 2008) e como sinônimo, tentando despertar a excitação (Wentland & Muise, 2010), respectivamente. Tal possibilidade demonstra a maleabilidade dos conceitos pornografia e erotismo, e a diversidade de termos usados para identificar o que é considerado pornográfico.

Para auxiliar na compreensão dos efeitos ao relacionamento amoroso do uso de pornografia, e levando em consideração a dualidade já percebida nessa interface, foram identificados em cada artigo aspectos negativos e positivos desse consumo apontados pelos autores. Estes aspectos foram agrupados em categorias que podem ser identificadas na Tabela 1, discutidas a seguir. O levantamento dos aspectos positivos e negativos e sua categorização foram feitos por dois juízes independentes, com índice de concordância mínimo de 70%. Aspectos discordantes foram analisados por um terceiro juiz, que promoveu o consenso.

Aspectos negativos percebidos do uso de pornografia no relacionamento foram encontrados em 39 artigos (87%) e foram agrupados nas seguintes categorias:

1. Prejuízos à saúde (32%): expressões que indicaram prejuízos percebidos à saúde física e mental, tais como *uso problemático*, *autopercepção negativa*, *comportamento sexual de risco*, etc. Destacou-se aqui a preocupação com o desenvolvimento de um vício e suas consequências, bem como aspectos relacionados ao sofrimento psíquico e seus efeitos.

2. Prejuízos ao relacionamento (31%): termos vinculados ao relacionamento, tais como *redução da satisfação*, *segredo*, *infidelidade*, *redução da intimidade*, etc. Denota as

ameaças à manutenção da relação e as perdas sofridas por ela em virtude do consumo de pornografia por um ou ambos os companheiros.

3. Violência contra as mulheres (21%): enfocaram a preocupação de que a pornografia possa ser um catalisador de relações desiguais, como *violência contra a mulher, objetificação, submissão feminina*, etc. Apontou a forma como a mulher é vista majoritariamente na pornografia: como um objeto sexual para satisfação masculina.

4. Aspectos socioculturais (16%): referências a aspectos sociais e culturais que influenciam os comportamentos sexuais, especialmente através de uma comparação com o outro – *a idealização, de como o corpo deve ser, de como o desempenho deve acontecer*, etc.

Algumas evidências sugerem que mulheres e, mais frequentemente, homens, podem ser ‘atraídos’ para a pornografia quando se sentem solitários e frustrados sexualmente (Popovic, 2011; Muusses *et al.*, 2015). Um dos estudos buscou compreender a direcionalidade da relação entre o uso de material sexualmente explícito na internet e a qualidade do relacionamento entre casais e concluiu indicando que, enquanto esposas usam pornografia para apimentar sua vida sexual, maridos usam como forma de demonstrar que não estão satisfeitos na relação (Muusses *et al.*, 2015). Isso nos leva a ponderar que existem diferenças de gênero significativas no consumo de pornografia e, pensando em termos de causalidade, que talvez alguns dos prejuízos percebidos sejam reflexos da condição da relação, especialmente quando o casal já possui algum problema prévio relativo à confiança, ao sexo ou, ainda, quando os parceiros têm uma percepção negativa da pornografia em si (Popovic, 2011; Stewart & Szymanski, 2012).

Pesquisas indicaram que o uso excessivo de pornografia pode ter impactos negativos no relacionamento (Stewart & Szymanski, 2012; Hilton, 2013; Olmstead *et al.*, 2013; Şenormanci *et al.*, 2014); algumas destas utilizaram como população sujeitos com consumo patológico – como o uso dessas pessoas está acima da média da população supõe-se que suas atitudes relativas a isso também estejam fora da média. Faz-se mister, então, a atenção na recepção dos

resultados destes estudos, de modo a não generalizar para a população geral os efeitos encontrados entre pessoas que fazem uso excessivo de pornografia.

Pyle e Bridges (2012) buscaram investigar se os efeitos negativos da pornografia são diferentes dos produzidos por outros comportamentos compulsivos, como uso de maconha. Concluíram que a maior frequência do uso, maior segredo e menor disponibilidade do parceiro para interação foram os fatores que, de forma similar nos dois tipos de comportamento, impactaram os relacionamentos. Parece que, independentemente da experiência em análise, o uso excessivo e, notadamente, o segredo, tende a criar problemas na relação (Limacher & Wright, 2006; Levine, 2010; Popovic, 2011).

Uma das preocupações identificadas com o uso de pornografia é que esta, ao reproduzir a expressão da cultura patriarcal do mundo atual, possa influenciar a compreensão dos papéis de gênero e comportamentos sexuais esperados em um relacionamento, partindo da premissa de subordinação das mulheres, normatizando-as, contribuindo, assim, com situações de objetificação e de violência (Bonomi *et al.*, 2014; Braithwaite *et al.*, 2015; DeKeseredy, 2015; Hald & Malamuth, 2015). Essa ‘reprodução’ das condutas socialmente aceitas não se limita ao relacionamento amoroso – são voltadas para ele, mas também tem efeitos na internalização daquilo que é retratado nos meios midiáticos.

Alguns dos artigos selecionados apontaram a idealização do *setting* pornográfico, resultando em pressão pelos próprios sujeitos em alcançarem um corpo ideal, um desempenho ideal, uma relação sexual ideal com um parceiro ideal (Bonomi *et al.*, 2014; DeKeseredy, 2015; Elder *et al.*, 2015; Tylka & Van Diest, 2015) – todos inalcançáveis, gerando uma percepção de si negativa e ansiedade e insegurança no estabelecimento de relações mais próximas (El Far, 2007; Grov *et al.*, 2011; Staley & Prause, 2013; Tylka, 2015). Uma das pesquisas apontou, ainda, que homens em relacionamento tendem a preferir a pornografia ao sexo real – quando comparados, o pornô parece mais emocionante, com sua fonte infinita de mulheres e atos

sexuais diversificados (Sun *et al.*, 2015). É importante observar que estes modelos idealizados não são exclusivos da pornografia, mas permeiam toda produção midiática.

Aspectos positivos percebidos do uso de pornografia no relacionamento foram encontrados em 19 artigos (42%) e foram agrupados nas seguintes categorias:

1. Sexualidade (44%): expressões que indicaram benefícios à vida sexual e ao desenvolvimento da sexualidade, como *diversificação sexual, apimentar a relação, maior satisfação sexual*, etc. São efeitos diretos na vida sexual dos indivíduos, além de incorporado pelos casais em suas relações sexuais.

2. Desenvolvimento pessoal (31%): referências à diversificação dos recursos pessoais através da utilização de pornografia, como *aprendizado, normalização, autoestima, confiança*, etc. Remeteu à ampliação dos horizontes sexuais com o pornô como fonte de aprendizado, de normalização e validação de desejos e fantasias e de avaliação positiva de si e do próprio comportamento sexual.

3. Benefícios ao relacionamento (25%): termos vinculados ao relacionamento, tais como: *melhor comunicação, maior dedicação, maior intimidade*, etc. Aponta as possíveis contribuições do consumo de pornografia ao relacionamento, como uma forma de maior aproximação dos pares.

Na pesquisa de Staley e Prause (2013) foram investigados os efeitos na excitação de adultos (homens e mulheres) após a exibição de um de dois tipos de filme: erótico ou emocionante (não-erótico). Ambos resultaram em aumento equivalente na excitação, sendo o erótico classificado como um pouco mais excitante e provocando no participante maior desejo de estar com o parceiro. Supõe-se, dessa maneira, que o efeito excitatório não se restringe aos filmes de sexo explícito.

Para muitas pessoas, a pornografia pareceu ser a principal fonte de informação sexual – "pornô é como uma escola televisionada para o sexo" (fala de um participante da pesquisa de

Elder *et al.*, 2015). Auxilia na diversificação das práticas sexuais (Chi *et al.*, 2012; Mowlabocus *et al.*, 2013; Olmstead *et al.*, 2013; Elder *et al.*, 2015), na confrontação e normalização dos desejos (Weinberg *et al.*, 2010; Elder *et al.*, 2015). Também é ferramenta para que os casais falem sobre suas fantasias (Fahs & Gonzalez, 2014) e para a comunicação na relação, aproximando os parceiros (Benjamin & Tlusten, 2010; Grov *et al.*, 2011; Popovic, 2011; Elder *et al.*, 2015).

Quer se tome a pornografia numa perspectiva mais negativa, de implicações morais, exploração, danos e riscos, ou positiva, como ampliação das possibilidades sexuais e desenvolvimento pessoal, o que se percebe é um fenômeno complexo. Trata da sexualidade humana, algo multifacetado e culturalmente construído – e sobre o qual é preciso lançar luz, para que possamos melhor compreendê-lo e, assim, utilizá-lo na construção de uma sexualidade humana mais potente e saudável.

3.2.3 Conclusões parciais

A utilização de revisão sistemática forneceu um panorama sobre o tema, destacando a diversidade de aspectos tratados, e buscou construir informações que, disseminadas, possam contribuir com a ampliação do conhecimento científico sobre o assunto e com as estratégias de intervenção utilizadas pelos profissionais de saúde e educação. O discurso sobre sexo e sua exposição, de formas veladas e explícitas, é constante, permeando toda produção midiática e influenciando a forma como as pessoas se relacionam.

Os possíveis impactos do consumo de pornografia nos relacionamentos são ainda bastante imprecisos e ambíguos. Relatórios clínicos, opinião pública e pesquisas com dados variam muito no que se referem aos presumidos efeitos negativos e positivos deste tipo de material, e ora são apresentados como risco de dissolução da relação (Maddox *et al.*, 2011;

Popovic, 2011; Olmstead *et al.*, 2013; Weinstein *et al.*, 2015), ora como fortalecedor do relacionamento (Benjamin & Tlusten, 2010; Grov *et al.*, 2011; Popovic, 2011; Elder *et al.*, 2015). Por diversas vezes, inclusive, os artigos apresentaram ambas as possibilidades.

Os resultados apontam uma discrepância entre a sexualidade ‘representada’ e a ‘real’; sugerem, ainda, que a pornografia possa ser uma fonte de informação básica sobre sexo e pode ter alguma influência sobre as práticas sexuais dos inquiridos. É preciso ampliar os canais para que se possa falar sobre a sexualidade humana, contribuindo para vivências menos limitadoras e mais saudáveis, encorajando as pessoas a discutirem sobre os possíveis benefícios e efeitos nocivos do uso desse tipo de material e o que leva ao consumo (Chi *et al.*, 2012).

A proposta de investigar as definições de pornografia utilizadas por pesquisadores e os efeitos percebidos do consumo desse material nos relacionamentos amorosos foi alcançada. Entretanto, duas possíveis limitações podem ser apontadas: a escolha das bases para busca depende da disponibilidade e da possibilidade de se refinar a pesquisa, para atender aos critérios de seleção, e tornar a investigação viável; e a multiplicidade de interpretações dos termos de busca gera retorno de muitos documentos que são excluídos da base de dados final. Outra limitação é o número de pesquisas nacionais identificado na amostra.

Considerando que tanto efeitos negativos como positivos do uso de pornografia no comportamento sexual e no relacionamento amoroso foram identificados na literatura científica, faz-se mister compreender as atitudes que homens e mulheres têm frente à pornografia, bem como verificar as vantagens e desvantagens percebidas do consumo desse tipo de material nos relacionamentos amorosos. Adicionalmente, é importante investigar de que maneira características pessoais e relacionais contribuem nas atitudes relativas a esse material e, principalmente, como esse fenômeno é manifestado no contexto brasileiro, com suas características sociais, culturais, históricas e econômicas próprias – aspectos abordados no próximo Estudo.

3.3 Estudo 2 – Atitudes frente à pornografia³

Este estudo qualitativo buscou identificar e compreender as atitudes que homens e mulheres nascidos no Brasil têm em relação à pornografia, bem como verificar as vantagens e desvantagens percebidas da utilização desse tipo de material no comportamento sexual e nos relacionamentos amorosos.

3.3.1 Método

Participantes

Foram entrevistados dez homens e dez mulheres nascidos no Brasil. A média de idade dos participantes foi de 25,7 (DP = 2,06), variando entre 23 e 30 anos. A maior parte da amostra afirmou possuir o ensino superior completo (n = 17, 85%), residir no município de Vitória (ES) (n = 12, 60%), não ter filhos (n = 15, 75%) e usar pornografia (n = 18, 90%). Do total de respondentes, 12 (60%) consideraram sua crença espiritual ou religiosa muito ou extremamente importante (M = 3,75; DP = 1,07), com mulheres (M = 4,10; DP = 0,74) apresentando médias maiores que homens (M = 3,40; DP = 1,27) de maneira não significativa ($t(18) = 1,51$; $p = 0,15$). Quando perguntados se estavam em um relacionamento amoroso no momento, 14 (70%) afirmaram estar em um relacionamento com uma pessoa do sexo oposto. Entre os homens, 2 (20%) estavam em um relacionamento com uma pessoa do mesmo sexo. Dentre os que estavam em um relacionamento, apenas entre os que estavam em uma relação heteroafetiva havia os que moravam juntos (n = 9, 56%). Mais detalhes dos participantes podem ser observados na Tabela 2.

³ Este estudo integra um artigo aceito para publicação em periódico brasileiro com classificação Qualis A2 (Revista Psico-USF).

Tabela 2

Descrição dos participantes das entrevistas

	Feminino		Masculino		Total	
	mín-máx	M (DP)	mín-máx	M (DP)	mín-máx	M (DP)
Idade						
<i>Em anos</i>	24-29	25,80 (1,93)	23-30	25,60 (2,27)	23-30	25,70 (2,06)
Crença religiosa						
Agnóstico	0	0	1	10%	1	5%
Ateu	0	0	3	30%	3	15%
Católica	2	20%	1	10%	3	15%
Cristã	1	10%	2	20%	3	15%
Espírita	2	20%	0	0	2	10%
Evangélica/Protestante	1	10%	1	10%	2	10%
Tenho uma espiritualidade	4	40%	2	20%	6	30%
Renda familiar						
1-3 salários mínimos	0	0	3	30%	3	15%
3-5 salários mínimos	3	30%	3	30%	6	30%
5-8 salários mínimos	2	20%	2	20%	4	20%
Mais de 8 s.m.	5	50%	2	20%	7	35%
Relacionamento atual						
Heteroafetivo	9	90%	5	50%	14	70%
Homoafetivo	0	0	2	20%	2	10%
Não tem	1	10%	3	30%	4	20%
Tempo de relação	mín-máx	M (DP)	mín-máx	M (DP)	mín-máx	M (DP)
<i>Em meses</i>	18-96	56,22 (24,73)	01-96	33,57 (37,97)	01-96	46,3 (32,3)
Já usou pornografia	n	%	n	%	n	%
Sim, ainda faço uso	9	90%	9	90%	18	90%
Sim, mas não uso mais	1	10%	1	10%	2	10%

Nota: Sexo: Feminino = 10, Masculino = 10. N = 20.

Instrumento

O instrumento de coleta de dados foi um roteiro de entrevista semiestruturado (Bauer & Gaskell, 2008) que continha questões referentes à definição de pornografia, finalidade, formas e impactos do uso de materiais com conteúdo sexual no comportamento sexual e no relacionamento amoroso, além das informações sociodemográficas, como idade, escolaridade e renda (Apêndice B).

Procedimentos de coleta e análise de dados

A divulgação da pesquisa foi feita por meio eletrônico (*Facebook, Whatsapp e E-mail*), através das listas de contatos dos pesquisadores e de *mailing* disparado aos programas de pós-graduação da UFES. Cada participante que compareceu foi incentivado a indicar outro da sua rede de amigos e conhecidos, utilizando a técnica de amostragem bola de neve (Bauer & Gaskell, 2008).

As entrevistas foram realizadas individualmente, em uma sala isolada, com duração média de 30 minutos. Os métodos, objetivos e procedimentos da pesquisa foram previamente esclarecidos e consentidos pelos participantes, com assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias (Apêndice A). O sigilo e anonimato foi garantido em todas as etapas da pesquisa, que foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas (protocolo: 80663417.0.0000.5542, Anexo A). Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas, e os sujeitos identificados com um novo nome iniciado pela letra J, de jovens.

As informações sobre os dados sociodemográficos foram sistematizadas com o auxílio do *software SPSS (Statistical Package for the Social Sciences)*, versão 23, para realização das análises estatísticas de descrição dos participantes. As respostas referentes à pornografia foram submetidas à análise de conteúdo, que é conceituada por Bardin (2004) como um conjunto de técnicas que objetiva identificar os conteúdos temáticos presentes em um material, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de codificação e categorização para organização e análise dos dados, e que permitem a inferência de conhecimentos relativos à temática.

De posse das transcrições, foi realizada a leitura flutuante do material transcrito; a partir deste passo e da revisão de literatura o *corpus* foi organizado em blocos por sexo, e também pelas questões do roteiro de entrevista. O conteúdo foi categorizado a partir dos recortes em unidades de registro comparáveis e com conteúdo semântico semelhante, ou seja, foi utilizada

a análise de conteúdo temática. Essas unidades foram reunidas em subcategorias e, posteriormente, em categorias, e o agrupamento progressivo das categorias resultou em quatro eixos temáticos de análise. Nos resultados, optou-se por apresentar a quantidade de participantes que mencionou cada uma das subcategorias, o que permitiu uma análise qualitativa do *corpus*. Neste caso, o foco da análise recaiu sobre a presença ou ausência do tema (Bardin, 2004).

A validação externa das categorias pode ser realizada tanto pela utilização de juízes ou pela discussão em grupos de pesquisa (Campos, 2004). No âmbito desta pesquisa foi realizada a discussão com pesquisadores experientes em pesquisas qualitativas que fazem parte de um grupo de pesquisa do PPGP/UFES, gerando as categorias de análise ora descritas.

3.3.2 Resultados

As respostas referentes à pornografia e às consequências de seu uso estão descritas a seguir, organizadas segundo os eixos temáticos, com categorias e subcategorias realçadas em negrito e em itálico, respectivamente, e resumidas nas Tabelas 3 e 4, que apresentam também as frequências de resposta. As frases entre aspas e em itálico referem-se a falas dos sujeitos entrevistados.

Tabela 3

Eixos temáticos, categorias, subcategorias da análise e número de participantes (homens)

Eixos temáticos	Categorias	Subcategorias	N
1. Definição de pornografia	1.a Conteúdo sexual		10
	1.b Mercado		2
	1.c Diversificação		1
2. Finalidade do uso	2.a Satisfação pessoal		7
	2.b Benefícios ao relacionamento		3
	2.c Aprendizado		3
	2.d “Suprir carência”		2
3. Mudanças na forma de uso	3.a Uso no início	3.a.1 Materiais físicos	6
		3.a.2 Internet	3
		3.a.3 Televisão	2
		3.a.4 Acessórios	1
		3.a.5 Texto	1
	3.b Uso atual	3.b.1 Vídeos	8
		3.b.2 Acessórios	2
		3.b.3 Imagens	2
		3.b.4 Textos	1
4. Impactos do uso no comportamento sexual / no relacionamento amoroso	4.a Negativos	4.a.1 Idealização	3 / 2
		4.a.2 Prejuízos à saúde	3 / 2
		4.a.3 Estímulo à violência	3 / 1
		4.a.4 Contrato da relação	- / 3
	4.b Positivos	4.b.1 Benefícios ao relacionamento	5 / 6
		4.b.2 Satisfação pessoal	5 / 3
		4.b.3 Aprendizado	5 / 1

Nota: No Eixo Temático 4 o número de participantes com respostas dos impactos do uso no comportamento sexual e no relacionamento amoroso nas subcategorias estão separados por uma barra (/). N = 10.

Tabela 4

Eixos temáticos, categorias, subcategorias da análise e número de participantes (mulheres)

Eixos temáticos	Categorias	Subcategorias	N
1. Definição de pornografia	1.a Conteúdo sexual		8
	1.b “Alguma coisa mais suja”		3
	1.c Mercado		1
2. Finalidade do uso	2.a Benefícios ao relacionamento		6
	2.b Satisfação pessoal		4
	2.c Aprendizado		3
	2.d “Não vejo graça”		1
3. Mudanças na forma de uso	3.a Uso no início	3.a.1 Aprendizado	7
		3.a.2 Iniciação	5
		3.a.3 Materiais físicos	3
		3.a.4 Real x Cinematográfico	1
	3.b Uso atual	3.b.1 Acessórios	7
		3.b.2 Vídeos	7
		3.b.3 Textos	4
		3.b.4 Imagens	2
4. Impactos do uso no comportamento sexual / no relacionamento amoroso	4.a Negativos	4.a.1 Idealização	4 / 4
		4.a.2 Prejuízos à saúde	3 / 2
		4.a.3 Estímulo à violência	2 / 2
		4.a.4 Contrato da relação	- / 2
	4.b Positivos	4.b.1 Benefícios ao relacionamento	6 / 5
		4.b.2 Satisfação pessoal	6 / 3
		4.b.3 Aprendizado	4 / 2

Nota: No Eixo Temático 4 o número de participantes com respostas dos impactos do uso no comportamento sexual e no relacionamento amoroso nas subcategorias estão separados por uma barra (/). N = 10.

Eixo temático 1: definição de pornografia

Nesse eixo temático foram aglutinadas as respostas que apresentaram as definições sobre pornografia e materiais pornográficos. Todos os participantes deram uma definição do que é pornografia e a maioria definiu como material com **conteúdo sexual**, que remete à sexualidade; que retrata situações que envolvam o ato sexual, inclusive com conteúdo erótico

e com sexo explícito. Respondentes de ambos os sexos também apontaram uma função de **mercado**, como um material que adapta a sexualidade para o consumo, com um objetivo mercadológico, de lucro.

Observa-se, porém, uma diferença nas respostas entre homens e mulheres. Para os homens a pornografia também é definida como **diversificação**, por ser um material que permite explorar outras dimensões da sexualidade. Já para as mulheres aparece como “*alguma coisa mais suja*”, como um material que representa algo ruim, sujo, que “*não deveria mexer*”; algo “*fora dos limites*”. Duas das entrevistadas afirmaram “*não consigo ver como ruim*”, criando suas definições a partir desta oposição.

“Pornografia seria uma produção com conteúdo de sexo explícito voltada para o consumo erótico da pessoa, para o consumo de realização sexual da pessoa, ou do casal” (José).

“A gente pensa pornô como sendo um filme, uma revista, uma coisa assim, algo que tenha um conteúdo, não com o prazer com o corpo e com o corpo do outro, mas a exploração de outras dimensões, como sendo algo talvez mais intenso” (Jonas).

“A pornografia é o que o capitalismo fez com o erotismo. É a produção do desejo, é produzir desejo lucrando em cima” (Joana).

“Pornografia é sempre alguma coisa mais suja, não sei por quê. Eu sempre associei a sujo. É uma coisa que eu não deveria mexer, digamos assim” (Jamile).

Eixo temático 2: finalidade do uso

Os entrevistados foram convidados a elucidar a finalidade do uso de materiais com conteúdo sexual e os respondentes falaram tanto sobre material pornográfico quanto sobre acessórios sexuais. Entre os homens o principal motivo apresentado foi a **satisfação pessoal**, para ter prazer, relaxar e se masturbar. Alguns apontam **benefícios ao relacionamento**, como

estímulo e variação do ato sexual, ou ainda um **aprendizado** incitado pela curiosidade e pela diversidade de situações apresentadas. Apenas entre eles o uso para “*suprir carência*” foi identificado, assinalando a utilização da pornografia quando se sentem frustrados, carentes ou sozinhos, como atividade para “*passar tempo*”, ou ainda quando a “*sexualidade está em baixa na relação*”.

“Variar um pouco as coisas, não cair na rotina. Também uma forma de incentivar a vontade, ficar mais animado, com curiosidade” (Jeferson).

“É, ou passar tempo ou quando eu estou frustrado, com um tipo de carência, vamos dizer assim, afetiva, principalmente, porque eu vejo as duas coisas uma ao lado da outra, a questão afetiva e sexual. Eu não separo as duas coisas. Então quando eu me sinto sozinho eu vejo ou tento pensar em outra coisa para não ver” (Jonas).

Entre as mulheres a subcategoria com maior frequência é **benefícios ao relacionamento**: usam por incentivo do companheiro; pelo tipo ou qualidade da relação, que traz confiança para esse uso e permite liberdade para explorar a sexualidade; ou ainda como forma de agradar o parceiro, além de servir de estímulo à diversificação na vida sexual do casal. Indicam a **satisfação pessoal** através do prazer, do aumento da autoestima e da masturbação. Mencionam também o **aprendizado** excitado pela curiosidade; o conhecimento permite escolhas mais qualificadas, ao descobrir do que se gosta; um questionamento do que pode ou não fazer e do que é ser mulher. Apenas entre elas surgiu a resposta “*não vejo graça*” no uso desse material.

“Eu acho que dá mais prazer, pros dois, e também pra gente se sentir atraente, eu acho que tem a ver com autoestima também no meu caso, eu gosto de colocar uma roupa e me sentir bem e é uma coisa que eu sei que ele gosta, então como os dois gostam eu acho que rola, que é bom” (Jurema).

“Hoje em dia eu faço escolhas mais específicas, não é mais qualquer escolha, então eu sei o que me atrai, o que me agrada, o que não me agrada. Então, eu vou me conhecendo melhor, ganhando mais consciência corporal pra usar tudo” (Jéssica).

Eixo temático 3: mudanças na forma de uso

Foram questionadas as mudanças na forma de uso de material com conteúdo sexual ao longo da vida, entre quando começou a usar e o uso atual, o tipo de material utilizado e também as formas de acesso. Entre os homens, todos iniciaram o uso na adolescência e contam terem tido dificuldade na aquisição de vídeos, revistas e livros, em virtude da idade. O **uso no início** foi majoritariamente de *materiais físicos*, como revistas, VHS's e DVD's, que podiam ser carregados, emprestados, levados para a escola, trocados com os amigos – muitas vezes “*escondido*”. Alguns relatam o uso de fotografias e vídeos vistos na *internet*, com algumas limitações: a navegação era lenta, através de conexão discada, e geralmente havia apenas um computador disponível na residência, localizado em um cômodo de uso comum. Outra fonte recorrente era a *televisão* através da programação da madrugada em alguns canais, com conteúdo sexual não explícito. Foram citados, ainda, lubrificante e camisinha (*acessórios*) e literatura erótica (*texto*).

“Tudo começa na escola com as revistas. Aí depois você vai pra casa de um colega, aí mostra uma coisa, mostra outra” (Júlio).

“Antigamente, por exemplo, eu não podia quando era mais novo, obviamente antes de fazer 18 anos, eu não podia comprar, pouquíssima coisa de literatura era vendida assim sem restrição e quando era, era muitas vezes porque a pessoa envolvida nessa questão de compra e venda não sabia do contexto erótico daquela obra” (Jorge).

Em relação ao **uso atual**, entre os homens, a principal mudança observada foi na forma de acesso; antes era um material mais físico, hoje mais virtual e com possibilidade de interação.

Nove dos entrevistados usam a internet como fonte para o uso de pornografia, principalmente *vídeos* vistos em sites e através de redes sociais, como o *Whatsapp*. Os dois sujeitos em relações homoafetivas relatam como principal mudança o tipo de material escolhido: antes assistiam vídeos com conteúdos heterossexuais, hoje selecionam os exclusivamente homossexuais. Há ainda a utilização de *acessórios*, como cremes, gel e fantasias para incrementar a relação, e lubrificantes e camisinha, para prevenção. Alguns homens relatam o uso de *imagens* em revistas masculinas e fotografias em sites, e ainda *textos* através de livros eróticos e blogs na internet.

“Vídeo é fácil de acessar porque a gente consegue na internet, então não tem nenhum tipo de exposição e nenhum tipo de julgamento quanto a isso” (Jonas).

“Vídeo e também acessórios. [...] Creme, gel, aquelas coisinhas que explodem” (Jeferson).

Entre as mulheres o **uso no início** apresentou-se como ambíguo; se por um lado foi um meio de *aprendizado*, motivado pela curiosidade, que aumenta o conhecimento sobre o próprio corpo e o corpo do outro, sobre prazer e liberdade, por outro despertou sensações como timidez, vergonha, arrependimento e culpa. Algumas mulheres contam que usaram para conhecer o que é sexo e como se faz, antes de fazer sexo *“de verdade”*. Metade das entrevistadas não havia usado nenhum material com conteúdo sexual antes do relacionamento com o parceiro atual (*iniciação*). Uma das mulheres relata que iniciou o uso durante a gestação, com o aumento da libido em virtude dos hormônios. As respondentes relataram que no início usavam mais *materiais físicos*, como revistas, VHS's e DVD's. Também foi mencionada a forma como o material pornográfico é produzido, com uso de maquiagem, luzes e *photoshop* que permite uma diferenciação entre *real e cinematográfico*.

“É interessante porque eu nunca tinha usado anteriormente, mas eu acho que desde o começo do namoro a gente teve muita liberdade de conversar isso um com o outro,

como eu acho que no meu relacionamento a gente tem muita liberdade de conversar, eu acho que isso ajudou” (Jurema).

“Quando eu comecei a usar eu ainda tinha muita vergonha, tinha muito tabu e a aproximação com o material ainda me provocava emoções que falavam de uma sexualidade que sempre essa coisa assim do não pode, de cuidado, é feio, você é mulher. Então, era uma aproximação do tipo criança descobrindo o espaço, você pode e não pode, eu vou e volto, e hoje em dia é mais tranquilo” (Jéssica).

Em relação ao **uso atual**, há uma diversidade de tipos de materiais utilizados pelas mulheres: *acessórios*, como óleos, cremes, brinquedos e lingerie, objetivando incrementar e diversificar a relação sexual; e também *vídeos*, pela internet e pelas redes sociais, como o *Whatsapp*. Uma das respondentes diz usar vídeos com restrições, pois lhe faz mal a forma como as mulheres são tratadas majoritariamente na pornografia: como um objeto sexual para satisfação masculina. Algumas mulheres relatam o uso de *textos*, como livros eróticos e informação acadêmica, além do uso de *imagens*, através de fotografias em sites da internet.

“Ganhei de aniversário um consolo, vibrador, eu uso isso, óleos pra massagem, gosto de usar até coisa mais de fetiche, tipo uma mascarazinha, alguma coisa assim, quase todos os tipos, eu vou experimentando, joguinhos também, tipo baralho, dadinho, um monte de coisa” (Jandira).

“Assistir vídeos, a gente busca informação acadêmica mesmo sobre isso, a gente lê e pesquisa e a gente procura ver algumas coisas da cultura oriental sobre a sexualidade” (Joana).

Eixo temático 4: impactos do uso no comportamento sexual e no relacionamento amoroso

Os respondentes foram convidados a dar sua opinião sobre como o uso de material com conteúdo sexual poderia ter alguma influência prejudicial ou benéfica ao comportamento sexual

dos indivíduos e aos relacionamentos amorosos. As subcategorias elencadas para comportamento sexual e para relacionamento amoroso se sobrepuseram – à exceção de *contrato da relação* – e, por isso, foram unificadas em um único eixo temático. Tanto homens quanto mulheres citaram aspectos negativos e positivos semelhantes, que são apresentados a seguir.

Entre os entrevistados houve homens e mulheres que disseram não perceber efeitos **negativos** do uso no comportamento sexual (homens=2; mulheres=2) e no relacionamento amoroso (homens=3; mulheres=1). Um dos aspectos levantado por ambos foi a *idealização* na comparação do próprio corpo com o corpo dos atores e suas performances, que pode alimentar a insegurança, abalar a autoestima, gerar cobranças na relação e instigar uma forma e um desempenho artificial ao perceber que “*a vida real não é assim*”. Foram indicados, ainda, *prejuízos à saúde* física e mental com o uso excessivo do material, destacando a preocupação com o desenvolvimento de um vício e suas consequências. Outra preocupação é que o uso de pornografia pode mudar a forma de se relacionar com as mulheres, colocando-lhes em condições objetais, de submissão e, assim, *estimular a violência* contra elas, ou ainda pode contribuir com situações de desrespeito ao outro, quando um dos envolvidos se sente estimulado e busca forçar o outro a fazer algo que não deseja. Também foram indicadas ameaças à manutenção da relação e as perdas sofridas por ela em virtude do uso de pornografia por um ou ambos os companheiros, como quando um destes não concorda com seu uso ou o considera como traição, como uma quebra no *contrato da relação*.

“[...] *prejudicar no sentido de cobrança, tanto do parceiro idealizar aquilo, então ele cobrar da parceira aquelas performances, ou a parceira cobrar dele aquela expectativa que o vídeo [gera], e sobre a pornografia, muitos jovens o primeiro contato com a sexualidade é através da pornografia, então já idealiza aí*” (Janaina).

“*As pessoas viciam no conteúdo pornográfico. Tem pessoas que só conseguem ter ereção vendo um filme pornográfico*” (Joaquim).

“Eu acho que só se algum forçar o outro a fazer, sem querer” (Jamile).

“Pode prejudicar caso os dois não concordem, ou um material que um dos dois ache ofensivo” (Jeferson).

Quanto aos efeitos **positivos**, apenas um dos homens disse não os perceber, para nenhum dos aspectos. Todas as participantes relataram perceber efeitos positivos do uso tanto no comportamento sexual quanto no relacionamento amoroso. Homens e mulheres indicaram *benefícios ao relacionamento*, tanto na vida sexual, como incentivo para tentar algo diferente, *“sair da rotina”* com criatividade, desinibindo e melhorando o sexo, incrementando a relação; quanto na intimidade, como estratégia para aumentar o diálogo entre o casal e promover maior proximidade, cumplicidade e *“autoconhecimento do casal”*, além de ser um momento de entretenimento e diversão, se ambos gostarem. Um dos entrevistados que mantém um relacionamento monogâmico à distância disse que o uso de pornografia o auxilia na manutenção da fidelidade. Afirmaram que o uso contribuiu com a *satisfação pessoal*, através da diversificação dos recursos pessoais, como aumento da autoestima; normalização e validação de desejos e fantasias, ao perceber que *“não é só você que sente isso”*; como possibilidade de *“se soltar”*, ter prazer e perceber que também tem *“direitos na cama”*; além do uso para masturbação, para *“aliviar a tensão”*, facilitando o orgasmo feminino. Contribuiu, ainda, com a ampliação dos horizontes sexuais, pois pode ser fonte de *aprendizado*, conhecimento e descobertas sobre si mesmo e também sobre o corpo do outro.

“É de repente ver e mostrar, eu acho isso legal, de conversar mesmo, trocar, porque eu acho que essa abertura que é bacana, de poder assistir junto [filme pornográfico] e falar eu acho isso aqui legal [...]” (Julieta).

“Talvez a questão da autoestima, de pensar que eu não sou como aquele ator pornô, mas eu posso ser aquele amante desejável, alguém que cause aquela sensação que a mulher pode ter” (Jonas).

“Antes de meu atual parceiro eu nunca tinha ouvido falar em masturbação feminina, eu nunca tinha ouvido falar, e aí ele falou: assiste um vídeo, vê como é que é; e, se você gostar, faça. Não precisa me falar se fez, e se achar interessante, fale, e para mim foi interessante” (Joana).

“[...] eu me conheço melhor e descubro aonde eu sinto mais prazer, prazer mais rápido, e quando eu tiver um parceiro eu tenho mais propriedade sobre o meu corpo” (Jaime).

3.3.3 Discussão parcial

A partir do conjunto de dados verificou-se que a maioria dos participantes definiu pornografia, assim como os acessórios sexuais, como um material com conteúdo sexual. Tal definição de pornografia é semelhante à encontrada no meio científico (Muusses *et al.*, 2015), como identificado no estudo anterior.

No que diz respeito à aproximação com esse tipo de material, para as mulheres, essa foi feita de forma ambígua. Por um lado, como algo que pode contribuir para um processo de descobertas e expansão das possibilidades sexuais. O uso de acessórios sexuais, por exemplo, apareceu como muito importante para as mulheres neste sentido (e é mais comum do que entre os homens); além disso, pode influenciar a autoestima e a satisfação. Neste sentido, a pornografia funciona como meio de aprimoramento sexual, conforme sugerido por Træen *et al.* (2004). Por outro lado, representa algo sujo, ruim, que traz sensações de vergonha e culpa. Essa barreira é nítida quando se percebe que metade das entrevistadas nunca havia usado qualquer material com conteúdo sexual antes do relacionamento com o parceiro atual. Essa contraposição diz respeito à percepção do uso de pornografia como uma questão moral, como apontado por Træen *et al.* (2004).

Parece haver, então, um importante componente sociocultural que influencia a escolha de usar ou não esse tipo de material. Isso pode ser explicado em parte pela socialização feminina que é mais restritiva nas experimentações de sua sexualidade se comparada com a socialização masculina (Oliveira & Amâncio, 2002; Petersen & Hyde, 2010). Tais resultados podem indicar uma atitude mais positiva dos homens frente à pornografia quando comparado às mulheres, resultado este já previamente observado na literatura (Træen *et al.*, 2004; Byers & Shaughnessy, 2014), como resultado das crenças construídas no processo de socialização. Apesar das avaliações desfavoráveis sobre o tema, como “*alguma coisa mais suja*”, que “*não vejo graça*”, as mulheres fazem uso do material com conteúdo sexual e relataram benefícios ao comportamento sexual e ao relacionamento amoroso. Assim, a predisposição negativa mobilizada pela atitude não impediu a expressão comportamental, pois existiram disposições pessoais e fatores situacionais que foram decisivos para a ação (Ajzen, 2001; Pessoa *et al.*, 2013).

Para as mulheres parece ser a qualidade da relação, associada ao estímulo do companheiro, que possibilitou a exploração do uso de materiais pornográficos, ainda que como forma de agradar o parceiro. Verificou-se que para algumas mulheres a busca se deu pela curiosidade e para satisfação do próprio desejo; para outras, apesar de não terem interesse no material, o fizeram pelos benefícios à relação e à vida sexual do casal. Esse comportamento parece ser reflexo das crenças e atitudes sobre sexo e relacionamento. Neste sentido, a literatura demonstra que o sexo pode ser considerado uma prova de amor pelo parceiro (Paiva *et al.*, 2008), ou ainda que seja papel da mulher prezar pela manutenção da relação e ceder às demandas do parceiro, o que possibilita um controle sobre seu corpo e suas escolhas (Narvaz & Koller, 2006). Petty e Cacioppo (2018) sugerem que as expectativas de outras pessoas podem ser fundamentais para mudanças de atitudes acerca de um objeto, assim como experiências pessoais diretas com o mesmo.

Em contrapartida, a aproximação dos homens à pornografia se deu desde muito jovens, a partir do acesso a revistas, filmes e livros, que foram trocados entre colegas. O conhecimento e manipulação destes materiais tornaram o assunto comum, reduzindo tabus e preconceitos sobre seu uso, e a pornografia aparece como uma fonte de informações sobre o sexo. Esses resultados de fato demonstram que a socialização masculina é mais permissiva nas experimentações de sua sexualidade, com estímulos para que a explorem nas diferentes interações sociais (Oliveira & Amâncio, 2002; Santos *et al.*, 2016), apresentando atitudes sexuais mais permissivas que as mulheres, especialmente para comportamentos autoeróticos, como masturbação e uso de pornografia (Petersen & Hyde, 2010). Entre eles, o uso principal foi para satisfação pessoal. Neste sentido, as experiências pessoais com a pornografia e o “clima social” gerado pela socialização masculina tornam o uso deste material mais aceitável para os homens (Træen *et al.*, 2004; Pessoa *et al.*, 2013).

Apenas entre os homens foi identificado o uso da pornografia para “*suprir carência*”, consonante com outras pesquisas já realizadas. Popović (2011) traz evidências que homens (e, eventualmente, algumas mulheres) podem ser atraídos para a pornografia quando se sentem solitários e frustrados sexualmente. Muusses *et al.* (2015) assinalam que maridos em relacionamentos insatisfatórios utilizam mais pornografia e que o maior uso de pornografia pelos maridos contribui para a insatisfação, em um efeito aparentemente recíproco. Neste contexto, o uso talvez funcione como uma maneira de escapar do relacionamento insatisfatório, sendo a pornografia uma alternativa atraente para a baixa de atividades sexuais no relacionamento. Outra pesquisa aponta, ainda, que alguns homens em relacionamento tendem a preferir a pornografia ao sexo real; como uma fonte infinita de mulheres e atos sexuais diversificados, a pornografia parece mais emocionante (Sun *et al.*, 2015), além de não demandar um investimento (emocional, sexual, de tempo, entre outros) na relação real com a parceira.

Uma preocupação de homens e mulheres com o uso de pornografia foi que esta, ao reproduzir a expressão da cultura patriarcal, possa influenciar a compreensão dos papéis de gênero e comportamentos sexuais esperados em um relacionamento, partindo da premissa de subordinação das mulheres, normatizando-as, colocando-lhes em condições objetivas, de submissão e, assim, estimular a violência, ou ainda contribuir com situações de desrespeito no relacionamento, nas quais um dos parceiros pode ser forçada a fazer algo que não deseja. Essa associação entre consumo de pornografia e comportamento violento já foi identificada na literatura. Em outras palavras, o uso de pornografia em excesso está associado a atitudes de apoio a violência contra a mulher (DeKeseredy, 2015) e comportamento sexual agressivo em homens que tem baixos escores para agradabilidade (Hald & Malamuth, 2015).

Homens e mulheres elencaram como impacto negativo o uso excessivo do material com conteúdo sexual e um possível prejuízo à saúde física e mental, destacando a preocupação com o desenvolvimento de um vício e seus efeitos. Tal impacto negativo nos relacionamentos e na saúde física e mental já foi observado na literatura, pela menor disponibilidade do parceiro para interação e, especialmente, pelo uso em segredo (Popović, 2011; Pyle & Bridges, 2012), além de outras consequências danosas decorrentes de um vício, como isolamento social, dificuldade no cumprimento das atividades diárias e apenas alcançar a excitação sexual com o uso de pornografia (Hilton, 2013; Şenormanci *et al.*, 2014).

Não é possível generalizar os prejuízos a todo relacionamento, pois cada relação tem a sua dinâmica. Embora o uso de pornografia possa ser considerado traição quando os envolvidos não concordam com o seu uso, e ser classificada como quebra de confiança, para um dos sujeitos desta pesquisa, por exemplo, a utilização de pornografia é benéfica ao relacionamento na medida em que favorece a manutenção da monogamia enquanto o casal está distante. É possível que algumas das ameaças percebidas à manutenção da relação em virtude do uso de pornografia por um ou ambos os companheiros sejam reflexos da condição da relação,

notadamente quando o casal já possui algum problema prévio relativo à confiança, ao sexo ou, ainda, quando os parceiros têm uma percepção negativa da pornografia em si (Muusses *et al.*, 2015), uma vez que esta interpretação depende de características individuais e socioculturais.

Outro aspecto negativo levantado por ambos foi a idealização do *setting* pornográfico, que não é reproduzível numa relação sexual real. Diversas pesquisas indicam que essa comparação com um corpo ideal, um desempenho ideal e um parceiro ideal resultam em pressão nos indivíduos e naqueles com os quais se relaciona, contribuindo com cobranças na relação (Bonomi *et al.*, 2014; DeKeseredy, 2015; Tylka & Van Diest, 2015) gerando uma percepção de si negativa, abalando a autoestima, e trazendo insegurança no estabelecimento de relações mais próximas (Groves *et al.*, 2011; Staley & Prause, 2013; Tylka, 2015). Embora a internalização destes modelos idealizados não seja exclusiva da pornografia, visto que permeia toda produção midiática, parece ser intensificado neste aspecto, pela sua grande disponibilidade, em especial na internet (Groves *et al.*, 2011; Popović, 2011).

As preocupações com os impactos negativos do uso estiveram presentes nos discursos dos homens e mulheres entrevistados, na medida em que a pornografia parece ser uma fonte de informação sobre sexo e ter uma influência nas práticas sexuais. Os prejuízos apontados seriam decorrentes da comparação de uma sexualidade cinematográfica com uma sexualidade real. Essa discrepância aponta para a necessidade de incluir o uso de pornografia como tópico de educação sexual, ensinando sobre as influências da mídia e o não-realismo desse material, sobre a sexualidade representada e a sexualidade vivida, discutindo sobre o que leva ao uso e quais são os possíveis benefícios e efeitos nocivos desse tipo de consumo (Chi *et al.*, 2012).

Entre os entrevistados, a pornografia parece ser a primeira fonte de informação sexual, contribuindo com o aprendizado sobre práticas sexuais e descobertas sobre si mesmo e sobre o corpo do outro, dados já encontrados em pesquisa anterior (Elder *et al.*, 2015). Os acessórios sexuais também cooperam nesse processo de exploração sensorial e de ampliação dos

horizontes sexuais. Esse conhecimento colabora com a satisfação pessoal, não apenas através da masturbação, mas como ferramenta de diversificação das práticas sexuais (Chi *et al.*, 2012; Olmstead *et al.*, 2013) e de normalização e validação de desejos e fantasias sexuais (Elder *et al.*, 2015).

Homens e mulheres indicaram que o uso de material com conteúdo sexual traz benefícios ao relacionamento. Esse resultado também foi encontrado em pesquisas anteriores. A diversidade de situações que podem ser retratadas com este material contribui para a criatividade do casal, convidando a “*sair da rotina*” (Chi *et al.*, 2012), além de funcionar como ferramenta para que os casais falem e experimentem suas fantasias (Fahs & Gonzalez, 2014) e para aumentar o diálogo entre o casal e promover maior proximidade e cumplicidade (Groves *et al.*, 2011; Popović, 2011).

3.3.4 Conclusões parciais

A percepção dos respondentes sobre a pornografia e as consequências de seu uso indicam uma perspectiva tanto de prejuízos quanto de benefícios, consonante com outras pesquisas realizadas sobre essa temática, semelhante às categorias identificadas no Estudo anterior. A pornografia aparece ora como negativa, estimulando comportamentos violentos, idealizados ou levando ao vício, ora como positiva, contribuindo com o aprendizado sobre sexualidade e fortalecendo as condutas sexuais e os relacionamentos amorosos.

Os entrevistados, tanto homens quanto mulheres, elencaram preocupações e contribuições de forma semelhante e, sugeriram que características pessoais possam ser elementos importantes na avaliação do consumo desse tipo de material. O sexo parece ser uma dessas características de grande importância, pela forma como os sujeitos se aproximam e iniciam o uso do material, por exemplo.

Na avaliação das vantagens e desvantagens percebidas do uso de pornografia, os participantes incluíram também em suas respostas os acessórios sexuais que, embora sejam produtos de natureza sexual, não representam um material sexualmente explícito, o que pode ser considerado uma limitação deste estudo. Tal situação reforça mais uma vez a dificuldade em se estabelecer uma definição clara do que seja pornografia.

As atitudes majoritariamente positivas encontradas frente à pornografia nesse estudo podem estar associadas à faixa etária dos participantes, por serem pessoas mais jovens (Træen *et al.*, 2004) e que já fizeram uso desse tipo de material (Byers & Shaughnessy, 2014). Outra possível limitação desta pesquisa é que a chamada para as entrevistas foi feita de forma aberta e a maioria dos entrevistados e entrevistadores não se conheciam. Estes indivíduos aceitaram conversar com desconhecidos sobre sua sexualidade, o que nos leva a refletir que esse público em particular tem uma postura mais aberta para o diálogo sobre sexo.

Este Estudo não pretende esgotar tal discussão, mas trazer elementos para enriquecê-la, auxiliando na compreensão da realidade brasileira. Os próximos Estudos colaboram com o debate ao ampliarem o público-alvo investigado, com especial atenção aos elementos específicos trazidos por homens e mulheres, correlacionando-os com outros fatores que possam influenciar estas atitudes. O conjunto de informações levantados neste Capítulo possibilitou identificar as definições (científica e social) do que é pornografia, os benefícios e prejuízos percebidos pela utilização deste material e as variáveis relevantes que serão inseridas nos Estudos seguintes.

CAPÍTULO 4

PREDIZENDO A SATISFAÇÃO NO RELACIONAMENTO AMOROSO:

O IMPACTO DO USO DE PORNOGRAFIA

Este capítulo tem como objetivo prever a satisfação no relacionamento amoroso com base nos construtos identificados como relevantes nos estudos anteriores, abaixo apresentados. Utilizou-se da construção de um questionário *online* que integra diversas escalas previamente validadas com novos instrumentos. É composto por três estudos: o Estudo 3, que apresentou evidências de validade de dois dos instrumentos utilizados para compor o questionário final: o Índice de Satisfação Sexual (ISS) e a Escala de Atitudes frente à Pornografia (EAP), desenvolvido especialmente para esta tese, através de análises fatoriais exploratórias e confirmatórias; e os Estudos 4 e 5, que buscaram descrever o uso e as atitudes frente à pornografia e características do relacionamento amoroso dos participantes, bem como apresentar um modelo que auxiliasse na compreensão da satisfação com o relacionamento amoroso e a contribuição do uso e das atitudes frente à pornografia nesta avaliação. Enquanto o Estudo 4 analisou indivíduos, o Estudo 5 analisou casais, considerando a interdependência dos parceiros na díade amorosa.

4.1 Construtos analisados

Esta seção apresenta os construtos relevantes identificados nos estudos anteriores e que compõem as análises deste capítulo, objetivando compreender as variáveis preditivas da satisfação com o relacionamento amoroso e a influência do uso e das atitudes frente pornografia nessa avaliação. O construto principal mensurado, então, é a satisfação no relacionamento amoroso, considerada como uma avaliação cognitiva positiva da relação, um tema relevante e

complexo (Cassepp-Borges & Pasquali, 2011). Conhecer as variáveis que afetam esta satisfação é importante para a psicologia e para a aplicação prática da mesma, nos contextos clínicos e educacionais, com indivíduos e casais.

Para mensurar a satisfação no relacionamento foi utilizada a Escala de Avaliação de Relacionamento, desenvolvida por Hendrick (1988). Ela adaptou o Questionário de Avaliação Conjugal, com aplicação restrita a casais, para relacionamentos românticos em geral, em uma escala unifatorial. Cassepp-Borges e Pasquali (2011) validaram a tradução desse instrumento através de uma pesquisa com uma amostra de 1.549 participantes de 12 estados brasileiros e do Distrito Federal, apresentando a versão traduzida boa precisão. A EAR é, portanto, um instrumento simples, curto e útil para avaliar a satisfação com o relacionamento amoroso também no Brasil.

As variáveis analisadas para a composição de um modelo de predição da satisfação com o relacionamento foram agrupadas em três blocos: 1) individuais – autoestima, culpa sexual e importância da crença religiosa ou espiritual; 2) relacionais – componentes do amor e satisfação sexual; e 3) pornográficas – uso e atitudes frente à pornografia.

1. *Variáveis Individuais*

a) *Autoestima*

A autoestima representa um conjunto de sentimentos e pensamentos do indivíduo sobre seu próprio valor, competência e adequação, refletidos em uma atitude positiva (autoaprovação) ou negativa (depreciação) em relação a si mesmo (Rosenberg, 1989; Kernis, 2005). Pesquisas apresentam a autoestima como um importante preditor de resultados favoráveis em áreas como trabalho, relacionamentos interpessoais e desempenho acadêmico (Trzesniewski, Donnellan & Robins, 2003). Baumeister, Campbell, Krueger e Vohs (2003) ponderam que as correlações

entre autoestima e desempenho escolar não garantem que a alta autoestima leve a um bom desempenho, mas que talvez a alta autoestima seja, em parte, o resultado de um bom desempenho escolar. Esses autores encontraram uma forte relação da autoestima com a felicidade, embora a causa não seja claramente estabelecida. Para Hutz e Zanon (2011), é possível que o desenvolvimento da autoestima dependa do sucesso da interação com pares.

A autoestima foi identificada como um preditor importante de satisfação sexual e no relacionamento (Miranda, 1987; Higgins *et al.*, 2011), e se correlacionou de maneira negativa com a culpa sexual (Scroggs, Madrigal & Faflick, 2018). O uso de pornografia parece prejudicar a autoestima de quem a utiliza (Groves *et al.*, 2011; Staley & Prause, 2013; Tylka, 2015) e também de seu par amoroso (Stewart & Szymanski, 2012). Esta variável apareceu nos Estudos 1 e 2 como influenciada pela utilização da pornografia. Por um lado, o efeito positivo seria o aumento da autoestima pela diversificação dos recursos pessoais e sexuais promovida pelo uso de pornô. Por outro lado, seu uso pode gerar comparações pela idealização deste conteúdo, fragilizando a autoestima.

Para mensurar este construto foi utilizada a Escala de Autoestima de Rosenberg, desenvolvida por Rosenberg (1989), validada para o Brasil por Hutz e Zanon (2011), em uma pesquisa com 1.151 estudantes moradores da Região Sul do país, com idade entre 10 e 30 anos. A versão brasileira encontrou bons indicadores para sua utilização, de maneira unifatorial, composta por 10 itens sobre sentimentos de autoestima e de autoaceitação.

b) Culpa Sexual

Mosher (1966) foi o primeiro cientista a quantificar a culpa e desenvolver hipóteses testáveis para medi-la, sugerindo que haviam três disposições da personalidade relativas a ela: culpa hostil, consciência moral e culpa sexual. A culpa sexual, construto utilizado nesta pesquisa, foi definida como uma expectativa generalizada de punição automediada pela

violação ou pela antecipação da violação dos padrões adequados de conduta sexual (Mosher & Cross, 1971). A culpa sexual pode levar as pessoas a resistir às ‘tentações sexuais’ e, assim, desencorajá-las de se envolver em comportamentos sexuais ou, caso estejam engajadas em comportamentos sexuais que considerem errados – de acordo com seus padrões – experimentarem sentimentos de tensão, remorso, preocupação e vergonha (Mosher, 1966; Mosher & Cross, 1971), uma miríade de emoções negativas.

A culpa sexual é ampliada psicologicamente em cenas que envolvam a consciência da excitação sexual, os afetos de excitação e prazer, e o efeito da vergonha, que aparece na consciência como culpa devido às suas associações com as cognições morais sobre a conduta sexual apropriada (Janda & Bazemore, 2011; Mosher, 2011). Pesquisas sobre essa variável correlacionaram-na de maneira positiva à importância da crença religiosa ou espiritual, com indivíduos mais religiosos apresentando maiores escores de culpa (Grubbs, Sessoms, Wheeler & Volk, 2010; Carmo, 2011; Baumel, 2014). A culpa sexual também influencia negativamente a autoestima (Scroggs *et al.*, 2018) e a satisfação sexual e no relacionamento (Higgins *et al.*, 2010; Higgins *et al.*, 2011), e contribui com mais afetos de culpa e vergonha frente ao uso de pornografia (Byers & Shaughnessy, 2014). Este construto surgiu nas falas das mulheres no Estudo 2, nas quais elencaram sensações de timidez, vergonha, arrependimento e culpa frente ao pornô, indicando a percepção desta utilização como uma questão moral (Træen *et al.*, 2004).

Considerando o impacto da culpa na vida sexual dos indivíduos, apresentada na literatura, associada à importância dada pelos brasileiros para crença religiosa ou espiritual (IBGE, 2018), e o surgimento deste construto nas entrevistas do Estudo 2, esta variável foi incluída na análise da satisfação com o relacionamento amoroso, não apenas com uma escala específica de mensuração de culpa sexual, mas também como itens para mensuração dos afetos de culpa e vergonha frente ao pornô, na Escala de Atitudes frente à Pornografia. Foi utilizada a versão reduzida da Escala Mosher Abreviada de Culpa Sexual, desenvolvida por Janda e

Bazemore (2011) e validada por Baumel (2014) em uma pesquisa com 1796 brasileiras, com idades entre 18 e 66 anos, de todas as regiões do país.

c) Importância da crença religiosa ou espiritual

Este construto foi avaliado através de um item do questionário sociodemográfico: “Qual o grau de importância da crença religiosa ou espiritual em sua vida?”, com cinco opções de respostas, variando entre “extremamente importante” e “sem importância”. A importância da crença religiosa ou espiritual está associada na literatura com a culpa sexual (Baumel, 2014), visto que pessoas religiosas apresentam tendências sexuais mais conservadoras (Guerra *et al.*, 2012). Indivíduos religiosos possuem menos satisfação sexual (Higgins *et al.*, 2010), mais atitudes negativas frente ao pornô e mais afetos de culpa e vergonha relacionados a este material (Grubbs *et al.*, 2010; Byers & Shaughnessy, 2014).

2. Variáveis Relacionais

a) Componentes do amor

Cassepp-Borges e Pasquali (2011) afirmam que é importante estudar tanto a satisfação com o relacionamento amoroso quanto o amor, pois

mensurar o amor nos mostra o tamanho do sentimento, mas a satisfação no relacionamento mostra se isso é bom ou se é ruim. Num casamento, por exemplo, é interessante que se mantenham níveis elevados de amor e satisfação conjugal, pois tem-se ambos como elementos de uma relação bem-sucedida. No caso de um amor platônico, por outro lado, níveis alterados de amor podem trazer insatisfação com o relacionamento, pois um amor muito elevado por alguém que não corresponda pode levar a

um alto nível de sofrimento psíquico (Cassepp-Borges & Pasquali, 2011, p.255).

Dessa maneira, os componentes do amor foram incluídos na análise da satisfação com o relacionamento, verificando-se a associação de ambas as variáveis, visto que o amor surge como o principal preditor de satisfação nos relacionamentos amorosos (Sternberg, 1997; Lemieux & Hale, 2000; Yela, 2000; Masuda, 2003; Cassepp-Borges, 2010). Para mensurar o amor foi utilizada a Escala Triangular do Amor de Sternberg – Reduzida, desenvolvida por Sternberg (1986) e validada por Andrade, Garcia e Cassepp-Borges (2013) em uma pesquisa com 1530 brasileiros de ambos os sexos, cujas subescalas avaliam cada um dos componentes do amor: intimidade, paixão e decisão/compromisso (Sternberg, 1986).

b) Satisfação Sexual

A satisfação sexual, definida como uma resposta afetiva decorrente de uma avaliação subjetiva das dimensões positivas e negativas associadas ao relacionamento sexual (Lawrance & Byers, 1995), é um importante componente na avaliação de satisfação com o relacionamento amoroso (Andrade *et al.*, 2009; Yela, 2000; Schmiedeberg & Schröder, 2016). Esse construto é influenciado negativamente pela culpa sexual (Higgins *et al.*, 2010; Baumel, 2014) e pela religiosidade (Higgins *et al.*, 2010) e positivamente pela autoestima (Miranda, 1987; Higgins *et al.*, 2011). Algumas pesquisas apontam, ainda, a contribuição significativa dos componentes do amor na satisfação sexual (Andrade *et al.*, 2009; Yela, 2000; Schmiedeberg & Schröder, 2016). Os resultados encontrados nos Estudos 1 e 2 apontam, como encontrado na literatura, possíveis prejuízos e benefícios à satisfação sexual decorrentes da utilização da pornografia. O uso excessivo de pornografia é percebido como trazendo prejuízos para esse nível de satisfação (Stewart & Szymanski, 2012); por outro lado, sua utilização pode contribuir com o aumento da

excitação e da satisfação sexual em certas circunstâncias (Maddox *et al.*, 2011; Muusses *et al.*, 2015).

Esse construto foi mensurado pelo Índice de Satisfação Sexual, desenvolvido por Hudson, Harrison e Crosscup (1981). Foi utilizada a versão traduzida por Andrade *et al.* (2009), validada com uma amostra de 344 participantes de dois estados brasileiros, na qual foram feitos pequenos ajustes de tradução baseados na versão original da escala. Enquanto a escala original apresenta uma estrutura unifatorial, objetivando medir a insatisfação sexual com inversão de itens, a escala validada no Brasil possui uma estrutura bifatorial, avaliando a satisfação e a insatisfação sexual. Considerando essa diferença no número de fatores da escala, foram realizadas análises fatoriais exploratória e confirmatória com os dados desta pesquisa, de modo a identificar a estrutura fatorial mais adequada para compreensão do fenômeno.

3. *Variáveis Pornográficas*

a) *Uso de pornografia*

A variável uso de pornografia foi avaliada através de um item do questionário: “Você usa pornografia?”, com seis opções de resposta (se usa com ou sem o parceiro, se já usou e não usa mais, e se nunca usou). Para avaliação dos efeitos da utilização da pornografia as respostas de quem já usou e não usa mais e de quem nunca usou foram agrupadas como “não usuários” e as demais como “usuários”. Os resultados encontrados nos Estudos 1 e 2, bem como na revisão de literatura, apontam efeitos negativos e positivos associados ao uso de pornografia. O uso excessivo e as comparações em virtude da idealização do pornô trazem prejuízos à autoestima (Groves *et al.*, 2011; Stewart & Szymanski, 2012; Staley & Prause, 2013; Tylka, 2015), contribuindo com cobranças na relação (DeKeseredy, 2015) e com a redução da satisfação sexual e com o relacionamento amoroso (Popovic, 2011; Pyle & Bridges, 2012;

Stewart & Szymanski, 2012; Muusses *et al.*, 2015; Weinstein *et al.*, 2015). Em contrapartida, o uso de pornografia está associado a uma expansão do repertório sexual (Chi *et al.*, 2012; Mowlabocus *et al.*, 2013), ampliando a excitação e a satisfação sexual (Maddox *et al.*, 2011; Muusses *et al.*, 2015), além de ser um meio para que os casais falem sobre o que querem sexualmente (Groves *et al.*, 2011) e experimentem suas fantasias sexuais (Fahs & Gonzalez, 2014) promovendo maior proximidade e cumplicidade (Benjamin & Tlusten, 2010; Popovic, 2011; Elder *et al.*, 2015).

b) Atitudes frente à pornografia

Atitudes frente à pornografia são avaliações positivas ou negativas feitas deste tipo de material e servem como um indicativo para o uso e para a percepção dos efeitos do uso nos relacionamentos amorosos. Essas atitudes mobilizam aspectos cognitivos e afetivos para análise, e podem contribuir com sua expressão comportamental. Pesquisas apontam que homens, indivíduos mais jovens, menos religiosos e menos tradicionais sexualmente expressam atitudes mais positivas frente a este conteúdo (Træen *et al.*, 2004; Byers & Shaughnessy, 2014).

Guerra (2001) desenvolveu uma Escala de Atitudes Frente ao Consumo de Materiais Pornográficos, com a participação de 336 estudantes universitários da Paraíba, na qual identificou atitudes positivas e negativas dos participantes frente ao pornô para o comportamento sexual, a satisfação sexual e com o relacionamento. Entretanto, esse desenvolvimento se deu antes de 2006, antes do surgimento dos sites do tipo *tubes* que possibilitaram acesso gratuito e ilimitado a todo tipo de conteúdo pornográfico, mudando completamente a maneira de se usar pornografia. Por essa razão tal escala não foi utilizada integralmente, mas contribuiu sobremaneira com a construção do novo instrumento.

Assim, a Escala de Atitudes frente à Pornografia utilizada foi desenvolvida especificamente para esta pesquisa. As categorias de efeitos positivos e negativos da

pornografia identificadas no Estudo 1, as atitudes positivas e negativas frente ao pornô elencadas pelos participantes do Estudo 2, os dados da literatura e a Escala de Atitude Frente ao Consumo de Pornografia (Guerra, 2001) forneceram os elementos para composição dos itens do instrumento, que foi avaliado por *experts* em sexualidade e psicometria, que sugeriram a inclusão de alguns itens para mensuração dos afetos de culpa e vergonha frente ao pornô. Por ser uma nova escala, precisa ser validada através de análises fatoriais exploratória e confirmatória, de modo a verificar sua validade e precisão.

O Estudo 3, a seguir, trata da validação do Índice de Satisfação Sexual e da Escala de Atitudes frente à Pornografia, de modo a verificar suas qualidades psicométricas para utilização nos demais estudos da tese.

4.2 Estudo 3 – Evidências de validade de instrumentos

O presente estudo tem como objetivo levantar evidências de validade de dois dos instrumentos utilizados nos estudos subsequentes da tese: o Índice de Satisfação Sexual (ISS) e a Escala de Atitudes frente à Pornografia (EAP). As escalas serão brevemente apresentadas, e em seguida descritas as análises fatoriais exploratórias e confirmatórias de cada uma delas.

Índice de Satisfação Sexual (ISS)

Desenvolvido por Hudson, Harrison e Crosscup (1981), objetiva mensurar a magnitude de um problema no componente sexual de uma relação diádica como visto pelo respondente. É composta por 25 afirmações sobre a vida sexual no relacionamento atual, das quais 13 procuram identificar componentes de insatisfação e 12 de satisfação. A escala original é unifatorial e sugere a inversão dos itens de satisfação, de modo que, quanto maior o escore obtido, maior o

comprometimento sexual do casal. Foi utilizada a versão traduzida por Andrade *et al.* (2009), com pequenos ajustes de tradução baseados na versão original da escala.

Escala de Atitudes frente à Pornografia (EAP)

Foi desenvolvida especificamente para esta pesquisa. O conjunto de itens que compõe esta escala foi baseado em: a) dados da literatura; b) nas categorias identificadas nos resultados dos estudos 1 e 2 da tese (revisão sistemática e entrevistas); c) nos instrumentos Escala de Atitude Frente ao Consumo de Pornografia (Guerra, 2001), *Pornography Consumption Effect Scale* (Hald & Malamuth, 2008) e *Perceived Realism of Sexually Explicit Internet Material Scale* (Peter & Valkenburg, 2010); e d) na sugestão de *experts* em sexualidade e psicometria.

A primeira versão da escala foi avaliada por um especialista em linguística, para verificação da clareza e não ambiguidade na escrita dos itens. A segunda versão foi apurada em sua validade semântica através de um *brainstorming* com quatro jovens adultos de ambos os sexos e ensino médio completo, caracterizados como o estrato mais baixo da população-meta (Pasquali, 1998). Nenhum item foi retirado ou acrescentado nessa etapa, mas as alterações semânticas sugeridas pelos estudantes foram feitas. A partir dessa avaliação de compreensão dos itens, a escala foi analisada por dois especialistas em sexualidade e um em psicometria (Howitt & Cramer, 2008b), que sugeriram a inclusão de alguns itens, resultando nas questões ora apresentadas.

4.2.1 Análise Fatorial Exploratória

Serão apresentados os procedimentos para as Análises Fatoriais Exploratórias (AFEs) das escalas Índice de Satisfação Sexual (ISS) e Escala de Atitudes frente à Pornografia (EAP), buscando identificar a estrutura fatorial mais adequada para cada uma delas.

4.2.1.1 Método

Participantes

Neste estudo, trabalhou-se com uma amostra de 624 brasileiros moradores de todas as regiões do país, majoritariamente da Sudeste ($n = 316$, 50,6%), dos quais 491 (78,7%) são do sexo feminino e 133 (21,3%) do sexo masculino. A média de idade dos participantes foi de 30,48 (DP = 9,91), variando entre 18 e 74 anos. Todos estavam em algum relacionamento amoroso no momento: 265 (42,4%) casados ou morando juntos, 248 (39,7%) em um relacionamento estável ou namorando e 111 (17,7%) em relacionamentos casuais. A maioria dos participantes estava em um relacionamento heteroafetivo ($n = 539$, 86,4%), com mais de 5 anos de duração ($n = 244$, 39,1%) e não tinha filhos ($n = 434$, 69,6%). Mais detalhes dos participantes podem ser observados na Tabela 5.

Do total de respondentes, 177 (28,4%) afirmaram “ter uma espiritualidade independente de qualquer religião”, e 242 (38,8%) consideraram sua crença espiritual ou religiosa muito ou extremamente importante ($M = 4,08$; DP = 1,49), com mulheres ($M = 4,22$; DP = 1,41) apresentando médias maiores que homens ($M = 3,59$; DP = 1,65) de maneira significativa ($t(622) = 4,42$; $p < 0,01$). 343 (55%) participantes já utilizou pornografia em algum momento de suas vidas, com homens ($n = 111$, 83,5%) consumindo mais pornô que mulheres ($n = 232$, 47,3%) de maneira significativa ($\chi^2(1) = 55,43$; $p < 0,01$). Nesta amostra, mulheres são mais religiosas e utilizam menos pornografia que homens.

Tabela 5

Descrição dos participantes da Análise Fatorial Exploratória

	Homens		Mulheres		Total	
	mín-máx	M (DP)	mín-máx	M (DP)	mín-máx	M (DP)
Idade						
<i>Em anos</i>	18-74	34,14 (11,41)	18-69	29,49 (9,23)	18-74	30,48 (9,91)
Escolaridade	n	%	n	%	n	%
Ensino Fundamental	1	0,8	2	0,4	3	0,5
Ensino Médio	29	21,8	135	27,5	164	26,3
Ensino Superior	41	30,8	181	36,9	222	35,6
Pós-graduação	19	14,3	103	21,0	122	19,6
Mestrado	25	18,8	45	9,2	70	11,2
Doutorado	14	10,5	18	3,7	32	5,1
Pós-doutorado	4	3,0	7	1,4	11	1,8
Renda familiar						
Até 1 s.m.	6	4,5	35	7,1	41	6,6
Entre 1-3 s.m.	23	17,3	148	30,1	171	27,4
Entre 3-5 s.m.	32	24,1	109	22,2	141	22,6
Entre 5-15 s.m.	48	36,1	157	32,0	205	32,9
Mais de 15 s.m.	24	18,0	42	8,6	66	10,6
Crença						
Agnóstica	8	6,0	35	7,1	43	6,9
Ateísta	14	10,5	18	3,7	32	5,1
Católica	36	27,1	124	25,3	160	25,6
Espírita (Kardecista)	7	5,3	39	7,9	46	7,4
Pentecostal (Evangélica)	2	1,5	37	7,5	39	6,3
Protestante	11	8,3	32	6,5	43	6,9
Umbandista	3	2,3	12	2,4	15	2,4
Tenho espiritualidade	25	18,8	152	31,0	177	28,4
Não possuo	19	14,3	25	5,1	44	7,1
Outra	8	6,1	17	3,4	25	4,1

Nota: Sexo: Feminino = 491, Masculino = 133. N = 624.

Instrumentos

Dados sociodemográficos. Questões para caracterização da amostra sobre sexo, idade, escolaridade, nível econômico, filhos, relacionamento amoroso atual, religião professada e grau de religiosidade.

Índice de Satisfação Sexual (ISS). Desenvolvida por Hudson *et al.* (1981) e traduzida por Andrade *et al.* (2009), avalia a satisfação sexual no relacionamento amoroso atual. É composta por 25 itens em uma escala do tipo *Likert* de cinco pontos, na qual 1 corresponde a “em nenhum momento” e 5 “todo o tempo”. Exemplos de itens são: “Nossa vida sexual é muito excitante” e “Meu(minha) companheiro(a) não me satisfaz sexualmente”.

Escala de Atitudes frente à Pornografia (EAP). Desenvolvida para esta pesquisa, busca avaliar as atitudes dos participantes frente ao uso de pornografia e suas possíveis consequências. É composta por 53 itens que são julgados por uma escala de respostas do tipo *Likert* de cinco pontos, na qual 1 corresponde a “discordo totalmente” e 5 “concordo totalmente”, abordando atitudes perante o uso de pornografia e seus efeitos no comportamento sexual e no relacionamento amoroso. Exemplos de itens são: “Pornografia é uma maneira de aprender novas técnicas sexuais” e “Usar pornografia reduziu meu interesse pelo sexo”.

Procedimentos de coleta

A pesquisa foi realizada através de um questionário online, em um site específico desenvolvido para este fim (socepsi.com/pesquisa). A divulgação foi feita por meio eletrônico (Facebook, Whatsapp e E-mail), através das listas de contatos dos pesquisadores e de grupos sobre sexualidade, pesquisa e Psicologia, e todos os interessados foram convidados a compartilhar o link da pesquisa com sua rede de contatos.

As informações sobre os objetivos da pesquisa, técnica de coleta de dados realizada (questionário online), tempo médio de duração (30 minutos), características do público-alvo (brasileiros maiores de 18 anos) e meios para contatar os pesquisadores foram disponibilizadas na página inicial do site, juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C). Todos os respondentes manifestaram sua concordância na participação clicando em “sim, aceito participar”. O sigilo e anonimato foi garantido em todas as etapas da pesquisa,

que foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas (protocolo: 80663417.0.0000.5542, Anexo A).

Procedimentos de análises de dados

Os dados foram tabulados com um *software* de gerenciamento de planilhas eletrônicas e sistematizados com o auxílio do software SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 23, com o qual foram feitas as análises descritivas para caracterização da amostra, avaliação da normalidade na distribuição da mesma e verificação do poder discriminativo dos itens. A amostra foi dividida em dois grupos a partir da mediana, e um teste t para amostras independentes foi executado. Os itens com diferença significativa entre os grupos ($p < 0,05$) foram mantidos (Brown & Forsythe, 1974).

Para verificar o relacionamento entre as variáveis e caracterizar a adequação da amostra para fatoração utilizou-se o teste de esfericidade de Bartlett e o índice Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), respectivamente (Damasio, 2012). O número de fatores a ser retido foi avaliado por meio da Análise Paralela, com permutação aleatória dos dados observados (Timmerman & Lorenzo-Seva, 2011) e pelo Método Hull, utilizando o índice de ajuste CAF (*Common part Accounted For*) (Lorenzo-Seva, Timmerman, & Kiers, 2011). As Análises Fatoriais Exploratórias (AFE) foram realizadas através do programa Factor 10.8.03 (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2013) com método *Unweighted Least Squares* (ULS), implementadas em uma matriz de dados policórica, considerando a natureza ordinal dos dados e a distribuição não-normal das amostras. Quando necessária, foi utilizada a rotação oblíqua *promin* por não delimitar a interação entre os fatores *a priori*. Assim, se os fatores não forem correlacionados, os resultados serão bastante semelhantes aos que seriam obtidos a partir de rotações ortogonais, revelando a complexidade fatorial dos instrumentos psicológicos (Lorenzo-Seva, 1999; Sass & Schmitt, 2010; Lloret, Ferreres, Hernández & Tomás, 2017). Para fins de refinamento das escalas, foram eliminados nas AFEs itens com carga fatorial abaixo de 0,50 e itens que apresentaram carga

cruzada superior a 0,50. Essa remoção permite uma maior pureza dos fatores, aumentando sua validade discriminante (Sass & Schmitt, 2010).

4.2.1.2 Resultados e discussão parcial

Índice de Satisfação Sexual (ISS)

Na verificação do poder discriminativo, os itens 11 “Sinto que meu(minha) companheiro(a) quer muito sexo de minha parte” ($p = 0,677$) e 13 “Meu(minha) companheiro(a) se preocupa muito com sexo” ($p = 0,185$) foram eliminados. A amostra apresentou bons indicadores de fatorabilidade ($KMO = 0,960$; χ^2 Bartlett = 9650,7; $gl = 253$; $p = 0,000010$). Quanto à normalidade, os dados foram submetidos ao teste Kolmogorov-Smirnov ($p = 0,000$) e a distribuição foi considerada não-normal.

Tanto o método Hull quanto a Análise Paralela indicaram a extração de 1 fator como o número adequado para esta amostra. Na AFE foram eliminados os itens 15 “Meu(minha) companheiro(a) é muito rude ou bruto(a) quando fazemos sexo” e 18 “Meu(minha) companheiro(a) não quer manter relações sexuais quando eu quero” por apresentarem carga fatorial inferior a 0,50. A estrutura fatorial resultante reteve 21 dos 25 itens iniciais, apresentados na Tabela 6 com suas respectivas cargas fatoriais e comunalidades. A AFE obteve indicadores Alpha de Cronbach e Omega de McDonald considerados excelentes ($\alpha = 0,96$; $\omega = 0,96$) e variância explicada de 55,5%.

A estrutura unifatorial é consonante com a proposta de Hudson *et al.* (1981). Com a inversão dos itens e somatório das respostas dos participantes tem-se um escore de insatisfação sexual – quanto maior o valor obtido, maior o comprometimento na vida sexual no relacionamento atual.

Tabela 6

Descrição dos itens da AFE do ISS com suas respectivas cargas fatoriais e comunalidades

Item	Carga	h ²
12. Creio que nosso sexo é maravilhoso.	0,90	0,81
02. Nossa vida sexual é muito excitante.	0,89	0,79
16. Meu(minha) companheiro(a) é um companheiro sexual maravilhoso.	0,89	0,79
25. Sinto que minha vida sexual é entediante.	0,89	0,79
03. Sexo é divertido para meu(minha) companheiro(a) e para mim.	0,87	0,76
08. Sinto que minha vida sexual carece de qualidade.	0,84	0,70
06. Nossa vida sexual é monótona.	0,83	0,69
09. Meu(minha) companheiro(a) é muito excitante sexualmente.	0,81	0,66
10. Gosto das técnicas sexuais que meu(minha) companheiro(a) usa ou gosta.	0,79	0,62
24. Meu(minha) companheiro(a) não me satisfaz sexualmente.	0,76	0,57
22. Sinto que meu(minha) companheiro(a) está sexualmente satisfeito comigo.	0,75	0,57
01. Sinto que meu(minha) companheiro(a) desfruta de nossa vida sexual.	0,74	0,55
17. Sinto que o sexo é uma parte normal de nossa relação.	0,73	0,54
21. É fácil para mim excitar-me sexualmente com meu(minha) companheiro(a).	0,73	0,53
05. Sinto que nossa vida sexual é suja e desagradável.	0,69	0,48
19. Sinto que nossa vida sexual contribui para o êxito de nossa relação.	0,67	0,44
14. Tento evitar todo contato sexual com meu(minha) companheiro(a).	0,66	0,44
23. Meu(minha) companheiro(a) é muito sensível a minhas necessidades e desejos sexuais.	0,65	0,43
07. Quando fazemos sexo é muito apressado e logo termina.	0,63	0,40
20. Meu(minha) companheiro(a) parece evitar todo contato sexual comigo.	0,62	0,38
04. Sexo com meu(minha) companheiro(a) se tornou uma tarefa para mim.	0,50	0,25
Número de itens	21	
Eigenvalue	12,38	
% de variância	55,5	
Cronbach's Alpha	0,96	
McDonald's Omega	0,96	

Nota: Os itens estão ordenados de acordo com a magnitude de sua carga fatorial. Itens invertidos: 01, 02, 03, 09, 10, 12, 16, 17, 19, 21 e 22.

Escala de Atitudes frente à Pornografia (EAP)

Na verificação do poder discriminativo, 2 itens foram eliminados por não terem diferenças significativas entre os grupos divididos a partir da mediana. A amostra apresentou bons indicadores de fatorabilidade (KMO = 0,913; χ^2 Bartlett = 11427,3; gl = 666 p =

0,000010). Quanto à normalidade, os dados foram submetidos ao teste Kolmogorov-Smirnov ($p = 0,000$) e a distribuição foi considerada não-normal.

Tanto o método Hull quanto a Análise Paralela indicaram a extração de 4 fatores como o número adequado para esta amostra. A AFE foi realizada utilizando a rotação *promin*. Nesta etapa, 12 itens foram eliminados por apresentarem carga fatorial inferior a 0,50. O Fator 4 foi composto por apenas 2 itens, que também carregaram para o Fator 1. Para fins de refinamento da escala, estes itens que apresentaram carga cruzada foram removidos. Com os itens restantes após essas exclusões foram replicados a Análise Paralela e o método Hull, que confirmaram a estrutura de 3 fatores. Foi realizada uma nova AFE utilizando a rotação *promin*, que levou à exclusão de mais um item, por apresentar carga fatorial inferior a 0,50. Esta estrutura reteve 36 dos 53 itens iniciais, apresentados na Tabela 7 com suas respectivas cargas fatoriais e comunalidades. Os fatores obtiveram bons indicadores Alpha de Cronbach e Omega de McDonald (F1: $\alpha = 0,93$, $\omega = 0,93$; F2: $\alpha = 0,93$, $\omega = 0,93$; F3: $\alpha = 0,90$, $\omega = 0,90$) e variância total explicada de 53,62%.

Tabela 7

Descrição dos itens da AFE da EAP com suas respectivas cargas fatoriais e comunalidades

Item	Carga			h ²
	F1	F2	F3	
34. Ver pornografia pode ser uma maneira saudável de explorar a sexualidade em um relacionamento.	0,73	0,00	0,00	0,53
30. Pornografia é uma maneira de aprender novas técnicas sexuais.	0,72	-0,01	-0,01	0,53
07. Conheço melhor o meu corpo e o corpo do(a) meu(minha) parceiro(a) por causa da pornografia.	0,71	-0,01	-0,03	0,51
43. Sinto que a intimidade do meu relacionamento aumentou depois que começamos a usar pornografia.	0,70	0,05	-0,07	0,49
44. Pornografia pode ser útil para dar novas ideias de posições sexuais diferentes.	0,70	0,00	-0,05	0,49
37. Com a pornografia, eu e meu(minha) parceiro(a) nos tornamos mais abertos para experimentar coisas novas no sexo.	0,69	0,06	-0,07	0,49

21. Usar pornografia é uma forma de apimentar a relação e sair da rotina.	0,69	0,05	0,00	0,48
12. Usar pornografia melhorou minha autoestima.	0,68	-0,06	0,07	0,47
42. Usar pornografia melhorou minha autoconfiança.	0,68	-0,02	0,06	0,46
18. Usar pornografia me levou a crer que minhas fantasias sexuais são normais.	0,68	0,03	-0,02	0,46
38. Usar pornografia me levou a crer que meus desejos sexuais são normais.	0,68	-0,04	0,03	0,46
11. Ficou mais fácil falar com o(a) meu(minha) parceiro(a) sobre o que eu desejo sexualmente com o uso da pornografia.	0,66	-0,03	0,06	0,44
02. Eu e meu(minha) parceiro(a) nos tornamos mais próximos com o uso da pornografia.	0,64	-0,05	0,05	0,42
17. A pornografia contribui para que eu me sinta satisfeito(a) com o meu relacionamento sexual.	0,64	-0,03	-0,01	0,41
26. Usar pornografia é uma ótima maneira de relaxar.	0,63	0,03	-0,02	0,40
04. Vejo representadas minhas fantasias sexuais na pornografia.	0,57	-0,06	0,08	0,32
05. Sinto vergonha por gostar de pornografia.	0,00	0,87	-0,06	0,69
10. Sinto-me culpado(a) quando uso pornografia.	-0,01	0,86	0,02	0,76
45. Sinto vergonha por me masturbar usando pornografia.	0,04	0,86	0,03	0,77
28. Sinto-me culpado(a) por querer usar pornografia.	-0,04	0,86	0,04	0,78
23. Sentiria vergonha se alguém descobrisse que uso pornografia.	-0,01	0,83	-0,13	0,58
14. Se meu(minha) parceiro(a) me pegasse vendo pornografia ficaria envergonhado(a).	-0,02	0,73	-0,02	0,52
39. Sinto-me culpado(a) por usar pornografia escondido do(a) meu(minha) parceiro(a).	0,04	0,71	0,11	0,62
19. Sinto-me culpado(a) por ficar excitado(a) com a pornografia.	-0,02	0,71	0,14	0,66
08. É melhor usar pornografia sem o conhecimento do parceiro(a).	0,01	0,64	-0,20	0,30
33. Fico envergonhado(a) quando alguém me mostra algo pornográfico.	0,01	0,53	0,13	0,38
49. Usar pornografia faz com que eu respeite menos as mulheres.	-0,01	-0,13	0,89	0,68
36. Usar pornografia pode fazer com que meu(minha) parceiro(a) me obrigue a atos sexuais que eu não queira fazer.	-0,08	-0,14	0,78	0,51
52. Usar pornografia prejudicou meu relacionamento com o(a) meu(minha) parceiro(a).	0,00	0,10	0,73	0,63
48. Pessoas que usam pornografia estão insatisfeitas com o seu relacionamento.	0,02	0,08	0,67	0,52
29. Usar pornografia é o mesmo que trair o(a) meu(minha) parceiro(a).	0,00	0,16	0,67	0,60
06. Usar pornografia reduziu meu interesse pelo sexo.	0,05	0,03	0,66	0,46

15. Usar pornografia me leva a pressionar o(a) meu(minha) parceiro(a) a praticar atos sexuais que ele(a) não queira fazer.	-0,01	-0,14	0,63	0,31
27. A pornografia contribui para que eu veja as mulheres como inferiores aos homens.	0,01	-0,12	0,60	0,28
03. Usar pornografia faz com que eu me sinta menos atraente.	0,00	0,07	0,58	0,39
50. Eu ficaria chateado(a) se descobrisse que meu(minha) parceiro(a) usa pornografia escondido(a) de mim.	0,01	0,23	0,56	0,51
Número de itens	16	10	10	
Eigenvalue	7,86	2,63	9,34	
% de variância	21,26	7,11	25,25	
Cronbach's Alpha	0,93	0,93	0,90	
McDonald's Omega	0,93	0,93	0,90	

Nota: Os itens estão ordenados de acordo com a magnitude de sua carga fatorial, por fator. Itens invertidos: 03, 05, 06, 08, 10, 14, 15, 19, 23, 27, 28, 29, 33, 36, 39, 45, 48, 49, 50 e 52.

O Fator 1 reúne afirmativas que indicam uma atitude positiva frente ao uso de pornografia a partir de uma avaliação cognitiva desse uso, identificando-a como elemento que contribui para o aprendizado e o aprimoramento da sexualidade do casal. O Fator 2 agrupa os itens com carga afetiva de culpa e vergonha decorrentes do uso de pornografia. O Fator 3 congrega os possíveis prejuízos para si mesmo e para o relacionamento amoroso em virtude da utilização de pornografia indicando, a partir de uma avaliação cognitiva, uma atitude negativa frente a esse uso.

4.2.2 Análise Fatorial Confirmatória

Serão apresentados os procedimentos para as Análises Fatoriais Confirmatórias (AFCs) das escalas Índice de Satisfação Sexual (ISS) e Escala de Atitudes frente à Pornografia (EAP), buscando verificar a adequação das estruturas fatoriais apresentadas nas AFEs.

4.2.2.1 Método

Participantes

Neste estudo, trabalhou-se com uma amostra de 414 brasileiros moradores de todas as regiões do país, majoritariamente da Sudeste ($n = 210$, 50,7%), dos quais 327 (79%) são do sexo feminino e 87 (21%) do sexo masculino. A média de idade dos participantes foi de 30,79 ($DP = 9,57$), variando entre 18 e 79 anos. Todos estavam em algum relacionamento amoroso no momento: 176 (42,5%) casados ou morando juntos, 173 (41,9%) em um relacionamento estável ou namorando e 65 (15,7%) em relacionamentos casuais. A maioria dos participantes estava em um relacionamento heteroafetivo ($n = 357$, 86,2%), com mais de 5 anos de duração ($n = 174$, 42%) e não tinha filhos ($n = 289$, 69,8%).

Do total, 227 (54,8%) participantes já utilizaram pornografia em algum momento de suas vidas, com homens ($n = 63$, 72,4%) consumindo mais pornô que mulheres ($n = 164$, 50,2%) de maneira significativa ($\chi^2(1) = 13,75$; $p < 0,01$). Mais detalhes dos participantes podem ser observados na Tabela 8. Do total de respondentes, 116 (28%) afirmaram “ter uma espiritualidade independente de qualquer religião”, e 165 (39,9%) consideraram sua crença espiritual ou religiosa muito ou extremamente importante ($M = 4,10$; $DP = 1,47$), com mulheres ($M = 4,13$; $DP = 1,43$) apresentando médias maiores que homens ($M = 3,98$; $DP = 1,60$) de maneira não significativa ($t(412) = 0,87$; $p = 0,38$).

Instrumentos

Os mesmos da Análise Fatorial Exploratória, com as exclusões de itens sugeridas em cada escala.

Procedimentos de coleta

Os mesmos da Análise Fatorial Exploratória.

Tabela 8

Descrição dos participantes da Análise Fatorial Confirmatória

	Homens		Mulheres		Total	
	mín-máx	M (DP)	mín-máx	M (DP)	mín-máx	M (DP)
Idade						
<i>Em anos</i>	19-79	33,14 (11,17)	18-60	30,17 (9,02)	18-79	30,79 (9,57)
Escolaridade	n	%	n	%	n	%
Ensino Fundamental	2	2,3	2	0,6	4	1,0
Ensino Médio	21	24,1	89	27,2	110	26,6
Ensino Superior	22	25,3	122	37,3	144	34,8
Pós-graduação	19	21,8	60	18,3	79	19,1
Mestrado	16	18,4	30	9,2	46	11,1
Doutorado	6	6,9	20	6,1	26	6,3
Pós-doutorado	1	1,1	4	1,2	5	1,2
Renda familiar						
Até 1 s.m.	3	3,4	21	6,4	24	5,8
Entre 1-3 s.m.	14	16,1	93	28,4	107	25,8
Entre 3-5 s.m.	20	23,0	74	22,6	94	22,7
Entre 5-15 s.m.	36	41,4	108	33,0	144	34,8
Mais de 15 s.m.	14	16,1	31	9,5	45	10,9
Crença						
Agnóstica	8	9,2	24	7,3	32	7,7
Ateísta	5	5,7	14	4,3	19	4,6
Católica	19	21,8	87	26,6	106	25,6
Espírita (Kardecista)	4	4,6	24	7,3	28	6,8
Pentecostal (Evangélica)	8	9,2	20	6,1	28	6,8
Protestante	8	9,2	35	10,7	43	10,4
Tenho uma espiritualidade	24	27,6	92	28,1	116	28,0
Não possuo	7	8,0	14	4,3	21	5,0
Outra	4	4,5	17	5,1	21	5,0

Nota: Sexo: Feminino = 327, Masculino = 87. N = 414.

Procedimentos de análises de dados

Os dados foram tabulados com um *software* de gerenciamento de planilhas eletrônicas e sistematizados com o auxílio do *software* SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*),

versão 23, com o qual foram feitas as análises descritivas para caracterização da amostra. Foram analisados, ainda, o Alpha de Cronbach e o Omega de McDonald de cada um dos fatores das escalas, calculados através do programa Factor 10.8.03 (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2013).

A Análise Fatorial Confirmatória (CFA) foi realizada com o auxílio do *software* AMOS 23 (*Analysis of Moment Structures*), utilizando o método de estimação *Maximum Likelihood* (ML). Foram avaliados os seguintes indicadores de qualidade de ajuste na análise dos modelos (Brown, 2006; Tabachnick & Fidell, 2007; Byrne, 2010):

1. O Qui-quadrado (χ^2), que indica a magnitude da discrepância entre os dados e o modelo teórico que está sendo testado. Um valor do χ^2 estatisticamente significativo ($p > 0,05$) identifica este ajuste, que é afetado pelo tamanho da amostra;
2. A razão χ^2/gf , que pondera o valor do qui-quadrado – influenciado pelo tamanho da amostra – utilizando os graus de liberdade para ajuste do índice. Um valor de χ^2/gf inferior a 5 pode ser interpretado como indicador de adequação do modelo teórico para descrever os dados em amostras grandes;
3. O CFI (*Comparative Fit Index*) e o TLI (*Tucker Lewis Index*) são índices que calculam o ajuste relativo do modelo observado ao compará-lo com um modelo denominado nulo, em que há correlação 0 entre as variáveis. Valores mais próximos de 1 indicam melhor ajuste, com 0,90 sendo a referência para aceitar o modelo;
4. O SRMR (*Standardized Root Mean Square Residual*) refere-se à raiz quadrada da diferença das médias padronizadas entre os resíduos da matriz de covariância da amostra e o modelo hipotético. São indicativos de bom ajuste valores menores que 0,08;
5. O RMSEA (*Root Mean Square Error of Approximation*) refere-se à raiz quadrada média do erro de aproximação. Valores menores que 0,05 são indicativos de um

bom ajuste entre o modelo proposto e a matriz observada, embora sejam aceitos valores inferiores a 0,08 para amostras grandes.

Para a comparação entre diferentes modelos de uma mesma escala foram avaliados o ECVI (*Expected Cross-Validation Index*) e o CAIC (*Consistent Akaike Information Criterion*), os quais são indicadores empregados para avaliar a adequação de um modelo em relação a outro. Menores valores de ECVI e CAIC sugerem um modelo com melhor ajuste. Também foram analisados para este fim a diferença entre os qui-quadrados ($\Delta\chi^2$), graus de liberdade (Δgl) e CFIs (ΔCFI) dos modelos, procedimento que serve para decidir qual deles é o mais parcimonioso e, portanto, mais adequado (Byrne, 2010).

4.2.2.2 Resultados e discussão parcial

Índice de Satisfação Sexual (ISS)

A análise fatorial confirmatória foi feita seguindo a estrutura unifatorial encontrada na AFE. Nessa etapa foram eliminados 04 itens por apresentarem carga fatorial inferior a 0,50. Os resultados encontrados revelaram bons índices de qualidade do modelo ($\chi^2/gl = 3,71$; CFI = 0,93; TLI = 0,92; SRMR = 0,05; RMSEA = 0,08), mas para isso foram necessários muitos ajustes pelos índices de modificação. A Tabela 9 apresenta os indicadores de qualidade de ajuste dos quatro modelos testados, apresentados a seguir.

Tabela 9

Comparação dos modelos do Índice de Satisfação Sexual

Modelo	Itens	gl	χ^2	χ^2/gl	CFI	TLI	SRMR	RMSEA (90% CI)	ECVI	CAIC	Δgl	$\Delta\chi^2$	ΔCFI
1	17	113	418,98*	3,71	0,93	0,92	0,047	0,081 (0,07-0,09)*	1,21	700,02	-	-	-
2	12	53	154,20*	2,91	0,96	0,95	0,035	0,068 (0,06-0,08)*	0,49	329,85	60	264,78*	0,03
3	12 + 8	165	551,14*	3,34	0,92	0,91	0,058	0,075 (0,07-0,08)*	1,55	867,30	-	-	-
4	8 + 8	102	312,73*	3,07	0,94	0,93	0,055	0,071 (0,06-0,08)*	0,92	551,61	63	238,41*	0,02

Nota: χ^2/gl = qui-quadrado dividido pelos graus de liberdade; CFI = *Comparative Fit Index*; TLI = *Tucker Lewis Index*; SRMR = *Standardized Root Mean Square Residual*; RMSEA = *Root Mean Square Error of Approximation*; ECVI = *Expected Cross-Validation Index*; CAIC = *Consistent Akaike Information Criterion*; Δgl = diferença entre os graus de liberdade dos modelos; $\Delta\chi^2$ = diferença entre os qui-quadrados dos modelos; ΔCFI = diferença entre os CFIs dos modelos. N = 414; * p < 0,05.

Foram testados os seguintes modelos, buscando encontrar uma estrutura fatorial mais apropriada para o ISS: (a) *Modelo 1*: unifatorial, como mencionado previamente; (b) *Modelo 2*: unifatorial, em que, além das exclusões dos itens que apresentaram carga fatorial inferior a 0,50, foram eliminados também os itens cujas covariâncias entre os erros apontadas pelos índices de modificação fossem superiores à 0,30 (Itens: 01-02: 0,45; 06-08: 0,44; 06-25: 0,44; 08-25: 0,41); (c) *Modelo 3*: bifatorial, como proposto por Andrade *et al.* (2009), com retirada dos itens que apresentaram carga fatorial inferior a 0,50 e (d) *Modelo 4*: bifatorial, com exclusões semelhantes ao Modelo 2 (Itens: 01-02: 0,44; 09-10: 0,31).

Para o modelo unifatorial, os itens sobre satisfação são invertidos, de modo a se obter um escore total de insatisfação sexual. No modelo bifatorial proposto por Andrade *et al.* (2009), as afirmações sobre insatisfação são agrupadas em um fator e as afirmações sobre satisfação são reunidas em um outro fator.

Como pode ser observado na Tabela 9, o Modelo 2 apresenta aumento do CFI e TLI e redução do SRMR e RMSEA em relação ao Modelo 1. Os Modelos 3 e 4 também apresentaram bons indicadores de ajuste. Pode-se observar que todos os índices mensurados nos quatro modelos estão dentro dos parâmetros recomendados. Dentro da mesma estrutura fatorial, quando comparados os índices ECVI e CAIC e as diferenças entre o qui-quadrado e os graus de liberdade, os modelos 2 e 4 se apresentam como mais adequados para avaliação da satisfação sexual em um relacionamento amoroso. Notadamente, em tais modelos foram excluídos os itens com altas covariâncias entre os erros indicados pelos índices de modificação (Brown, 2006). A Figura 3 apresenta a estrutura unifatorial do ISS e a Figura 4 sua estrutura bifatorial. As cargas fatoriais carregadas pelos itens revelaram valores aceitáveis, variando entre 0,52 e 0,88.

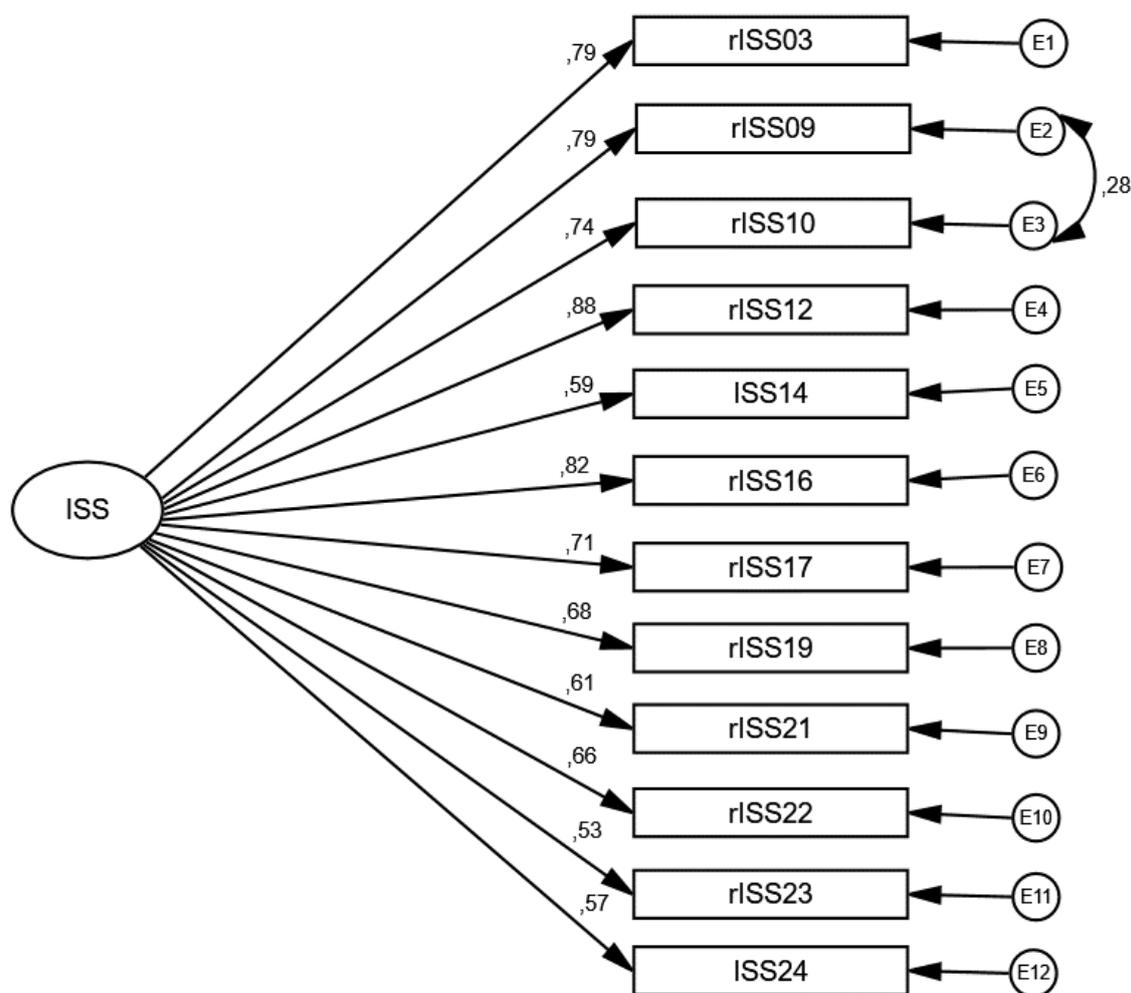


Figura 3

Estrutura unifatorial do Índice de Satisfação Sexual

Pelas AFCs, os dois modelos são aceitáveis para avaliação da satisfação sexual em um relacionamento amoroso. Entretanto, ao se realizar uma análise qualitativa dos itens componentes dos modelos, a estrutura bifatorial parece mais parcimoniosa, por disponibilizar igualmente afirmações que tratam de aspectos da satisfação e da insatisfação sexual no relacionamento amoroso. Na estrutura unifatorial prevaleceram as frases de satisfação, o que pode prejudicar a avaliação desses resultados. A Tabela 10 apresenta as propriedades psicométricas dos dois modelos: o unifatorial, com inversão de itens; e o bifatorial, com o

agrupamento dos itens de satisfação e insatisfação em seus respectivos fatores, sem inversão das cargas fatoriais.

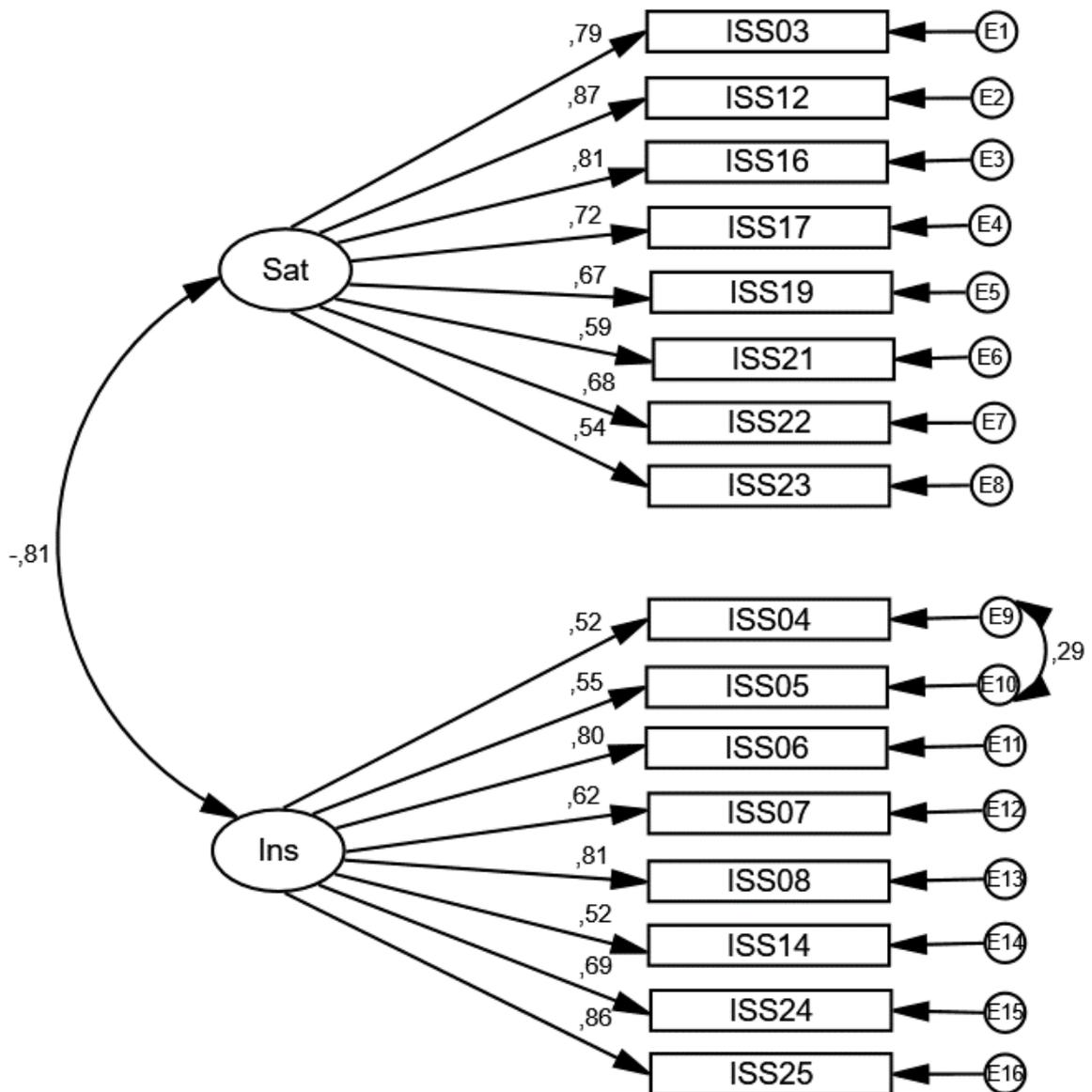


Figura 4

Estrutura bifatorial do Índice de Satisfação Sexual

Tabela 10

Propriedades psicométricas dos modelos do ISS

Modelo	Itens	Média	DP	α	ω	
Unifatorial	12	2,05	0,73	0,94	0,94	
Bifatorial	Insatisfação	8	1,93	0,75	0,91	0,92
	Satisfação	8	3,91	0,76	0,92	0,92

Portanto, para as análises dos próximos estudos da tese será utilizada a estrutura bifatorial, por possibilitar identificar distintamente aspectos que contribuam para a satisfação e para a insatisfação sexual. Essa solução permite o desenho de um modelo mais robusto para a compreensão dos efeitos do uso de pornografia nos relacionamentos.

Escala de Atitudes frente à Pornografia (EAP)

A análise fatorial confirmatória foi feita seguindo a estrutura trifatorial encontrada na AFE. Os resultados encontrados revelaram índices CFI e TLI abaixo do valor de referência para adequação da amostra, mas muito próximos à 0,90, apesar dos muitos ajustes feitos pelos índices de modificação ($\chi^2/gf = 2,96$; CFI = 0,86; TLI = 0,85; SRMR = 0,08; RMSEA = 0,07). Buscando encontrar uma estrutura fatorial mais apropriada para a EAP, foram testados dois modelos: (a) *Modelo 1*: trifatorial, como previamente mencionado, no qual itens que apresentaram carga fatorial inferior a 0,50 foram eliminados e (b) *Modelo 2*: estrutura resultante do Modelo 1 com exclusão dos itens cujas covariâncias entre os erros apontadas pelos índices de modificação fossem superiores à 0,30 (Itens: 18-38: 0,53; 30-44: 0,45; 12-42: 0,41; 04-26: 0,33; 21-34: 0,32; 14-23: 0,32). A Tabela 11 apresenta os indicadores de qualidade de ajuste dos modelos testados.

Tabela 11

Comparação dos modelos da Escala de Atitudes frente à Pornografia

Modelo	Itens	gl	χ^2	χ^2/gl	CFI	TLI	SRMR	RMSEA (90% CI)	ECVI	CAIC	Δgl	$\Delta\chi^2$	ΔCFI
1	16 + 9 + 8	485	1433,83*	2,96	0,86	0,85	0,081	0,069 (0,07-0,07)*	3,84	1967,80	-	-	-
2	6 + 7 + 8	186	440,35*	2,37	0,93	0,92	0,057	0,058 (0,05-0,06)*	1,28	756,52	299	993,48*	0,07

Nota: χ^2/gl = qui-quadrado dividido pelos graus de liberdade; CFI = *Comparative Fit Index*; TLI = *Tucker Lewis Index*; SRMR = *Standardized Root Mean Square Residual*; RMSEA = *Root Mean Square Error of Approximation*; ECVI = *Expected Cross-Validation Index*; CAIC = *Consistent Akaike Information Criterion*; Δgl = diferença entre os graus de liberdade dos modelos; $\Delta\chi^2$ = diferença entre os qui-quadrados dos modelos; ΔCFI = diferença entre os CFIs dos modelos. N = 414; * p < 0,05.

O Modelo 2 apresenta aumento do CFI e TLI e redução do SRMR e RMSEA em relação ao 1, com melhores indicadores de ajuste. Pode-se observar que todos os índices mensurados neste modelo estão dentro dos parâmetros recomendados. Quando comparados os índices ECVI e CAIC e as diferenças entre o qui-quadrado e os graus de liberdade entre eles, o Modelo 2 aparece como mais adequado para avaliação das atitudes frente à pornografia. Neste modelo foram excluídos os itens com altas covariâncias entre os erros indicados pelos índices de modificação (Brown, 2006).

A Figura 5 apresenta a estrutura trifatorial da Escala de Atitudes frente à Pornografia, conforme o Modelo 2. O Fator 1 indica uma atitude positiva frente à pornografia, apresentando os “benefícios” percebidos pelo seu uso, como elemento que contribui para a ampliação da própria sexualidade e deste aspecto no relacionamento. Os itens desse fator tiveram cargas fatoriais entre 0,52 e 0,73. As alternativas que permaneceram na escala abordam o uso de pornografia como um canal para melhoria da comunicação e da intimidade na relação amorosa, contribuindo para o autoconhecimento do casal, a diversificação e a satisfação sexual.

O Fator 2 avalia uma atitude negativa frente ao pornô, por eliciar uma resposta afetiva de “culpa e vergonha” em consequência de seu uso. Nesse fator, os itens tiveram cargas fatoriais entre 0,52 e 0,85. As opções que permaneceram na escala identificam a sensação de culpa pelo uso – e pelo uso em segredo – da pornografia, por sentir prazer nessa utilização e a vergonha ao ser exposto a este tipo de conteúdo.

O Fator 3 também é um indicativo de atitude negativa frente à pornografia, através de uma avaliação cognitiva, ao estimar “prejuízos” para o relacionamento amoroso e para a própria sexualidade decorrentes desse uso. Itens agrupados neste fator tiveram cargas fatoriais entre 0,51 e 0,73. As alternativas que permaneceram na escala congregam preocupações com possíveis consequências do uso de pornô, como o estímulo à violência, com menor respeito às mulheres ou ser forçado a algo sexual pelo parceiro, os prejuízos pelo uso escondido ou a

avaliação do consumo desse material como traição, a diminuição do interesse pelo sexo e a satisfação com o relacionamento amoroso, ou ainda contribuição para que o usuário se sinta menos atraente.

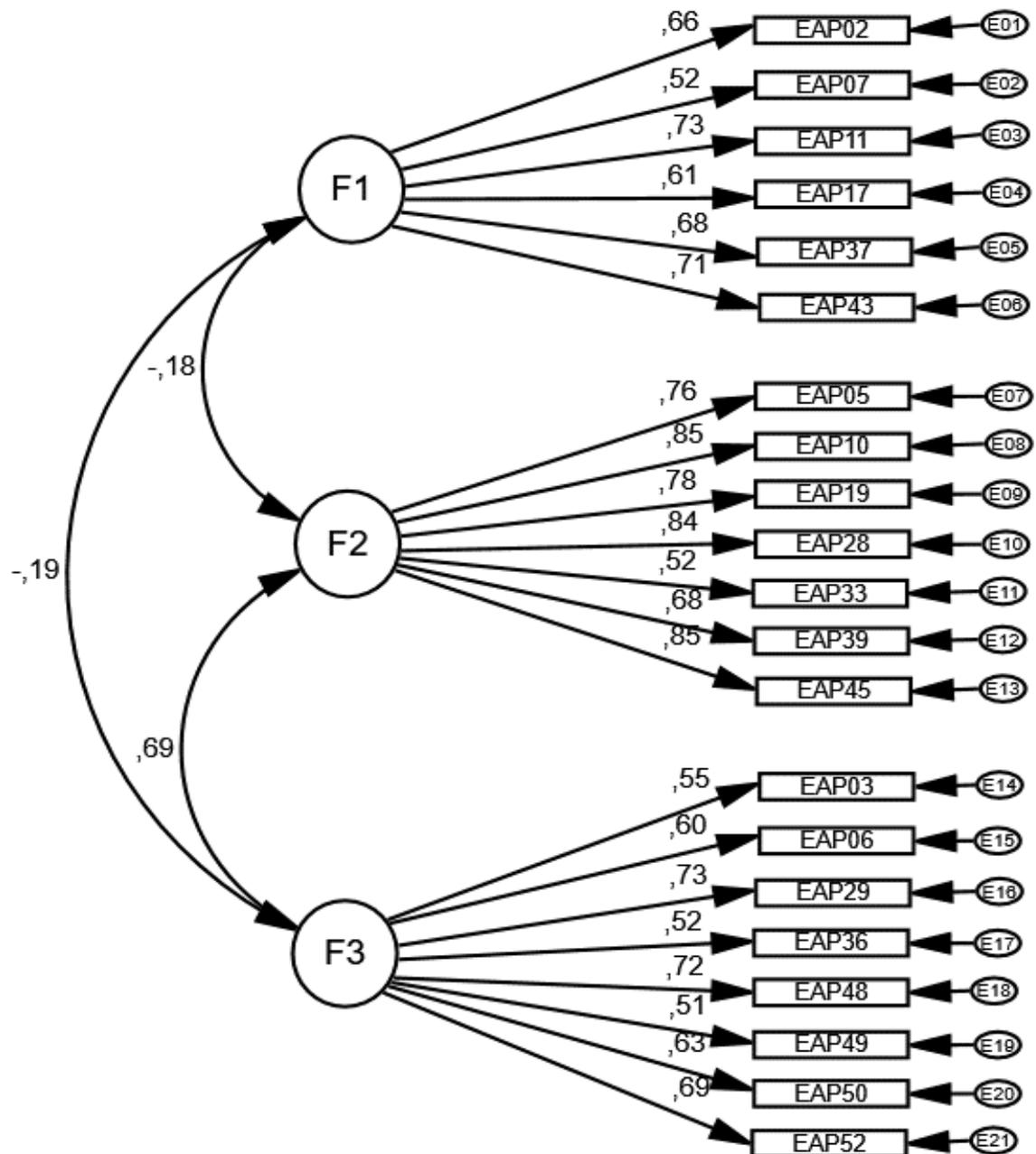


Figura 5

Estrutura fatorial da Escala de Atitude frente à Pornografia

A estrutura trifatorial encontrada é coerente com os achados da pesquisa até o momento e será utilizada nas análises dos próximos estudos da tese. A Tabela 12 apresenta seus indicadores psicométricos, considerando o agrupamento dos fatores, sem inversão das cargas fatoriais.

Tabela 12

Propriedades psicométricas dos fatores da EAP

Fator	Itens	Média	DP	α	ω
Fator 1	6	2,56	0,78	0,85	0,85
Fator 2	7	2,29	0,89	0,92	0,93
Fator 3	8	1,86	0,67	0,88	0,88

4.2.3 Conclusões parciais

O presente estudo teve como finalidade levantar evidências de validade para as escalas Índice de Satisfação Sexual (ISS) e Escala de Atitudes frente à Pornografia (EAP). A Tabela 13 apresenta os itens das escalas ISS e EAP, agrupados por fator. Conforme pode ser visto, todos os instrumentos analisados apresentaram indicadores favoráveis, demonstrando a adequação dos modelos propostos. Os índices de ajuste dos modelos estiveram consonantes com os pontos de corte comumente estabelecidos pela literatura, o que os torna apropriados para o uso nesta pesquisa.

O ISS na AFE apresentou estrutura unifatorial adequada, semelhante ao modelo original de Hudson *et al.* (1981). Esta estrutura foi testada na AFC e obteve bons indicadores de qualidade, mas para isso foram necessários muitos ajustes pelos índices de modificação. Foram

testados outros três modelos, sendo dois bifatoriais (Andrade *et al.*, 2009), com retirada dos itens que prejudicavam a estrutura, identificados pelos índices de modificação (Brown, 2006). As quatro opções apresentaram estruturas fatoriais estatisticamente satisfatórias, mas o modelo bifatorial parece mais adequado quando analisado qualitativamente. Dessa forma, o ISS será utilizado nesta pesquisa em uma estrutura bifatorial, com 8 itens avaliando a satisfação sexual e 8 itens a insatisfação sexual em um relacionamento amoroso.

A AFE da EAP sugeriu uma estrutura de três fatores com bons índices de confiabilidade, que foi testada na AFC. Os resultados encontrados revelaram indicadores de ajuste CFI e TLI inadequados, apesar das adequações *post hoc* feitas. Outra versão foi testada, com exclusão dos itens que apresentaram piora substancial no ajuste do modelo, indicados pelos índices de modificação (Brown, 2006). Esta estrutura apresentou indicadores favoráveis, demonstrando a adequação do modelo proposto. Assim, a EAP será utilizada em uma estrutura trifatorial, com 7 itens avaliando atitudes positivas frente à pornografia, 7 itens atitudes negativas em uma perspectiva afetiva de culpa e vergonha, e 8 itens atitudes negativas.

Tabela 13

Itens mantidos nas escalas ISS e EAP, agrupados por fator

Escala	Fator	Itens
ISS	Satisfação	03, 12, 16, 17, 19, 21, 22, 23
	Insatisfação	04, 05, 06, 07, 08, 14, 24, 25
EAP	Positiva	02, 07, 11, 17, 37, 43
	Culpa e Vergonha	05, 10, 19, 28, 33, 39, 45
	Negativa	03, 06, 29, 36, 48, 49, 50, 52

Nota: Nenhum item está invertido.

Uma possível limitação deste estudo foi a diferença significativa com relação à participação entre homens e mulheres, considerando a assimetria entre estes na experimentação de sua sexualidade e nas atitudes frente à pornografia. Homens são os maiores consumidores de pornografia da amostra – e o menor percentual de participantes – e precisam ter maior participação em pesquisas futuras.

Os dados apresentados tornaram possível concluir que as escalas analisadas apresentam características psicométricas de validade e precisão suficientemente satisfatórias, garantindo-lhe legitimidade enquanto instrumentos psicométricos de medidas. O ISS será utilizado para a mensuração do construto satisfação sexual e a EAP o construto atitudes frente à pornografia na construção dos modelos preditivos da satisfação com o relacionamento amoroso, apresentados nos estudos a seguir.

4.3 Estudo 4 – Uso de pornografia e seus correlatos

Este estudo buscou descrever e compreender o uso e as atitudes frente à pornografia, bem como o relacionamento amoroso dos participantes, correlacionando-os com variáveis sociodemográficas. Pretendeu, ainda, apresentar um modelo que auxilie na compreensão da satisfação com o relacionamento amoroso e a contribuição do uso e das atitudes frente à pornografia nesta avaliação.

4.3.1 Método

Participantes

Neste estudo, trabalhou-se com uma amostra de 1382 brasileiros moradores de todos os estados brasileiros, majoritariamente da Região Sudeste ($n = 703$, 50,9%), dos quais 1069 (77,4%) são do sexo feminino e 313 (22,6%) do sexo masculino. A Figura 6 representa a distribuição dos respondentes pelo território nacional, com o número de respostas por Estado, e a cor representa a proporção por número de habitantes (IBGE, 2018). A média de idade dos participantes foi de 30,06 (DP = 9,84), variando entre 18 e 79 anos. A maior parte da amostra afirmou não ter filhos ($n = 1027$, 74,3%), estar em algum relacionamento amoroso no momento ($n = 1038$, 75,1%) e utilizar pornografia ($n = 759$, 54,9%).

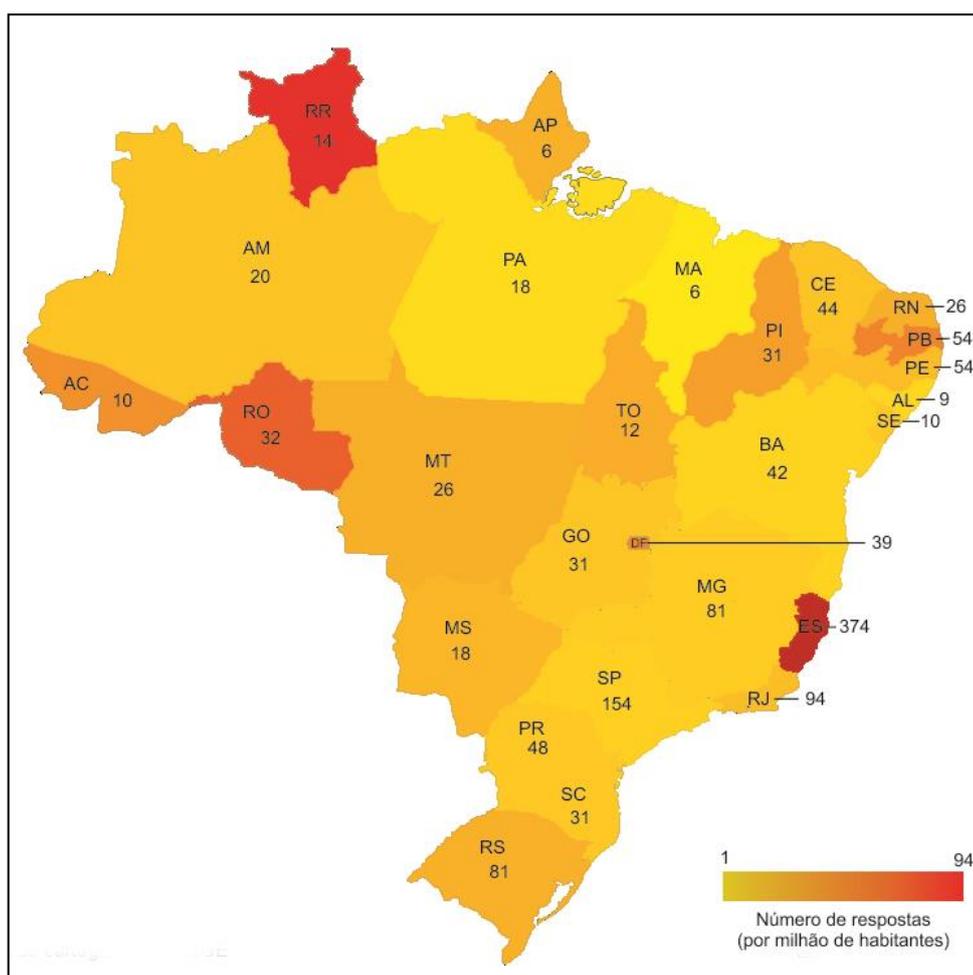


Figura 6

Distribuição dos respondentes pelo território nacional, com o número de respostas por Estado

Tabela 14

Descrição dos participantes do Estudo 4

	Homens		Mulheres		Total	
	mín-máx	M (DP)	mín-máx	M (DP)	mín-máx	M (DP)
Idade						
<i>Em anos</i>	18-79	31,1(10,9)	18-69	29,8(9,5)	18-79	30,1(9,8)
Escolaridade	n	%	n	%	n	%
Ensino Fundamental	5	1,6	6	0,6	11	0,8
Ensino Médio	95	30,4	309	28,9	404	29,2
Ensino Superior	93	29,7	379	35,5	472	34,2
Pós-graduação	120	38,3	375	35,0	495	35,7
Renda familiar						
Até 1 s.m.	17	5,4	76	7,1	93	6,7
Entre 1-3 s.m.	64	20,4	297	27,8	361	26,1
Entre 3-5 s.m.	81	25,9	257	24,0	338	24,5
Entre 5-15 s.m.	107	34,2	353	33,0	460	33,3
Mais de 15 s.m.	44	14,1	86	8,0	130	9,4
Crença						
Agnóstica	29	9,3	71	6,6	100	7,2
Ateísta	30	9,6	36	3,4	66	4,8
Católica	81	25,9	267	25,0	348	25,2
Espírita (Kardecista)	15	4,8	86	8,0	101	7,3
Pentecostal (Evangélica)	12	3,8	75	7,0	87	6,3
Protestante	21	6,7	101	9,4	122	8,8
Umbandista	4	1,3	22	2,1	26	1,9
Tenho uma espiritualidade	72	23,0	332	31,1	404	29,2
Não possui	34	10,9	49	4,6	83	6,0
Outra	15	4,7	30	2,9	45	3,4

Nota: Sexo: Feminino = 1069, Masculino = 313. N = 1382.

Do total de respondentes, 404 (29,2%) afirmaram “ter uma espiritualidade independente de qualquer religião”. Com relação à importância de suas crenças, 567 (41,0%) consideraram sua crença espiritual ou religiosa muito ou extremamente importante ($M = 4,12$; $DP = 1,48$), com mulheres ($M = 4,26$; $DP = 1,41$) apresentando médias significativamente maiores que homens ($M = 3,65$; $DP = 1,62$), ou seja, mulheres avaliaram como mais importante que homens suas crenças religiosas ou espirituais ($t(1380) = 6,43$; $p < 0,01$). Mais detalhes dos participantes podem ser observados na Tabela 14.

Instrumentos

O instrumento foi composto por quatro seções, apresentadas a seguir (Apêndice D).

Seção 1. Dados sociodemográficos: questões sobre sexo, idade, escolaridade, nível econômico, filhos, religião professada e grau de religiosidade, para caracterização da amostra.

Seção 2. Sexualidade: aspectos relacionados à sexualidade, como fonte de informações sobre sexo, iniciação sexual, satisfação com contatos sexuais e uso de acessórios sexuais. Além disso, duas escalas compõem essa seção:

Escala de Autoestima de Rosenberg. (Anexo B) Desenvolvida por Rosenberg (1989), propõe uma medida unidimensional que avalia a autoestima global a partir de afirmações sobre sentimentos de autoestima e de autoaceitação. Será utilizada a versão traduzida e validada por Hutz e Zanon (2011), composta por 10 itens em uma escala do tipo Likert de quatro pontos, na qual 1 corresponde a “discordo totalmente” e 4 “concordo totalmente”. Exemplos de itens são: “Eu acho que eu tenho várias boas qualidades” e “Eu gostaria de poder ter mais respeito por mim mesmo” ($\alpha = 0,93$; $\omega = 0,93$).

Escala Mosher Abreviada de Culpa Sexual. (Anexo C) Desenvolvida por Mosher (1966), propõe a mensurar culpa, generalizada como uma expectativa de autopunição. Será utilizada a versão reduzida proposta por Janda e Bazemore (2011), traduzida e validada por Baumel (2014), composta por 10 itens em uma escala unifatorial do tipo Likert de cinco pontos, na qual 1 corresponde a “discordo totalmente” e 5 “concordo totalmente”. Exemplos de itens são: “Práticas sexuais incomuns não me interessam” e “Quando eu tenho desejos sexuais eu gosto deles como todo ser humano saudável” ($\alpha = 0,87$; $\omega = 0,87$).

Seção 3. Relacionamento Amoroso: apenas os sujeitos que afirmaram estar em um relacionamento amoroso ou sexual responderam às questões dessa seção, sobre tipo, duração, infidelidade e uso de pornografia nesse relacionamento. Além disso, três escalas compõem essa seção:

Escala Triangular do Amor de Sternberg – Reduzida. (Anexo D) Desenvolvida por Sternberg (1986), propõe uma medida tridimensional para avaliação dos componentes do amor – intimidade, paixão e decisão/compromisso. Será utilizada a versão reduzida adaptada e validada por Andrade, Garcia e Cassepp-Borges (2013), composta por 17 itens em uma escala do tipo Likert de cinco pontos, na qual 1 corresponde a “discordo totalmente” e 5 “concordo totalmente”. Exemplos de itens são: “Eu sinto que meu(minha) companheiro(a) realmente me entende”, “Eu acho meu(minha) companheiro(a) muito atraente” e “Espero que meu amor por meu(minha) companheiro(a) dure pelo resto da vida” (Intimidade: $\alpha = 0,93$; $\omega = 0,93$; Paixão: $\alpha = 0,93$; $\omega = 0,93$; Decisão/compromisso: $\alpha = 0,90$; $\omega = 0,91$). Ao longo do texto o fator decisão/compromisso será citado apenas como compromisso.

Escala de Avaliação de Relacionamento. (Anexo E) Desenvolvida por Hendrick (1988), essa escala é uma medida simples da satisfação no relacionamento, com apenas sete itens e estrutura unifatorial. Será utilizada a versão traduzida e validada por Cassepp-Borges e Pasquali (2011). Os itens são apresentados como perguntas, respondidas em uma escala do tipo Likert de sete pontos, na qual 1 corresponde a “nada” e 5 “totalmente”. Exemplos de itens são: “No geral, o quanto você está satisfeito(a) com seu relacionamento?” e “O quanto você ama seu(sua) parceiro(a)?” ($\alpha = 0,92$; $\omega = 0,92$).

Índice de Satisfação Sexual. (Anexo F) Desenvolvida por Hudson, Harrison e Crosscup (1981), e traduzida por Andrade *et al.* (2009), propõe uma escala que mede a magnitude da satisfação ou insatisfação sexual no relacionamento amoroso atual. Será utilizada a estrutura bifatorial validada no Estudo 3 desta tese, composta por 16 itens em uma escala do tipo Likert

de cinco pontos, na qual 1 corresponde a “em nenhum momento” e 5 “todo o tempo”. Exemplos de itens são: “Creio que nosso sexo é maravilhoso” e “Meu(minha) companheiro(a) não me satisfaz sexualmente” (Satisfação: $\alpha = 0,92$; $\omega = 0,92$; Insatisfação: $\alpha = 0,91$; $\omega = 0,91$).

Seção 4. Uso de Pornografia: apenas os sujeitos que já utilizaram materiais pornográficos responderam às questões sobre o uso de pornografia, como tipo de material, frequência e formas de acesso. Todos os participantes foram direcionados para responder a Escala de Atitudes frente à Pornografia. No início desta seção havia um aviso informando que “para fins deste estudo consideramos pornografia como vídeos, imagens ou textos com representações sexuais explícitas”.

Escala de Atitudes frente à Pornografia. (Apêndice E) Desenvolvida para esta pesquisa, busca avaliar as atitudes dos participantes frente ao uso de pornografia e suas possíveis consequências. Será utilizada a versão tridimensional validada no Estudo 3 desta tese, composta por 21 itens que são julgados por uma escala de respostas do tipo *Likert* de cinco pontos, na qual 1 corresponde a “discordo totalmente” e 5 “concordo totalmente”, abordando atitudes perante o uso de pornografia e seus efeitos no comportamento sexual e no relacionamento amoroso. Exemplos de itens são: “Conheço melhor o meu corpo e o corpo do(a) meu(minha) parceiro(a) por causa da pornografia”, “Sinto vergonha por gostar de pornografia” e “Usar pornografia reduziu meu interesse pelo sexo” (Positiva: $\alpha = 0,84$; $\omega = 0,84$; Culpa e Vergonha: $\alpha = 0,93$; $\omega = 0,93$; Negativa: $\alpha = 0,89$; $\omega = 0,89$).

Além disso, foram incluídos ao longo do questionário cinco itens de controle, que solicitaram aos respondentes assinalarem respostas específicas, para verificar se o preenchimento estava sendo feito de forma atenta. Um exemplo deste tipo de item é: “Pergunta de controle – por gentileza, assinale o número 1”.

Procedimentos de coleta

A pesquisa foi realizada através de um questionário *online*, em um site específico desenvolvido para este fim (socepsi.com/pesquisa). A divulgação foi feita por meio eletrônico (Facebook, Whatsapp e E-mail), através das listas de contatos dos pesquisadores e de grupos sobre sexualidade, pesquisa e Psicologia, e todos os interessados foram convidados a compartilhar o link da pesquisa com sua rede de contatos.

As informações sobre os objetivos da pesquisa, técnica de coleta de dados realizada (questionário *online*), tempo médio de duração (30 minutos), características do público-alvo (brasileiros maiores de 18 anos) e meios para contatar os pesquisadores foram disponibilizadas na página inicial do site, juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C). Todos os respondentes manifestaram sua concordância na participação clicando em “sim, aceito participar”. Foram informados de que a pesquisa apresenta risco mínimo, como possibilidade de constrangimento ao responder às perguntas e de cansaço ao responder ao questionário, e que poderiam desistir do preenchimento a qualquer momento. O sigilo e anonimato foi garantido em todas as etapas da pesquisa, que foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas (protocolo: 80663417.0.0000.5542, Anexo A).

Procedimentos de análises de dados

Os dados foram tabulados com um *software* de gerenciamento de planilhas eletrônicas, no qual foi feita a primeira análise dos participantes. Dos 1706 questionários completos preenchidos, 72 erraram pelo menos 2 itens de controle e, por esse motivo, foram eliminados. Do banco de dados restante, com 1634 entradas, 252 foram destacadas para o Estudo 5, por se tratarem de casais, restando o banco de 1382 participantes analisados neste capítulo.

As respostas foram sistematizadas com o auxílio do *software* SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 23, com o qual foram feitas as análises descritivas para caracterização da amostra, avaliação da normalidade na distribuição da mesma, cálculos dos escores gerais e específicos de cada escala e, com essas informações, análises fatoriais, de comparações de médias, de correlação e de regressão entre os dados coletados para esclarecimento da questão de pesquisa, considerando um intervalo de confiança de 95% ($p < 0,05$). O programa Factor 10.8.03 (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2013) foi usado para cálculo dos índices de confiabilidade Alpha de Cronbach e Omega de McDonald das escalas utilizadas.

4.3.2 Resultados

4.3.2.1 Uso de pornografia

Esta seção relata os dados referentes ao uso de pornografia. Do total de respondentes, 1188 (86,0%) já a utilizaram em algum momento de suas vidas e 194 (14,0%) disseram nunca ter usado. Dentre os que já fizeram uso, 429 (31,0%) relataram não utilizar mais. A Tabela 15 apresenta esta descrição de acordo com a faixa etária, escolaridade, renda, crença espiritual ou religiosa professada, relacionamento amoroso e sexo. Análises de qui-quadrado foram realizadas para verificar se as diferenças encontradas nestas categorias são significativas.

O uso de pornografia está presente em mais de 52% dos participantes entre 18 e 45 anos. O percentual de usuários reduz com o aumento da faixa etária enquanto que o de pessoas que interrompem o uso aumenta. Na faixa etária entre 46 e 79 anos, o número de usuários ($n = 51$; 40,2%) e de pessoas que pararam de usar ($n = 52$; 40,9%) é bastante próximo, com o percentual de indivíduos que interromperam o uso levemente maior que os que ainda utilizam. Esta faixa

etária também concentra o maior percentual de pessoas que nunca usaram pornografia (18,9%).

Essas diferenças entre as distribuições são consideradas significativas ($\chi^2(6) = 17,51$; $p < 0,01$).

Tabela 15

Descrição dos usuários de pornografia pela faixa etária, escolaridade, renda, crença, relacionamento amoroso e sexo

	Não uso nem nunca usei		Já usei, mas parei		Uso	
	n	%	n	%	n	%
Faixa etária						
18-25 anos	70	12,5	165	29,4	325	58,1
26-35 anos	80	15,9	140	27,9	282	56,2
36-45 anos	20	10,4	72	37,3	101	52,3
46-79 anos	24	18,9	52	40,9	51	40,2
Escolaridade						
Ensino Fundamental	2	18,2	3	27,3	6	54,5
Ensino Médio	48	11,9	123	30,5	233	57,7
Ensino Superior	72	15,3	138	29,3	262	55,5
Pós-graduação	72	14,6	165	33,3	258	52,1
Renda familiar						
Até 1 s.m.	11	11,8	30	32,2	52	55,9
Entre 1-3 s.m.	58	16,1	105	29,1	198	54,9
Entre 3-5 s.m.	44	13,0	100	29,6	194	57,4
Entre 5-15 s.m.	64	13,9	153	33,3	243	52,8
Mais de 15 s.m.	17	13,1	41	31,6	72	55,4
Crença						
Não crê	28	11,2	63	25,3	158	63,4
Espiritualidade	49	12,1	116	28,7	239	59,1
Católico	53	15,2	123	35,4	172	49,4
Evangélico	47	22,5	81	38,7	81	38,7
Espírita	13	9,8	35	26,5	84	63,6
Outra	4	10,0	11	27,5	25	62,5
Relacionamento amoroso						
Sem relacionamento	53	15,4	102	29,7	189	54,9
Relacionamento estável	128	14,8	282	32,7	452	52,4
Relacionamento casual	13	7,4	45	25,6	118	67,0
Sexo						
Feminino	184	17,2	383	35,8	502	46,9
Masculino	10	3,2	46	14,7	257	82,1

Nota: Categorias agrupadas: Escolaridade: Pós-graduação = pós-graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado; Crença: Não crê = não possuo, agnóstico e ateu; Espiritualidade = Tenho uma espiritualidade independente de qualquer religião; Evangélico = pentecostal e protestante; Espírita = candomblecista, kardecista e umbandista; N = 1382.

Quando avaliados tanto a escolaridade quanto a renda familiar, mais de 52% dos participantes é usuário de pornô em todos os níveis mensurados. Os maiores percentuais de pessoas que nunca usaram pornografia estão entre os portadores de ensino fundamental (18,2%) e renda familiar entre 1 e 3 salários mínimos (16,1%), e de participantes que pararam de utilizar estão entre os pós-graduados (33,3%) e de renda familiar entre 5 e 15 salários mínimos (33,3%). De acordo com o teste de qui-quadrado, essas variações são significativas tanto para a escolaridade ($\chi^2 (12) = 31,42; p < 0,01$) quanto para a renda familiar ($\chi^2 (8) = 17,47; p = 0,03$).

Dentre as diferentes crenças relatadas, mais de 49% dos participantes afirmam usar pornografia, exceto entre os evangélicos. Neste grupo, o número de pessoas que usam e que pararam de usar é o mesmo ($n = 81; 38,7\%$). Este também é o grupo com maior percentual de pessoas que nunca utilizaram pornô (22,5%). Nesta categoria, as diferenças entre as distribuições são consideradas significativas ($\chi^2 (10) = 86,78; p < 0,01$).

Pessoas que usam pornografia ($M = 3,97; DP = 1,46$) apresentam médias menores na importância dada à crença religiosa ou espiritual do que pessoas que já usaram, mas pararam ($M = 4,18; DP = 1,50$) e que nunca usaram ($M = 4,56; DP = 1,45$). No que diz respeito à média de importância dada à crença (independente da denominação religiosa), uma ANOVA identificou diferenças significativas entre os diferentes usos de pornografia ($F = 12,92; p < 0,01$). Entre os diferentes níveis de crença o percentual de usuários de pornografia é superior à 54%, exceto para os que a consideram muito importante. Entre estes, os usuários somam 33,3%, enquanto que os que pararam de utilizar correspondem à 42%. Neste grupo também está o maior percentual desta categoria de pessoas que nunca usaram pornô, 24,7%.

A respeito do relacionamento amoroso atual, mais de 52% dos respondentes utilizam pornografia. Os que não estão em um relacionamento no momento são o maior percentual de pessoas que nunca fizeram uso de pornô (15,4%), enquanto que aqueles que estão em uma

relação estável são o maior percentual dos que já utilizaram, mas não fazem mais uso (32,7%). Esses valores são considerados significativos ($\chi^2 (4) = 14,78; p < 0,01$).

Quanto ao sexo, homens consomem muito mais pornografia que mulheres (82,1% x 46,9%). Entre as mulheres está o maior percentual das que já usaram pornô, mas pararam (35,8%) e também das que nunca fizeram uso (17,2%). De todas as categorias analisadas desta amostra, os homens apresentaram o menor percentual de pessoas que nunca fizeram uso de pornografia (3,2%) e o maior percentual de usuários de pornô (82,1%). A diferença no consumo de pornô entre homens e mulheres é estatisticamente significativa ($\chi^2 (2) = 29,71; p < 0,01$).

Observa-se, então, que o uso de pornografia está presente nos diferentes aspectos sociodemográficos analisados. É importante considerar que entre os participantes da faixa de 46-79 anos, evangélicos e que consideram a crença religiosa ou espiritual extremamente importante, o percentual dos que pararam de usar pornografia é superior ao dos que ainda a utilizam. A diferença significativa entre homens e mulheres quanto ao consumo de pornô – já esperada – irá nortear as demais análises desta seção, que se concentrará nas respostas dos 759 participantes que atualmente fazem uso de pornografia.

A Tabela 16 mostra a idade de início de uso de pornografia. A maior parte dos participantes teve acesso pela primeira vez a um conteúdo pornográfico entre 10 e 15 anos de idade (homens: 72,0%; mulheres: 44,2%). Mais homens do que mulheres descobriram a pornografia antes dos 10 anos de idade (13,6% x 8,4%) e mais mulheres do que homens entre os 15 e 20 anos de idade (13,6% x 29,5%). 17,9% das mulheres utilizaram pornô pela primeira vez após os 20 anos de idade. Homens e mulheres diferem significativamente na idade de início de uso de pornografia ($\chi^2 (5) = 88,07; p < 0,01$).

Tabela 16

Descrição dos usuários de pornografia pela faixa etária de início do uso e frequência de utilização feita no último mês, segundo o sexo

Faixa etária	Homens		Mulheres		Total	
	n	%	n	%	n	%
Antes dos 10 anos	35	13,6	42	8,4	77	10,1
Entre 10 e 15 anos	185	72,0	222	44,2	407	53,6
Entre 15 e 20 anos	35	13,6	148	29,5	183	24,1
Entre 20 e 30 anos	2	0,8	76	15,1	78	10,3
Entre 30 e 40 anos	0	0,0	10	2,0	10	1,3
Acima de 40 anos	0	0,0	4	0,8	4	0,5
Uso no último mês						
Nenhuma vez	3	1,2	75	14,9	78	10,3
Uma vez	19	7,4	108	21,5	127	16,7
Algumas vezes no mês	56	21,8	214	42,6	270	35,6
Toda semana	40	15,6	33	6,6	73	9,6
Algumas vezes na semana	97	37,7	62	12,4	159	20,9
Todos os dias	30	11,7	7	1,4	37	4,9
Algumas vezes no dia	8	3,1	2	0,4	10	1,3
Muitas vezes no dia	4	1,6	1	0,2	5	0,7

Nota: Sexo: Feminino = 502, Masculino = 257. N = 759.

Quanto à intensidade do uso de pornografia nos últimos 30 dias (Tabela 16), a maioria dos homens (37,7%) fez uso algumas vezes na semana, enquanto que a maior parte das mulheres (42,6%) fez uso algumas vezes no mês. Mais homens que mulheres fazem uso diário de pornografia (homens: 16,4% x mulheres: 2,0%) e mais mulheres que homens fazem uso esporádico de pornô (8,6% x 36,4%). A diferença encontrada na intensidade do uso é significativa ($\chi^2(7) = 190,09; p < 0,01$).

Tabela 17

Descrição do uso de pornografia, segundo o sexo

	Homens		Mulheres		Total	
	n	%	n	%	n	%
Finalidade do uso						
Aprendizado	60	23,3	171	34,1	231	30,4
Auxiliar no relacionamento	63	24,5	149	29,7	212	27,9
Satisfação pessoal	242	94,2	452	90,0	694	91,4
Suprir carência	102	39,7	124	24,7	226	29,8
Materiais utilizados						
Vídeos	244	94,9	459	91,4	703	92,6
Imagens	158	61,5	203	40,4	361	47,6
Textos	74	28,8	249	49,6	323	42,6
Formas de acesso						
Sites gratuitos na internet	251	97,7	439	87,5	690	90,3
Sites pagos na internet	9	3,5	5	1,0	14	1,8
Redes sociais	94	36,6	120	23,9	214	28,2
Celular, smartphone	155	60,3	280	55,8	435	57,3
Computador	150	58,4	178	35,5	328	43,2
<i>Downloads</i>	59	23,0	31	6,2	90	11,9
DVD	24	9,3	17	3,4	41	5,4
Televisão, canais abertos	17	6,6	32	6,4	49	6,5
Televisão, canais pagos	40	15,6	87	17,3	127	16,7
Revistas	22	8,6	36	7,2	58	7,6
Livros	14	5,4	93	18,5	107	14,1
<i>Blogs</i>	51	19,8	114	22,7	165	21,7
Categoria buscada						
Amadores	191	74,3	184	36,7	375	49,4
Bissexuais	64	24,9	144	28,7	208	27,4
BDSM	31	12,1	85	16,9	116	15,3
Gays	91	35,4	64	12,7	155	20,4
<i>Hardcore</i>	43	16,7	57	11,4	100	13,2
Heterossexuais	145	56,4	327	65,1	472	62,2
Lésbicas	75	29,2	233	46,4	308	40,6
Masturbação	77	30,0	146	29,1	223	29,4
<i>Painful</i>	22	8,6	27	5,4	49	6,5
Prazer feminino	65	25,3	236	47,0	301	39,7
Romântico	55	21,4	177	35,3	232	30,6
Sexo anal	140	54,5	128	25,5	268	35,3
Sexo grupal	115	44,7	191	38,0	306	40,3
Sexo oral	148	57,6	195	38,8	343	45,2
Sexo vaginal	127	49,4	237	47,2	364	48,0
<i>Teens</i>	115	44,7	72	14,3	187	24,6
<i>Toys</i>	37	14,4	45	9,0	82	10,8

A Tabela 17 apresenta a descrição da finalidade do uso de pornografia, segundo o sexo. Quando perguntados acerca da finalidade do uso de pornografia, tanto homens (94,2%) quanto mulheres (90,0%) apresentam como maior finalidade a satisfação pessoal, para masturbação, prazer e relaxamento. Em segundo lugar, para os homens, está o desejo de suprir uma sensação de carência, para passar o tempo e lidar com a solidão ou o tédio, mais do que para as mulheres (homens: 39,7% x mulheres: 24,7%). Em segundo lugar, para as mulheres, está o uso visando o aprendizado, o conhecimento do próprio corpo, a descoberta de novas técnicas e acessórios, mais do que para os homens (23,3% x 34,1%). Para ambos em terceiro lugar está o uso de pornografia como forma de auxiliar no relacionamento, promovendo excitação, incentivando o ato sexual, diversificando posições, entre outros, pouco mais para mulheres que para homens (24,5% x 29,7%).

Entre os materiais utilizados (Tabela 17), mais de 91% dos participantes, homens e mulheres, usa vídeo como fonte de material pornográfico. Mais homens que mulheres (homens: 61,5% x mulheres: 40,4%) fazem uso de imagens e mais mulheres que homens utilizam textos (28,8% x 49,6%). Homens (97,7%) e mulheres (87,5%) utilizam a pornografia principalmente através de sites gratuitos na internet, como os *tubes*, para uso do pornô, acessados principalmente através de celular ou smartphone (60,3% x 55,8%) e de computador (58,4% x 35,5%). Outra forma de utilização comum para ambos os sexos são as redes sociais, como *Tumblr*, *Whatsapp* e *Twitter*, entre outras (36,6% x 23,9%). As principais diferenças entre homens e mulheres nas formas de acesso à pornografia são que mais homens que mulheres utilizam sites pagos na internet (3,5% x 1,0%), DVDs (9,3% x 3,4%) e *downloads* (23,0% x 6,2%), enquanto mais mulheres do que homens usam livros (5,4% x 18,5%).

No que diz respeito às categorias de pornografia utilizadas (Tabela 17), entre os homens, as categorias mais buscadas são: amadores (74,3%), sexo oral (57,6%), heterossexuais (56,4%),

sexo anal (54,5%) e sexo vaginal (49,4%). Entre as mulheres são: heterossexuais (65,1%), sexo vaginal (47,2%), prazer feminino (47,0%), lésbicas (46,4%) e sexo oral (38,8%). As maiores diferenças entre os sexos foram encontradas nas categorias *teens* (homens: 44,7% x mulheres: 14,3%), gays (35,4% x 12,7%), sexo anal (54,5% x 25,5%) e amadores (74,3% x 36,7%), com homens apresentando percentuais superiores às mulheres, e prazer feminino (25,3% x 47,0%), na qual mulheres têm maior percentual.

4.3.2.2 Atitudes frente à pornografia

Serão analisados os dados da Escala de Atitudes frente à Pornografia (EAP), aplicada a todos os 1382 participantes, e suas correlações com variáveis sociodemográficas. Foi realizado o teste *t* para amostras independentes buscando avaliar a existência de diferença estatisticamente significativa entre a média dos escores de cada fator da EAP para as seguintes variáveis sociodemográficas dicotômicas: sexo (Feminino x Masculino), se usa pornografia (Não x Sim), se está em um relacionamento amoroso no momento (Não x Sim) e se tem filhos (Não x Sim). A Tabela 18 apresenta essa comparação de médias com indicação de sua significância.

Quando comparados os sexos, todos os fatores possuem diferenças significativas. Homens possuem mais atitudes positivas frente à pornografia que mulheres, enquanto estas pontuam mais nas avaliações negativas e de culpa e vergonha do que homens. Os três fatores também possuem diferenças significativas quanto ao uso de pornografia. Usuários de pornô possuem maiores médias no fator positivo da escala, e menores médias nos fatores negativo e de culpa e vergonha que não usuários.

Tabela 18

Comparação da Média e Desvio Padrão dos fatores da EAP por variáveis sociodemográficas

Variável		F 1 – Positiva			F 2 – Culpa/Vergonha			F 3 – Negativa		
		M	DP	<i>t</i>	M	DP	<i>t</i>	M	DP	<i>t</i>
Sexo	Feminino	2,58	0,75	-2,69	2,41	0,91	4,83	2,04	0,76	3,67
	Masculino	2,71	0,74	**	2,13	0,96	**	1,86	0,66	**
Usa pornografia	Não	2,36	0,71	-11,72	2,62	0,86	10,09	2,33	0,80	16,50
	Sim	2,82	0,72	**	2,13	0,92	**	1,73	0,56	**
Em relacionamento	Não	2,78	0,62	4,88	2,55	0,93	4,62	2,27	0,76	7,94
	Sim	2,55	0,78	**	2,28	0,91	**	1,91	0,72	**
Tem filho(s)	Não	2,63	0,76	2,23	2,36	0,95	0,99	1,96	0,73	-3,15
	Sim	2,53	0,73	*	2,31	0,86		2,10	0,78	**

Nota: Sexo: Feminino = 1069, Masculino = 313; Usa pornografia: Não = 623, Sim = 759; Em relacionamento: Não = 344, Sim = 1038; Tem filho(s): Não = 1027, Sim = 355. GL = 1380. N = 1382. * $p < 0,05$ ** $p < 0,01$.

Quanto ao relacionamento amoroso, diferenças significativas foram encontradas em todos os fatores. Pessoas que não estão em um relacionamento amoroso identificam mais fatores positivos no uso de pornografia, mais fatores negativos e também mais culpa e vergonha. Ter ou não filhos interfere significativamente na avaliação positiva e negativa do pornô: pessoas que não os têm possuem atitudes mais positivas e pessoas que os têm possuem atitudes mais negativas. Para essa variável foram encontrados valores *t* não-significativos no fator culpa e vergonha.

Esses resultados apontam que homens, usuários de pornografia, pessoas que não estejam em um relacionamento e que não tenham filhos possuem atitudes mais positivas frente à pornografia. Mulheres, pessoas que não usam pornografia e que tenham filhos possuem mais atitudes negativas. Participantes que não estão em um relacionamento amoroso também têm atitudes negativas e de culpa e vergonha frente ao pornô. Pessoas que não a utilizam e mulheres têm mais culpa e vergonha em relação à pornografia.

Para avaliar se há diferença, de acordo com a escolaridade, renda familiar, idade dos filhos, idade do participante e crença religiosa ou espiritual professada na atitude frente à

pornografia, foram realizadas análises de variância (ANOVA), com os resultados apresentados a seguir. Segundo Shingala (2016), um maior intervalo de confiança na análise *post-hoc* em grupos heterogêneos pode ser encontrado utilizando a *Tamhane T2*.

Não foram encontradas diferenças significativas entre os fatores quando avaliada a escolaridade ($F_1 = 1,34$; $p = 0,26$; $F_2 = 1,53$; $p = 0,21$; $F_3 = 1,72$; $p = 0,16$) ou a renda familiar ($F_1 = 0,81$; $p = 0,52$; $F_2 = 2,19$; $p = 0,07$; $F_3 = 2,21$; $p = 0,07$). A ANOVA da idade dos filhos mostrou valores p significativos apenas para o Fator 3 ($F_1 = 1,68$; $p = 0,17$; $F_2 = 1,34$; $p = 0,26$; $F_3 = 3,22$; $p = 0,02$). A análise *post-hoc Tamhane T2* não indicou diferenças significativas nas atitudes frente à pornografia entre os fatores quanto à escolaridade, à renda familiar ou à faixa etária dos filhos. Análises *post-hoc* alternativas (*Dunnett T3*, *Scheffe* e *Bonferroni*) confirmaram a não existência de diferenças significativas no Fator 3 para idade dos filhos.

A Tabela 19 apresenta as médias dos fatores segundo a faixa etária. As diferenças foram significativas apenas no Fator 2 ($F = 7,77$; $p < 0,01$). No Fator 1 ($F = 1,26$; $p = 0,29$) e Fator 3 ($F = 1,92$; $p = 0,13$) os valores de p foram maiores que 0,05. A análise *post-hoc Tamhane T2* não indicou diferenças nas atitudes positivas nem negativas frente à pornografia entre as faixas etárias. Pessoas entre 18 e 25 anos apresentaram escores significativamente mais altos que as de 36 a 45 ($p < 0,01$) e de 46 a 79 ($p = 0,02$) anos no Fator 2, bem como as de 26 a 35 anos em relação às de 36 a 45 ($p < 0,01$). Participantes entre 18 e 35 anos possuem mais afetos de culpa e vergonha em relação à pornografia quando comparados com os de 36 a 45 anos, e os indivíduos mais jovens da amostra pontuaram mais do que os mais velhos no Fator 2.

As comparações entre as médias atribuída pelos participantes às atitudes frente à pornografia, de acordo com a crença religiosa ou espiritual professada são apresentadas na Tabela 9. As categorias respondidas foram agrupadas para facilitar a análise e interpretação. Apenas no Fator 3 foram encontradas diferenças significativas na ANOVA ($F = 4,38$; $p < 0,01$). No Fator 1 ($F = 1,39$; $p = 0,23$) e Fator 2 ($F = 2,13$; $p = 0,06$) os valores de p foram maiores que

0,05. A análise *post-hoc Tamhane T2* não indicou diferenças significativas nas atitudes positivas frente à pornografia. Evangélicos apresentaram médias superiores aos que professam outras religiões no Fator 2 ($p = 0,04$) e com todas as demais crenças no Fator 3 (Não crê: $p < 0,01$; Espiritualidade: $p < 0,01$; Católico: $p = 0,04$; Espírita: $p = 0,02$; Outra: $p = 0,03$). Tal resultado aponta para uma maior atitude negativa dos participantes evangélicos frente a esta utilização. As demais crenças não apresentaram diferenças significativas em nenhum fator, o que indica não haver diferenças nas atitudes destes grupos.

Tabela 19

Média atribuída pelos participantes às atitudes frente à pornografia, de acordo com a faixa etária e a crença religiosa ou espiritual professada

Faixa etária	N	F 1 – Positiva	F 2 – Culpa/Vergonha	F 3 – Negativa
18-25 anos	560	2,62 (0,75)	2,45 (1,01)	1,98 (0,75)
26-35 anos	502	2,64 (0,76)	2,36 (0,89)	2,02 (0,73)
36-45 anos	193	2,57 (0,74)	2,10 (0,81)	1,93 (0,73)
46-79 anos	127	2,51 (0,71)	2,22 (0,74)	2,12 (0,76)
Crença				
Não crê	249	2,68 (0,77)	2,31 (0,92)	1,95 (0,74)
Espiritualidade	404	2,64 (0,72)	2,32 (0,91)	1,96 (0,72)
Católico	348	2,57 (0,76)	2,36 (0,93)	1,99 (0,75)
Evangélico	209	2,55 (0,76)	2,49 (0,94)	2,21 (0,82)
Espírita	132	2,61 (0,70)	2,35 (0,94)	1,95 (0,64)
Outra	40	2,46 (0,83)	2,03 (0,83)	1,82 (0,68)
Total	1382	2,61 (0,75)	2,35 (0,93)	2,00 (0,74)

Nota: Categorias agrupadas: Não crê = não possui, agnóstico e ateu; Espiritualidade = Tenho uma espiritualidade independente de qualquer religião; Evangélico = pentecostal e protestante; Espírita = candomblecista, kardecista e umbandista; Outra = daimista, hinduísta, judaica, wicca. Desvio padrão é apresentado entre parênteses.

A Tabela 20 apresenta as correlações de Pearson para as relações entre a importância da crença religiosa ou espiritual e os escores das escalas de Culpa Sexual (ECS) e de Autoestima Geral (EAG) entre si e com as atitudes frente à pornografia. A importância da crença religiosa ou espiritual aparece como componente importante para compreender a culpa sexual e a autoestima nesta amostra, correlacionando-se de maneira positiva com ambas variáveis: quanto maior a importância da crença, maior a culpa sexual e maior a autoestima. As variáveis culpa sexual e autoestima não apresentaram uma correlação significativa.

Tabela 20

Correlações entre importância da crença, culpa sexual e autoestima entre si e com a EAP, por fator

Variáveis	Importância da crença	Culpa sexual	Autoestima
Importância da crença	-		
Culpa Sexual	0,41**	-	
Autoestima	0,18**	0,03	-
F 1 – Positiva	-0,11**	-0,28**	-0,03
F 2 – Culpa/Vergonha	0,19**	0,52**	-0,21**
F 3 – Negativa	0,23**	0,53**	-0,12**

Nota: N = 1382. ** p < 0,01.

Como pode ser observado, os três fatores da EAP correlacionaram-se de maneira significativa com a importância da crença religiosa ou espiritual: negativamente com o Fator 1 e positivamente com os fatores 2 e 3. Correlação semelhante foi encontrada com a culpa sexual: negativamente com o Fator 1 e positivamente com os fatores 2 e 3. Ou seja, quanto mais importante for a crença ou maior for a culpa sexual do respondente, mais atitudes negativas e de culpa e vergonha ele terá frente à pornografia, e menos atitudes positivas. A autoestima correlacionou-se negativamente com os fatores 2 e 3, o que significa que quanto maior a

autoestima, menor a avaliação negativa ou de culpa e vergonha em relação ao pornô. Esta variável não encontrou correlação significativa com o Fator 1.

4.3.2.3 Relacionamento amoroso

Esta seção apresenta os dados referentes aos 1038 (75,1%) participantes – 220 (21,2%) homens e 818 (78,8%) mulheres – que afirmaram estar em um relacionamento amoroso no momento, descritos na Tabela 21. Serão apresentados os resultados dos instrumentos: Escala de Avaliação de Relacionamento (EAR), Índice de Satisfação Sexual (ISS) e Escala Triangular do Amor (ETA) e suas correlações com variáveis sociodemográficas.

Tabela 21

Descrição dos participantes em um relacionamento amoroso

	Homens		Mulheres		Total	
	n	%	n	%	n	%
Relacionamento atual						
Biafetivo	5	2,3	19	2,3	24	2,3
Heteroafetivo	165	75,0	731	89,4	896	86,3
Homoafetivo	47	21,4	62	7,6	109	10,5
Poliafetivo	3	1,4	6	0,7	9	0,9
Tipo de relação						
Casado ou morando junto	108	49,1	333	40,7	441	42,5
Namoro	73	33,2	339	41,4	412	39,7
Relacionamento casual	36	16,4	140	17,1	176	17,0
Relacionamento poliamoroso	3	1,4	6	0,7	9	0,9
Tempo de relação						
Até 6 meses	30	13,6	126	15,4	156	15,0
6 meses a 1 ano	15	6,8	112	13,7	127	12,2
1 a 5 anos	70	31,8	267	32,6	337	32,5
Mais de 5 anos	105	47,7	313	38,3	418	40,3

Nota: Sexo: Feminino = 818, Masculino = 220. N = 1038.

Entre os homens, 75,0% está em um relacionamento heteroafetivo (n = 165), 49,1% está casado ou morando junto (n = 108) e 47,7% das relações têm mais de 5 anos de duração (n = 105). Entre as mulheres, 89,4% está em um relacionamento heteroafetivo (n = 731), 41,4% está namorando (n = 339) e 38,3% das relações têm mais de 5 anos de duração (n = 313). A maior parte dos respondentes que está em um relacionamento está casada ou namorando (82,2%), em uma relação heteroafetiva (86,3%) e com mais de 1 ano de duração (72,8%).

Foi realizado o teste *t* para amostras independentes buscando avaliar a existência de diferença estatisticamente significativa entre a média dos escores das escalas EAR, ISS e ETA para as seguintes variáveis sociodemográficas dicotômicas: sexo (Feminino x Masculino), se usa pornografia (Não x Sim) e se tem filhos (Não x Sim). A Tabela 22 apresenta essa comparação de médias com indicação de sua significância.

Tabela 22

Comparação da Média e Desvio Padrão das escalas EAR, ISS e ETA por variáveis sociodemográficas

Escala	Sexo		<i>t</i>	Usa pornografia		<i>t</i>	Tem filho(s)		<i>t</i>
	Feminino	Masculino		Não	Sim		Não	Sim	
EAR	5,31 (1,13)	5,28 (1,18)	0,26	5,43 (1,13)	5,20 (1,14)	3,23 **	5,34 (1,11)	5,21 (1,19)	1,79
ISS Satisfação	3,94 (0,74)	3,73 (0,83)	3,72 **	3,90 (0,76)	3,90 (0,77)	0,09	3,94 (0,76)	3,80 (0,78)	2,71 **
ISS Insatisfação	1,95 (0,74)	2,05 (0,82)	-1,70	1,97 (0,75)	1,97 (0,77)	-0,14	1,92 (0,73)	2,08 (0,82)	-3,10 **
ETA Compromisso	4,01 (0,82)	4,06 (0,80)	-0,95	4,15 (0,78)	3,91 (0,83)	4,92 **	4,02 (0,82)	4,00 (0,81)	0,41
ETA Intimidade	3,97 (0,75)	3,99 (0,68)	-0,36	4,05 (0,71)	3,92 (0,75)	2,77 **	4,05 (0,71)	3,81 (0,77)	4,74 **
ETA Paixão	4,07 (0,79)	4,14 (0,79)	-1,10	4,05 (0,79)	4,11 (0,80)	-1,24	4,18 (0,73)	3,87 (0,88)	5,98 **

Nota: Desvio padrão é apresentado entre parênteses. Sexo: Feminino = 818, Masculino = 220; Usa pornografia: Não = 468, Sim = 570; Tem filho(s): Não = 723, Sim = 315. GL = 1036. N = 1038. ** p < 0,01.

Quando comparados os sexos, apenas para o fator satisfação do Índice de Satisfação Sexual houve diferença significativa, com mulheres apresentando médias superiores aos homens, ou seja, elas estão se sentindo mais sexualmente satisfeitas que eles. Quanto ao uso de pornografia, diferenças *t* significativas foram encontradas na Escala de Avaliação de Relacionamento e na Escala Triangular do Amor para os fatores Compromisso e Intimidade. Nestes três aspectos, não usuários apresentaram médias maiores que os usuários, o que aponta o uso de pornografia como prejudicial para a percepção de satisfação com o relacionamento amoroso e para o compromisso e a intimidade na relação.

Ter ou não filhos diferiu de forma significativa nas escalas ISS, para os fatores Satisfação e Insatisfação, e ETA, para os fatores Intimidade e Paixão. Participantes sem filhos apresentaram maiores médias para satisfação sexual e para a intimidade e a paixão na relação, enquanto os que possuem filhos pontuaram mais em insatisfação sexual. Este aspecto parece ser relevante para a satisfação sexual no relacionamento e contribui com a intimidade e a paixão do casal.

Foram realizadas análises de variância (ANOVA) para avaliar se há diferença, de acordo com a escolaridade, renda familiar, idade dos filhos, crença religiosa ou espiritual professada, idade do participante e características do relacionamento amoroso atual na atitude frente à pornografia. Devido à heterogeneidade dos grupos, a análise *post-hoc* escolhida foi a *Tamhane T2* (Shingala, 2016). Os resultados são apresentados a seguir.

A Tabela 23 apresenta as ANOVA das escalas EAR, ISS e ETA por escolaridade, renda familiar, idade dos filhos e crença. Não foram encontradas diferenças significativas nas escalas quando avaliadas a escolaridade, a idade dos filhos e a crença religiosa ou espiritual. Valor *p* significativo foi encontrado apenas na EAR em relação à renda familiar. A análise *post-hoc Tamhane T2* não indicou diferenças significativas nas atitudes frente à pornografia em nenhum destes aspectos. Na análise *post-hoc Bonferroni* participantes com renda familiar mensal

superior à 15 salários-mínimos ($M = 5,52$; $DP = 0,97$) obtiveram médias maiores na Escala de Avaliação de Relacionamento do que os com renda de até um salário mínimo ($M = 5,01$; $DP = 1,30$) de maneira significativa ($p = 0,04$).

Tabela 23

ANOVA das escalas EAR, ISS e ETA por escolaridade, renda familiar, idade dos filhos e crença

Escala	Escolaridade		Renda familiar		Idade dos filhos		Crença	
	F	p	F	p	F	p	F	p
EAR	0,80	0,50	3,16	0,01	0,64	0,59	0,48	0,79
ISS Satisfação	1,01	0,39	0,36	0,84	0,70	0,55	1,20	0,31
ISS Insatisfação	0,97	0,41	0,75	0,56	2,39	0,07	0,68	0,64
ETA Compromisso	0,17	0,92	1,95	0,10	2,05	0,11	1,50	0,19
ETA Intimidade	0,28	0,84	1,50	0,20	0,70	0,55	0,25	0,94
ETA Paixão	0,28	0,84	1,24	0,29	2,65	0,05	0,55	0,74

Quando analisadas segundo a faixa etária, a escala EAR ($F = 1,35$; $p = 0,26$) e o fator Compromisso da ETA ($F = 1,43$; $p = 0,23$) apresentaram valores de p maiores que 0,05. As diferenças foram significativas nos fatores Satisfação ($F = 3,30$; $p = 0,02$) e Insatisfação ($F = 4,67$; $p < 0,01$) da ISS, e Intimidade ($F = 5,13$; $p < 0,01$) e Paixão ($F = 13,37$; $p < 0,01$) da ETA. A Tabela 24 apresenta a média atribuída pelos participantes nas escalas EAR, ISS e ETA, de acordo com a faixa etária.

Tabela 24

Média atribuída pelos participantes nas escalas EAR, ISS e ETA, de acordo com a faixa etária e características do relacionamento amoroso

Faixa etária	N	EAR	ISS-Sat	ISS-Ins	ETA-Comp	ETA-Int	ETA-Paix
18-25 anos	386	5,37 (1,09)	3,99 (0,75)	1,87 (0,71)	4,07 (0,77)	4,08 (0,70)	4,27 (0,68)
26-35 anos	390	5,30 (1,17)	3,86 (0,75)	2,02 (0,78)	4,01 (0,83)	3,95 (0,72)	4,04 (0,78)
36-45 anos	167	5,16 (1,19)	3,79 (0,82)	2,11 (0,82)	3,92 (0,91)	3,82 (0,82)	3,90 (0,91)
46-79 anos	95	5,30 (1,13)	3,83 (0,77)	1,93 (0,73)	4,02 (0,75)	3,95 (0,71)	3,87 (0,91)
Relacionamento atual							
Biafetivo	24	4,54 (0,87)	3,94 (0,87)	1,94 (0,56)	3,26 (0,62)	3,69 (0,75)	4,27 (0,58)
Heteroafetivo	896	5,34 (1,13)	3,91 (0,76)	1,95 (0,74)	4,05 (0,82)	3,98 (0,74)	4,09 (0,80)
Homoafetivo	109	5,16 (1,23)	3,75 (0,87)	2,13 (0,94)	3,97 (0,74)	3,98 (0,70)	4,03 (0,82)
Poliafetivo	9	5,29 (0,85)	3,92 (0,79)	1,78 (0,79)	3,65 (1,03)	4,22 (0,49)	4,16 (0,84)
Tipo de relação							
Casamento / Morando junto	441	5,46 (1,13)	3,75 (0,79)	2,17 (0,80)	4,24 (0,70)	4,00 (0,77)	3,90 (0,87)
Namoro	412	5,57 (0,93)	4,01 (0,72)	1,84 (0,68)	4,20 (0,65)	4,15 (0,63)	4,26 (0,66)
Relacionamento casual	176	4,30 (1,09)	3,99 (0,77)	1,80 (0,71)	3,06 (0,76)	3,49 (0,68)	4,15 (0,66)
Relacionamento poliamoroso	9	5,29 (1,14)	3,92 (0,79)	1,78 (0,79)	3,65 (1,03)	4,22 (0,49)	4,16 (0,84)
Tempo de relação							
Até 6 meses	156	4,70 (1,19)	4,07 (0,74)	1,70 (0,66)	3,33 (0,95)	3,67 (0,75)	4,26 (0,75)
De 6 meses a 1 ano	127	5,35 (1,09)	4,07 (0,71)	1,77 (0,63)	3,98 (0,76)	4,06 (0,68)	4,30 (0,75)
Entre 1 e 5 anos	337	5,44 (1,03)	3,94 (0,73)	1,93 (0,76)	4,15 (0,70)	4,07 (0,66)	4,21 (0,74)
Mais de 5 anos	418	5,40 (1,15)	3,74 (0,79)	2,17 (0,78)	4,18 (0,73)	3,99 (0,77)	3,86 (0,85)
Total	1038	5,30 (1,14)	3,89 (0,77)	1,97 (0,76)	4,02 (0,82)	3,98 (0,73)	4,09 (0,79)

Nota: Desvio padrão é apresentado entre parênteses.

Na análise *post-hoc Tamhane T2* foram encontradas diferenças significativas na faixa etária de 18 a 25 anos em relação às demais: no fator Insatisfação da ISS apresentaram médias menores que os entre 26 e 35 ($p = 0,04$) e 36 e 45 ($p < 0,01$) anos; na ETA, pontuaram mais do que os de 36 a 45 anos nos fatores Intimidade e Paixão ($p < 0,01$; $p < 0,01$), e mais do que os de 26 a 35 ($p < 0,01$) e 46 a 79 ($p < 0,01$) anos em Paixão. Na análise *post-hoc Bonferroni* participantes de 18 a 25 anos obtiveram médias maiores no fator Satisfação da ISS que os de

36 a 45 anos de maneira significativa ($p = 0,03$). Os indivíduos mais jovens da amostra possuem mais satisfação e menos insatisfação sexual, mais intimidade e paixão em seu relacionamento do que os entre 36 e 45 anos.

A Tabela 24 apresenta as médias das escalas de acordo com o relacionamento amoroso atual. As diferenças foram significativas na EAR ($F = 4,60$; $p < 0,01$) e no fator Compromisso da ETA ($F = 8,28$; $p < 0,01$). Nos fatores Satisfação ($F = 1,55$; $p = 0,20$) e Insatisfação ($F = 2,02$; $p = 0,11$) do ISS, e Intimidade ($F = 1,59$; $p = 0,19$) e Paixão ($F = 0,60$; $p = 0,62$) da ETA os valores de p foram maiores que 0,05. A análise *post-hoc Tamhane T2* identificou diferenças significativas entre os relacionamentos biafetivos: apresentam menores médias na EAR em relação a heteroafetivos ($p < 0,01$) e homoafetivos ($p = 0,03$) e no fator Compromisso da ETA quando comparados com heteroafetivos ($p < 0,01$) e homoafetivos ($p < 0,01$). Este resultado indica que pessoas em relações biafetivas possuem menor compromisso e satisfação no relacionamento quando comparados à heteroafetivas e homoafetivas.

A ANOVA segundo o tipo de relacionamento apresentou resultados significativos em todas as escalas: EAR ($F = 65,15$; $p < 0,01$), Satisfação ($F = 9,33$; $p < 0,01$) e Insatisfação ($F = 17,72$; $p < 0,01$) do ISS, e Compromisso ($F = 138,06$; $p < 0,01$), Intimidade ($F = 37,52$; $p < 0,01$) e Paixão ($F = 16,06$; $p < 0,01$) da ETA. A Tabela 24 apresenta a média atribuída pelos participantes nas escalas de acordo com o tipo de relação. Através da análise *post-hoc Tamhane T2* observou-se diferenças significativas na EAR, com pessoas em relacionamento casual apresentando escores menores que as casadas ($p < 0,01$) e namorando ($p < 0,01$). Na ETA estas pessoas também tiveram médias menores no fator Compromisso que as casadas ($p < 0,01$) e namorando ($p < 0,01$), e no fator Intimidade que as casadas ($p < 0,01$), namorando ($p < 0,01$) e em relacionamento poliamoroso ($p = 0,01$). Os participantes casados ou morando juntos da amostra pontuaram menos no fator Satisfação do ISS e mais no fator Insatisfação do ISS do que os namorando ($p < 0,01$; $p < 0,01$) ou em relação casual ($p < 0,01$; $p < 0,01$). Na ETA estes

participantes tiveram médias menores do que os namorando ($p < 0,01$) no fator Intimidade, e do que os namorando ($p < 0,01$) ou em relação casual ($p < 0,01$) no fator Paixão. Ou seja, as pessoas mais insatisfeitas com sua relação e com menos compromisso e intimidade estão em um relacionamento casual. Os casados possuem menor satisfação e maior insatisfação sexual, além de menor intimidade e paixão em sua relação.

Na análise segundo o tempo de duração do relacionamento, a ANOVA identificou resultados significativos em todas as escalas: EAR ($F = 18,04$; $p < 0,01$), Satisfação ($F = 10,96$; $p < 0,01$) e Insatisfação ($F = 20,18$; $p < 0,01$) do ISS, e Compromisso ($F = 52,29$; $p < 0,01$), Intimidade ($F = 11,82$; $p < 0,01$) e Paixão ($F = 20,75$; $p < 0,01$) da ETA. Na Tabela 15 estão descritas as médias atribuídas pelos participantes segundo o tipo de relacionamento. Pessoas em relações de até 6 meses apresentaram médias menores em diversas escalas: na EAR e nos fatores Compromisso e Intimidade da ETA que relações de 6 meses a 1 ano ($p < 0,01$; $p < 0,01$; $p < 0,01$), de 1 a 5 anos ($p < 0,01$; $p < 0,01$; $p < 0,01$) e mais de 5 anos ($p < 0,01$; $p < 0,01$; $p < 0,01$). Participantes em relacionamentos com mais de 5 anos de duração pontuaram menos no fator Paixão da ETA e no fator Satisfação do ISS e mais no fator Insatisfação do ISS que em relações de até 6 meses ($p < 0,01$; $p < 0,01$; $p < 0,01$), de 6 meses a 1 ano ($p < 0,01$; $p < 0,01$; $p < 0,01$) e de 1 a 5 anos ($p < 0,01$; $p < 0,01$; $p < 0,01$). No fator Insatisfação do ISS a faixa de 1 a 5 anos de relação teve escore significativamente superior à de até 6 meses ($p < 0,01$). Esses dados sugerem que no início a satisfação, compromisso e intimidade com a relação são mais baixos que em outros períodos, e que relações mais longas possuem menos paixão, menos satisfação e mais insatisfação sexual.

A Tabela 25 apresenta as correlações de Pearson entre os escores dos instrumentos avaliados nesta seção e destes com a importância da crença religiosa ou espiritual e as escalas de Culpa Sexual (ECS) e de Autoestima Geral (EAG). Na avaliação da satisfação com o relacionamento amoroso, a satisfação sexual, o compromisso, a intimidade e a paixão se

correlacionam positivamente e a insatisfação sexual negativamente. Na análise do ISS, compromisso, intimidade e paixão possuem correlações positivas com a satisfação e negativas com a insatisfação sexual. E os componentes do amor também se correlacionam positivamente entre si. Com exceção da insatisfação sexual, cuja correlação é inversa, todos os elementos avaliados possuem uma correlação direta, de modo que quanto maior a satisfação sexual e a satisfação com o relacionamento, maiores as médias nos componentes do amor.

Tabela 25

Correlações entre os escores das escalas EAR, ISS e ETA, e com importância da crença, culpa sexual e autoestima

Escalas	EAR	ISS-Sat	ISS-Ins	ETA-Comp	ETA-Int	ETA-Paix
EAR	-					
ISS – Satisfação	0,56**	-				
ISS – Insatisfação	-0,55**	-0,78**	-			
ETA – Compromisso	0,71**	0,33**	-0,30**	-		
ETA – Intimidade	0,76**	0,45**	-0,42**	0,66**	-	
ETA – Paixão	0,54**	0,69**	-0,67**	0,45**	0,50**	-
Importância da crença	-0,01	-0,04	0,03	0,07*	-0,05	-0,07*
Culpa Sexual	0,00	-0,17**	0,07*	0,14**	-0,07*	-0,17*
Autoestima	0,18**	0,15**	-0,15**	0,08*	0,16**	0,02

Nota: N = 1038. * p < 0,05 ** p < 0,01

A importância da crença espiritual ou religiosa correlacionou-se de maneira significativa com dois fatores da ETA: negativamente com a Paixão e positivamente com o Compromisso. Ou seja, quanto mais importante for a crença maior será o compromisso e menor será a paixão. A culpa sexual se correlacionou de maneira significativa com todos os fatores do ISS e da ETA. Com o ISS, a relação foi positiva com a Insatisfação e negativa com a Satisfação sexual, ou seja, quanto maior a culpa sexual maior a insatisfação e menor a satisfação sexual. Com a ETA, a relação foi positiva com o Compromisso e negativa com a Intimidade e a Paixão,

de modo que quanto maior a culpa sexual, maior o compromisso e menor a intimidade e a paixão no relacionamento. A autoestima se correlacionou significativamente com a maior parte dos fatores, exceto Paixão. A relação foi positiva com a EAR, com a satisfação no ISS e com os fatores Compromisso e Intimidade do ETA, e negativa com a insatisfação no ISS. Este resultado aponta que uma maior autoestima contribui com a satisfação sexual e no relacionamento, e com o compromisso e intimidade da relação, além de reduzir a insatisfação sexual.

4.3.2.4 Relacionamento amoroso e pornografia

Esta seção procura responder o objetivo principal da tese, que é compreender como o uso de pornografia e as atitudes frente a esse tipo de material influenciam na avaliação de satisfação com o relacionamento amoroso. Serão utilizados os dados de 1038 participantes – 220 (21,2%) homens e 818 (78,8%) mulheres – que afirmaram estar em um relacionamento amoroso no momento.

A Tabela 26 descreve as correlações de Pearson realizadas para verificar as relações entre as escalas EAR, ISS e ETA com as atitudes frente à pornografia. Na EAR, o único fator da EAP que se correlacionou de maneira significativa foi o Fator 3, de modo que quanto menor a atitude negativa frente à pornografia maior a satisfação com o relacionamento amoroso. O ISS se correlacionou de maneira significativa com todos os fatores da EAP. A Satisfação teve correlação positiva com o Fator 1 e negativa com os Fatores 2 e 3, e a Insatisfação teve correlação negativa com o Fator 1 e positiva com os Fatores 2 e 3. Isso significa que atitudes positivas frente à pornografia estão associadas à satisfação sexual, e que atitudes negativas e de culpa e vergonha associadas à insatisfação sexual de maneira direta.

Na ETA, Compromisso esteve correlacionado com o Fator 2 de maneira positiva, e Intimidade com o Fator 3 de maneira negativa, ou seja, quanto maior o compromisso, maior as atitudes de culpa e vergonha frente ao pornô, e quanto maior a intimidade, menor as atitudes negativas em relação à pornografia. A Paixão teve correlação positiva com o Fator 1 e negativa com os Fatores 2 e 3, ou seja, a paixão se correlaciona com atitudes positivas em relação à pornografia de maneira direta e com atitudes negativas e de culpa e vergonha de forma inversa.

Tabela 26

Correlações das escalas EAR, ISS e ETA com os fatores da EAP

Escalas	EAR	ISS-Sat	ISS-Ins	ETA-Comp	ETA-Int	ETA-Paix
F 1 – Positiva	0,03	0,12**	-0,12**	-0,06	0,03	0,14**
F 2 – Culpa/Vergonha	0,00	-0,12**	0,12**	0,11**	-0,05	-0,10**
F 3 – Negativa	-0,07*	-0,19**	0,21**	0,06	-0,10**	-0,20**

Nota: N = 1038. * p < 0,05 ** p < 0,01

Foi realizada uma regressão múltipla hierárquica (Abbad & Torres, 2002; Howitt & Cramer, 2008a) com o objetivo de explicar a satisfação com o relacionamento amoroso: no bloco 1 foram incluídas as variáveis individuais: ‘importância da crença religiosa ou espiritual’ e as escalas de Culpa Sexual (ECS) e de Autoestima Geral (EAG); no bloco 2 foram incluídas as variáveis do relacionamento: os dois fatores do ISS e os três da ETA; e no bloco 3 as variáveis sobre pornografia: ‘uso de pornografia’ e os três fatores da EAP (método *Enter*). O resultado é apresentado na Tabela 27, dividida por sexo.

Entre as mulheres, a inclusão das variáveis do relacionamento na análise da EAR representa um aumento de 69,3% da variância explicada pelo modelo, enquanto que as variáveis sobre pornografia não acrescentam qualquer alteração no coeficiente de determinação ajustado. O modelo encontrado explica 71,6% da variância encontrada, no qual a insatisfação sexual contribui de maneira negativa e a autoestima, a satisfação sexual, e os fatores compromisso e

intimidade da ETA se correlacionam de maneira positiva com a avaliação da satisfação feminina com o relacionamento amoroso.

Tabela 27

Regressão múltipla hierárquica da escala EAR (método *Enter*), por sexo

Bloco	Variáveis Independentes	R	R ² mudança	R ² ajustado	F	β
(Sexo Feminino, n = 818)						
Bloco 1	Importância da crença	0,162	0,026	0,023	7,28**	-0,01
	ECS					-0,01
	EAG					0,04*
Bloco 2	ISS-Satisfação	0,848	0,719	0,716	258,25**	0,10**
	ISS-Insatisfação					-0,19**
	ETA-Compromisso					0,39**
	ETA-Intimidade					0,39**
	ETA-Paixão					-0,03
Bloco 3	Uso pornografia	0,849	0,720	0,716	172,67**	-0,02
	EAP – F-1 Pos.					0,02
	EAP – F-2 Culp./Verg.					0,03
	EAP – F-3 Neg.					0,00
(Sexo Masculino, n = 220)						
Bloco 1	Importância da crença	0,287	0,082	0,069	6,44**	-0,07
	ECS					0,03
	EAG					0,07
Bloco 2	ISS-Satisfação	0,866	0,750	0,740	78,98**	0,19**
	ISS-Insatisfação					-0,25**
	ETA-Compromisso					0,28**
	ETA-Intimidade					0,39**
	ETA-Paixão					-0,04
Bloco 3	Uso pornografia	0,869	0,756	0,742	53,42**	0,07
	EAP – F-1 Pos.					-0,03
	EAP – F-2 Culp./Verg.					0,01
	EAP – F-3 Neg.					-0,03

Nota: * p < 0,05 ** p < 0,01

Entre os homens houve um acréscimo de 67,1% na variância explicada pelo modelo com a inclusão das variáveis do relacionamento na análise da EAR, e um aumento de 0,2% no coeficiente de determinação ajustado com o acréscimo das variáveis sobre pornografia. O modelo encontrado explica 74,2% da variância encontrada, no qual a insatisfação sexual contribui de maneira negativa e a satisfação sexual, e os fatores compromisso e intimidade da

ETA se correlacionam de maneira positiva com a avaliação da satisfação masculina com o relacionamento amoroso.

Para homens e mulheres as variáveis do relacionamento aparecem como mais importantes para explicar a satisfação com o relacionamento amoroso, aumentando de maneira considerável a variância explicada nos modelos apresentados. A satisfação sexual, a intimidade e o compromisso são as variáveis significativas que contribuem com a percepção de satisfação com a relação. O fator paixão da ETA e as variáveis sobre pornografia não apresentaram correlações positivas com a EAR, assim como a importância da crença e a culpa sexual. Apenas entre as mulheres a autoestima teve participação na avaliação da satisfação com a relação.

Buscando compreender de maneira específica a influência da pornografia na satisfação com o relacionamento amoroso, foi realizada uma regressão múltipla hierárquica (Abbad & Torres, 2002; Howitt & Cramer, 2008a) incluindo como variáveis independentes apenas as sobre pornografia. Foi incluído no bloco 1 a variável ‘uso de pornografia’ e no bloco 2 os três fatores da Escala de Atitudes frente à Pornografia (método *Enter*). O resultado é apresentado na Tabela 28, dividida por sexo.

Tabela 28

Regressão múltipla hierárquica da escala EAR (método *Enter*), por sexo

Variáveis Independentes		R	R ² mudança	R ² ajustado	F	β
Sexo						
Feminino	Uso pornografia	0,112	0,013	0,011	10,35**	-0,17**
	EAP – F-1 Pos.	0,159	0,025	0,020	5,25**	0,05
	EAP – F-2 Culp./Verg.					0,07
	EAP – F-3 Neg.					-0,13**
Masculino	Uso pornografia	0,056	0,003	-0,001	0,69	-0,14*
	EAP – F-1 Pos.	0,283	0,080	0,063	4,69**	0,05
	EAP – F-2 Culp./Verg.					0,10
	EAP – F-3 Neg.					-0,34**

Nota: Sexo: Feminino = 818, Masculino = 220. * p < 0,05 ** p < 0,01

Entre as mulheres, a inclusão das atitudes frente à pornografia no modelo representou um acréscimo de 0,9% na variância explicada. O uso de pornografia e a atitude negativa frente ao pornô contribuem 2,0% na avaliação de satisfação com o relacionamento amoroso e estão associados de maneira negativa à EAR. Entre os homens, apenas o uso de pornografia não constitui qualquer contribuição na explicação da satisfação. Com a inclusão das atitudes, o modelo encontrado explica 6,3% da variância encontrada. O uso de pornografia e a atitude negativa frente ao pornô contribuem significativamente na avaliação de satisfação com o relacionamento amoroso e estão associados de maneira negativa à EAR.

Quando a contribuição das variáveis independentes sobre pornografia na satisfação com o relacionamento amoroso é analisada separadamente, o uso e as atitudes negativas frente ao pornô aparecem como fatores significativos mais importantes, com uma influência negativa na percepção de satisfação. As atitudes positivas e de culpa e vergonha frente à pornografia não influenciaram nenhum aspecto da satisfação no relacionamento ora analisado.

Para verificar se há diferença entre usuários (ou não) de pornografia na contribuição das atitudes frente a esse material na percepção de satisfação com o relacionamento amoroso foi realizada uma regressão múltipla (Abbad & Torres, 2002; Howitt & Cramer, 2008a) incluindo como variáveis independentes os três fatores da EAP (método *Enter*). O resultado é apresentado na Tabela 29, dividida por sexo.

Entre os participantes que não utilizam pornografia, a contribuição das atitudes frente ao pornô na satisfação com o relacionamento amoroso é de apenas 0,5%. Esse aspecto não aparece como importante para este grupo, e a pequena contribuição identificada é decorrente de atitudes de culpa e vergonha frente a este conteúdo. Para os usuários, as atitudes negativas frente à pornografia contribuem 6,1% na avaliação de satisfação com o relacionamento amoroso e estão associados de maneira negativa à EAR. Tal resultado aponta para uma influência do uso

de pornografia nas atitudes frente a este material e na sua contribuição com a percepção de satisfação no relacionamento amoroso.

Tabela 29

Regressão múltipla da escala EAR (método *Enter*), por usar ou não pornografia

	Variáveis Independentes	R	R ²	R ² ajustado	F	β
Usa pornô						
Não	EAP – F-1 Pos.	0,107	0,011	0,005	1,79	0,02
	EAP – F-2 Culp./Verg.					0,12*
	EAP – F-3 Neg.					-0,09
Sim	EAP – F-1 Pos.	0,256	0,066	0,061	13,27**	0,06
	EAP – F-2 Culp./Verg.					0,09
	EAP – F-3 Neg.					-0,29**

Nota: Usa pornografia: Não = 468, Sim = 570. * p < 0,05 ** p < 0,01

Para identificar se a frequência de uso de pornografia nos últimos 30 dias contribui na percepção do efeito do uso de pornografia na satisfação com o relacionamento amoroso, a amostra de usuários foi dividida de acordo com a intensidade de uso. As alternativas de utilização de pornografia no último mês foram agrupadas da seguinte maneira: raro – nenhuma vez; eventual – uma vez ou algumas vezes no mês; semanal – toda semana ou algumas vezes na semana; e diário – todos os dias, algumas vezes no dia ou muitas vezes no dia. Em seguida, foram realizadas regressões múltiplas incluindo como variáveis independentes os três fatores da EAP (método *Enter*). Entre os participantes que fazem uso raro e diário, coeficiente de determinação ajustado é negativo e, portanto, não pode ser considerado. Para os participantes que fazem uso semanal, há uma variância explicada de 2,9% das atitudes frente à pornografia na EAR, embora nenhuma das variáveis independentes analisadas seja significativa ao modelo. Entre os usuários eventuais de pornografia, o modelo encontrado explica 1,4% da variância encontrada, correlacionando-se de maneira negativa com as atitudes negativas ($\beta = -0,16$, $p < 0,01$) e de maneira positiva com as atitudes de culpa e vergonha ($\beta = 0,14$, $p < 0,05$) frente ao uso de pornô.

4.3.3 Discussão parcial

Como esperado, homens e mulheres diferiram de maneira significativa no uso e na frequência de uso de pornografia, bem como na idade de início de utilização do pornô. Em comparação com as mulheres, a aproximação dos homens à pornografia se deu pela primeira vez em uma idade mais jovem e, quando analisados os últimos 30 dias, relataram mais uso de pornô e em maior intensidade. A manipulação destes materiais desde cedo torna o assunto comum para eles, reduzindo tabus e preconceitos sobre seu uso, como visto também no Estudo 2. Dessa forma, as experiências pessoais com a pornografia associadas à uma socialização mais permissiva nas experimentações de sua sexualidade (Oliveira & Amâncio, 2002) tornam o uso deste material mais aceitável para os homens (Hald, 2006; Petersen & Hyde, 2010; Butler, Ferraro & Holm, 2011) e constroem atitudes mais positivas frente à sua utilização (Træen *et al.*, 2004; Grov *et al.*, 2011). Homens e usuários de pornografia apresentaram mais atitudes positivas e menos atitudes negativas e de culpa e vergonha frente ao uso do pornô, indicando que existe uma conexão entre a experiência e as atitudes (Træen *et al.*, 2004; Grov *et al.*, 2011; Byers & Shaughnessy, 2014).

Homens e mulheres relataram consumir majoritariamente vídeos acessados pela internet. Diferentemente do Estudo 2, ambos indicaram como a finalidade principal do uso de pornografia a “satisfação pessoal”, definida no questionário como masturbação, prazer e relaxamento. Para as mulheres, no estudo anterior, os benefícios ao relacionamento na utilização da pornografia era a finalidade mais importante. Neste estudo a finalidade de “auxiliar no relacionamento” ao excitar, incentivar o ato sexual e a diversificação de posições sexuais ficou em terceiro lugar para os dois. Em segundo lugar, para os homens, ficou a alternativa “suprir a sensação de carência”, objetivando passar o tempo e lidar com a solidão e o tédio, uso identificado em outras pesquisas (Popović, 2011). Para as mulheres ficou a

alternativa “aprendizado”, buscando o conhecimento do próprio corpo e novas técnicas e acessórios, funcionando a pornografia como meio de aprimoramento sexual (Træen *et al.*, 2004).

Contrariando os achados de Træen *et al.* (2004), os indivíduos mais jovens da amostra pontuaram mais do que os mais velhos nas atitudes de culpa e vergonha frente à pornografia, talvez pela amostra analisada ser majoritariamente feminina e este grupo ser o mais jovem. Participantes com altos escores de importância da crença religiosa ou espiritual e de culpa sexual, fortemente correlacionados (Baumel, 2014), apresentaram mais atitudes negativas frente à pornografia nos dois aspectos analisados, assim como os de denominação evangélica. Tradicionalmente as comunidades religiosas são contrárias à masturbação e à utilização de pornografia, vendo-as como pecado e como prejudicial à manutenção da família, o que pode contribuir para as atitudes negativas, ao estimar prejuízos para o relacionamento amoroso e para a própria sexualidade decorrentes desse uso, e de culpa e vergonha, pela sensação de culpa pelo uso – e pelo uso em segredo, por sentir prazer nessa utilização e a vergonha ao ser exposto a este tipo de conteúdo (Grubbs *et al.*, 2010; Byers & Shaughnessy, 2014), influenciados por padrões internalizados de moral (Janda & Bazemore, 2011). A autoestima também se correlacionou com os as duas atitudes negativas frente à pornografia analisadas, de maneira negativa. Estudos apontam uma correlação negativa entre o uso de pornografia e a autoestima (Groves *et al.*, 2011; Tylka, 2015), que pode estar relacionada a esta visão negativa da pornografia em si, o que contribuiria para avaliação do seu uso como prejudicial à autoestima.

Na avaliação de satisfação com o relacionamento amoroso, participantes que não usavam pornografia tiveram médias maiores que usuários, corroborando o achado de outras pesquisas que apontaram a influência do uso de pornô na redução da satisfação com a relação (Pyle & Bridges, 2012; Muusses *et al.*, 2015; Szymanski *et al.*, 2015; Weinstein *et al.*, 2015). O Fator 3 da EAR, que avalia as atitudes negativas frente à pornografia, foi o único que se correlacionou

com a satisfação no relacionamento amoroso, de maneira negativa. A associação do uso de pornografia à redução da satisfação pode estar relacionada a esta avaliação da pornografia em si como prejudicial para o relacionamento amoroso e para a própria sexualidade. Neste estudo, ter ou não filhos ou a idade dos filhos não foi uma variável importante para avaliação de satisfação com o relacionamento amoroso, resultado contrário ao que foi previsto por outros autores (Lima & Alves, 2010; Hernandez, 2014), provavelmente porque a maioria desta amostra não tinha filhos. Respondentes em relacionamentos casuais e de pouca duração apresentaram menores escores na EAR, explicado pela baixa estabilidade da relação e pelos menores índices de compromisso e intimidade na ETA.

A satisfação com o relacionamento amoroso se correlacionou de maneira positiva com a satisfação sexual e de maneira negativa com a insatisfação sexual. Aspecto identificado em outros estudos (Yela, 2000; Schmiedeberg & Schröder, 2016), demonstra a importância da qualidade da atividade sexual com o parceiro no relacionamento amoroso, comum a homens e mulheres. Os três componentes do amor da teoria de Sternberg (1986) também se correlacionaram de maneira positiva com a satisfação no relacionamento, corroborando os achados de Sternberg e outros autores (Lemieux & Hale, 2000; Cassepp-Borges, 2010; Rizzon, Mosmann & Wagner, 2013). A qualidade do amor contribui com a qualidade da relação, ou seja, quanto maiores são os valores dos componentes Decisão/Compromisso, Intimidade e Paixão, maiores os índices de satisfação com o relacionamento amoroso. A autoestima também contribuiu na avaliação de satisfação de maneira positiva, como apontado por outras pesquisas (Miranda, 1987; Higgins *et al.*, 2011).

Quando analisados os fatores que contribuem com a explicação da satisfação no relacionamento amoroso, apenas entre as mulheres a variável individual autoestima se apresentou como significativa, ainda que com pequeno poder de predição. Embora não haja consenso na literatura quanto às diferenças de gênero na autoestima, alguns indícios apontam

que homens parecem ser mais afetados pelo sucesso profissional (Stein, Newcomb & Bentler, 1992) e realizações pessoais (Josephs, Markus & Tafarodi, 1992), enquanto mulheres seriam pelos relacionamentos (Stein *et al.*, 1992), conexões e ligações com outras pessoas (Josephs *et al.*, 1992) e por sua imagem corporal (Lowery, Kurpius, Befort, Blanks, Sollenberger, Nicpon & Huser, 2005). Assim, as mulheres parecem assimilar a construção social de sua responsabilidade no cuidado e manutenção do bem-estar do relacionamento e da família (Oliveira & Amâncio, 2002; Narvaz & Koller, 2006; Santos *et al.*, 2016), influenciando os pensamentos e sentimentos referentes a si mesmo (Hutz & Zanon, 2011), ou seja, sua autoestima, de modo que uma maior autoestima contribui com uma maior avaliação de satisfação com o relacionamento amoroso para elas.

A satisfação sexual, a intimidade e o compromisso foram os fatores que contribuíram com a explicação da satisfação com o relacionamento amoroso para homens e mulheres. Dos três agrupamentos de variáveis analisados – individuais, relacionais e pornográficas – as variáveis do relacionamento foram os elementos comuns para a avaliação de ambos, e são aspectos que dependem tanto do homem quanto da mulher em um relacionamento amoroso. A paixão aparece como pouco relevante para a satisfação no relacionamento pelos participantes deste estudo. Considerando que a maior parte das relações são estáveis e de longa duração, tal resultado é coerente com o processo de desenvolvimento dos relacionamentos amorosos, no qual este componente tende a diminuir ao longo do tempo (Sternberg, 1988). É possível afirmar, então, que a satisfação com o relacionamento neste estudo é ilustrada pelo Amor companheiro (Sternberg, 1988) no qual, embora o elemento quente da paixão não seja tão intenso, a satisfação sexual esteja preservada. Diferentemente do encontrado por Andrade *et al.* (2009), a dimensão insatisfação sexual foi significativa para a avaliação de satisfação com o relacionamento amoroso, numa correlação negativa, o que aponta que o descontentamento com a qualidade da atividade sexual na relação pode prejudicar sua avaliação.

Quando analisada de maneira específica a contribuição da pornografia na satisfação com o relacionamento amoroso, os percentuais de explicação dos modelos encontrados são muito pequenos. Embora o uso de pornografia esteja associado a atitudes positivas frente à sua utilização (Træen *et al.*, 2004; Grov *et al.*, 2011; Byers & Shaughnessy, 2014), para os usuários de pornô são suas atitudes negativas frente a este material que prejudicam a avaliação de satisfação com o relacionamento. Entre os que não fazem uso, as atitudes de culpa e vergonha se correlacionaram de maneira positiva com a satisfação na relação, talvez porque tal atitude os impeça de utilizar a pornografia. Para homens e mulheres o uso e as atitudes negativas frente ao pornô contribuíram de maneira negativa com a satisfação no relacionamento amoroso, confirmando a influência deste uso na redução da satisfação com a relação (Pyle & Bridges, 2012; Muusses *et al.*, 2015; Szymanski *et al.*, 2015; Weinstein *et al.*, 2015) associada a uma avaliação negativa da pornografia, que contribui para tal percepção de prejuízo.

4.3.4 Conclusões parciais

Este estudo apresentou um panorama do consumo de pornografia no Brasil, bem como de atitudes frente à pornografia, confrontando com resultados de outras pesquisas. Homens e mulheres diferiram de maneira significativa no uso e nas atitudes frente a este material, como esperado, com homens e usuários de pornografia apresentando mais atitudes positivas e menos atitudes negativas e de culpa e vergonha frente ao uso do pornô.

Como limitação deste estudo pode ser elencado o tamanho do questionário utilizado, que foi avaliado por muitos respondentes como longo e cansativo. Esse fator pode ter prejudicado a atenção ao longo do preenchimento, principalmente das questões referente à pornografia que eram as últimas do instrumento. Muitos respondentes criticaram itens da escala de Culpa Sexual questionando o que seria considerado “práticas sexuais incomuns”. Esta dúvida pode ter

influenciado suas respostas e aponta para a necessidade de reavaliação da tradução utilizada. A abrangência do estudo esteve limitada ao acesso à internet e ao alcance das redes sociais, o que talvez justifique esta amostra com maior renda e escolaridade.

O modelo apresentado para auxiliar na compreensão da satisfação com o relacionamento amoroso teve como elemento comum para homens e mulheres a satisfação sexual, a intimidade e o compromisso, explicando mais de 71% da variância encontrada. Ao avaliar de maneira específica a contribuição do pornô, o uso e as atitudes negativas frente à pornografia contribuíram significativamente de maneira negativa na avaliação de satisfação com o relacionamento amoroso, embora o percentual de explicação destes modelos seja inferior à 7%.

Desta forma, é importante destacar que, embora tenha sido encontrado uma correlação semelhante à da literatura, de que a pornografia prejudique a satisfação com a relação (Pyle & Bridges, 2012; Muusses *et al.*, 2015; Szymanski *et al.*, 2015; Weinstein *et al.*, 2015), a contribuição desta na avaliação da satisfação com o relacionamento amoroso é pequena diante dos fatores da própria relação em si. Para o próximo estudo fica a questão: como essa contribuição se dá na díade amorosa, considerando a interdependência dos parceiros.

4.4 Estudo 5 – Pornografia e relacionamentos: um estudo com díades

Este estudo buscou descrever o uso de pornografia e características do relacionamento amoroso dos casais participantes da pesquisa. Pretendeu, ainda, apresentar um modelo que auxilie na compreensão da satisfação com o relacionamento amoroso e a contribuição do uso e das atitudes frente à pornografia nesta avaliação, considerando a interdependência dos parceiros na díade amorosa.

4.4.1 Método

Participantes

Dos 1634 questionários completos preenchidos utilizados, 472 continham um código de casal. Destes, 220 foram incluídos como participantes individuais no estudo anterior, pois apenas um dos membros da díade respondeu à pesquisa. Dos 252 indivíduos que preencheram ao questionário como casal, destacados do Estudo 4, 52 estavam em relacionamentos homoafetivos (14 casais de homens e 12 de mulheres). Em virtude de tal quantitativo estes casais não foram incluídos nesta seção. Kenny, Kashy e Cook (2006) sugerem um número mínimo de 44 díades para ter poder suficiente para testar a não-independência entre os membros do casal, reduzindo o erro Tipo 1. Assim, este estudo analisou apenas os 100 casais em relações heteroafetivas, apresentando, portanto, dimensões mais homogêneas do fenômeno.

Este estudo analisou 100 casais de brasileiros com média de idade de 28,52 (DP = 8,11), variando de 18 a 62 anos. A maior parte da amostra declarou viver na Região Sudeste (n = 117, 58,5%), possuir renda mensal familiar média entre 5 e 15 salários mínimos 65 (32,5%), completou o ensino médio (n = 69, 34,5%) ou superior (n = 69, 34,5%), não tem filhos (n = 154, 77,0%) e se declarou como católica (n = 56, 28,0%). 56 (28,0%) respondentes consideraram sua crença espiritual ou religiosa importante (M = 3,48; DP = 1,60), com mulheres (M = 3,65; DP = 1,65) apresentando médias maiores que homens (M = 3,31; DP = 1,54) de maneira não-significativa ($t(198) = 1,50$; $p = 0,13$). Mais detalhes dos participantes podem ser observados na Tabela 30. Dos 100 casais analisados, 60 (60%) estavam namorando e 40 (40%) casados ou morando juntos. O tempo de relacionamento relatado foi de menos de 1 ano para 16 (16%) díades, entre 1 e 5 anos para 47 (47%) e de mais de 5 anos para 37 (37%).

Tabela 30

Descrição dos participantes do Estudo 5

Idade	Homens		Mulheres		Total	
	mín-máx	M (DP)	mín-máx	M (DP)	mín-máx	M (DP)
<i>Em anos</i>	18-62	29,8 (8,6)	18-50	27,2 (7,4)	18-62	28,5 (8,1)
Escolaridade	n	%	n	%	n	%
Ensino Médio	41	41,0	28	28,0	69	34,5
Ensino Superior	35	35,0	34	34,0	69	34,5
Pós-graduação	24	24,0	38	38,0	62	31,0
Local de residência						
Centro-oeste	4	4,0	5	5,0	9	4,5
Nordeste	19	19,0	21	21,0	40	20,0
Norte	4	4,0	4	4,0	8	4,0
Sudeste	59	59,0	58	58,0	117	58,5
Sul	11	11,0	11	11,0	22	11,0
Outros países	3	3,0	1	1,0	4	2,0
Renda familiar						
Até 1 s.m.	7	7,0	4	4,0	11	5,5
Entre 1-3 s.m.	24	24,0	32	32,0	56	28,0
Entre 3-5 s.m.	19	19,0	26	26,0	45	22,5
Entre 5-15 s.m.	39	39,0	26	26,0	65	32,5
Mais de 15 s.m.	11	11,0	12	12,0	23	11,5
Crença						
Agnóstica	13	13,0	4	4,0	17	8,5
Ateísta	11	11,0	8	8,0	19	9,5
Budista	1	1,0	1	1,0	2	1,0
Católica	25	25,0	31	31,0	56	28,0
Espírita (Kardecista)	9	9,0	7	7,0	16	8,0
Pentecostal (Evangélica)	2	2,0	4	4,0	6	3,0
Protestante	8	8,0	6	6,0	14	7,0
Tenho uma espiritualidade	19	19,0	26	26,0	45	22,5
Não possui	9	9,0	11	11,0	20	10,0
Outra	3	3,0	2	2,0	5	2,5
Tem filhos						
Não	74	74,0	80	80,0	154	77,0
Sim	26	26,0	20	20,0	46	23,0

Nota: Categorias agrupadas: Escolaridade: Pós-graduação = pós-graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado. Sexo: Feminino = 100, Masculino = 100. N = 200.

Instrumentos

O instrumento utilizado foi o mesmo descrito no Estudo 4.

Procedimentos de coleta

A divulgação e o site de coleta foram os mesmos descritos no Estudo 4. Ao acessar o questionário online da pesquisa, e após dar seu consentimento com o TCLE (Apêndice C), o participante foi levado a uma página que fornecia três opções: 1) caso não estivesse em um relacionamento amoroso no momento, ou acreditasse que seu par não aceitaria participar e desejasse continuar participando individualmente da pesquisa, acionava o botão "Iniciar questionário"; 2) caso estivesse em um relacionamento amoroso e aceitasse participar como parte de um casal, um código numérico de cinco dígitos era gerado para identificar a díade. O respondente era orientado a anotar o código e enviar para o seu par utilizá-lo ao preencher o questionário e que, caso seu parceiro não desejasse participar da pesquisa, seu dado seria aproveitado como participante individual. Estes clicaram no botão "Gerar código e iniciar questionário"; 3) para os pares cujos parceiros tivessem gerado um código de casal, havia um espaço para inserir o código e, logo após, clicar em "Iniciar".

Os casais foram orientados a responder de maneira separada e independente à pesquisa, de preferência sem que o parceiro estivesse presente. Foram informados que os dados não seriam analisados individualmente, díade a díade, mas como um banco de dados de casais cuja identificação objetivava auxiliar na análise estatística diádica, reiterando que o anonimato e a privacidade foram mantidos, e cada um deles poderia desistir a qualquer momento.

Procedimentos de análises de dados

Os dados foram tabulados com um *software* de gerenciamento de planilhas eletrônicas, no qual foi feita a primeira análise dos participantes.

O primeiro banco de dados utilizado com as respostas provenientes do *survey* possui uma estrutura individual, na qual cada linha representa a informação sobre um participante e

cada coluna uma das variáveis mensuradas. Um segundo banco de dados com as mesmas informações foi criado manualmente, em uma estrutura diádica, na qual as respostas do par correspondente são transpostas para colunas de variáveis, identificadas pelo sexo, de modo que cada linha represente um casal (Andrade, Cassepp-Borges, Ferrer & Sanchez-Aragón, 2017).

A análise foi realizada com o auxílio do software SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 23, considerando um intervalo de confiança de 95% ($p < 0,05$). O banco de dados em estrutura individual foi utilizado para as análises descritivas para caracterização da amostra, cálculos dos escores gerais e específicos de cada escala e análises de comparações de médias. Com o banco de dados preparado para uma comparação no formato de díades foram realizados procedimentos de correlação e regressão, visando sobretudo identificar a influência dos parceiros entre si.

4.4.2 Resultados

A Tabela 31 apresenta a descrição dos participantes pela utilização e frequência de uso de pornografia, segundo o sexo. As alternativas de utilização de pornografia no último mês foram agrupadas da seguinte maneira: raro – nenhuma vez; eventual – uma vez ou algumas vezes no mês; semanal – toda semana ou algumas vezes na semana; e diário – todos os dias, algumas vezes no dia ou muitas vezes no dia.

Entre os participantes, 53% das mulheres e 77% dos homens afirmaram utilizar pornografia. Mais mulheres que homens interromperam o uso (homens: 22% x mulheres: 32%) ou nunca utilizaram (1% x 15%). Quanto à intensidade do uso nos últimos 30 dias, mulheres relatam uma utilização rara (19% x 37%) ou eventual (35% x 41%) superior aos homens, que a fazem mais semanal (33% x 6%) ou diariamente (12% x 1%). A diferença no consumo de pornô entre homens e mulheres é estatisticamente significativa, com homens consumindo mais

pornografia do que mulheres ($\chi^2 (2) = 18,53$; $p < 0,01$), e com maior intensidade ($\chi^2 (3) = 33,39$; $p < 0,01$). Das 53 mulheres que utilizam pornografia, 47 (88,7%) afirmaram também fazê-lo junto com o parceiro.

Tabela 31

Utilização e frequência de uso de pornografia no último mês, segundo o sexo

	Homens		Mulheres	
	N	%	n	%
Já utilizou pornografia				
Não uso, nem nunca usei	1	1,0	15	15,0
Já usei, mas parei	22	22,0	32	32,0
Uso	77	77,0	53	53,0
Uso no último mês				
Raro	19	19,0	37	37,0
Eventual	35	35,0	41	41,0
Semanal	33	33,0	6	6,0
Diário	12	12,0	1	1,0

Nota: Sexo: Feminino = 100, Masculino = 100.

Foi realizado o teste *t* para amostras independentes buscando avaliar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre as médias dos escores das escalas de Autoestima (EAG), Culpa Sexual (ECS), Triangular do Amor (ETA), de Satisfação Sexual (ISS) e com o Relacionamento (EAR) e de Atitudes frente à Pornografia (EAP) para homens e mulheres. Esses resultados são apresentados na Tabela 32.

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em apenas três escalas: no fator Paixão da ETA, com homens apresentando médias maiores que as mulheres, e no fator Insatisfação do ISS e de atitudes negativas da EAP, nos quais as médias femininas são maiores. Isso aponta que para estes participantes os homens têm encontrado mais paixão em seus relacionamentos, enquanto que as mulheres apresentam mais atitudes negativas frente à pornografia e uma maior insatisfação no aspecto sexual da relação. Os outros aspectos avaliados

não têm diferenças significativas, o que indica uma percepção similar por ambos os membros do par amoroso.

Tabela 32

Comparação da Média e Desvio Padrão das escalas de EAG, Culpa Sexual, ETA, EAR, ISS e EAP, por sexo

Escala	<i>t</i>	Homens		Mulheres	
		M	DP	M	DP
EAG	0,49	3,17	0,68	3,22	0,64
ECS	0,85	1,93	0,52	2,00	0,61
ETA – Compromisso	-1,14	4,51	0,59	4,41	0,59
ETA – Intimidade	0,12	4,27	0,54	4,28	0,50
ETA – Paixão	-2,88**	4,56	0,55	4,32	0,63
EAR	-0,44	5,98	0,71	5,94	0,70
ISS – Satisfação	-0,31	4,18	0,54	4,15	0,60
ISS – Insatisfação	2,51*	1,60	0,46	1,79	0,58
EAP – F-1 – Positiva	-0,68	2,67	0,76	2,59	0,86
EAP – F-2 – Culpa/Vergonha	1,35	2,12	0,87	2,29	0,94
EAP – F-3 – Negativa	2,00*	1,70	0,58	1,89	0,75

Nota: Sexo: Feminino = 100, Masculino = 100. GL = 198. * $p < 0,05$ ** $p < 0,01$.

A Tabela 33 apresenta as correlações de Pearson realizadas com as escalas de Autoestima (EAG), Culpa Sexual (ECS), Triangular do Amor (ETA), de Satisfação Sexual (ISS) e com o Relacionamento (EAR), de Atitudes frente à Pornografia (EAP) e da importância da crença religiosa ou espiritual, utilizando o banco de dados de estrutura diádica. Os escores das mulheres estão apresentados nas linhas e os dos homens nas colunas, de modo que as variáveis de um dos participantes da díade estão associadas com as do outro.

Para homens e mulheres, a importância da crença religiosa ou espiritual de um colaborou com a do outro, além de contribuir com a culpa sexual do sexo oposto. As atitudes negativas frente à pornografia do parceiro também cooperaram com a importância da crença. A importância da crença para as mulheres se correlacionou de maneira positiva com a autoestima

dos homens. Para os homens, a crença se correlacionou de maneira positiva com a insatisfação sexual e de maneira negativa com a paixão da ETA e atitudes positivas frente ao pornô das mulheres. A importância da crença religiosa ou espiritual contribuiu com a culpa sexual e as atitudes negativas frente à pornografia de ambos. Apenas entre os homens esse aspecto influenciou em componentes de avaliação do relacionamento amoroso.

A culpa sexual dos homens se correlacionou de maneira positiva com a culpa e as atitudes negativas frente à pornografia das mulheres, e vice-versa. Para as mulheres, a autoestima e as atitudes de culpa e vergonha frente ao pornô dos homens também contribuiu para sua culpa sexual. Para os homens houve uma correlação negativa entre sua culpa sexual e as atitudes positivas das mulheres frente à pornografia. A culpa sexual de ambos participou nas atitudes frente à pornografia. A autoestima de homens e mulheres foi influenciada de maneira positiva pela do parceiro amoroso. Entre os homens, o fator compromisso da ETA das mulheres também colaborou com a sua autoestima.

A avaliação de satisfação no relacionamento do homem e da mulher se correlacionou de maneira positiva entre si e com a satisfação sexual e o fator intimidade da ETA do parceiro. A satisfação no relacionamento do homem se correlacionou de maneira positiva com a paixão e de maneira negativa com a insatisfação sexual da mulher. Para homens e mulheres os aspectos do parceiro que contribuíram para sua satisfação sexual foram os mesmos: satisfação sexual, intimidade e paixão da ETA. Para insatisfação sexual também: as insatisfações se correlacionaram entre si, e de maneira negativa com a satisfação sexual e o fator intimidade da ETA do parceiro.

Tabela 33

Correlações entre importância da crença, ECS, EAG, EAR, ISS, ETA e EAP de homens e mulheres na díade

Escalas	Crença (H)	ECS (H)	EAG (H)	EAR (H)	ISS-S (H)	ISS-I(H)	ETA-C (H)	ETA-I(H)	ETA-P(H)	EAP-1 (H)	EAP-2 (H)	EAP-3 (H)
Crença (M)	0,60**	0,35**	0,24*	0,02	0,16	-0,08	0,10	0,04	0,00	-0,08	0,13	0,26*
ECS (M)	0,44**	0,45**	0,22*	-0,07	-0,05	0,07	0,00	-0,07	-0,12	-0,17	0,21*	0,24*
EAG (M)	0,03	-0,10	0,38**	0,02	0,09	0,07	0,08	-0,05	-0,10	0,00	-0,17	-0,13
EAR (M)	-0,11	0,14	0,19	0,46**	0,29**	-0,18	0,17	0,31**	0,06	-0,02	-0,01	0,01
ISS-S (M)	-0,18	-0,03	0,13	0,43**	0,62**	-0,49**	0,14	0,33**	0,24*	-0,05	-0,12	-0,08
ISS-I (M)	0,20*	0,04	-0,08	-0,32**	-0,51**	0,48**	-0,03	-0,27**	-0,19	0,01	0,19	0,16
ETA-C (M)	0,09	0,09	0,28**	0,19	0,19	-0,02	0,27**	0,21*	0,07	0,05	0,02	0,03
ETA-I (M)	-0,08	0,04	0,16	0,33**	0,25*	-0,21*	0,13	0,32**	0,09	-0,01	-0,01	-0,02
ETA-P (M)	-0,23*	0,02	0,14	0,27**	0,22*	-0,19	-0,08	0,12	0,01	-0,06	-0,07	-0,15
EAP-1 (M)	-0,20*	-0,23*	-0,02	0,07	0,00	-0,11	0,02	0,11	0,09	0,33**	-0,23*	-0,18
EAP-2 (M)	0,06	0,15	-0,09	-0,04	0,01	0,04	-0,03	-0,02	-0,02	-0,06	0,31**	0,16
EAP-3 (M)	0,32**	0,33**	0,10	-0,13	-0,04	0,18	-0,01	-0,06	-0,07	-0,21*	0,28**	0,38**

Nota: N = 100 casais. * p < 0,05 ** p < 0,01; H = Homens; M = Mulheres; ECS = Culpa Sexual; EAG = Autoestima Geral; EAR = Satisfação com o Relacionamento; ISS-S = Satisfação

Sexual; ISS-I = Insatisfação Sexual; ETA-C = Compromisso; ETA-I = Intimidade; ETA-P = Paixão; EAP-1 = Atitudes Positivas; EAP-2 = Culpa/Vergonha; EAP-3 = Atitudes Negativas.

Os componentes compromisso e intimidade do Amor do homem e da mulher se correlacionaram de maneira positiva entre si. O compromisso da mulher cooperou com a intimidade do homem, e vice-versa. Os três fatores da EAP de homens e mulheres se correlacionaram de maneira positiva entre si. Atitudes de culpa e vergonha do homem se correlacionaram de maneira negativa com atitudes positivas e de maneira positiva com atitudes negativas da mulher. Atitudes negativas frente à pornografia da mulher se correlacionaram de maneira negativa com atitudes positivas do homem.

A avaliação de satisfação sexual e no relacionamento de homens e mulheres se correlacionaram positivamente entre si em quase todos os aspectos, contribuindo para uma percepção de maior satisfação com a relação, influenciados pelos componentes do amor. A insatisfação sexual entrou nessa correlação de maneira inversa, prejudicando a percepção de satisfação sexual e com a relação. As atitudes frente à pornografia não apresentaram qualquer correlação com as escalas de avaliação do relacionamento, apenas entre si e com a crença e a culpa sexual.

Foi realizada uma regressão múltipla hierárquica (Abbad & Torres, 2002; Howitt & Cramer, 2008a) para explicar a satisfação com o relacionamento amoroso, considerando a interdependência de um parceiro sob o outro. No primeiro bloco foram incluídas as variáveis do próprio participante: individuais – importância da crença religiosa ou espiritual, culpa sexual, e autoestima; do relacionamento – os dois fatores do ISS e os três fatores da ETA; e sobre pornografia – uso de pornografia e os três fatores da EAP. No bloco 2 foram incluídas as mesmas variáveis independentes do parceiro, acrescida da EAR (método *stepwise*). O resultado é apresentado na Tabela 34, por sexo.

Tabela 34

Regressão múltipla hierárquica da escala EAR (método *stepwise*) de ambos membros da díade, por sexo

VD	Variáveis Independentes	R	R ² mudança	R ² ajustado	F	β
Homem	ETA-Intimidade Homem	0,668	0,447	0,441	79,12**	0,22*
	ISS-Insatisfação Homem	0,748	0,559	0,550	61,50**	-0,37**
	ETA-Compromisso Homem	0,775	0,601	0,588	48,17**	0,28**
	EAR Mulher	0,818	0,670	0,656	48,16**	0,28**
Mulher	ETA-Intimidade Mulher	0,645	0,416	0,410	69,91**	0,32**
	ISS-Satisfação Mulher	0,728	0,530	0,521	54,75**	0,32**
	ETA-Compromisso Mulher	0,757	0,573	0,560	43,02**	0,18*
	ETA-Paixão Mulher	0,769	0,591	0,574	34,33**	0,14
	EAR Homem	0,783	0,613	0,593	29,84**	0,31**
	ISS-Insatisfação Homem	0,805	0,649	0,626	28,61**	0,26**

Nota: N = 100 casais. * p < 0,05 ** p < 0,01

Entre os homens, a inclusão das variáveis da parceira representou um acréscimo de 6,8% no poder de explicação, resultando em um modelo que explica 65,6% da variância encontrada. A satisfação com o relacionamento amoroso se relacionou de maneira negativa com a insatisfação sexual e de maneira positiva com os fatores intimidade e compromisso da ETA. A EAR da mulher se relacionou de maneira positiva com a EAR do homem, e vice-versa. Entre as mulheres, o modelo explicou 62,6% da variância encontrada, acrescida em 5,2% pela inclusão das variáveis do parceiro. A variável independente paixão da ETA era significativa no modelo anterior, mas com a inclusão das variáveis do parceiro deixou de ser ($p = 0,070$). A satisfação sexual e dois fatores da ETA contribuíram positivamente com a satisfação no relacionamento, bem como a insatisfação sexual masculina.

Para homens e mulheres apenas as variáveis do relacionamento aparecem para explicar a satisfação com o relacionamento amoroso. A sua própria percepção de intimidade e

compromisso no relacionamento, e a avaliação de satisfação do parceiro são os fatores significativos comuns em ambos. As variáveis independentes individuais e sobre a pornografia não se relacionaram com nenhuma das regressões.

Buscando explicar a influência específica da pornografia na satisfação com o relacionamento amoroso foi realizada uma regressão múltipla hierárquica (Abbad & Torres, 2002; Howitt & Cramer, 2008a), considerando a interdependência de um parceiro sob o outro. Foi incluído no bloco 1 a variável ‘uso de pornografia’ e os três fatores da Escala de Atitudes frente à Pornografia do próprio participante e no bloco 2 as mesmas variáveis, do parceiro (método *Enter*). O resultado está na Tabela 35, apresentado por sexo.

Tabela 35

Regressão múltipla hierárquica da escala EAR (método *Enter*) de ambos membros da díade, por sexo

Variáveis Independentes		R	R ² mudança	R ² ajustado	F	β
(Sexo Masculino, n = 100)						
Bloco 1	Uso pornografia Homem	0,368	0,135	0,099	3,72**	-0,44**
	EAP – F-1 Homem					0,04
	EAP – F-2 Homem					0,01
	EAP – F-3 Homem					-0,33*
Bloco 2	Uso pornografia Mulher	0,406	0,165	0,091	2,24*	0,00
	EAP – F-1 Mulher					0,05
	EAP – F-2 Mulher					-0,05
	EAP – F-3 Mulher					-0,15
(Sexo Feminino, n = 100)						
Bloco 1	Uso pornografia Mulher	0,266	0,071	0,031	1,80	-0,08
	EAP – F-1 Mulher					0,02
	EAP – F-2 Mulher					0,01
	EAP – F-3 Mulher					-0,44**
Bloco 2	Uso pornografia Homem	0,396	0,157	0,083	2,12*	-0,34**
	EAP – F-1 Homem					-0,03
	EAP – F-2 Homem					-0,05
	EAP – F-3 Homem					0,01

Nota: * p < 0,05 ** p < 0,01

Entre os homens, seu próprio uso e suas atitudes negativas frente à pornografia se relacionaram de maneira negativa com a avaliação de satisfação com o relacionamento

amoroso, explicando 9,9% da variância encontrada. A inclusão das variáveis sobre pornô da parceira reduziu o poder de predição do modelo em 0,8%. Entre as mulheres, suas atitudes negativas frente à pornografia e o uso de pornô pelo parceiro foram as variáveis significativas que explicaram 8,3% da satisfação com o relacionamento amoroso. Para elas, a inclusão das variáveis sobre pornografia do parceiro representou um aumento de 5,2% da variância explicada pelo modelo.

O uso de pornografia pelos homens surge como variável significativa que contribuiu para a avaliação de satisfação com o relacionamento amoroso tanto de homens quanto de mulheres. Para os homens, o uso ou atitudes frente à pornografia de sua parceira não representaram qualquer influência sobre sua satisfação com o relacionamento. Para as mulheres, o uso de pornografia pelo parceiro mais do que duplicou a variância explicada, mostrando a influência do consumo masculino sobre a satisfação feminina – ainda que a explicação total do modelo seja pequena.

4.4.3 Discussão parcial

Os casais analisados neste estudo estão em relacionamentos estáveis e, em sua maioria, de longa duração, características que contribuem com os altos escores dos componentes do amor encontrados (Sternberg, 1986, 1988, 1997). De maneira atípica o escore do fator paixão também foi elevado, com homens apresentando médias maiores que mulheres de maneira significativa. Esse componente se refere aos impulsos que levam ao romance, como atração física e consumação sexual, e essa diferença na avaliação dentro do relacionamento talvez explique a menor insatisfação sexual masculina encontrada.

A avaliação de satisfação com o relacionamento amoroso foi positivamente influenciada pelo fator intimidade e pela satisfação sexual e no relacionamento do parceiro. Schmiedeberg e

Schröder (2016), não usando procedimentos diádicos de análise, apontaram a contribuição da intimidade e da satisfação sexual na qualidade do relacionamento. A análise realizada dentro do casal elucida os aspectos da percepção dos integrantes do relacionamento que estão reciprocamente correlacionados, contribuindo nesta avaliação. Andrade *et al.* (2017), realizando análises diádicas, também encontraram uma correlação elevada entre a avaliação da qualidade no relacionamento do homem e da mulher.

A maioria dos participantes utiliza pornografia, com homens consumindo em maior quantidade e intensidade que mulheres, resultado semelhante ao de outros estudos (Hald, 2006; Petersen & Hyde, 2010; Butler *et al.*, 2011). Não há diferenças nas atitudes positivas ou de culpa e vergonha frente ao pornô de homens e mulheres, apenas entre as atitudes negativas – com mulheres apresentando médias significativamente maiores que os homens. Entre as mulheres que usam pornô, 88,7% o fazem também com seus parceiros, aspecto também observado por Hald (2006), que as mulheres usam pornografia com mais frequência com um parceiro sexual regular do que os homens. Esse alto índice de utilização dentro do contexto da relação aponta que aspectos relacionais contribuem com a expressão comportamental, apesar da predisposição negativa mobilizada pela atitude (Ajzen, 2001; Pessoa *et al.*, 2013).

A importância da crença religiosa ou espiritual e a culpa sexual de homens e mulheres correlacionaram-se mutuamente e influenciaram nas atitudes destes frente à pornografia. Utilizando uma estrutura individual de análise, pesquisas apontaram uma forte correlação entre culpa sexual e crença (Baumel, 2014), associando-as com atitudes negativas frente à pornografia. Pessoas religiosas ou com altos escores de culpa sexual tendem a avaliar o uso de pornô como prejudicial para o relacionamento amoroso e para a própria sexualidade, além de apresentar mais afetos de culpa e vergonha relacionados a este material (Grubbs *et al.*, 2010; Byers & Shaughnessy, 2014). Os resultados encontrados indicam que, para além dos efeitos

destas variáveis nas atitudes observados nos próprios indivíduos, como demonstra a literatura, a percepção destes aspectos na díade amorosa também se correlaciona de maneira recíproca.

Buscando compreender os fatores que contribuem com a explicação da satisfação no relacionamento amoroso, três agrupamentos de variáveis foram analisados – individuais, relacionais e pornográficas – do próprio indivíduo e do seu par amoroso. Apenas as variáveis do relacionamento foram incluídas na avaliação de ambos, e são aspectos que dependem tanto do homem quanto da mulher em uma relação. Semelhante ao modelo encontrado no Estudo 4, a própria avaliação de satisfação sexual e de intimidade e compromisso na relação amorosa foram os elementos que contribuíram na análise. Com a inclusão dos escores da díade, o modelo aumenta sua variância explicada em cerca de 6%, acrescentando a este a percepção de satisfação com o relacionamento amoroso pelo par, aspecto retroalimentado dentro do casal.

Quando analisada de maneira específica a contribuição da pornografia na satisfação com o relacionamento amoroso, os percentuais de variância explicada encontrados são muito pequenos, quando comparados aos modelos compostos pelas variáveis do relacionamento. Para os homens, o uso e as atitudes negativas frente ao pornô contribuíram de maneira negativa com a satisfação no relacionamento amoroso. Muusses *et al.* (2015) realizaram uma pesquisa com casais e encontraram que homens insatisfeitos em seu relacionamento tendem a usar mais pornografia, e que o maior uso de pornografia por eles contribui com a insatisfação na relação, o que pode contribuir para retroalimentar a insatisfação. Não é possível estabelecer uma causalidade entre uso e atitudes frente ao pornô e insatisfação, mas esta correlação aponta para a influência deste uso na redução da satisfação com a relação (Pyle & Bridges, 2012; Muusses *et al.*, 2015; Szymanski *et al.*, 2015; Weinstein *et al.*, 2015) associada a uma avaliação negativa da pornografia, que contribui para tal percepção de prejuízo. A inclusão dos escores da parceira não acrescenta qualquer variável ao modelo masculino, além de reduzir seu poder de predição. Enquanto a maioria dos estudos correlacionais entre casais mostrou que, tanto para homens

quanto para mulheres, o uso de pornografia prejudica a satisfação com o relacionamento amoroso (Yucel & Gassanov, 2010; Maddox *et al.*, 2011), alguns, como o de Benjamin e Tlusten (2010) indicaram que o uso do parceiro não influencia na própria percepção de satisfação com o relacionamento amoroso e outros, como o de Bridges e Morokoff (2011) encontraram associações negativas entre este uso e a satisfação com o relacionamento para homens, mas não para mulheres, sendo o uso feminino correlacionado positivamente com a qualidade do relacionamento de seu parceiro. Embora as variáveis da mulher não tenham sido significativas para o modelo masculino, sua inclusão reduziu o impacto da pornografia na satisfação com o relacionamento.

Para as mulheres, suas atitudes negativas frente ao pornô prejudicaram a avaliação de satisfação com o relacionamento amoroso. Talvez os prejuízos percebidos sejam reflexos desta percepção negativa da pornografia em si (Popovic, 2011; Stewart & Szymanski, 2012). A inclusão dos escores do parceiro mais do que duplica o poder de predição do modelo feminino, com o uso de pornografia pelo homem contribuindo de maneira negativa na sua percepção de satisfação. Montgomery-Graham, Kohut, Fisher e Campbell (2015) compilaram vários estudos sobre a avaliação feminina do uso de pornografia pelo seu parceiro, e identificaram que tal uso faz com que elas se sintam inadequadas, não-atraentes e inseguras com a sua relação. Sua avaliação negativa da pornografia associada à percepção do uso masculino como algo prejudicial ao relacionamento parece contribuir para a redução da satisfação na relação amorosa. Talvez essa discrepância possa ser explicada pela diferença na forma como homens e mulheres utilizam pornografia. Algumas pesquisas mostram um impacto negativo do uso solitário de pornô no relacionamento (Daneback *et al.*, 2009; Maddox *et al.*, 2011; Yucel & Gassanov, 2010), enquanto que o uso como um casal possa ter uma influência positiva (Maddox *et al.*, 2011) ou neutra (Yucel & Gassanov, 2010). Bridges e Morokoff (2011) apontam, ainda, que o uso masculino é para criar excitação para fins de masturbação e o feminino em geral faz

parte do ato sexual. Todos esses estudos são transversais, e, portanto, não é possível fazer afirmações sobre a direção desses efeitos. Mas essa discrepância pode ser uma explicação, visto que a maior parte das usuárias de pornografia o fazem como casal.

4.4.4 Conclusões parciais

Os dados apresentaram aspectos importantes sobre a dinâmica dos relacionamentos amorosos no contexto brasileiro, oferecendo um modelo que auxilie na compreensão da satisfação com o relacionamento e a contribuição do uso e das atitudes frente à pornografia nesta avaliação, considerando a interdependência dos parceiros na díade amorosa. Foi possível avaliar, ainda, como os escores das escalas de Autoestima, Culpa Sexual, Triangular do Amor, de Satisfação Sexual e com o Relacionamento, de Atitudes frente à Pornografia e da importância da crença religiosa ou espiritual de cada um dos parceiros influencia os do outro.

Um limitador deste estudo pode ter sido a estratégia utilizada para selecionar as díades. O uso do código foi pensado buscando assegurar o anonimato dos membros do casal, não exigindo um e-mail para contato, por exemplo. Em contrapartida, não havia registro das informações de contato dos participantes, de modo que se dependia integralmente da anotação e da passagem do código de um membro ao outro. Alguns participantes perderam o seu código, e isso contribuiu com menos respostas de casais. Embora o quantitativo total de díades estivesse adequado para análise (Kenny *et al.*, 2006), subgrupos possíveis para aprofundamento da investigação não estavam, como duração da relação, intensidade do uso de pornografia e uso em segredo, entre outros. A pesquisa utilizando dados transversais possibilita apenas o estabelecimento de correlações entre as variáveis analisadas. Pesquisas futuras podem buscar a coleta de dados longitudinais, que possam estabelecer a modificação das variáveis ao longo do tempo e da duração da relação, indicando possíveis causalidades entre os fatores.

Um resultado inesperado foi a inclusão da insatisfação sexual do homem contribuindo com a avaliação de satisfação no relacionamento da mulher. Pesquisas que avaliam a qualidade do relacionamento amoroso geralmente a correlacionam com a satisfação sexual (Andrade *et al.*, 2009), enquanto que a mensuração da insatisfação sexual comumente é analisada no contexto de dificuldades e disfunções sexuais – embora o objetivo inicial do ISS seja mensurar o problema do componente sexual na relação do casal (Hudson *et al.*, 1981). Estudos futuros com díades precisam investigar a questão da insatisfação sexual para verificar se esse padrão se mantém ou se foi característica dessa amostra.

O modelo apresentado para auxiliar na compreensão da satisfação com o relacionamento amoroso teve como elemento comum para homens e mulheres apenas as variáveis da relação. A inclusão dos escores da díade acrescenta ao modelo a percepção de satisfação com o relacionamento amoroso pelo par, explicando mais de 62% da variância encontrada. Ao analisar de maneira específica a contribuição do pornô nesta avaliação, a própria atitude negativa frente a este material e o uso de pornografia pelo homem foram as variáveis que contribuíram significativamente de maneira negativa na avaliação de satisfação com o relacionamento amoroso, embora o percentual total de explicação destes modelos seja inferior à 10%.

Embora as variáveis sobre a pornografia tenham tido uma contribuição pequena na avaliação da satisfação com o relacionamento amoroso, quando comparadas com as variáveis da relação, a diferença entre homens e mulheres na percepção dos efeitos do uso e das atitudes frente à pornografia suas e de seu par amoroso na qualidade da relação foram importantes. Essas descobertas destacam a importância de estudar pornografia como uma questão de casal, na qual é possível identificar esses efeitos na díade amorosa, considerando a interdependência dos parceiros, obtendo-se uma explicação mais completa do que a simples análise dos elementos individualmente.

CAPÍTULO 5

DISCUSSÃO GERAL

Este capítulo resume os achados da pesquisa desenvolvida ao longo da tese, utilizando diferentes abordagens metodológicas, integrando-os, buscando compreender a influência do uso e das atitudes frente à pornografia na avaliação de satisfação com o relacionamento amoroso. Discute suas limitações e implicações para pesquisas futuras.

5.1 Abordagem teórica e objetivos da tese

O objetivo da tese, de verificar a influência do uso e das atitudes frente à pornografia na avaliação de satisfação com o relacionamento amoroso, foi alcançado através da realização de múltiplos estudos embasados na teoria das atitudes, conceito clássico da Psicologia Social (Allport, 1935). O Estudo 1, de revisão sistemática, possibilitou a identificação da definição de pornografia utilizada por pesquisadores e o levantamento de categorias referentes aos benefícios e malefícios presumidamente associados ao consumo de pornografia nos relacionamentos. Entretanto, a maior parte dos estudos encontrados tratam de populações norte-americanas e europeias, com apenas um artigo sobre a população brasileira. De modo a avaliar se a definição e os efeitos encontrados são semelhantes para a população brasileira, estudos locais foram conduzidos. No Estudo 2 vinte jovens foram entrevistados, buscando verificar as vantagens e desvantagens percebidas da utilização desse tipo de material no comportamento sexual e nos relacionamentos amorosos, bem como identificar e compreender as atitudes que homens e mulheres têm em relação à pornografia.

Esses dois estudos forneceram um cenário sobre os efeitos do uso de pornô nas relações, possibilitando a identificação da multiplicidade de aspectos que interagem na avaliação da

satisfação com os relacionamentos. A satisfação, definida como uma avaliação cognitiva positiva da relação (Cassepp-Borges & Pasquali, 2011), foi avaliada por três conjuntos de variáveis: individuais – autoestima, culpa sexual e importância da crença religiosa ou espiritual; relacionais – componentes do amor e satisfação sexual; e pornográficas – uso e atitudes frente à pornografia.

A autoestima, conjunto de pensamentos e sentimentos do indivíduo sobre seu próprio valor (Hutz & Zanon, 2011), é refletida em atitudes positivas ou negativas referentes a si mesmo (Rosenberg, 1989; Kernis, 2005), está associada na literatura com a satisfação sexual e no relacionamento (Miranda, 1987; Higgins *et al.*, 2011), e se correlaciona de maneira negativa com a culpa sexual (Scroggs, Madrigal & Faflick, 2018) e com o uso de pornografia (Groves *et al.*, 2011; Stewart & Szymanski, 2012; Staley & Prause, 2013; Tylka, 2015). A culpa sexual contribui com afetos de culpa, vergonha e remorso em virtude de pensamentos ou comportamentos sexuais considerados errados pelos padrões morais do sujeito (Mosher, 1966; Mosher & Cross, 1971; Janda & Bazemore, 2011; Mosher, 2011) e está associada à importância da crença religiosa ou espiritual (Grubbs *et al.*, 2010; Carmo, 2011; Baumel, 2014), contribui com afetos de culpa e vergonha frente ao uso de pornografia (Byers & Shaughnessy, 2014) e prejudica a percepção de satisfação sexual e no relacionamento (Higgins *et al.*, 2010; Higgins *et al.*, 2011). A importância da crença avalia a importância da religiosidade ou espiritualidade para o sujeito, e está associada a atitudes negativas frente ao pornô e mais afetos de culpa e vergonha relacionados a este material (Grubbs *et al.*, 2010; Byers & Shaughnessy, 2014) e uma menor satisfação sexual (Higgins *et al.*, 2010).

O amor, uma atitude que é mantida por uma pessoa em relação a outra pessoa (Rubin, 1970), foi mensurado através dos componentes do amor da Teoria Triangular de Sternberg (Sternberg, 1986, 1988, 1997). O componente afetivo Intimidade se refere ao sentimento de proximidade e de conexão, e é considerada o componente estabilizador do amor. A Paixão,

também considerada como atitude afetiva, se refere aos impulsos que levam ao romance, como atração física, consumação sexual e outros aspectos similares, podendo ser considerada como o componente “quente”, no qual estão os sentimentos mais intensos. O fator Decisão/Compromisso refere-se à decisão cognitiva de amar outra pessoa e à sua expressão comportamental de longo prazo, com a manutenção desse amor (Sternberg, 1986, 1988, 1997; Cassepp-Borges, 2010). Pesquisas apontam a correlação entre os componentes do amor e a satisfação com o relacionamento amoroso (Sternberg, 1997; Lemieux & Hale, 2000; Yela, 2000; Masuda, 2003; Cassepp-Borges, 2010). A satisfação sexual também contribui com a qualidade do relacionamento amoroso (Andrade *et al.*, 2009; Yela, 2000; Schmiedeberg & Schröder, 2016), sendo influenciado negativamente pela culpa sexual (Higgins *et al.*, 2010; Baumel, 2014) e pela religiosidade (Higgins *et al.*, 2010) e positivamente pela autoestima (Miranda, 1987; Higgins *et al.*, 2011) e pelos componentes do amor (Andrade *et al.*, 2009; Yela, 2000; Schmiedeberg & Schröder, 2016).

O uso e as atitudes frente à pornografia foram as variáveis que auxiliaram na resposta do objetivo da tese. Os resultados encontrados nos Estudos 1 e 2, bem como na revisão de literatura, apontaram efeitos negativos e positivos associados ao uso de pornografia. As atitudes frente ao pornô são as avaliações feitas sobre esse material que contribuem para a percepção dos efeitos do uso de pornografia como benéficos ou prejudiciais ao relacionamento amoroso. Além da avaliação cognitiva positiva e negativa, também foram incluídos itens que mensuram a resposta afetiva de culpa e de vergonha frente à pornografia. Para avaliação das atitudes, foi construída uma Escala de Atitudes frente à Pornografia validada através de análises fatoriais exploratória e confirmatória, realizadas no Estudo 3. O ISS, instrumento utilizado para avaliação da satisfação sexual, também foi validado neste estudo. As duas escalas apresentaram boas qualidades psicométricas, sendo adequadas para mensuração dos construtos a que se propõem.

O Estudo 4 apresentou um panorama do uso e das atitudes frente à pornografia de brasileiros, além de descrever aspectos do relacionamento amoroso dos respondentes, correlacionando-os com variáveis sociodemográficas. Possibilitou a apresentação de um modelo preditivo da satisfação com o relacionamento amoroso, e a contribuição do uso e das atitudes frente à pornografia nessa avaliação. O Estudo 5 também analisou as variáveis significativas que contribuem com a avaliação de satisfação no relacionamento amoroso, incluindo as variáveis pornográficas, dentro de pares amorosos. Um resumo dos resultados encontrados será apresentado na seção a seguir.

5.2 Resumo dos resultados

O Estudo 1 apresentou um panorama das pesquisas sobre pornografia e relacionamentos, destacando a diversidade de campos do saber envolvidos na compreensão do fenômeno, bem como a variedade de construtos associados ao tema. Embora os autores utilizem diferentes maneiras para se definir o que é pornografia, material sexualmente explícito foi identificada como definição mais utilizada nas pesquisas. Efeitos negativos e positivos do uso do pornô foram identificados. Em relação aos aspectos negativos percebidos do consumo de pornografia ao relacionamento, foram elencadas as categorias: prejuízos à saúde, prejuízos ao relacionamento, violência contra as mulheres e aspectos socioculturais. Em relação aos aspectos positivos, foram levantadas as categorias: sexualidade, desenvolvimento pessoal e benefícios ao relacionamento.

A maioria dos participantes do Estudo 2 definiu pornografia como um material com conteúdo sexual. Da análise de conteúdo emergiram quatro eixos temáticos: definição de pornografia; finalidade do uso; mudanças na forma de uso; e impactos do uso no comportamento sexual e no relacionamento amoroso. Homens usam pornografia

prioritariamente para satisfação pessoal, enquanto que as mulheres o fazem pelos benefícios ao relacionamento; metade das entrevistadas não havia utilizado qualquer material com conteúdo sexual antes do relacionamento atual. Os entrevistados, tanto homens quanto mulheres, elencaram atitudes positivas e negativas semelhantes decorrentes do uso de pornô, e sugeriram que características pessoais possam ser elementos importantes nessa avaliação – especialmente o sexo, pela maneira como homens e mulheres se aproximam e utilizam a pornografia.

Duas das escalas utilizadas foram validadas no Estudo 3. O Índice de Satisfação Sexual, desenvolvido para mensurar a satisfação sexual em um relacionamento amoroso, apresentou bons índices tanto na estrutura de um fator quanto na de dois fatores. Uma análise qualitativa, entretanto, levou à decisão de utilizar a estrutura bifatorial, por possibilitar identificar distintamente aspectos que contribuam para a satisfação e para a insatisfação sexual, permitindo o desenho de um modelo mais robusto para a compreensão dos efeitos do uso de pornografia nos relacionamentos. A Escala da Atitudes frente à Pornografia foi desenvolvida para esta pesquisa e objetiva mensurar as atitudes cognitivas e afetivas dos participantes frente ao material pornográfico. Apresentou uma estrutura final com três fatores: Fator 1, que indica uma atitude positiva frente à pornografia, apresentando os “benefícios” percebidos pelo seu uso; Fator 2, que avalia uma atitude negativa frente ao pornô, por eliciar uma resposta afetiva de “culpa e vergonha” em consequência de seu uso; e Fator 3, também indicativo de atitude negativa frente à pornografia, através de uma avaliação cognitiva, ao estimar “prejuízos” para o relacionamento amoroso e para a própria sexualidade decorrentes desse uso. Os dados apresentados tornaram possível concluir que as escalas analisadas apresentam características psicométricas de validade e precisão suficientemente satisfatórias, garantindo-lhe legitimidade enquanto instrumentos psicométricos de medidas.

No Estudo 4, homens e mulheres diferiram de maneira significativa no uso e na frequência de uso de pornografia, bem como na idade de início de utilização e nas atitudes

frente ao pornô. Homens e usuários de pornografia apresentaram mais atitudes positivas e menos atitudes negativas e de culpa e vergonha frente ao uso do pornô, com mulheres utilizando menos pornografia e, quando usuárias, iniciando este uso mais tarde que homens. Quando avaliados os três blocos de variáveis preditivas da satisfação no relacionamento – individuais, relacionais e pornográficas – as do relacionamento aparecem como mais importantes para esta compreensão. A satisfação sexual, a intimidade e o compromisso foram os fatores que contribuíram com a explicação da satisfação com o relacionamento amoroso para homens e mulheres. Quando analisada de maneira específica a contribuição da pornografia na satisfação com a relação, o uso e as atitudes negativas entram como variáveis significativas no modelo, embora os percentuais de explicação dos modelos encontrados sejam muito pequenos.

Homens e mulheres diferiram no uso e na frequência de uso de pornografia no Estudo 5. A maior parte das mulheres que utilizam pornografia afirmaram também fazê-lo junto com o parceiro. Homens pontuaram mais no componente Paixão de seus relacionamentos e mulheres apresentaram mais atitudes negativas frente à pornografia e uma maior insatisfação sexual na relação. Quando avaliados os preditores de satisfação no relacionamento dos casais, apenas as variáveis relacionais compuseram os modelos. A própria avaliação de satisfação sexual e de intimidade e compromisso na relação amorosa foram os elementos que contribuíram na análise, além da percepção de satisfação com o relacionamento amoroso pelo par. Quando analisada de maneira específica a contribuição da pornografia, o uso de pornô pelo homem e as próprias atitudes negativas frente a este material surgem como variáveis significativas que prejudicam a avaliação de satisfação com o relacionamento. Para as mulheres, suas atitudes negativas frente à pornografia fazem-nas avaliar o uso masculino como prejudicial ao relacionamento do casal. Para os homens, suas atitudes negativas também o fazem avaliar seu uso de pornô como prejudicial à relação.

A culpa sexual e a importância da crença religiosa ou espiritual, componentes correlacionados entre si e com a religiosidade na literatura, não contribuíram com os modelos explicativos encontrados. Tal resultado pode ser decorrente da amostra utilizada nos estudos da pesquisa que afirmou em sua maioria “ter uma espiritualidade independente de qualquer religião”, o que difere do panorama brasileiro encontrado no Censo de 2010, no qual católicos são a maioria (64,6%) e evangélicos o segmento religioso que mais cresce no país (22,2%) (IBGE, 2018). O grupo dos “sem religião” no qual se incluem os participantes da tese correspondem a apenas 8,0% da população.

Nas análises individuais e de díades, a satisfação sexual, a intimidade e o compromisso foram as variáveis significativas que contribuíram com a avaliação de satisfação com a relação para homens e mulheres, demonstrando a importância dos componentes do amor e da sexualidade na avaliação de satisfação com o relacionamento amoroso. Nos casais, a percepção de satisfação do parceiro também contribuiu para esta avaliação. Quando analisada a influência da pornografia nos relacionamentos, as variáveis uso e atitudes negativas foram as significativas nos modelos individuais e de díades, tanto de homens quanto de mulheres, o que indica que são suas próprias atitudes negativas frente a este material que fazem avaliar o uso como prejudicial à satisfação com o relacionamento amoroso. A análise dentro do par amoroso trouxe uma ampliação da explicação dessa relação, ao apontar que apenas o uso masculino interferiu nos modelos encontrados, e que a inclusão das variáveis dos parceiros resultou em alterações distintas para homens e mulheres. Para os homens o uso ou atitudes frente à pornografia de sua parceira não representaram qualquer influência sobre sua satisfação com o relacionamento, mas reduziram o percentual de explicação total do modelo, enquanto que para as mulheres o uso de pornografia pelo parceiro mais do que duplicou a variância explicada, mostrando a influência do consumo masculino sobre sua satisfação – ainda que a explicação total dos modelos seja pequena. As variáveis sobre a pornografia precisaram ser incluídas em análises separadas para

que tivessem alguma relevância nos modelos encontrados o que indica que, apesar das diversas pesquisas que demonstram a associação entre consumo de pornô e prejuízos ao relacionamento, as variáveis do amor e da sexualidade na relação são mais importantes na avaliação de qualidade desta.

5.3 Implicações da presente pesquisa

A presente pesquisa buscou compreender os elementos do amor e da sexualidade que possam contribuir com a qualidade dos relacionamentos românticos, colaborando com outras pesquisas brasileiras sobre o tema (Andrade *et al.*, 2009; Cassepp-Borges, 2010; Cassepp-Borges & Pasquali, 2011; Andrade *et al.*, 2013). Como diferencial, analisou a participação da culpa sexual e da autoestima e incluiu as variáveis uso de pornografia e atitudes frente à pornografia na avaliação de satisfação com o relacionamento, investigando essa influência dentro do par amoroso. Pesquisas utilizando análise diádica são escassas no país (Andrade *et al.*, 2017), além de não ter sido encontrada nenhuma produção nacional que tenha incluído as variáveis sobre a pornografia.

O baixo número de produções nacionais sobre o uso e as atitudes frente à pornografia torna difícil a comparação dos resultados encontrados com outros que tenham características populacionais e construtos analisados semelhantes. Essa ausência de pesquisas pode ser considerada uma dificuldade, ao mesmo tempo que evidencia a contribuição desta para o preenchimento dessa lacuna existente no conhecimento acerca da sexualidade dos brasileiros.

A validação do Índice de Satisfação Sexual em uma amostra maior que a utilizada anteriormente (Andrade *et al.*, 2009) contribui com a utilização dessa escala para mensuração da satisfação sexual no país, considerando especialmente a confirmação da estrutura bifatorial – distinta da versão original. Contribui, ainda, com a criação de uma Escala de Atitudes frente

à Pornografia, fornecendo instrumentos metodológicos confiáveis que podem auxiliar na realização de novos estudos sobre as atitudes frente à pornografia.

É importante destacar que após tantas décadas de pesquisas pontuando os prejuízos do uso de pornografia para os relacionamentos, investigações que apontam para possíveis benefícios têm surgido. Na pesquisa ora realizada, os prejuízos para o relacionamento foram identificados apenas quando o próprio indivíduo tem uma atitude negativa frente ao uso. Talvez porque fazer uso desse material percebendo-o como sendo danoso para si e para a relação possa levar o indivíduo a um desconforto psicológico, em virtude de uma dissonância cognitiva (Petty & Cacioppo, 2018). Quando essa atitude negativa não existe, os prejuízos desaparecem. Ou seja, o que é realmente importante quando se avaliam os benefícios ou prejuízos decorrentes do uso de pornografia é a forma como a pessoa vê esse tipo material. Neste sentido, sugere-se a continuidade da indicação da pornografia nos contextos clínicos e de terapia sexual, tomando o cuidado de avaliar as atitudes dos clientes em relação a este conteúdo, e seu uso ‘recreativo’ por pessoas que têm atitudes positivas e percebem que este tipo de produto não é um retrato da realidade dos relacionamentos.

Tais resultados cooperam com a ampliação do conhecimento científico sobre o uso e as atitudes de pornografia e sua influência na satisfação com o relacionamento amoroso num panorama brasileiro. Essas informações podem orientar o desenvolvimento de pesquisas futuras sobre o tema, bem como auxiliar nas estratégias de intervenção utilizadas pelos profissionais de saúde que lidem com indivíduos, famílias e casais, principalmente psicólogos, sexólogos e educadores, colaborando com uma intervenção de caráter mais científico e, assim, com a qualidade de vida das pessoas, ao identificar a importância dos aspectos do relacionamento para a satisfação com a relação e como as atitudes negativas frente ao pornô colaboram com a percepção de prejuízos ao relacionamento amoroso decorrentes dessa utilização.

5.4 Limitações e pesquisas futuras

Além das limitações apontadas em cada estudo e apresentadas ao longo da tese, é importante considerar que as análises dos indivíduos e dos casais partiu da premissa que estes fazem sexo em suas relações e que o consideram um fator importante para a qualidade dos seus relacionamentos amorosos. Considerando as novas configurações amorosas, como os de pares que se autodenominam “assexuais”, esse fator e sua importância precisam ser mensurados de modo a avaliar com mais propriedade os efeitos encontrados.

O tema da sexualidade é cercado por mitos e tabus, e a deseabilidade social pode ter uma influência significativa na interpretação dos resultados de coletas sobre essa temática. Para estudos futuros, sugere-se a inclusão desta variável de análise.

Embora a definição de pornografia tenha sido construída ao longo dos estudos, utilizando os resultados encontrados na revisão sistemática e nas entrevistas, esta não abarca a complexidade das atividades sexuais *online*. Talvez seja importante investigar os efeitos dos conteúdos pornográficos separadamente, considerando a possibilidade de interação com um outro elemento fora da relação na própria utilização da pornografia, como *sexting*, *cam girls* ou *chats*, por exemplo.

Futuros estudos podem ampliar os grupos de casais investigados, de modo que se possa comparar aspectos como frequência, tipo, conteúdo ou finalidade do uso de pornografia que possam ser avaliados como ‘benéficos’ ou ‘prejudiciais’ e, assim, moderar a percepção dos efeitos do seu uso na satisfação com o relacionamento amoroso.

5.5 Considerações finais

A pornografia está presente em nossa sociedade, basta olhar para as bancas de revista ou os sites de busca na internet para se deparar com esse conteúdo. Em apenas um site avaliado 33,5 bilhões de visitas foram feitas no último ano, estando o Brasil em 12º colocado no mundo em números de acessos por dia (*Pornhub Team*, 2018), o que mostra que o uso deste conteúdo é comum, especialmente entre os jovens, utilizado muitas vezes com a função de aprendizado, como ‘educação sexual’, influenciando suas atitudes e comportamentos sexuais.

Os resultados apresentados não pretendem indicar de modo prescritivo ou normativo comportamentos sexuais, apenas apresentar aspectos da sexualidade dos participantes, buscando compreender os componentes que contribuem com seus relacionamentos amorosos. Parece, então, que a relação entre uso de pornografia e qualidade na relação depende do significado que os indivíduos atribuem a esse uso. Apesar das diversas limitações do presente trabalho, evidencia-se sua contribuição para essa compreensão.

A temática da sexualidade atravessa a experiência humana, apesar de todas as limitações e tabus que a cercam. É preciso ampliar os canais para que se possa falar sobre ela, contribuindo para vivências mais saudáveis, visto que “a imensa diversidade cultural a respeito do sexo, existente na contemporaneidade, mostra que não há uma verdade a ser descoberta, mas apenas propostas a serem elaboradas acerca da melhor forma de convivência e respeito no interior dessa diversidade” (Guerra, 2005, p. 153).

REFERÊNCIAS⁴

- Abbad, G., & Torres, C. V. (2002). Regressão múltipla *stepwise* e hierárquica em Psicologia Organizacional: aplicações, problemas e soluções. *Estudos de Psicologia*, 7 (spe), 19-29. Doi: 10.1590/S1413-294X2002000300004.
- Abdo, C. H. N., Oliveira Junior, W. M., Moreira, E. D., & Fittipaldi, J. A. S. (2002). Perfil sexual da população brasileira: resultados do Estudo do Comportamento Sexual (ECOS) do brasileiro. *Revista Brasileira de Medicina*, 59 (4), 250-257.
- Ajzen, I. (2001). Nature and operation of attitudes. *Annual Review of Psychology*, 52, 27–58. Doi: 0066-4308/01/0201-0027\$14.00.
- Allport, G. W. (1935). Attitudes. In: *A Handbook of Social Psychology*. (pp. 798-844). Worcester, MA: Clark University Press.
- Andrade, A. L.; Cassepp-Borges, V.; Ferrer, E. & Sanchez-Aragón, R. (2017). Análises de dados diádicos: Um exemplo a partir da pesquisa com casais. *Temas em Psicologia*, 25 (4), 1453-1470. Doi 10.9788/TP2017.4-05.
- Andrade, A. L., Garcia, A., & Cano, D. S. (2009). Preditores da satisfação global em relacionamentos românticos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11 (3), 143-156. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v11n3/v11n3a12.pdf>.
- Andrade, A. L., Garcia, A., & Cassepp-Borges, V. (2013). Evidências de validade da Escala Triangular do Amor de Sternberg – Reduzida (ETAS-R). *Psico-USF*, 18 (3), 501-510. Doi: 10.1590/S1413-82712013000300016.
- Associação Brasileira das Empresas do Mercado Erótico e Sensual (2014). *Dados estatísticos*. Recuperado de: www.abeme.com.br/publicacoes_old/dados-estatisticos/.
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo* (3 ed.). Lisboa: Edições 70.
- Bauer, M.W. & Gaskell, G. (2008). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (7 ed.). Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Baumeister, R. F., Campbell, J. D., Krueger, J. I., & Vohs, K. D. (2003). Does high selfesteem cause better performance, interpersonal success, happiness, or healthier lifestyles? *Psychological Science in the Public Interest*, 4, 1-44. Doi: 10.1111/1529-1006.01431.

⁴ Referências identificadas com asterisco (*) são parte dos resultados da revisão sistemática do Estudo 1.

- Baumel, S. W. (2014). *Investigando o papel da masturbação na sexualidade da mulher*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.
- * Benjamin, O., & Tlusten, D. (2010). Intimacy and/or degradation: Heterosexual images of togetherness and women's embracement of pornography. *Sexualities*, 13(5), 599-623. Doi: 10.1177/1363460710376492.
- * Bonomi, A. E., Nemeth, J. M., Altenburger, L. E., Anderson, M. L., Snyder, A., & Dotto, I. (2014). Fiction or not? fifty shades is associated with health risks in adolescent and young adult females. *Journal of Women's Health* (2002), 23(9), 720-728. Doi: 10.1089/jwh.2014.4782.
- * Bouffard, L. A. (2010). Exploring the utility of entitlement in understanding sexual aggression. *Journal of Criminal Justice*, 38(5), 870-879. Doi: 10.1016/j.jcrimjus.2010.06.002.
- * Braithwaite, S., Aaron, S., Dowdle, K., Spjut, K. & Fincham, F. (2015). Does pornography consumption increase participation in friends with benefits relationships? *Sexuality & Culture*, 19(3), 513–532. Doi: 10.1007/s12119-015-9275-4.
- Brasil (1968). *Ato Institucional nº 5*, de 13 de dezembro de 1968. Recuperado de: planalto.gov.br//CCIVIL_03/AIT/ait-05-68.htm.
- Brasil (1969). *Ofício nº 0121/69*, do Gabinete do Presidente, de 17 de junho de 1969. Recuperado de: documentosrevelados.com.br/repressao/segundo-ditadura-erotismo-e-pornografia-eram-usados-pela-oposicao-para-derrubar-governo-militar/.
- Bridges, A. J., & Morokoff, P. J. (2011). Sexual Media Use and Relational Satisfaction in Heterosexual Couples. *Personal Relationships*, 18 (4), 562-585. Doi: 10.1111/j.1475-6811.2010.01328.x.
- Brown, M. B. & Forsythe, A. B. (1974). Robust tests for equality of variances. *Journal of the American Statistical Association*, 69 (346), 364-367. Doi: 10.1080/01621459.1974.10482955.
- Brown, T. A. (2006). *Confirmatory factor analysis for applied research*. New York: The Guilford Press.
- Butler, M. E., Ferraro, F. R., & Holm, J. E. (2011). Pornography's Immediate Effect on Relationship Satisfaction. *PSI CHI Journal of Psychological Research*, 16(3), 113-122. Doi: 10.24839/1089-4136.JN16.3.113.
- * Buzzell, T., Foss, D., & Middleton, Z. (2006). Explaining use of online pornography: A test of self-control theory and opportunities for deviance. *Journal of Criminal Justice and Popular Culture*, 13(2), 96-116. Retrieved from: www.albany.edu/scj/jcipc/vol13is2/Buzzell.pdf.

- Byers, E. S., & Shaughnessy, K. (2014). Attitudes toward online sexual activities. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 8(1), article 10. Doi: 10.5817/CP2014-1-10.
- Byrne, B. M. (2010). *Structural equation modeling with AMOS: basic concepts, applications, and programming* (2nd ed.). New York: Routledge, Taylor & Francis.
- Campos, C. J. G. (2004). Método de análise de conteúdo: Ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 57(5), 611-4. Doi: 10.1590/S0034-71672004000500019.
- Carmo, P. S. (2011). *Entre a luxúria e o pudor: a história do sexo no Brasil*. São Paulo: Octavo.
- Cassepp-Borges, V. (2010). *Amor e construtos relacionados: evidências de validade de instrumentos de medida no Brasil*. (Tese de doutorado). Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- Cassepp-Borges, V. & Pasquali, L. (2011). Características psicométricas da Relationship Assessment Scale. *Psico-USF*, 16 (3), 255-264. Doi: 10.1590/S1413-82712011000300002.
- * Chi, X., Yu, L., & Winter, S. (2012) Prevalence and correlates of sexual behaviors among university students: a study in Hefei, China. *BMC Public Health*, 12(972). Doi: 10.1186/1471-2458-12-972.
- Costa, A. B., & Zoltowski, A. P. C. (2014). Como escrever um artigo de revisão sistemática. Em: Koller, S. H., Couto, M. C. P. P. & Hohendorff, J. V. *Manual de produção científica*. (pp. 55-70). Porto Alegre: Penso.
- * Crimmins, D. M., & Seigfried-Spellar, K. C. (2014). Peer attachment, sexual experiences, and risky online behaviors as predictors of sexting behaviors among undergraduate students. *Computers in Human Behavior*, 32, 268-275. Doi: 10.1016/j.chb.2013.12.012.
- * D'Abreu, L. C. F. (2013). Pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra mulheres. *Psicologia & Sociedade*, 25(3), 592-601. Recuperado de <http://www.ufrgs.br/seerpsicsoc/ojs2/index.php/seerpsicsoc/article/view/3658/2274>.
- Damásio, B. F. (2012). Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. *Avaliação Psicológica*, 11(2), 213-228. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v11n2/v11n2a07.pdf>.
- * Daneback, K., Træen, B., & Månsson, S. (2009). Use of pornography in a random sample of norwegian heterosexual couples. *Archives of Sexual Behavior*, 38(5), 746-753. Doi: 10.1007/s10508-008-9314-4.

- * DeKeseredy, W. (2015). Critical Criminological Understandings of Adult Pornography and Woman Abuse: New Progressive Directions in Research and Theory. *International Journal For Crime, Justice and Social Democracy*, 4(4), 4-21. Doi: 10.5204/ijcjsd.v4i4.184.
- Dela Coleta, M. F. (1989). A medida da satisfação conjugal: adaptação de uma escala. *Psico*, 18 (2), 90-112.
- Eccles, J. S., Jacobs, J. E., & Harold, R. D. (1990). Gender role stereotypes, expectancy effects, and parents' socialization of gender differences. *Journal of Social Issues*, 46(2), 183-201.
- * El Far, A. (2007). Crítica social e ideias médicas nos excessos do desejo: uma análise dos “romances para homens” de finais do século XIX e início do XX. *Cadernos Pagu*, 28, 285-312. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/13.pdf>.
- * Elder, W. B., Morrow, S. L. & Brooks, G. R. (2015). Sexual self-schemas of gay men: A qualitative investigation. *The Counseling Psychologist*, 43(7), 942-969. Doi: 10.1177/0011000015606222.
- * Fahs, B., & Gonzalez, J. (2014). The front lines of the “back door”: Navigating (dis)engagement, coercion, and pleasure in women’s anal sex experiences. *Feminism and Psychology*, 24(4), 500-520. Doi: 10.1177/0959353514539648.
- Gonçalo Junior. (2010). *A guerra dos gibis 2: Maria Erótica e o clamor do sexo: imprensa, pornografia, comunismo e censura na ditadura militar, 1964-1985*. São Paulo: Editoractiva Produções Artísticas.
- * Gorman, S., Monk-Turner, E., & Fish, J. N. (2010). Free adult internet web sites: How prevalent are degrading acts? *Gender Issues*, 27(3-4), 131-145. Doi: 10.1007/s12147-010-9095-7.
- Gregersen, E. (1983). *Práticas sexuais – A história da sexualidade humana*. São Paulo, Roca.
- * Grov, C., Gillespie, B. J., Royce, T., & Lever, J. (2011). Perceived consequences of casual online sexual activities on heterosexual relationships: A U.S. online survey. *Archives of Sexual Behavior*, 40(2), 429-439. Doi: 10.1007/s10508-010-9598-z.
- Grubbs, J. B., Sessoms, J., Wheeler, D. M., & Volk, F. (2010). The Cyber-Pornography Use Inventory: The Development of a New Assessment Instrument. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 17(2), 106-126. Doi: 10.1080/10720161003776166.
- Guerra, V. M. (2001). *Atitudes de estudantes universitários frente ao consumo de materiais pornográficos*. (Monografia de curso de especialização). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

- Guerra, V. M. (2005). *Bases valorativas do liberalismo sexual* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Guerra, V. M., Gouveia, V. V., Sousa, D. M., Lima T. J., & Freires, L. A. (2012). Sexual Liberalism–Conservatism: The Effect of Human Values, Gender, and Previous Sexual Experience. *Archives of Sexual Behavior*, 41(4), 1027-1039. Doi: 10.1007/s10508-012-9936-4.
- * Gwinn, A. M., Lambert, N. M., Fincham, F. D., & Maner, J. K. (2013). Pornography, relationship alternatives, and intimate extradyadic behavior. *Social Psychological and Personality Science*, 4(6), 699-704. Doi: 10.1177/1948550613480821.
- Hald, G. M. (2006). Gender Differences in Pornography Consumption among Young Heterosexual Danish Adults. *Archives of Sexual Behavior*, 35 (5), 577–585. Doi: 10.1007/s10508-006-9064-0.
- Hald, G. M. & Malamuth, N. M. (2008). Self-perceived effects of pornography consumption. *Archives of Sexual Behavior*, 37 (4), 614-625. Doi: 10.1007/s10508-007-9212-1.
- * Hald, G. M. & Malamuth, N. N. (2015). Experimental effects of exposure to pornography: the moderating effect of personality and mediating effect of sexual arousal. *Archives of Sexual Behavior*, 44(1), 99-109. Doi: 10.1007/s10508-014-0291-5.
- * Hald, G. M., Malamuth, N. M., & Yuen, C. (2010). Pornography and attitudes supporting violence against women: Revisiting the relationship in nonexperimental studies. *Aggressive Behavior*, 36(1), 14-20. Doi: 10.1002/ab.20328.
- * Hearn, J. (2006). The implications of information and communication technologies for sexualities and sexualised violences: Contradictions of sexual citizenships. *Political Geography*, 25(8), 944-963. Doi: 10.1016/j.polgeo.2006.08.007.
- Hendrick, S. S. (1988). A Generic Measure of Relationship Satisfaction. *Journal of Marriage and Family*, 50 (1), 93-98. Retrieved from: www.jstor.org/stable/352430.
- Hernandez, J. A. E. (2014). Evidências de validade da Escala de Avaliação do Relacionamento. *Estudos de Psicologia*, 31(3), 327-336. Doi: 10.1590/0103-166X2014000300001.
- Higgins, J. A., Mullinax, M., Trussell, J., Davidson, J. K., & Moore, N. B. (2011). Sexual satisfaction and sexual health among university students in the United States. *American Journal of Public Health*, 101, 1643-1654. Doi: 10.2105/AJPH.2011.300154.
- Higgins, J. A., Trussell, J., Moore, N. B., & Davidson, J. K. (2010). Virginity lost, satisfaction gained? Physiological and psychological sexual satisfaction at heterosexual debut. *Journal of Sex Research*, 47 (4), 384-394. Doi: 10.1080/00224491003774792.

- * Hilton, D. (2013). Pornography addiction - a supranormal stimulus considered in the context of neuroplasticity. *Socioaffective Neuroscience & Psychology*, 3. Doi: 10.3402/snp.v3i0.20767.
- Howitt, D. & Cramer, D. (2008a). Multiple regression and multiple correlation. In: Howitt, D. & Cramer, D. *Introduction to research methods in Psychology* (2nd ed.). (pp. 380-392). Essex: Pearson Education Limited.
- Howitt, D. & Cramer, D. (2008b). Psychological tests – Their use and construction. In: Howitt, D. & Cramer, D. *Introduction to research methods in Psychology* (2nd ed.). (pp. 243-259). Essex: Pearson Education Limited.
- Hudson, W. W., Harrison, D. F., & Crosscup, P. C. (1981). A short-form scale to measure sexual discord in dyadic relationships. *Journal of Sex Research*, 17(2), 157-174. Doi: 10.1080/00224498109551110.
- Hunt, L. (Org.) (1999). *A invenção da Pornografia: Obscenidade e as Origens da Modernidade*. São Paulo: Hedra.
- Hutz, C. S., & Zanon, C. (2011). Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg: Revision of the adaptation, validation, and normalization of the Roserberg self-esteem scale. *Avaliação Psicológica*, 10(1), 41-49. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v10n1/v10n1a05.pdf.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2018). Diretoria de Pesquisas - DPE - Coordenação de População e Indicadores Sociais - COPIS. Recuperado de: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?>
- Janda, L. H., & Bazemore, D. (2011). The revised Mosher sex-guilt scale: its psychometric properties and a proposed ten-item version. *Journal of Sex Research*, 48(4), 392–396. Doi: 10.1080/00224499.2010.482216.
- Josephs, R. A., Markus, H. R., & Tafarodi, R. W. (1992). Gender and Self-Esteem. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63 (3), 391-402. Doi: 10.1037/0022-3514.63.3.391.
- Kenny, D. A., Kashy, D. A., & Cook, W. (2006). The measurement of nonindependence. In: Kenny, D. A., Kashy, D. A., & Cook, W. *Dyadic data analysis*. (pp 25-52). New York: Guilford.
- Kernis, M. H. (2005). Measuring self-esteem in context: The importance of stability of self-esteem in psychological functioning. *Journal of Personality*, 73(6), 1569-1605. 10.1111/j.1467-6494.2005.00359.x.
- Krüger, H. (1986). *Temas básicos de psicologia: introdução à psicologia social*. São Paulo: EPU.

- * Laier, C., Pekal, J., & Brand, M. (2014). Cybersex addiction in heterosexual female users of internet pornography can be explained by gratification hypothesis. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 17(8), 505-511. Doi: 10.1089/cyber.2013.0396.
- Lawrance, K., & Byers, E. S. (1995). Sexual satisfaction in long-term heterosexual relationships: The Interpersonal Exchange Model of Sexual Satisfaction. *Personal Relationships*, 2 (4), 267-285. Doi: 10.1111/j.1475-6811.1995.tb00092.x.
- Lemieux, R. & Hale, J. L. (2000). Intimacy, passion and commitment among married individuals: further testing of the Triangular Theory of Love. *Psychological Reports*, 87 (3), 941-948. Doi: 10.2466/pr0.2000.87.3.941.
- * Levine, S. B. (2010). What is sexual addiction? *Journal of Sex and Marital Therapy*, 36(3), 261-275. Doi: 10.1080/00926231003719681.
- Lima, R. A. & Alves, I. B. (2010). As particularidades da (in)satisfação conjugal antes e depois da chegada dos filhos. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 30 (79), 424-439. Recuperado de: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=94615412014>.
- * Limacher, L. H., & Wright, L. M. (2006). Exploring the therapeutic family intervention of commendations: Insights from research. *Journal of Family Nursing*, 12(3), 307-331. Doi: 10.1177/1074840706291696.
- Lins, R.N. (2012). *O livro do amor, volume 2: do Iluminismo à Atualidade*. Rio de Janeiro: Best Seller.
- Lloret, S., Ferreres, A., Hernández, A., & Tomás, I. (2017). El análisis factorial exploratorio de los ítems: análisis guiado según los datos empíricos y el software. *Anales de psicología*, 33 (2), 417-432. Doi: 10.6018/analesps.33.2.270211.
- Lo Duca. (1966). *Erotique de L'art*. Paris: La Jeune Parque.
- Lorenzo-Seva, U. (1999). Promin: a method for oblique factor rotation. *Multivariate Behavioral Research*, 34 (3), 347-356. Doi: 10.1207/S15327906MBR3403_3.
- Lorenzo-Seva, U., & Ferrando, P.J. (2013). FACTOR 9.2 A Comprehensive Program for Fitting Exploratory and Semiconfirmatory Factor Analysis and IRT Models. *Applied Psychological Measurement*, 37 (6), 497-498. Doi: 10.1177/0146621613487794.
- Lorenzo-Seva, U., Timmerman, M. E., & Kiers, H.A.L. (2011). The Hull Method for Selecting the Number of Common Factors. *Multivariate Behavioral Research*, 46 (2), 340-364. Doi: 10.1080/00273171.2011.564527.
- Lowery, S. E., Kurpius, S. E. R., Befort, C., Blanks, E. H., Sollenberger, S., Nicpon, M. F., & Huser, L. (2005). Body image, self-esteem, and health-related behaviors among male and

female first year college students. *Journal of College Student Development, Johns Hopkins University Press*, 46 (6), 612-623. Doi: 10.1353/csd.2005.0062.

- * Maddox, A. M., Rhoades, G. K., & Markman, H. J. (2011). Viewing sexually-explicit materials alone or together: Associations with relationship quality. *Archives of Sexual Behavior*, 40(2), 441-448. Doi: 10.1007/s10508-009-9585-4.

Masters, W. H. & Johnson, V. E. (1988). *O relacionamento amoroso: segredos do amor e da intimidade sexual*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Masuda, M. (2003). Meta-analyses of love scales: Do various love scales measure the same psychological constructs? *Japanese Psychological Research*, 45 (1), 25-37. Doi: 10.1111/1468-5884.00030.

Michaelis (2015). *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Melhoramentos. Recuperado de: www.michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/.

Miranda, E. S. (1987). Satisfação conjugal e aspectos relacionados: a influência da comunicação, da semelhança de atitudes e da percepção interpessoal. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 39 (3), 96-107. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/19749/18473>.

- * Montero, S. G. (2008). Del erotismo a la seducción: en torno a Kant y Kierkegaard. *Revista Observaciones Filosóficas*, 7. Recuperado de <http://www.observacionesfilosoficas.net/delerotismoalaseduccion.html>.

Montgomery-Graham, S., Kohut, T., Fisher, W., & Campbell, L. (2015). How the popular media rushes to judgment about pornography and relationships while research lags behind. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 24 (3), 243-256. Doi: 10.3138/cjhs.243-A4.

Mosher, D. L. (1966). The development and multitrait-multimethod matrix analysis of three measures of three aspects of guilt. *Journal of Consulting Psychology*, 30(1), 25-29. Doi: 10.1037/h0022905.

Mosher, D. L. (2011). Revised Mosher Guilt Inventory. In: *Handbook of Sexuality related measures*. Fisher, T. D., Davis, C. M., Yarber, W. L., & Davis, S. L. (3rd ed.). (pp. 321-324). Hoboken: Taylor & Francis.

Mosher, D. L., & Cross, H. J. (1971). Sex guilt and premarital sexual experiences of college students. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 36 (1), 27-32. Doi: 10.1037/h0030454.

- * Mowlabocus, S., Harbottle, J., & Witzel, C. (2013). Porn laid bare: Gay men, pornography and bareback sex. *Sexualities*, 16(5-6), 523-547. Doi: 10.1177/1363460713487370.

- * Muusses, L. D., Kerkhof, P. & Finkenauer, C. (2015). Internet pornography and relationship quality: A longitudinal study of within and between partner effects of adjustment, sexual satisfaction and sexually explicit internet material among newly-weds. *Computers in Human Behavior*, 45, 77–84. Doi: 10.1016/j.chb.2014.11.077.
- Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2006). Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. *Psicologia em Estudo*, 11(3), 647-654. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a20.pdf>.
- Nogueira, C. (2001) Feminismo e discurso do gênero na psicologia social. *Psicologia & Sociedade*. 13(1), 107-128. Recuperado de: <http://hdl.handle.net/1822/4117>.
- Okin, S. M., (2008). Gênero, o público e o privado. *Estudos feministas*, 16(2), 305-332. Doi: 10.1590/S0104-026X2008000200002.
- Oliveira, J. M. D., & Amâncio, L. (2002). Liberdades condicionais: o conceito de papel sexual revisitado. *Sociologia, Problemas e Práticas*, (40), 45-61. Recuperado de: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/spp/n40/n40a03.pdf>.
- * Olmstead, S. B., Negash, S., Pasley, K., & Fincham, F. D. (2013). Emerging adults' expectations for pornography use in the context of future committed romantic relationships: A qualitative study. *Archives of Sexual Behavior*, 42(4), 625-635. Doi: 10.1007/s10508-012-9986-7.
- Paiva, V., Aranha, F., & Bastos, F. I. (2008). Opiniões e atitudes em relação à sexualidade: pesquisa de âmbito nacional, Brasil 2005. *Revista de Saúde Pública*, 42(1), 54-64. Doi: 10.1590/S0034-89102008000800008.
- Pasquali, L. (1998). Princípios de elaboração de escalas psicológicas. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 25 (5), 206-213. Edição Especial.
- Pessoa, V. S., Mendes, L. A. C., Athayde, R. A. A., & Souza Filho, J. F. (2013). Atitudes e problemas socioambientais. Em: CRUZ, R. T. & GUSMÃO, E. E. S. (Org.) (2013). *Psicologia: conceitos, técnicas e pesquisas*: volume 2. (pp. 57-88). Curitiba: CRV.
- Peter, J. & Valkenburg, P. M. (2010). Processes underlying the effects of adolescents' use of sexually explicit internet material: The role of perceived realism. *Communication Research*, 37(3), 375–399. Doi: 10.1177/0093650210362464.
- Petersen, J. L., & Hyde, J. S. (2010). A meta-analytic review of research on gender differences in sexuality, 1993-2007. *Psychological Bulletin*, 136(1), 21-38. Doi: 10.1037/a0017504.
- Petty, R. E., & Cacioppo, J. T. (2018). Introduction to Attitudes and Persuasion. In: Petty, R. E., & Cacioppo, J. T. (Eds). *Attitudes and persuasion: Classic and contemporary approaches* (pp. 03-37). London, UK: Routledge.

- Pissolato, L. K. B. P., Alves, C. N., Prates, L. A., Wilhelm, L. A., & Ressel, L. B. (2016). Breastfeeding and sexuality: an interface in the experience of puerperium. *Fundamental Care Online*, 8(3), 4674-4680. Doi: 10.9789/2175-5361.2016.v8i3.4674-4680.
- * Poll, L. V. D. (2012). But is it speech? Making critical sense of the dominant constitutional discourse on pornography, morality and harm under the pervasive influence of united states first amendment jurisprudence. *Potchefstroom Electronic Law Journal*, 15(2), 416-452. Doi: 10.4314/pej.v15i2.15.
- * Popović, M. (2011) Pornography Use and Closeness with Others in Women. *Srpski Arhiv za Celokupno Lekarstvo*, 139(5-6), 353-359. Doi: 10.2298/SARH1106353P.
- Pornhub Team (2018, December, 11). 2018 Year in Review. *Pornhub Insights*. Retrieved from www.pornhub.com/insights/2018-year-in-review.
- * Pyle, T. M., & Bridges, A. J. (2012). Perceptions of relationship satisfaction and addictive behavior: Comparing pornography and marijuana use. *Journal of Behavioral Addictions*, 1(4), 171-179. Doi: 10.1556/JBA.1.2012.007.
- Ratcliffe, G. C. (2011). *The use of sexually explicit material in sex therapy*. (Master's thesis, Kansas State University, Kansas, USA). Retrieved from: <http://krex.k-state.edu/dspace/handle/2097/8628>.
- Rizzon, A. L. C., Mosmann, C. P., & Wagner, A. (2013). A qualidade conjugal e os elementos do amor: um estudo correlacional. *Contextos Clínicos*, 6 (1), 41-49. Doi: 10.4013/ctc.2013.61.05.
- Rosenberg, M. (1989). *Society and the Adolescent Self-Image*. Revised edition. Middletown: Wesleyan University Press.
- Rothmann, P., & Barros, F. V. (2012, Novembro, 19). Como a indústria do sexo se adaptou à web. *Revista Exame*. Recuperado de: www.exame.abril.com.br/tecnologia/como-a-industria-do-sexo-se-adaptou-a-web.
- Rowland, M., Foxcroft, L., Hopman, W. M., & Patel, R. (2005). Breastfeeding and sexuality immediately post partum. *Canadian Family Physician*, 51, 1000 – 1005.
- Rubin, Z. (1970). Measurement of romantic love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 16(2), 265-273. Doi:10.1037/h0029841.
- Sánchez-Fuentes, M. M., Santos-Iglesias, P., & Sierra J. C. (2014). A systematic review of sexual satisfaction. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 14 (1), 67-75. Doi: 10.1016/S1697-2600(14)70038-9.
- Santos, L. C., Carvalho, A. B., Amaral, J. G., Borges, L. A., & Mayorga, C. (2016). Gênero, Feminismo e Psicologia social no Brasil: análise da revista Psicologia & Sociedade

- (1996-2010). *Psicologia & Sociedade*, 28 (3), 589-603. Doi: 10.1590/1807-03102016v28np589.
- Sass, D. A., & Schmitt, T. A. (2010). 'A Comparative Investigation of Rotation Criteria Within Exploratory Factor Analysis', *Multivariate Behavioral Research*, 45(1), 73-103. Doi: 10.1080/00273170903504810.
- Schlösser, A., & Camargo, B. V. (2014). Contribuições de pesquisas brasileiras sobre o Amor e Relacionamentos Amorosos. *Temas em Psicologia*, 22(4), 795-808. Doi: 10.9788/TP2014.4-10.
- Schmiedeberg, C. & Schröder, J. (2016). Does Sexual Satisfaction Change With Relationship Duration? *Archives of Sexual Behavior*, 45 (1), 99-107. Doi: 10.1007/s10508-015-0587-0.
- Scorsolini-Comin, F. & Santos, M. A. (2010). Satisfação conjugal: revisão integrativa da literatura científica nacional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(3), 525-532. Doi: 10.1590/S0102-37722010000300015.
- Scroggs, B., Madrigal, R., & Faflick, N. (2018). Adolescent Sexual Guilt and the Development of Self-Esteem During the Transition to Adulthood: The Moderating Effect of Race. *Sexuality and Culture*, 1-6. Doi: 10.1007/s12119-018-09582-3.
- * Şenormanci, Ö., Konkan, R., Güçlü, O., & Şenormanci, G. (2014). Two cases of excessive internet use with comorbid family relationship problems. [Aşırı İnternet kullanımı nedeniyle aile ilişkileri bozulmuş olan İki İnternet bağımlılığı olgusu] *Noropsikiyatri Arsivi*, 51(3), 280-282. Doi: 10.4274/npa.y6939.
- Shingala, M. C. (2016). *Comparison of different Post Hoc Tests*. (Doctoral dissertation, Veer Narmad South Gujarat University, Gujarat, India). Retrieved from www.hdl.handle.net/10603/171827.
- * Silvera, R. J., Grov, C., Stein, D. J., Hagerty, R., & Marmor, M. (2015). Level of 'outness' and pornography use among men who have sex with men: Results from an online survey. *Psychology & Sexuality*, 6(1), 44-58. Doi: 10.1080/19419899.2014.984907.
- SimilarWeb (2018, November, 01). Top Websites Ranking. Resources. Retrieved from: www.similarweb.com/top-websites.
- * Staley, C., & Prause, N. (2013). Erotica viewing effects on intimate relationships and self/partner evaluations. *Archives of Sexual Behavior*, 42(4), 615-624. Doi: 10.1007/s10508-012-0034-4.
- Stein, J. A., Newcomb, M. D., & Bentler, P. M. (1992). The effect of agency and communality on self-esteem: Gender differences in longitudinal data. *Sex Roles*, 26 (11-12), 465-483. Doi: 10.1007/BF00289869.

- Sternberg, R. J. (1986). A Triangular Theory of Love. *Psychological Review*, 93(2), 119-135. Doi: 10.1037/0033-295X.93.2.119.
- Sternberg, R. J. (1988). Triangulating Love. In: Sternberg, R. J. & Barnes, M. L. *The Psychology of Love*. (pp.119-138). New Haven: Yale University Press.
- Sternberg, R. J. (1997). Construct validation of a triangular love scale. *European Journal of Social Psychology*, 27(3), 313-335. Doi: 10.1002/(SICI)1099-0992(199705)27:3<313::AID-EJSP824>3.0.CO;2-4.
- * Stewart, D. N., & Szymanski, D. M. (2012). Young adult women's reports of their male romantic partner's pornography use as a correlate of their self-esteem, relationship quality, and sexual satisfaction. *Sex Roles*, 67(5-6), 257-271. Doi: 10.1007/s11199-012-0164-0.
- * Sun, C., Miezian, E., Lee, N., & Shim, J. W. (2015). Korean men's pornography use, their interest in extreme pornography, and dyadic sexual relationships. *International Journal of Sexual Health*, 27(1), 16-35. Doi: 10.1080/19317611.2014.927048.
- * Szymanski, D. M., Feltman, C. E., & Dunn, T. L. (2015). Male partner's perceived pornography use and women's relational and psychological health: The roles of trust, attitudes, and investment. *Sex Roles*, 73(5-6), 187-199. Doi: 10.1007/s11199-015-0518-5.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2007). *Using multivariate statistics* (5th ed.). Boston: Allyn & Bacon/Pearson Education.
- Timmerman, M. E., & Lorenzo-Seva, U. (2011). Dimensionality Assessment of Ordered Polytomous Items with Parallel Analysis. *Psychological Methods*, 16, 209-220. Doi: 10.1037/a0023353
- Træen, B., Spitznogle, K., & Beverfjord, A. (2004). Attitudes and use of pornography in the Norwegian population 2002. *The Journal of Sex Research*, 41 (2), 193-200. Doi: 10.1080/00224490409552227.
- Trzesniewski, K., Donnellan, M. & Robins, R. (2003). Stability of self-esteem across the life span. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84, 205-220. Doi: 10.1037/0022-3514.84.1.205.
- * Tylka, T. L. (2015). No harm in looking, right? Men's pornography consumption, body image, and well-being. *Psychology of Men & Masculinity*, 16(1), 97-107. Doi: 10.1037/a0035774.
- * Tylka, T. L., & Van Diest, A. M. K. (2015). You looking at her "hot" body may not be "cool" for me: Integrating male partners' pornography use into objectification theory for

women. *Psychology of Women Quarterly*, 39(1), 67-84. Doi: 10.1177/0361684314521784.

- * Weinberg, M. S., Williams, C. J., Kleiner, S., & Irizarry, Y. (2010). Pornography, normalization, and empowerment. *Archives of Sexual Behavior*, 39(6), 1389-1401. Doi: 10.1007/s10508-009-9592-5.
 - * Weinstein, A. M., Zolek, R., Babkin, A., Cohen, K. & Lejoyeux, M. (2015). Factors predicting cybersex use and difficulties in forming intimate relationships among male and female users of cybersex. *Frontiers in Psychiatry*. 6(54), 1-8. Doi: 10.3389/fpsyt.2015.00054.
 - * Wentland, J. J., & Muise, A. (2010). Stepping out from behind the lens: A qualitative analysis of erotic photographers. *Sexuality and Culture*, 14(2), 97-125. Doi: 10.1007/s12119-010-9068-8.
- Winqvist, L. A., Mohr, C. D., & Kenny, D. A. (1998). The female positivity effect in the perception of others. *Journal of Research in Personality*, 32(3), 370-388.
- World Health Organization. (2006) *Defining sexual health: report of a technical consultation on sexual health*, 28–31. Recuperado de: who.int/reproductivehealth/publications/sexual_health/defining_sexual_health.pdf.
- * Wu, J. Q., Wang, K. W., Zhao, R., Li, Y. Y., Zhou, Y., Li, Y. R., Ji, H. L., & Ji, M. (2014). Male rural-to-urban migrants and risky sexual behavior: A cross-sectional study in Shanghai, China. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 11(3), 2846-2864. Doi: 10.3390/ijerph110302846.
 - * Wulandari, E. (2015). Pluralism in setting and signification of pornography. *Jurnal Dinamika Hukum*, 15(1), 111-119. Retrieved from: <http://dinamikahukum.fh.unsoed.ac.id/index.php/JDH/article/viewFile/401/367>.
- Wylie, K. (2009). A Global Survey of Sexual Behaviours. *Journal of Family and Reproductive Health Journal*, 3 (2), 39-49.
- Yela, C. (2000). Predictors of and factors related to loving and sexual satisfaction for men and women. *European Review of Applied Psychology*. 50(1), 235-243. Recuperado de: https://www.researchgate.net/publication/232573546_Predictors_of_and_factors_related_to_loving_and_sexual_satisfaction_for_men_and_women.
- * Yucel, D., & Gassanov, M. A. (2010). Exploring actor and partner correlates of sexual satisfaction among married couples. *Social Science Research*, 39(5), 725-738. Doi: 10.1016/j.ssresearch.2009.09.002.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 1

Prezado(a) Participante,

Estamos lhe convidando para participar da pesquisa intitulada “**Consumo de materiais com conteúdo sexual e seus impactos no relacionamento amoroso**”. Esta pesquisa faz parte do Programa de Pós Graduação em Psicologia (PPGP/UFES) do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo.

Esta pesquisa tem o objetivo de investigar as representações sociais e níveis de atitudes dos participantes em relação a materiais com conteúdo sexual, bem como identificar e descrever vantagens e desvantagens percebidas no consumo desse tipo de material para os relacionamentos amorosos.

Para responder a pesquisa você precisa ser nascido no Brasil, ter ensino superior completo e entre 20 e 30 anos de idade. Para participar da pesquisa é necessário que concorde com este documento e assine este termo de consentimento em duas vias e, só após a sua autorização é que a entrevista ocorrerá.

Se você der sua autorização para participar da pesquisa, você será entrevistado pela pesquisadora, respondendo a questões relacionadas ao objetivo do estudo. Essa entrevista será gravada e tem duração média de 30 minutos.

Sua participação é voluntária, e os dados coletados serão mantidos em sigilo e analisados pelos pesquisadores. Portanto, não há divulgação do nome dos participantes. Informamos que a participação nessa pesquisa envolve um nível de risco mínimo, ou seja, sua participação não incorrerá em riscos maiores do que aqueles existentes na sua vida cotidiana. Salientamos que você tem total liberdade para decidir participar e, também, para desistir da pesquisa em qualquer etapa, sem prejuízos.

Após a finalização da pesquisa os resultados serão divulgados através do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, ficando disponíveis para consulta. Além disso, os resultados do trabalho serão publicados em revistas científicas nacionais e internacionais.

Esperamos contar com a sua participação, pois acreditamos que esta pesquisa é de relevância para os estudos que envolvem a experiência da sexualidade dos indivíduos, e suas afinidades com os relacionamentos amorosos, como um meio de contribuir com a ampliação

do conhecimento científico sobre o assunto e com a melhoria das estratégias de intervenção utilizadas pelos profissionais de saúde e, assim, com a qualidade de vida das pessoas.

Caso queira tirar dúvidas ou solicitar informações, entre em contato com os pesquisadores ou com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFES:

Cynthia Perovano Camargo Baumel

Pesquisadora

Email: cynthiaperovano82@gmail.com

Valeschka Martins Guerra

Agnaldo Garcia

Professores – PPGP / DPSD (Ufes)

Telefone: 4009-2501

Comitê de Ética em Pesquisa - UFES

Prédio Administrativo do CCHN, sala 07

Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras,

Vitória/ES

E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com

Telefone: 3357-9500 - Ramal *9820

Caso concorde em participar, por favor, date e assine no espaço fornecido abaixo:

Vitória/ES, _____ de _____ de _____.

Participante voluntário(a)

APÊNDICE B – ROTEIRO SEMIESTRUTURADO DE ENTREVISTA

Nome Fictício: _____

Essa pesquisa tem como objetivo compreender alguns aspectos da sexualidade no contexto do relacionamento amoroso dos brasileiros e das brasileiras.

I. INFORMAÇÕES SOCIODEMOGRÁFICAS

1. Sexo: () Feminino () Masculino () Outro _____

2. Idade: _____ anos

3. Escolaridade (o maior nível): _____

- | | |
|------------------------------|------------------------|
| () Ensino Superior Completo | () Mestrado Completo |
| () Pós-graduação Completa | () Doutorado Completo |

4. Município de Residência: _____

5. Estado de Residência (sigla): _____

6. Você mora em zona urbana ou rural? () Urbana () Rural

7. Você possui alguma crença religiosa ou espiritual? _____

- | | | |
|--|----------------------------|-------------|
| () Não tenho religião, mas acredito em Deus ou alguma força superior. | | |
| () Ateu | () Católica | () Judaica |
| () Agnóstico | () Espirita | () Umbanda |
| () Candomblé | () Evangélica/Protestante | () Outra |

8. Qual o grau de importância da crença religiosa ou espiritual em sua vida?

- | | |
|-----------------------------|----------------------|
| () Extremamente importante | () Pouco importante |
| () Muito importante | () Sem importância |
| () Importante | |

9. Qual é a sua renda mensal familiar, aproximadamente? _____

- () Até um salário mínimo (Até R\$ 788,00)
- () De um a três salários mínimos (Entre R\$ 788,00 e R\$ 2.364,00)
- () De três a cinco salários mínimos (Entre R\$ 2.364,00 e R\$ 3.940,00)
- () De cinco a oito salários mínimos (Entre R\$ 3.940,00 e R\$ 6.304,00)
- () Mais de oito salários mínimos (Mais de R\$ 6.304,00)

10. Você tem filhos? () Sim () Não

10a. Se possui: Moram com você? _____

11. Você está em um relacionamento amoroso no momento?

() Sim, com uma pessoa do mesmo sexo que o meu.

() Sim, com uma pessoa do sexo oposto ao meu.

() Não

() Outro _____

11a. Se está em um relacionamento: Há quanto tempo? _____

11b. Se está em um relacionamento: Vocês moram juntos? _____

II. PROTOCOLO DE PESQUISA

12. Quais elementos/aspectos você considera importantes num relacionamento amoroso?

{Se não citar, perguntar – e a SEXUALIDADE? Você considera importante?}

13. Em algum momento de sua vida você já fez uso de material com conteúdo sexual?

() Não, nunca usei. {Por quê? Qual a sua opinião sobre quem usa esse tipo de material?}

() Sim, no passado e não uso mais. {Que material usava (descrição)? Por que parou?}

() Sim, ainda uso. {Que material usa (descrição)? Com qual finalidade?}

13a. Se já usou: Há diferenças no tipo de material usado no princípio (quando começou a usar) e agora? Quais materiais usava? Como acessava?

14. Você acha que o uso de material com conteúdo sexual pode ter algum tipo de influência NEGATIVA (PREJUDICAR) no COMPORTAMENTO SEXUAL das pessoas? Como? Você pode me dar um exemplo disso?

14a. Você acha que o uso de material com conteúdo sexual pode ter algum tipo de influência POSITIVA (AJUDAR) no COMPORTAMENTO SEXUAL das pessoas? Como? Você pode me dar um exemplo disso?

15. Você acha que o uso de material com conteúdo sexual pode ter algum tipo de influência NEGATIVA (PREJUDICAR) no RELACIONAMENTO AMOROSO? Como? Você pode me dar um exemplo disso?

15a. Você acha que o uso de material com conteúdo sexual pode ter algum tipo de influência POSITIVA (AJUDAR) no RELACIONAMENTO AMOROSO? Como? Você pode me dar um exemplo disso?

16. Você acha que a FANTASIA SEXUAL pode ter algum tipo de influência NEGATIVA (PREJUDICAR) no RELACIONAMENTO AMOROSO? Como? Você pode me dar um exemplo disso?

16a. Você acha que a FANTASIA SEXUAL pode ter algum tipo de influência POSITIVA (AJUDAR) no RELACIONAMENTO AMOROSO? Como? Você pode me dar um exemplo disso?

17. Você já ouviu falar em *sex shop*? () Não () Sim

17a. O que você pensa que seja um *sex shop*:

18. Na sua opinião, com qual finalidade uma pessoa procura um *sex shop*? {Explorar}

18a. Você acha que frequentar um *sex shop* pode ter algum tipo de influência NEGATIVA (PREJUDICAR) no relacionamento amoroso? Como? Você pode me dar um exemplo disso?

18b. Você acha que frequentar um *sex shop* pode ter algum tipo de influência POSITIVA (AJUDAR) no relacionamento amoroso? Como? Você pode me dar um exemplo disso?

NO CAMPO DA SEXUALIDADE HUMANA HÁ UMA DIFICULDADE EM SE ESTABELECEER CONSENSO SOBRE ALGUNS CONCEITOS. PARA A REALIZAÇÃO DESSA PESQUISA EU VOU PRECISAR DA SUA OPINIÃO SOBRE O ASSUNTO, SEM SE PREOCUPAR EM DAR UMA RESPOSTA ACERTADA – JÁ QUE NÃO HÁ UMA DEFINIÇÃO CERTA OU ERRADA.

19. Com suas palavras, me diga: o que é PORNOGRAFIA? Pode dar-me alguns exemplos do que seria um material pornográfico? {Como você explicaria para alguém o que é...}

20. Com suas palavras, me diga: o que é EROTISMO? Pode dar-me alguns exemplos do que seria um material erótico? {Como você explicaria para alguém o que é...}

21. Com suas palavras, me diga: o que é FANTASIA SEXUAL? Pode dar-me alguns exemplos do que seria uma fantasia sexual? {Como você explicaria para alguém o que é...}

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 2

Prezado(a) Participante,

Estamos lhe convidando para participar da pesquisa intitulada “**Sexualidade e Relacionamento Amoroso**”, vinculada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia (PPGP/UFES) do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. Esta pesquisa tem o objetivo de investigar aspectos da sexualidade humana e características pessoais que interferem na percepção de satisfação com os relacionamentos amorosos.

Informamos que sua participação nessa pesquisa é voluntária e envolve um nível de risco mínimo, como possibilidade de constrangimento ao responder às perguntas e de cansaço ao responder ao questionário, ou seja, sua participação não incorrerá em riscos maiores do que aqueles existentes na sua vida cotidiana. Salientamos que você tem total liberdade para decidir participar e, também, para desistir da pesquisa em qualquer etapa, sem prejuízos.

Para responder a pesquisa você precisa ter nascido no Brasil e ser maior de 18 anos. Se você der sua autorização para participar da pesquisa, você irá preencher alguns instrumentos que avaliam diversos componentes relacionados ao objetivo do estudo. A resposta ao questionário levará cerca de trinta minutos.

As informações desta pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Os dados coletados serão analisados pelos pesquisadores e os resultados serão divulgados através do PPGP/UFES ou ainda publicados em revistas científicas nacionais e internacionais, sem a identificação dos voluntários.

Esperamos contar com a sua participação, pois acreditamos que esta pesquisa é de relevância para os estudos que envolvem a experiência da sexualidade dos indivíduos, e suas afinidades com os relacionamentos amorosos, como um meio de contribuir com a ampliação do conhecimento científico sobre o assunto e com a melhoria das estratégias de intervenção utilizadas pelos profissionais de saúde e, assim, com a qualidade de vida das pessoas.

Por gentileza, responda da forma mais sincera possível. Lembre-se que não existem respostas certas ou erradas – queremos apenas conhecer a sua opinião sobre o assunto!

Fica garantido ao participante o direito de buscar indenização em caso de dano comprovadamente decorrente da participação nessa pesquisa.

Caso queira tirar dúvidas ou solicitar informações, entre em contato com as pesquisadoras Ms. Cynthia Perovano Camargo Baumel ou Dra. Valeschka Martins Guerra através do e-mail cynthiapcbaumel@gmail.com ou dos telefones (27) 999 944 031 ou 4009-2501, no PPGP/UFES. Em caso de denúncias ou intercorrências na pesquisa o Comitê de Ética em

Pesquisa da UFES poderá ser acionado: pelo telefone (27) 3145-9820, pelo e-mail cep.goiabeiras@gmail.com, pessoalmente ou pelo correio, no seguinte endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória - ES, CEP 29.075-910.

Para continuar participando da pesquisa, por favor, clique em “Sim, aceito participar”.

APÊNDICE D – ROTEIRO PARA QUESTIONÁRIO *ONLINE*

SEÇÃO 1. DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Assinale ou preencha a alternativa que melhor se aplica a você.

1.1. Sexo: () Feminino () Masculino

1.2. Idade: _____ anos

1.3. Escolaridade:

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Alfabetizado(a)
<input type="checkbox"/> Ensino Fundamental Completo
<input type="checkbox"/> Ensino Médio Completo
<input type="checkbox"/> Ensino Superior Completo | <input type="checkbox"/> Pós-graduação Completa
<input type="checkbox"/> Mestrado Completo
<input type="checkbox"/> Doutorado Completo
<input type="checkbox"/> Pós-doutorado Completo |
|---|---|

1.4. Local de residência atual:

- | | | |
|--|--|---|
| <input type="checkbox"/> Acre
<input type="checkbox"/> Alagoas
<input type="checkbox"/> Amapá
<input type="checkbox"/> Amazonas
<input type="checkbox"/> Bahia
<input type="checkbox"/> Ceará
<input type="checkbox"/> Distrito Federal
<input type="checkbox"/> Espírito Santo
<input type="checkbox"/> Goiás
<input type="checkbox"/> Outro país: _____ | <input type="checkbox"/> Maranhão
<input type="checkbox"/> Mato Grosso
<input type="checkbox"/> Mato Grosso do Sul
<input type="checkbox"/> Minas Gerais
<input type="checkbox"/> Pará
<input type="checkbox"/> Paraíba
<input type="checkbox"/> Paraná
<input type="checkbox"/> Pernambuco
<input type="checkbox"/> Piauí | <input type="checkbox"/> Rio de Janeiro
<input type="checkbox"/> Rio Grande do Norte
<input type="checkbox"/> Rio Grande do Sul
<input type="checkbox"/> Rondônia
<input type="checkbox"/> Roraima
<input type="checkbox"/> Santa Catarina
<input type="checkbox"/> São Paulo
<input type="checkbox"/> Sergipe
<input type="checkbox"/> Tocantins |
|--|--|---|

1.5. Você mora em que tipo de local?

- () Grandes cidades (capitais, regiões metropolitanas)
 () Região urbana de cidades menores (pequenas ou médias)
 () Área rural

1.6. Qual é a sua renda mensal familiar, aproximadamente?

- Até um salário mínimo (Até R\$ 937,00)
- De um a três salários mínimos (Entre R\$ 937,00 e R\$ 2.811,00)
- De três a cinco salários mínimos (Entre R\$ 2.811,00 e R\$ 4.685,00)
- De cinco a oito salários mínimos (Entre R\$ 4.685,00 e R\$ 7.496,00)
- Mais de oito salários mínimos (Mais de R\$ 7.496,00)

1.7. Você tem filhos? Não Sim

Caso sim:

1.7.1. Qual(is) a(s) idade(s) dele(s)? _____ anos

1.7.2. Mora(m) com você? Não Sim

1.8. Você possui alguma crença religiosa ou espiritual?

- Agnóstica Católica Muçulmana
- Ateísta Espírita (Kardecista) Pentecostal (Evangélica)
- Budista Hinduísta Protestante
- Candomblecista Judaica Umbandista
- Outra: _____
- Tenho uma espiritualidade independente de qualquer religião
- Não possuo nenhuma crença religiosa ou espiritual

1.9. Qual o grau de importância da crença religiosa ou espiritual em sua vida?

- Extremamente importante Pouco importante
- Muito importante Sem importância
- Importante
- Não possuo nenhuma crença religiosa ou espiritual

SEÇÃO 2. SEXUALIDADE

2.1. Escala de Autoestima de Rosenberg (Anexo B)

2.2. Quanto à sua educação, no que diz respeito ao sexo, como foram as informações que você recebeu durante a infância e adolescência (marque todas que se aplicam):

- Não recebi informação alguma, ou quase nenhuma informação
- As informações foram, em sua grande maioria, negativas (proibições, ameaças, etc.)

- As informações foram, em sua grande maioria, positivas (benefícios, incentivo, etc.)
- As informações foram em parte positivas, em parte negativas
- As informações vieram, principalmente, de maneira jocosa (piadas, trocadilhos, etc.)
- As informações vieram, principalmente, de maneira científica (palestras, leitura, etc.)

2.3. Quanto à sua educação, no que diz respeito ao sexo, de onde / de quem você recebeu informações durante a infância e adolescência (marque todas que se aplicam):

- Não recebi informação alguma, ou quase nenhuma informação
- De adultos, na família (pai, mãe, avós, tios, etc.)
- De adultos, na escola (professores, coordenadores, etc.)
- De adultos, na igreja/religião (padres, freiras, pastores, etc.)
- De adultos, profissionais de saúde (médicos, psicólogos, etc.)
- De adultos, com quem tive contatos amorosos ou sexuais
- De pessoas de idade próxima à minha, na família (irmãos, primos, etc.)
- De pessoas de idade próxima à minha, na escola (amigos, colegas, etc.)
- De pessoas de idade próxima à minha, na igreja/religião (amigos, etc.)
- De pessoas de idade próxima à minha, em atividades de lazer
- De pessoas de idade próxima à minha, com quem tive contatos amorosos ou sexuais
- De materiais com imagens (revistas, fitas, DVD's, etc.)
- De materiais com textos (livros, artigos, etc.)
- Da televisão ou do rádio
- Da internet (fotografias, vídeos, sites, etc.)
- Da pornografia (vídeos, imagens ou textos com representações sexuais explícitas)

2.4. Você faz uso de acessórios sexuais (como vibradores, óleos, fantasias, algemas e/ou outros itens de sex shop)?

- Sim, independentemente de ter um(a) parceiro(a) sexual
- Sim, mas apenas quando não tenho parceiro(a) sexual
- Sim, mas apenas quando tenho parceiro(a) sexual
- Já usei com certa frequência, mas atualmente não uso
- Já usei algumas poucas vezes, mas atualmente não uso
- Não uso nem nunca usei

Caso sim:

2.4.1. Que tipo de acessório sexual costuma utilizar? _____

2.4.2. Você usa acessórios sexuais junto com seu(sua) parceiro(a)? () Não () Sim

2.5. Você já teve relações sexuais? () Não (pule para o item 2.8) () Sim

Caso sim:

2.5.1. Com que idade você teve sua primeira relação sexual? _____ anos.

2.6. De uma maneira geral, o quanto você está satisfeito(a) com a qualidade dos seus contatos sexuais?

- () Extremamente satisfeito(a) () Pouco satisfeito(a)
 () Muito satisfeito(a) () Nada satisfeito(a)
 () Satisfeito(a)

2.7. De uma maneira geral, o quanto você está satisfeito(a) com a frequência dos seus contatos sexuais?

- () Extremamente satisfeito(a) () Pouco satisfeito(a)
 () Muito satisfeito(a) () Nada satisfeito(a)
 () Satisfeito(a)

2.8. Escala Mosher Abreviada de Culpa Sexual (Anexo C)

SEÇÃO 3. RELACIONAMENTO AMOROSO

Assinale a alternativa que melhor se aplica a você.

3.1. A respeito de seu relacionamento atual, você está:

- () Nunca tive um relacionamento amoroso ou sexual (pule para a seção 4)
 () Sem relacionamento sexual ou amoroso algum no momento (pule para a seção 4)
 () Casado(a) ou vivendo junto (morando) com homem
 () Casado(a) ou vivendo junto (morando) com mulher
 () Namorando ou em relacionamento estável com homem
 () Namorando ou em relacionamento estável com mulher
 () Em relacionamento(s) casual(is) (“ficando”, etc.) com homem(s)
 () Em relacionamento(s) casual(is) (“ficando”, etc.) com mulher(es)
 () Em relacionamento(s) casual(is) (“ficando”, etc.) com homem(s) e mulher(es)

Em relacionamento poliamoroso

3.2. Há quanto tempo vocês estão juntos(as)?

- Até seis meses Mais de um ano, até cinco anos
 Mais de seis meses, até um ano Mais de cinco anos

3.3. Escala Triangular do Amor de Sternberg – Reduzida (Anexo D)

3.4. Escala de Avaliação de Relacionamento (Anexo E)

3.5. Índice de Satisfação Sexual (Anexo F)

3.6. Você teve relação sexual com mais alguém, além de seu(sua) atual parceiro(a), desde que o relacionamento de vocês se tornou sério?

- Não Sim, com uma pessoa Sim, com mais de uma pessoa

ATENÇÃO: PARA FINS DESTE ESTUDO CONSIDERAMOS PORNOGRAFIA COMO VÍDEOS, IMAGENS OU TEXTOS COM REPRESENTAÇÕES SEXUAIS EXPLÍCITAS.

3.7. Seu(sua) parceiro(a) usa - ou já usou - materiais pornográficos durante o seu atual relacionamento?

- Não Não sei Sim

3.8. Você usa - ou já usou - materiais pornográficos durante o seu atual relacionamento?

- Não (pule para a seção 4) Sim

3.9. Você e seu(sua) atual parceiro(a) usam - ou já usaram - materiais pornográficos juntos?

- Não Sim, algumas vezes Sim, com frequência

Caso sim:

3.9.1. O tipo de conteúdo pornográfico que você utiliza sozinho(a) é diferente do que usa com o(a) seu(sua) atual parceiro(a)?

- Não Sim, algumas vezes Sim, com frequência

Caso sim:

3.9.1.1. Como? _____

3.10. Você acha que o uso de materiais pornográficos faz(fez) você ter vontade de manter relações sexuais com outras pessoas, além de seu(sua) atual parceiro(a)?

- Não Sim

SEÇÃO 4. USO DE PORNOGRAFIA

Assinale a alternativa que melhor se aplica a você.

4.1. Você usa pornografia?

- Sim, independentemente de ter um(a) parceiro(a) sexual
 Sim, mas apenas quando não tenho parceiro(a) sexual
 Sim, mas apenas quando tenho parceiro(a) sexual
 Já usei com certa frequência, mas atualmente não uso
 Já usei algumas poucas vezes, mas atualmente não uso
 Não uso nem nunca usei (pule para o item 4.8)

4.2. Com que idade você se lembra de ter usado pornografia pela primeira vez?

- Antes dos 10 anos Acima de 20 até 30 anos
 Entre 10 e 15 anos Acima de 30 até 40 anos
 Entre 15 e 20 anos Acima de 40 anos

4.3. Que material pornográfico você costuma consumir (marque todos que se aplicam):

- Vídeos (DVD, televisão, celular, internet, etc.)
 Imagens (revista, fotografia, celular, internet, etc.)
 Textos (livros, revista, celular, internet, etc.)
 Outros: _____

4.4. De que maneira você costuma acessar esse material (marque todas que se aplicam):

- Sites gratuitos na internet (tubes) Downloads
 Sites pagos na internet DVD
 Redes sociais, como Whatsapp e Twitter Televisão, canais abertos
 Celular, smartphone Televisão, canais pagos
 Computador Revistas

- () Livros () Blogs
 () Outros: _____

4.5. Que tipo de conteúdo pornográfico você costuma buscar (marque todos que se aplicam):

- () Amadores () Lésbicas () Sexo grupal
 () Bissexuais () Masturbação () Sexo oral
 () BDSM, sadomasoquismo () Painful, doloroso () Sexo vaginal
 () Gays () Prazer feminino () Teens, jovens
 () Hard-core, violento () Romântico () Toys, brinquedos
 () Heterossexuais () Sexo anal () Outros: _____

4.6. Aproximadamente quantas vezes nos últimos 30 dias você viu pornografia?

- () Nenhuma vez () Algumas vezes na semana
 () Uma vez () Todos os dias
 () Algumas vezes no mês () Algumas vezes no dia
 () Toda semana () Muitas vezes no dia

4.7. Com qual finalidade você costuma consumir material pornográfico (marque todas que se aplicam):

- () Aprendizado (conhecimento do próprio corpo, novas técnicas e acessórios, etc.)
 () Auxiliar no relacionamento (excitar, incentivar o ato sexual, diversificar posições, etc.)
 () Satisfação pessoal (masturbação, prazer, relaxamento, etc.)
 () Suprir sensação de carência (passar o tempo, solidão, tédio, etc.)
 () Outras: _____

4.8. Escala de Atitudes frente à pornografia (Apêndice E)

4.9. Distância Social

Leia atentamente as situações apresentadas a seguir.

1	2	3	4	5
Detestaria	Não gostaria	Seria indiferente	Gostaria	Gostaria muito

4.9.1. Patrícia tem 40 anos e descobriu a pornografia há cerca de um ano, por influência de amigos. Assiste pornografia quase todos os dias em vídeos na internet e não acha que usar esse tipo de material a prejudica em qualquer aspecto da sua vida.

O quanto você gostaria de:

- a. Ser vizinho(a) de Patrícia _____
- b. Começar uma conversa com Patrícia _____
- c. Trabalhar com Patrícia _____
- d. Ser amigo(a) de Patrícia _____
- e. Ter alguém da família casado(a) com Patrícia _____

4.9.2. Carla tem 40 anos e usa pornografia desde a adolescência. Inicialmente via revistas e filmes, compartilhados com os amigos, mas agora prefere assistir vídeos na internet. Acessa sites pornográficos todos os dias, às vezes várias vezes por dia, e acha que está perdendo o controle.

O quanto você gostaria de:

- a. Ser vizinho(a) de Carla _____
- b. Começar uma conversa com Carla _____
- c. Trabalhar com Carla _____
- d. Ser amigo(a) de Carla _____
- e. Ter alguém da família casado(a) com Carla _____

4.9.3. Mateus tem 40 anos e usa pornografia a sua vida toda. Inicialmente via revistas e filmes, compartilhados com os amigos, mas agora prefere assistir vídeos na internet e nos grupos de whatsapp. Assiste pornografia quase todos os dias e não acha que usar esse tipo de material o prejudica em qualquer aspecto da sua vida.

O quanto você gostaria de:

- a. Ser vizinho(a) de Mateus _____
- b. Começar uma conversa com Mateus _____
- c. Trabalhar com Mateus _____
- d. Ser amigo(a) de Mateus _____

e. Ter alguém da família casado(a) com Mateus _____

4.9.4. Davi tem 40 anos e descobriu a pornografia há cerca de um ano, por influência de amigos. Vê fotos e vídeos em sites pornográficos todos os dias, às vezes várias vezes por dia, e acredita que esse uso em excesso está prejudicando vários aspectos da sua vida.

O quanto você gostaria de:

a. Ser vizinho(a) de Davi _____

b. Começar uma conversa com Davi _____

c. Trabalhar com Davi _____

d. Ser amigo(a) de Davi _____

e. Ter alguém da família casado(a) com Davi _____

APÊNDICE E – ESCALA DE ATITUDES FRENTE À PORNOGRAFIA

Leia atentamente as afirmativas a seguir e indique o quanto você concorda com cada uma delas:

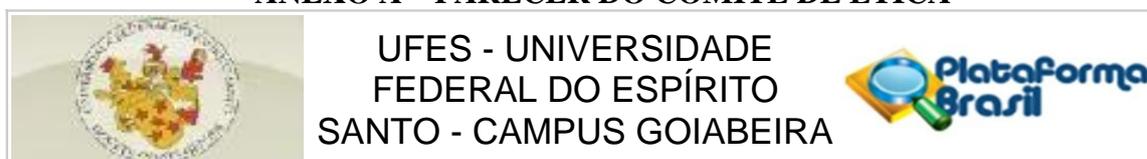
1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente

01. ___ Sinto-me traído(a) se meu(minha) parceiro(a) usa pornografia.
02. ___ Eu e meu(minha) parceiro(a) nos tornamos mais próximos com o uso da pornografia.
03. ___ Usar pornografia faz com que eu me sinta menos atraente.
04. ___ Vejo representadas minhas fantasias sexuais na pornografia.
05. ___ Sinto vergonha por gostar de pornografia.
06. ___ Usar pornografia reduziu meu interesse pelo sexo.
07. ___ Conheço melhor o meu corpo e o corpo do(a) meu(minha) parceiro(a) por causa da pornografia.
08. ___ É melhor usar pornografia sem o conhecimento do parceiro(a).
09. ___ Usar pornografia faz com que o(a) meu(minha) parceiro(a) espere mais sexualmente de mim.
10. ___ Sinto-me culpado(a) quando uso pornografia.
11. ___ Ficou mais fácil falar com o(a) meu(minha) parceiro(a) sobre o que eu desejo sexualmente com o uso da pornografia.
12. ___ Usar pornografia melhorou minha autoestima.
13. ___ É melhor usar pornografia do que procurar excitação em relacionamentos com outras pessoas.
14. ___ Se meu(minha) parceiro(a) me pegasse vendo pornografia ficaria envergonhado(a).
15. ___ Usar pornografia me leva a pressionar o(a) meu(minha) parceiro(a) a praticar atos sexuais que ele(a) não queira fazer.
16. ___ Gostaria de ter o desempenho sexual dos atores dos filmes pornográficos.
17. ___ A pornografia contribui para que eu me sinta satisfeito(a) com o meu relacionamento sexual.
18. ___ Usar pornografia me levou a crer que minhas fantasias sexuais são normais.

19. ___ Sinto-me culpado(a) por ficar excitado(a) com a pornografia.
20. ___ Não gostaria de ser forçado(a) a praticar algum ato sexual que eu não queira porque meu(minha) parceiro(a) viu em um material pornográfico.
21. ___ Usar pornografia é uma forma de apimentar a relação e sair da rotina.
22. ___ Tenho consciência de que as características físicas e os comportamentos sexuais exibidos na pornografia são fictícios.
23. ___ Sentiria vergonha se alguém descobrisse que uso pornografia.
24. ___ Usar pornografia pode ser uma alternativa para evitar a infidelidade.
25. ___ Pornografia pode ser viciante.
26. ___ Usar pornografia é uma ótima maneira de relaxar.
27. ___ A pornografia contribui para que eu veja as mulheres como inferiores aos homens.
28. ___ Sinto-me culpado(a) por querer usar pornografia.
29. ___ Usar pornografia é o mesmo que trair o(a) meu(minha) parceiro(a).
30. ___ Pornografia é uma maneira de aprender novas técnicas sexuais.
31. ___ É fácil sentir prazer usando pornografia.
32. ___ Usar pornografia permitiu que eu e meu(minha) parceiro(a) conversássemos sobre nossos desejos sexuais.
33. ___ Fico envergonhado(a) quando alguém me mostra algo pornográfico.
34. ___ Ver pornografia pode ser uma maneira saudável de explorar a sexualidade em um relacionamento.
35. ___ O uso de pornografia me deixou mais crítico(a) com o meu corpo.
36. ___ Usar pornografia pode fazer com que meu(minha) parceiro(a) me obrigue a atos sexuais que eu não queira fazer.
37. ___ Com a pornografia, eu e meu(minha) parceiro(a) nos tornamos mais abertos para experimentar coisas novas no sexo.
38. ___ Usar pornografia me levou a crer que meus desejos sexuais são normais.
39. ___ Sinto-me culpado(a) por usar pornografia escondido do(a) meu(minha) parceiro(a).
40. ___ Gostaria que meu(minha) parceiro(a) fosse como as pessoas que vejo nos materiais pornográficos.
41. ___ Pessoas que usam muita pornografia são mais propensas a serem sexualmente agressivas.
42. ___ Usar pornografia melhorou minha autoconfiança.

- 43.____Sinto que a intimidade do meu relacionamento aumentou depois que começamos a usar pornografia.
- 44.____Pornografia pode ser útil para dar novas ideias de posições sexuais diferentes.
- 45.____Sinto vergonha por me masturbar usando pornografia.
- 46.____Usar pornografia permitiu que eu e meu(minha) parceiro(a) conversássemos sobre nossas fantasias sexuais.
- 47.____O uso de pornografia pode se tornar fora de controle.
- 48.____Pessoas que usam pornografia estão insatisfeitas com o seu relacionamento.
- 49.____Usar pornografia faz com que eu respeite menos as mulheres.
- 50.____Eu ficaria chateado(a) se descobrisse que meu(minha) parceiro(a) usa pornografia escondido(a) de mim.
- 51.____Sinto-me culpado(a) por desejar que meu(minha) parceiro(a) fosse como os atores dos filmes pornográficos.
- 52.____Usar pornografia prejudicou meu relacionamento com o(a) meu(minha) parceiro(a).
- 53.____O sexo da pornografia é semelhante ao sexo da vida real.

ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Sexualidade e Relacionamento Amoroso

Pesquisador: CYNTHIA PEROVANO CAMARGO BAUMEL

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 80663417.0.0000.5542

Instituição Proponente: Programa de Pós Graduação em Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.542.605

Apresentação do Projeto:

O presente estudo trata da “SEXUALIDADE E RELACIONAMENTO AMOROSO”. A autora do projeto explica que “Trata-se de uma pesquisa quantitativa com uso de questionário online, destinada a brasileiros maiores de 18 anos de idade, com o objetivo de verificar a influência do uso de pornografia nos relacionamentos amorosos. Serão analisados dados sociodemográficos, tipo e duração do relacionamento amoroso, autoavaliação de autoestima e culpa sexual, além de aspectos relativos ao relacionamento amoroso (tipo de amor – segundo a Teoria Triangular do Amor –, satisfação sexual e com o relacionamento) e ao uso de pornografia (caracterização do uso e atitudes frente ao uso). Busca-se com esse instrumento investigar as atitudes dos participantes em relação à pornografia, percepções de seu impacto no relacionamento amoroso e aspectos sociodemográficos e relacionais que possam estar correlacionados a esta percepção. A investigação das atitudes frente a situações que envolvem a sexualidade – e, mais especificamente, a pornografia – podem sugerir uma tendência a reagir favorável ou desfavoravelmente a esses estímulos, possivelmente influenciando seus relacionamentos interpessoais, especialmente os relacionamentos amorosos”.

Finalmente, a hipótese do projeto é:

Indivíduos com atitudes positivas frente à pornografia irão perceber menos prejuízos do uso ao

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514-Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN

Bairro: Goiabeiras

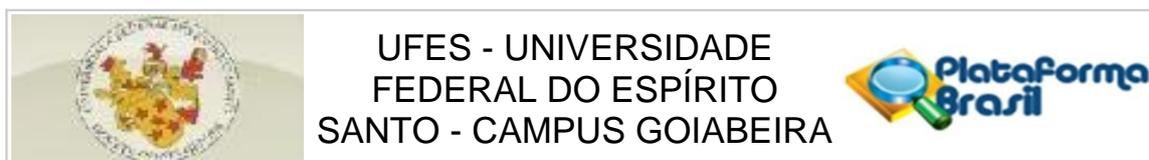
CEP: 29.075-910

UF: ES

Município: VITORIA

Telefone: (27)3145-9820

E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com



relacionamento amoroso do que indivíduos com atitudes negativas.

METODOLOGIA PROPOSTA:

A autora do projeto descreve com clareza a metodologia que será utilizada, conforme descrito a seguir:

“O questionário online será divulgado por meio eletrônico e é composto por quatro seções apresentadas a seguir. Seção 1. Dados sociodemográficos: questões sobre sexo, idade, escolaridade, nível econômico, filhos, religião professada e grau de religiosidade, para caracterização da amostra. Seção 2. Sexualidade: aspectos relacionados à sexualidade, como fonte de informações sobre sexo, iniciação sexual, satisfação com contatos sexuais e uso de acessórios sexuais. Além disso, duas escalas compõem essa seção: Escala de Autoestima de Rosenberg e Escala Mosher Abreviada de Culpa Sexual. Seção 3. Relacionamento Amoroso: apenas os sujeitos em um relacionamento amoroso ou sexual no momento irão responder às questões dessa seção, sobre tipo, duração, infidelidade e uso de pornografia nesse relacionamento. Além disso, três escalas compõem essa seção: Escala Triangular do Amor de Sternberg – Reduzida, Escala de Avaliação de Relacionamento e Índice de Satisfação Sexual. Seção 4. Uso de Pornografia: apenas os sujeitos que já utilizaram materiais pornográficos irão responder às questões sobre o uso de pornografia, como tipo de material, frequência e formas de acesso. Todos os participantes serão direcionados para responder às Escalas de Atitudes frente à Pornografia e de Distância Social, desenvolvidos especificamente para esta pesquisa. Além disso, serão incluídos ao longo do questionário itens de controle, que irão solicitar que os respondentes assinalem respostas específicas, para verificar se o preenchimento está sendo feito de forma atenta.

Além disso, no projeto detalhado, Apêndice B, há o Roteiro para questionário online, páginas 41 a 57, a pesquisadora demonstra todas as perguntas que serão feitas aos sujeitos do estudo.”

SOBRE OS PROCEDIMENTOS DE COLETA (Projeto detalhado, página 28):

Buscando atingir o maior número possível de participantes e prezando pela preservação do anonimato, considerando o caráter polêmico dessa temática, o questionário será disponibilizado online. A divulgação será feita por meio eletrônico (Facebook, Whatsapp e E-mail), através das listas de contatos dos pesquisadores e de mailing disparado aos servidores e aos estudantes de

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN

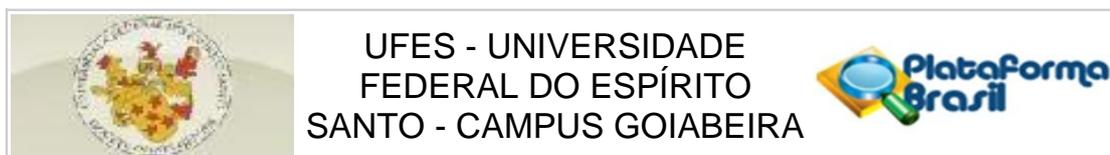
Bairro: Goiabeiras

CEP: 29.075-910

UF: ES **Município:** VITÓRIA

Telefone: (27)3145-9820

E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com



graduação e pós-graduação da Universidade Federal do Espírito Santo. O conteúdo do convite irá conter informações sobre objetivos da pesquisa, técnica de coleta de dados a ser realizada (questionário online), tempo médio de duração (30 minutos), características do público-alvo, link de acesso e meios para contatar os pesquisadores, caso tenha interesse. Cada participante será incentivado a compartilhar o link da pesquisa com outros da sua rede de amigos e conhecidos, utilizando a técnica de amostragem bola de neve (Bauer & Gaskell, 2008). Aos participantes que estiverem em relacionamento amoroso será perguntado se acreditam que o(a) seu(sua) parceiro(a) aceitaria participar da pesquisa. Em caso de uma resposta afirmativa, será ofertado um link diferenciado para o casal, de modo que os dados possam ser identificados na amostra como de membros de uma díade, mas ainda mantendo o anonimato.

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO GERAL

Verificar a influência do uso de pornografia nos

relacionamentos amorosos. **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Analisar se aspectos sociodemográficos, como sexo, idade, escolaridade e renda, estão relacionadas às atitudes frente à pornografia, à satisfação sexual e à satisfação no relacionamento;
- Avaliar se religiosidade, culpa sexual e autoestima estão correlacionados entre si e se apresentam relação com as atitudes frente à pornografia, com a satisfação sexual e com a satisfação no relacionamento;
- Investigar se o tipo e duração da relação, bem como presença e idade dos filhos, estão relacionados às atitudes frente à pornografia, à satisfação sexual e à satisfação no relacionamento;
- Comparar como os tipos de amor se correlacionam com a satisfação sexual e a satisfação no relacionamento;
- Correlacionar uso de pornografia e atitudes frente à pornografia com satisfação sexual e satisfação no relacionamento.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Conforme consta nas informações básicas, página 3, os RISCOS que o sujeito possa estar submetido, são descritos a seguir:

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 511 - Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN

Bairro: Goiabeiras

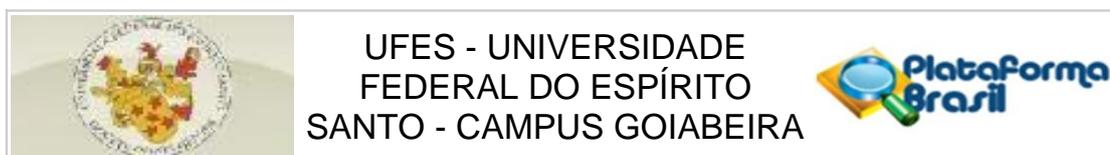
CEP: 29.075-910

UF: ES

Município: VITORIA

Telefone: (27)3145-9820

E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com



“Nível de risco mínimo, como possibilidade de constrangimento ao responder às perguntas e de cansaço ao responder ao questionário, ou seja, a participação não incorrerá em riscos maiores do que aqueles existentes na vida cotidiana”

Além disso, no projeto detalhado, página 24 consta:

“Os participantes podem desistir do preenchimento do questionário a qualquer momento.”

No TCLE consta: “Informamos que sua participação nessa pesquisa é voluntária e envolve um nível de risco mínimo, como possibilidade de constrangimento ao responder às perguntas e de cansaço ao responder ao questionário, ou seja, sua participação não incorrerá em riscos maiores do que aqueles existentes na sua vida cotidiana. Salientamos que você tem total liberdade para decidir participar e, também, para desistir da pesquisa em qualquer etapa, sem prejuízos..”

Conforme consta no documento informações básicas, página 3, os possíveis BENEFÍCIOS são:

“Acreditamos que esta pesquisa é de relevância para os estudos que envolvem a experiência da sexualidade dos indivíduos, e suas afinidades com os relacionamentos amorosos, como um meio de contribuir com a ampliação do conhecimento científico sobre o assunto e com a melhoria das estratégias de intervenção utilizadas pelos profissionais no contexto brasileiro.”

Ainda no documento informações básicas (Desfecho primário), página 3, os possíveis BENEFÍCIOS são:

“Pesquisas que investigam os efeitos do uso de pornografia demonstram influências no comportamento sexual e na satisfação com o relacionamento dos indivíduos. Conhecer os componentes associados ao sucesso ou ao fracasso em uma relação pode permitir intervenções psicológicas, clínicas ou educacionais, com maior sustentação científica, contribuindo, assim, para a qualidade de vida das pessoas.”

Consta no TCLE: “Esperamos contar com a sua participação, pois acreditamos que esta pesquisa é de relevância para os estudos que envolvem a experiência da sexualidade dos indivíduos, e suas afinidades com os relacionamentos amorosos, como um meio de contribuir com a ampliação do

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN

Bairro: Goiabeiras

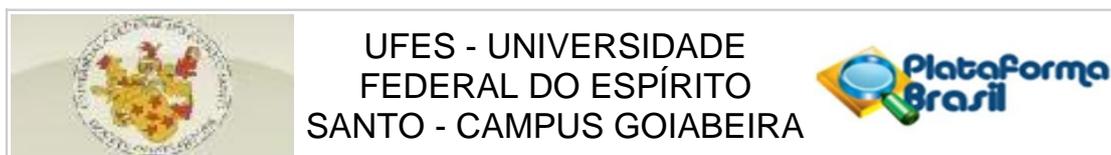
CEP: 29.075-910

UF: ES

Município: VITORIA

Telefone: (27)3145-9820

E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com



conhecimento científico sobre o assunto e com a melhoria das estratégias de intervenção utilizadas pelos profissionais de saúde e, assim, com a qualidade de vida das pessoas.”

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O protocolo de pesquisa trata-se de um projeto de tese aprovado pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGP/CCHN/UFES).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Com base na Resolução n. 466/2012 CNS, analisou-se:

** A Folha de Rosto: adequada. Consta o preenchimento correto, assinatura e carimbo.

** Projeto detalhado: o arquivo Projeto_v3.docx (postado em 15/02/2018) consta o projeto completo.

** Quanto ao cronograma de execução do estudo: adequado. No documento informações básicas (página 4) e no Projeto Detalhado (página 31), constam as etapas detalhadas da pesquisa e as referidas datas de execução. Além disso, a pesquisadora anexou um documento descrevendo o cronograma detalhado do projeto.

** Em relação ao Termo de Consentimento Livre Esclarecido: o mesmo foi escrito de maneira completa e compreensível aos sujeitos do estudo, com concisão e objetividade e com a descrição suficiente dos procedimentos.

** Quanto ao orçamento do estudo:

No documento informações básicas (no item “Apoio Financeiro”, página 2) consta: Financiamento Próprio.

Recomendações:

Não há recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto aprovado por esse comitê, estando autorizado a ser iniciado.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN

Bairro: Goiabeiras

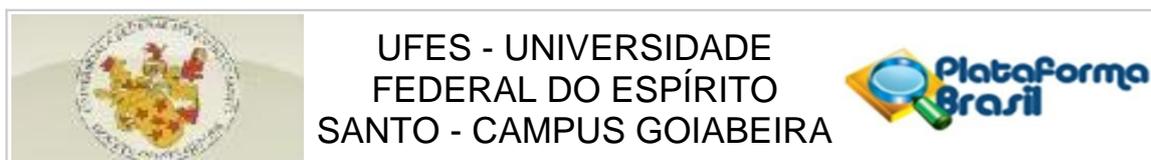
CEP: 29.075-910

UF: ES

Município: VITÓRIA

Telefone: (27) 3145-9820

E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com



Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_914160.pdf	15/02/2018 13:48:00		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_v3.docx	15/02/2018 13:47:34	CYNTHIA PEROVANO CAMARGO BAUMEL	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_v3.docx	15/02/2018 13:47:27	CYNTHIA PEROVANO CAMARGO BAUMEL	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	15/02/2018 13:47:16	CYNTHIA PEROVANO CAMARGO BAUMEL	Aceito
Brochura Pesquisa	Questionario_v2.docx	01/12/2017 16:21:44	CYNTHIA PEROVANO CAMARGO BAUMEL	Aceito
Folha de Rosto	FolhaRostoAssinada.pdf	24/11/2017 16:57:58	CYNTHIA PEROVANO CAMARGO BAUMEL	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

VITORIA, 14 de Março de 2018

Assinado por:
Fabiana Pinheiro Ramos
(Coordenador)

Endereço: Av. Fernando Ferrari,514-Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN**Bairro:** Goiabeiras**CEP:** 29.075-910**UF:** ES **Município:** VITORIA**Telefone:** (27)3145-9820**E-mail:** cep.goiabeiras@gmail.com

ANEXO B – ESCALA DE AUTOESTIMA DE ROSENBERG

1	2	3	4
Discordo totalmente	Discordo um pouco	Concordo um pouco	Concordo totalmente

01. ___ Sinto que sou uma pessoa de valor como as outras pessoas.
02. ___ Eu sinto vergonha de ser do jeito que sou.
03. ___ Às vezes, eu penso que não presto para nada.
04. ___ Sou capaz de fazer tudo tão bem como as outras pessoas.
05. ___ Levando tudo em conta, eu me sinto um fracasso.
06. ___ Às vezes, eu me sinto inútil.
07. ___ Eu acho que tenho muitas boas qualidades.
08. ___ Eu tenho motivos para me orgulhar na vida.
09. ___ De um modo geral, eu estou satisfeito(a) comigo mesmo(a).
10. ___ Eu tenho uma atitude positiva com relação a mim mesmo(a).

ANEXO C – ESCALA MOSHER ABREVIADA DE CULPA SEXUAL

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente

01. ____ A masturbação ajuda a pessoa a se sentir tranquila e relaxada.
02. ____ Relações sexuais antes do casamento são boas, em minha opinião.
03. ____ Práticas sexuais incomuns não me interessam.
04. ____ Quando tenho sonhos eróticos eu tento esquecê-los.
05. ____ É de mau gosto contar ‘piadas sujas’ em grupos com homens e mulheres.
06. ____ Quando tenho desejos sexuais eu gosto deles como todo ser humano saudável.
07. ____ Práticas sexuais incomuns são perigosas para a saúde e a condição mental das pessoas.
08. ____ Relações sexuais antes do casamento ajudam as pessoas a se ajustarem.
09. ____ Relações sexuais antes do casamento não deveriam ser recomendadas.
10. ____ Tudo bem ter práticas sexuais incomuns, se ambos os parceiros concordam.

ANEXO D – ESCALA TRIANGULAR DO AMOR DE STERNBERG – REDUZIDA

1	2	3	4	5
Discordo fortemente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo fortemente

01. ___ Espero que meu amor por meu(minha) companheiro(a) dure pelo resto da vida.
02. ___ Não deixaria nada atrapalhar meu compromisso com meu(minha) companheiro(a).
03. ___ Meu(minha) companheiro(a) pode contar comigo quando precisar.
04. ___ Estou seguro(a) do meu amor por meu(minha) companheiro(a).
05. ___ Estou determinado(a) a manter minha relação com meu(minha) companheiro(a).
06. ___ Não deixaria que nada interferisse no meu compromisso com meu(minha) companheiro(a).
07. ___ Eu sinto que meu(minha) companheiro(a) realmente me entende.
08. ___ Eu sinto que eu realmente entendo meu(minha) companheiro(a).
09. ___ Eu promovo ativamente o bem-estar de meu(minha) companheiro(a).
10. ___ Eu recebo muito apoio emocional de meu(minha) companheiro(a).
11. ___ Eu dou muito apoio emocional ao meu(minha) companheiro(a).
12. ___ Tenho uma relação afetuosa com meu(minha) companheiro(a).
13. ___ Eu tenho fantasias com meu(minha) companheiro(a).
14. ___ Eu gosto muito do contato físico com meu(minha) companheiro(a).
15. ___ Eu acho meu(minha) companheiro(a) muito atraente.
16. ___ Só em olhar para meu(minha) companheiro(a) fico excitado(a).
17. ___ Me pego pensando em meu(minha) companheiro(a) várias vezes durante o dia.

ANEXO E – ESCALA DE AVALIAÇÃO DE RELACIONAMENTO

01. ___ O quanto seu(sua) parceiro(a) atende às suas necessidades?

Nada	Mais ou menos				Totalmente	
1	2	3	4	5	6	7

02. ___ No geral, o quanto você está satisfeito(a) com seu relacionamento?

Nada	Mais ou menos				Totalmente	
1	2	3	4	5	6	7

03. ___ O quanto seu relacionamento é bom em comparação com os demais?

Nada	Mais ou menos				Totalmente	
1	2	3	4	5	6	7

04. ___ Com que frequência você deseja não ter se envolvido neste relacionamento?

Nenhuma	Neutra				Totalmente	
1	2	3	4	5	6	7

05. ___ Até que ponto seu relacionamento atinge suas expectativas iniciais?

Nada	Mais ou menos				Totalmente	
1	2	3	4	5	6	7

06. ___ O quanto você ama seu(sua) parceiro(a)?

Nada	Mais ou menos				Totalmente	
1	2	3	4	5	6	7

07. ___ Você encontra problemas no seu relacionamento?

Nenhum	Mais ou menos				Todos	
1	2	3	4	5	6	7

ANEXO F – ÍNDICE DE SATISFAÇÃO SEXUAL

1	2	3	4	5
Em nenhum momento	Raramente	Algumas vezes	A maior parte do tempo	Todo o tempo

01. ___ Sinto que meu(minha) companheiro(a) desfruta de nossa vida sexual.
02. ___ Nossa vida sexual é muito excitante.
03. ___ Sexo é divertido para meu(minha) companheiro(a) e para mim.
04. ___ Sexo com meu(minha) companheiro(a) se tornou uma tarefa para mim.
05. ___ Sinto que nossa vida sexual é suja e desagradável.
06. ___ Nossa vida sexual é monótona.
07. ___ Quando fazemos sexo é muito apressado e logo termina.
08. ___ Sinto que minha vida sexual carece de qualidade.
09. ___ Meu(minha) companheiro(a) é muito excitante sexualmente.
10. ___ Gosto das técnicas sexuais que meu(minha) companheiro(a) usa ou gosta.
11. ___ Sinto que meu(minha) companheiro(a) quer muito sexo de minha parte.
12. ___ Creio que nosso sexo é maravilhoso.
13. ___ Meu(minha) companheiro(a) se preocupa muito com sexo.
14. ___ Tento evitar todo contato sexual com meu(minha) companheiro(a).
15. ___ Meu(minha) companheiro(a) é muito rude ou bruto(a) quando fazemos sexo.
16. ___ Meu(minha) companheiro(a) é um companheiro sexual maravilhoso.
17. ___ Sinto que o sexo é uma parte normal de nossa relação.
18. ___ Meu(minha) companheiro(a) não quer manter relações sexuais quando eu quero.
19. ___ Sinto que nossa vida sexual contribui para o êxito de nossa relação.
20. ___ Meu(minha) companheiro(a) parece evitar todo contato sexual comigo.
21. ___ É fácil para mim excitar-me sexualmente com meu(minha) companheiro(a).
22. ___ Sinto que meu(minha) companheiro(a) está sexualmente satisfeito comigo.
23. ___ Meu(minha) companheiro(a) é muito sensível a minhas necessidades e desejos sexuais.
24. ___ Meu(minha) companheiro(a) não me satisfaz sexualmente.
25. ___ Sinto que minha vida sexual é entediante.